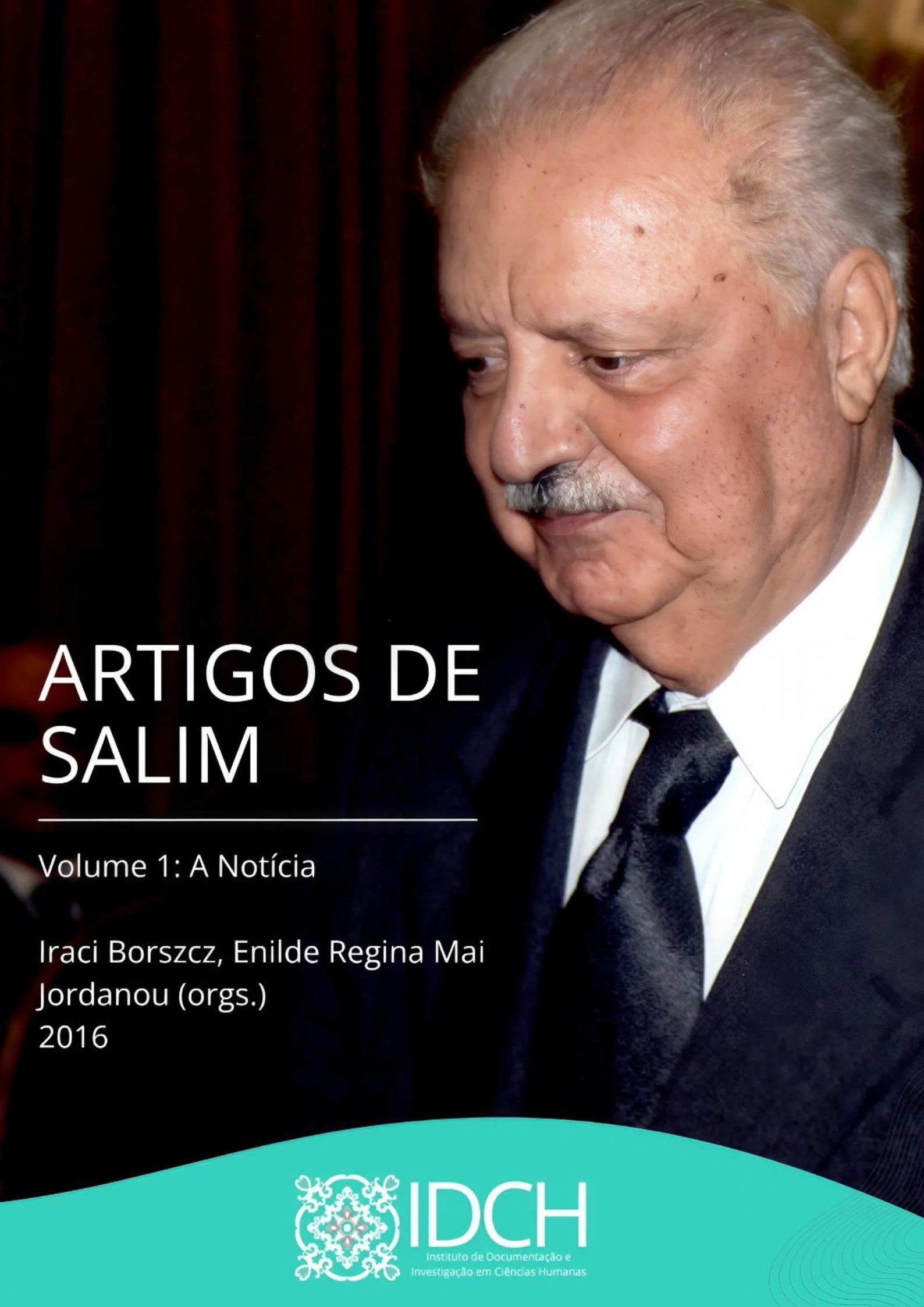


A close-up, slightly angled portrait of an older man with grey hair and a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking down and to the left. The background is dark and out of focus.

ARTIGOS DE SALIM

Volume 1: A Notícia

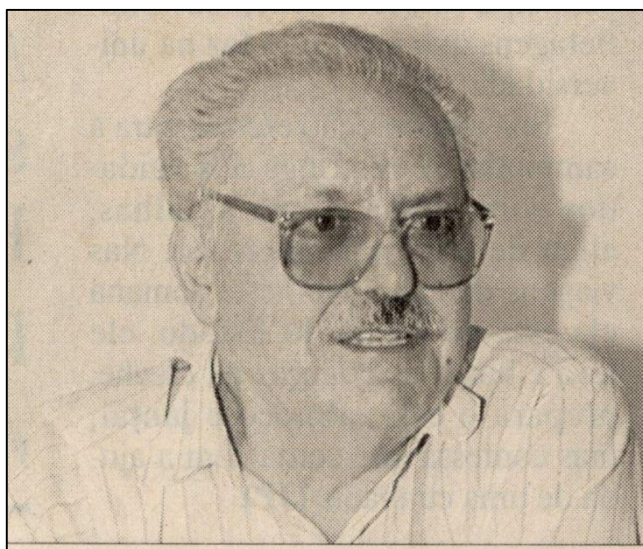
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Salim Assina:
reportagens, matérias, entrevistas, notas e
comentários
Volume: 1 – Jornal A Notícia

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001: Meu voto	6
002: Lições de uma eleição	7
003: Buenos Aires – Impressões	8
004: Buenos Aires é a ilha	9
005: Outro Centenário: Hemingway.....	10
006: Literatura na Ilha: breves anotações.....	11
007: Gastal: a paixão pelo cinema.....	12
008: Contestado na literatura.....	13
009: Florianópolis e João Antônio, duas cartas	14
10: Mário Avancini ou a educação pela pedra.....	16
11: Holdemar Menezes: um dos mais importantes escritores catarinenses lança livro hoje não Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis.....	17
012: A observação do mínimo na ficção de Hélio Pólvora	18
013: O guerreiro lírico contra o dragão da escritura Holdemar Menezes	19
014: Marques Rebelo	22
015: Carvalhinho falante e seus múltiplos	23
016: Na mesma trama, vários fios	24
017: A morte e a morte aos pedaços	25
018: De tudo e de nada.....	26
019: O Contestado, novamente.....	27
020: Livro de bolso	28
021: Capitu: o desabafo	29
022: Topada e cacofonia	30
023: O Contestado e os doze pares.....	31
024: 50 anos de amor às letras.....	32
025: Um presente.....	33
026: A árvore	34
027: Outras árvores.....	35
028: Trajetória de um escritor	36
029: E a nossa TV Cultura.....	37
030: Trevisan/ Curitiba/ Vampiro	38
031: MASC: 50 ou 51 anos?	39
032: Um presente, um extravio.....	40
033: Poetas e poesia	41

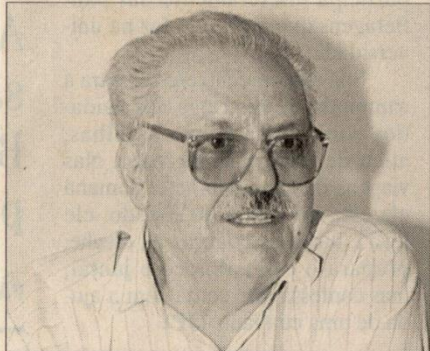
034: Relendo Augusto dos Anjos	42
035: Poesia no Brasil: um século	43
036: Cultura e simplicidade.....	44
037: Ascendino Leite, escritor	45
038: São Miguel, Biguaçú, Açores.....	46
039: C. Ronald, poeta	47
040: Lisboa, 1985.....	48
041: Carpeaux recuperado.....	49
042: Carpeaux recuperado.....	50
043: Borges, cem anos	51
044: Xosé e a poesia brasileira.....	52
045: Saramago na ilha	53
046: É futebol, é Vasco, é gol.....	54
047: É agora, é gol	55
048: Registros	56
049: Prêmios literários	57
050: O casarão dos Born	58
051: Futebol; vitórias, nem tanto	59
052: Só poesia.....	60
053: Alemanha: quatro momentos	61
054: Alemanha: quatro momentos	62
055: Só prosa	63
056: Teje preso	64
057: Biguaçú em mais um livro.....	65
058: A descoberta do cosme velho	66
059: José Mindlin, bibliófilo	67
060: Mais livros: registro.....	68
061: Outros livros; registro	69
062: Praia, roubo, imprevistos.....	70
063: 1999: letras de luto	71
064: A empada.....	72
065: La mordida.....	73
066: Férias, turismo, justiça, etc.....	74
067: O ano 2000, antes	75
068: Causos com literatos.....	76

069: Magriela.....	77
070: Mais causos de literatos	78
071: Outro censo, outros tempos	79
072: Causos com literatos catarinenses.....	80
073: Xosé. Poeta, tradutor	81
074: Livros a mão cheia.....	82
075: Sobre livros	83
076: Vasco. Campeão	84
077: Da editora ao livro.....	85
078: Cultura e competência.....	86
079: Mais sobre livros	87
080: Brasil. Quatro anotações	88
081: Reven(len)do do Joel Silveira.....	89
082: Reven(len)do do Joel Silveira (2)	90
083: Sartre em Florianópolis.....	91
084: Um escritor de ficção	92
085: Livrarias.....	93
086: Mais livrarias.....	94
087: Brasil: duas anotações	95
088: Barbosa Lima Sobrinho	96
089: Em busca de Eça de Queirós.....	97
090: Cem anos sem Eça de Queirós	98
091: Eça de Queirós, renovador	99
092: A correspondência de Eça. A Notícia	100
093: Alguns personagens de Eça	101
094: Brasil: registros	102
095: Meyer Filho: uma realidade fantástica	103
096: Meyer Filho e uma exposição no Rio	104
097: A casa, um roteiro de vida	105
098: Vasco e a síndrome de vice	106
099: O enigma Dyonelio Machado	107
100 – Deonídio da Silva: “O Brasil trata a questão social como caso de polícia”	108
Índice por ano	109

001: Meu voto

MIGUEL, Salim. Meu voto. **A Notícia**. Joinville, 28 ago. 1998, p. E-2. Coluna Anexo.

Meu Voto



“Escolhi para presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), para governador Milton Mendes (PT) e para senador Sérgio Grando (PPS). Não defini ainda em quem vou votar para deputado federal e estadual, mas serão nomes da coligação da Frente Popular. Escolhi o Lula, porque o Fernando Henrique não disse a que veio e seu programa Avança Brasil deveria se chamar Avance no Brasil. Além disso, FHC faz declarações sem qualquer fundamento, como o fato de chamar de vagabundo quem se aposenta antes dos 50 e ele se aposentou aos 37 ou dizer que sem-terra está plantando maconha em Pernambuco. Torci para que o governo dele desse certo, mas a mão espalmada com as cinco prioridades, não sei qual foi cumprida. O custo de vida está aumentando cada vez mais”.

♦ **SALIM MIGUEL**, jornalista profissional e escritor/ Florianópolis

002: Lições de uma eleição

MIGUEL, Salim. Lições de uma eleição. *A Notícia*. Joinville, 19 de nov. 1996, p. 2. Coluna Opinião.

Lições de uma eleição

SALIM MIGUEL

Resultado de urna se acata. É decisão de eleitores. Pode-se (e deve-se) examinar as posturas, as propostas, os métodos e a ética da campanha, a coerência com princípios programáticos o papel dos órgãos de comunicação, as interferências dos institutos de pesquisa. Contudo, alguém escolhido pelo povo é preferível a alguém imposto por regime ditatorial. E espera-se que o eleito cumpra as promessas feitas em praça pública.

É natural que cada grupo lute por seu candidato, se alegre com a vitória, lamente a derrota.

Dito isto, parece-me oportuno narrar aqui dois episódios ocorridos em dois momentos distintos de minha vida.

O primeiro é de 1964. Depois do golpe militar, mesmo já solto, as pressões continuaram. Obrigado a sair de Florianópolis, mudei-me para o Rio. Recebido com o maior

carinho, lá vivi sem sofrer qualquer tipo de discriminação. Nas Empresas Bloch trabalhei 14 anos, tendo entrado como *copy-desk*; quando saí era redator-chefe.

Durante a recepção de aniversário de um dos proprietários, foi ele questionado: por que empregava uma pessoa que tivera que sair de sua terra, que era árabe e de esquerda, sendo a empresa de judeus e capitalista. A resposta foi exemplar: "Aqui somos todos brasileiros e ele cumpre muito bem suas tarefas".

O outro episódio é do dia 15, segundo turno das eleições. Divul-

gado o resultado fomos, minha mulher e meu filho mais velho, que se encontra em Florianópolis, ao apartamento de nossa neta, no Itacorubi. Nosso carro tem adesivos do Afrânio, da Frente Popular, e não vi motivos para retirá-los. Terminado o jantar, sem me dar conta (ou mesmo que desse), desci pela Beira-mar Norte, onde ocorria a comemoração dos vitoriosos. Fomos surpreendidos com agressões verbais (que por pouco não se transformaram em físicas), com palavras de baixo calão, numa raiva incontida, quase ódio. Num histerismo xenofóbico eram gritos e gestos de "fora, fora, fora, volta pra tua terra, esta é só nossa, estrangeiro, não te queremos, fora gaúcho". Pensei, onde a Florianópolis acolhedora, amorável?

Fomos surpreendidos com agressões verbais e palavras de baixo calão

Podem alegar: era um momento de cabeça quente. Sem dúvida. Mas tais preconceitos não surgem do nada, vinham sendo

alimentados há muito, numa postura insana de quem não compreende que a nossa grandeza vem justamente do fato de sermos um País múltiplo e uno, de várias etnias, que interagem de forma fecunda e estimulante.

Não pude deixar de imaginar: se num passe de mágica se concretizassem aqueles berros furibundos, num átimo tudo desapareceria, e só restariam nesta terra os índios, os únicos verdadeiros donos.

♦ Salim Miguel,
jornalista e escritor.

003: Buenos Aires – Impressões

MIGUEL, Salim. Buenos Aires – Impressões. *A Notícia*. Joinville, 27 de nov. de 1995, p. 2.

Buenos Aires - Impressões

SALIM MIGUEL

Chego para ver A Ilha em Buenos Aires. É uma Ilha bem menos conhecida - até dos ilhéus. Ilha de pintores, poetas, músicos.

Todo viajante que se preza tem suas manias. Embora não seja o viajante que gostaria, que meu sangue fenício exige, também as tenho. Algumas: percorrer livrarias, sebos, museus: andar por ruas e praças: descobrir nos passantes semelhantes com amigos e conhecidos: conversar com motoristas de táxi.

Em três dias pouco se pode ver. Ainda assim, antes de insistir no que significou o projeto, revelando que temos coisas além das incontáveis praias e fascinantes paisagens, é bom anotar sensações e impressões, o que vimos e aprendemos.

Livrarias. O tempo foi exíguo para entrar em parcelas mínimas das que existem. E os vendedores sabem das coisas. Basta perguntar por um livro, logo respondem "temos", "não temos". Quando os têm, aparecem muitos do mesmo autor. Caso da Elsa Bornemann de quem a Eglê me pedira um - voltei com quatro. Lamento não ter encontrado uma boa e atual História da Literatura Argentina. Quem sabe em próxima investida. Mas o que consegui, valeu.

a. E nos deu uma audição de piano - a que logo se incorporou um cantor de tangos, que fomos saber residia em San Pablo, como fez questão de nos esclarecer. Nos dois dias seguintes, pelas ruas, fui me deparando com símiles: o Romeu Darós, secretário de Planejamento da Prefeitura, a quem pensei perguntar, ainda por aqui, será que me consegue mais algum pra cultura; o ex-deputado Calil, mais moço, devido aos bons ares de Buenos Aires: o vice Afrânio Boppré, quem sabe iniciando caminhada pra prefeito: o jornalista Nelson Rolim de Moura, querendo montar outra banca de livros: o Murilo Silva, por certo marketingueando para a Fundação Franklin Cascaes: a Lilian Schmeil, do setor de letras da Fundação, preparando o lançamento de seu livro sobre turistas por

tenhos da Ilha; tantos mais que eu reconhecia num gesto de mão, num tique, num mexer de cabeça, na careca ou cabeleira.

Motoristas. Bem, desta vez engrenei o papo logo ao sair do aeroporto. Não foi difícil. O nosso Hugo Umerz, era casado com uma brusquense e morara 15 anos em Balneario Camboriu. Mas um deles merece referência especial. Peguei o táxi em frente ao

Caminhar. Só se conhece a alma de uma cidade caminhando a pé. E se perdendo. Ainda mais alguém que como eu não tem senso de direção. Depois, é sentar em praças, ver outros caminharem. De repente, na Plaz Gal. San Martin, tive uma alucinação: me vi sob a figueira da Praça XV, o mesmo tronco rugoso e envelhecido, a mesma galharia se espalhando, a mesma sombra, os mesmos bancos, as mesmas pessoas

sentadas ou passando. Só que em lugar da figueira era um buxo, um detalhe. Sentei também. Mudei três vezes de lugar, ouvi o arrulhar dos pombos, os bentevis. Embora fizesse um sol esplendente, me parecia que garoava, pingos me caíam na cabeça, no ombro, nas pernas. Certamente pássaros, insatisfeitos com aquele intruso.

Semelhanças. Começaram no próprio dia da chegada. À noite fomos à casa do jornalista Antonio Rodriguez Villar, apaixonado pela Ilha, principal inspirador do projeto, que já providenciara ingressos para uma peça de teatro (Don Fausto, de Pedro Orgamdi), excelente releitura da lenda para os dias de hoje na Argentina. Depois, um restaurante. Lá, já sentados, a primeira surpresa. Chega um amigo do Antonio, efusivo. Eu chamo a atenção do Gilberto Gerlach, "olha se não é o Ilmar Carvalho!" Só que em lugar de escrever sobre música, tocava-

Hotel, para ir à Embaixada do Brasil falar com a Almerinda Carvalho, do setor cultural. Mal saf, me dei conta, esquecera um documento. Peço que o motorista retorne, me espere, deixo um pacote no táxi, corro ao apartamento, na volta ele me diz, "nunca deixe pacotes em táxi, é um grande risco, existem muitos motoristas desonestos". E eu, grato pelo aviso, mas você é a prova de que nem todos o são. Me agradece, ri, cala, pensa, torce a cabeça para o meu lado, sussurra, "las chicas de Buenos Aires son muy hermosas". É uma afirmação, não tenho porque responder. Ele insiste. "no le parece". Sou monossilábico: "si". Então o homem acelera, numa sugestão que

DE REPENTE, TIVE UMA ALUCINAÇÃO: ME VI SOB A FIGUEIRA DA PRAÇA XV, O MESMO TRONCO RUGOSO E ENVELHECIDO, A MESMA GALHARIA SE ESPALHANDO.

nada tem de implícita, já conheceu alguma, o "conheceu", com clara conotação bíblica. Eu não quis (ou não tive) como responder. Nem tempo. Já chegávamos ao prédio da Embaixada, na rua Cerro. Mas pude sentir o desconforto do homem, pensando que não conseguira motivar aquele velhote que agora descia do táxi e nem lhe dera uma gorjeta.

Bem, mas onde fica A Ilha em Buenos Aires? Aguardem a próxima crônica, conforme diziam os bons seriados de antanho.

SALIM MIGUEL,
ESCRITOR

004: Buenos Aires é a ilha

MIGUEL, Salim. Buenos Aires é a ilha. **A Notícia**. Joinville, 29 de nov. de 1995, p. 2.

BUENOS AIRES É A ILHA

SALIM MIGUEL

Bem, mas onde fica A Ilha em Buenos Aires – perguntava eu ao concluir a crônica anterior. E pedia que aguardasse, o paciente leitor a próxima. Aqui está. Vamos, portanto, a ela. Não sem antes um lembrete, é uma Ilha diferente que vai ser mostrada.

Pintura, poesia, música de Floripa em Buenos Aires? Absurdo! Loucura! Idéia mais estapafúrdia! De quem mesmo?

Mas são as idéias loucas que fazem girar o mundo. Quase diria: delas resultam as grandes coisas – só que não é bom exagerar.

Poucos acreditavam na viabilidade do projeto, alguns fingiam acreditar, duvidando, outros duvidaram tendo que aceitar.

Foi num bar bebericando, foi num bate-papo informal, foi na visita a uma galeria de arte, foi durante uma brincadeira de amigos que resolveram insistir e levar adiante a aventura? Pouco importa! O resultado final é que conta, aí está. Também, repito, não exageremos na dose. Ganhou-se Buenos Aires nesta primeira investida? Claro que não! Plantou-se uma semente que tem tudo para frutificar. E permear com outros elementos as relações entre nossos países. Pretende-se repetir a dose. Pretende-se uma via de mão dupla. Como contra-partida tivemos grupos argentinos no Festival Nacional de Teatro. E já se pensa em uma semana do cinema argentino em Florianópolis, para meados de 1996. Com o Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro e parcerias da Secretaria de Cul-

Athamor, o Janga, curador da mostra, a Secretaria de Cultura e Comunicação Social do Governo do Estado, a Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, apoios do Besc, do Costão do Santinho, das áreas de turismo.

Durante 20 dias (13-11 a 03-12), no Palais de Glace, bairro da Ricoleta, artistas revelaram um pouco de nossa cultura, do que somos como povo, do que temos para mostrar. A frequência foi boa, a impressão do que foi visto e ouvido favorável, dizia-se, afinal em Florianópolis, na Ilha da magia, tem algo mais além de praias.

"DURANTE 20 DIAS ARTISTAS REVELARAM UM POUCO DE NOSSA CULTURA, DO QUE SOMOS COMO POVO, DO QUE TEMOS PARA MOSTRAR."

O projeto se dividiu em dois tempos: abertura oficial, presentes Embaixador do Brasil, Prefeito de Florianópolis, secretário de Cultura da Argentina, Secretário de Cultura de Santa Catarina representando o Governador, outras autoridades, público expressivo. A significativa mostra de pintura deixou boa impressão (a lamentar a ausência de alguns nomes, entre eles uma Eli Heil, um Pléticos, um Hassis); a exposição de livros sobre a Ilha foi representativa; razoável folheteria; projeção de vídeos; música ilhoa rolando e CDs; e para culminar, apresentação ao vivo do manezinho Waldir Agostinho, com suas fantásticas pandorgas, seu traje típico, seu violão, suas canções. Isto no dia 13. No dia 21, foi o lançamento de "Ilíada – uma trezena lírica", edição bilíngue, da Athamor, com apoio cultural da Fundação Franklin Cascaes, presentes os poetas.

No salão, poetas,

Secretaria de Cultura e Comunicação Social do Governo do Estado e Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal. Pois, conforme declarou o Secretário Adjunto Roger Bittencourt, "quando as parcerias dão certo vale a pena repeti-las".

Falemos dos que se empenharam pela idéia. De Buenos Aires, o jornalista Antonio Rodriguez Villar, o professor universitário e representante da Transbrasil Juan Carlos Chervatin, a Julia, da Consult House Turismo, a Embaixada do Brasil, a Secretaria de Cultura da Argentina, o diretor do Palais de Glace, que logo cedeu o espaço. E o brasileiro-argentino Gill Konell, pau pra toda obra. Do Brasil? Além dos artistas plásticos e poetas envolvidos, o Rodrigo de Haro, responsável pelo livro, o Idésio, da Editora

"MAS SÃO AS IDÉIAS LOUCAS QUE FAZEM GIRAR O MUNDO. QUASE DIRIA: DELAS RESULTAM GRANDES COISAS."

No salão, poetas, jornalistas, críticos argentinos; e uma análise dos poemas pelo professor, ensaísta e tradutor Santiago Kovadloff.

Para encerrar, mandou-se uma rendeira, com suas tramóias, seus bilros, que durante três dias mostrou sua tradi-

cional arte aos portenhos. Para os visitantes havia um atrativo a mais. Sorteio, no dia do encerramento (03-12) de seis passagens aéreas com acompanhante, para uma semana em Florianópolis, com tudo pago, promoção da Consult House Turismo. Pena que não valha para saída de Florianópolis.

Agora, começam os preparativos para a segunda jornada. Que, pensa-se, não será apenas A Ilha em Buenos Aires. Mas o Estado em Buenos Aires.

♦ SALIM MIGUEL,
ESCRITOR.

005: Outro Centenário: Hemingway

MIGUEL, Salim. Outro Centenário: Hemingway. **A Notícia**. Joinville, 30 de set. de 1999, p. C-3. Coluna Anexo.

SALIM MIGUEL

OUTRO CENTENÁRIO: HEMINGWAY

Um perfil de Ernest Hemingway (1899-1999) pode ser traçado em breves palavras: foi um personagem fascinante do Ernest Hemingway. É que nele arte e vida, realidade e ficção se confundem e complementam. Por vezes, a vida aventureira que levou, tão presente no que escreveu, quase suplanta sua criação literária. E seu trágico final de vida foi tão traumático quanto o de alguns de seus personagens. Sentindo que decaía, que a velhice chegava, com sua carga de problemas, tanto sob o ponto de vista físico como intelectual, não resistiu... Matou-se (um tiro na boca) com a espingarda de dois canos que tanta vezes utilizara em suas caçadas.

Elogios e críticas foram uma constante em sua caminhada, marcaram e definiram sua trajetória de homem e artista. Muitos, especialmente fora dos Estados Unidos, não poupavam louvores à sua linguagem direta, ao seu estilo despojado e seco, à força incomum de seus diálogos; outros reclamavam que lhe faltava profundidade e faziam comparações depreciativas, citando Faulkner. Por sinal, ambos ganhadores do prêmio Nobel de Literatura. Mas Hemingway jamais pretendeu ser igual ao autor de "O Som e a Fúria", muito menos escrever como ele. E por certo o mesmo ocorreu com Faulkner. Hemingway quis, sim, ser autor de obras como os romances "Adeus às Armas", "Paris é uma Festa", "O Velho e o Mar", "Por Quem os Sinos Dobram", novelas como "As Neves de Kilimanjaro" e contos como "Os Assassinos". Em todos há uma peculiar visão de mundo e se encontra um pouco (ou muito) do próprio escritor. É que ele passou por experiências semelhantes. Foi caçador na África; viveu em Paris, ali participou, ao lado de figuras como Scott Fitzgerald e Gertrud Stein, das loucas aventuras da chamada "geração perdida"; lutou na Primeira Grande Guerra; combateu a ascensão do nazi-fascismo na Espanha; pescou como o velho de "O Velho e o Mar" em Cuba. Não se pode afirmar que tenha tido uma experiência igual à relatada, com maestria exemplar, no conto "Os Assassinos". Por outro lado pode-se afirmar, sem medo de erro, que

o Nick Adams é declaradamente autobiográfico. Um bom exemplo se encontra em "O Último Bom Lugar", conto traduzido por Hélio Pólvora, texto sensível, onde se encontra o analista das emoções e sensações do homem diante da natureza, que tudo nos coloca diante dos olhos através do diálogo e de pouco mais. Não se pode deixar de assinalar que em sua vida muito amou e bebeu até a exaustão.

Quem leu Hemingway em certa época da vida, por certo se deixou levar pelo ser humano ávido de aventuras e novas sensações e pelo escritor. Mas há um momento em que nos saturamos com sua sede de aventuras, de constante peregrinar pelo vasto mundo – que chega a parecer pequeno para o autor. E aí, então, se vai em busca de outros nomes. Caso se deseje um mundo abissal, procura-se desvendar o território ficcional de Faulkner e seus tortuosos personagens. Mas existe, claro, lugar para ambos. E para outros escritores norte-americanos (vamos ficar só nestes) hoje tão esquecidos. Lembro-me de um Theodore Dreiser, por exemplo, com seu "Uma Tragédia Americana". Isso, no entanto, nos desviaria de nosso caminho. Quem sabe em outra hora...

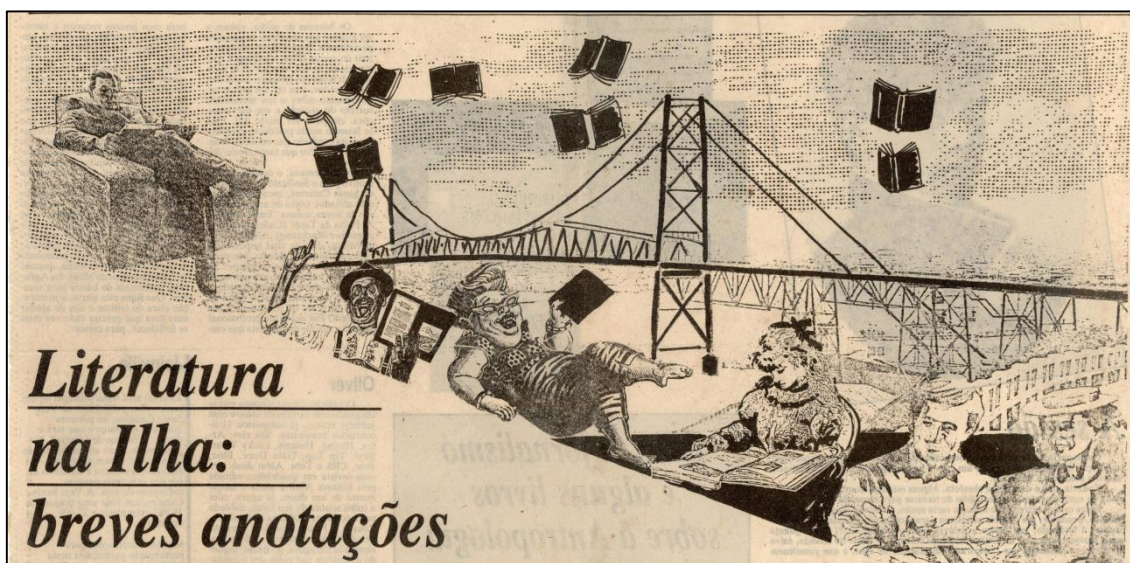
Foi dito acima que uma possível depressão fez com que Hemingway se matasse. Aquele homem de tantas aventuras, de tantos amores, de tantas bebedeiras, de tantas brigas, não podia se conformar com o declínio, com o fato de seu texto já não ser o mesmo, e mais: com a certeza de que seus críticos e adversários tudo percebiam. O homem, que sempre pôs à prova seus limites, não teve como enfrentar a última batalha.

Sua obra, contudo, permanece. E começa a ser reavaliada, já agora sob a perspectiva do tempo, distanciados o homem e suas aventuras pelos quatro cantos do mundo. Com seu estilo direto, enxuto, seu diálogo ágil expressa a visão de um mundo em derrocada, que precisa resurgir das próprias cinzas e teve nele um observador veraz. Não há necessidade de confrontá-lo com Faulkner. Há lugar no mundo para ambos e para muitos outros.



006: Literatura na Ilha: breves anotações

MIGUEL, Salim. Literatura na Ilha: breves anotações. *A Notícia*. Joinville, 18 de fev. de 1990, p. 1. Coluna Anexo.



Literatura na Ilha: breves anotações

Salim Miguel

Fico a me questionar — e em dúvida transiro o questionamento também ao possível leitor: o que quer dizer "literatura de Florianópolis"? Ou literatura em Florianópolis?

Politana? Em caso contrário, quais as características de que ela necessita para que possa ser assim qualificada? E quais os nomes que se destacaram (ou destacam) com uma contribuição própria? Precisam ter eles nascido aqui ou aqui residiram? E de que maneira devem se posicionar diante do fenômeno da criação literária?

Detenho-me um momento.

de Santa Catarina, insistindo em que não se deve falar de literatura florianopolitana, mas de literatura produzida em Florianópolis. Buscarei detectar seu significado, seus momentos mais importantes, sua continuidade — se é que existe uma continuidade perceptível nela...

O primeiro ponto a constatar é que não há, na verdade, até hoje, um levantamento minucioso que se fez no passado — ou até mesmo do que vem sendo feito no presente. Temos alguns estudos e pesquisadores, sim, mas eles vêm se defrontando com um sem número de entraves.

Por que digo que não há um levantamento minucioso? A verificação é fácil: o que temos em matéria de historiografia literária é pouco, e precário. Não por culpa dos autores que se debruçaram sobre o nosso passado ou que analisam o presente. Mas porque, como em tantos outros setores, nunca houve uma sincera preocupação com a preservação

de nossa memória, não se tendo assim como recuperar o passado e (re)avaliá-lo. Luta-se com dificuldades para se chegar até as fontes — quando eles existem e se tem como chegar até elas, pois na maioria das vezes existem, sumiram, se perderam, foram conscientes ou inconscientemente destruídas. Quanto ao presente, é o nosso costumeiro "vamos deixar para amanhã".

Se algo reaparece é como que por milagre. Vejamos dois exemplos recentes: a recuperação de um texto há muito esquecido, *A Massamba*, de Duarte Schutel; e a inclusão de parte da prosa de Cruz e Sousa no livro *de Irapuan Soares*. Quanta coisa mais não existe por aí, esperando se desencavalar e publicada, estudada!

Quero deixar bem claro que não estou me referindo à qualidade do que se produz. Uma literatura não se faz só com o ótimo, mas com o possível. E muitas vezes um texto menos realizado pode oferecer um retrato mais razoável do que um texto exemplar. Além do mais, valorização é um problema do tempo, só através dele a triagem pode ser feita.

Dentro desta precariedade como vem se processando entre nós a literatura? Importa pouco citar nomes. Importa mais saber se temos tido uma continuidade, se alguns movimentos se fixaram e produziram frutos, quais nomes do passado, entre os que tiveram a sorte de chegar até nós, permaneceram?

Não temos continuidade.

Existem hiatos. Períodos em branco.

Falemos de movimentos. De alguns de que temos notícia.

Em fins do século passado a "Idéia Nova" de Cruz e Sousa e Virgílio Varzea; na década de 20 a geração da revista "Terra" e a Academia Catarinense de Letras; em fins da década de 40 e durante a década de 50 o Grupo

primeiro abordando um regionalismo tardio, o segundo procurando retratar, com tintas realistas, impressionistas, o homem do litoral, o pescador.

Falei um pouco antes em reavaliáveis, em retorno de nomes encobertos pela poeira do tempo. Sim, um Duarte Schutel tem o seu mérito (relativo), mas precisa ser conhecido.

Dire-me-lhe que outros (quais?) existem por aí, muitos deles necessitando ser estudados, aguardando oportunidade de serem revelados. Então esperemos. Quem sabe teremos amanhã um *Corpo Santo*...

E os de agora, os muitos que já publicaram ou se preparam para publicar? Não merecem análise, citação? Sim. Temos por aí, especialmente na história curta e na poesia, numerosos autores de valor já comprovado, que sabem refletir o hoje e o ontem, o homem e seu meio em sua múltipla variedade.

Mas já disse, e insisto: não estou realizando um levantamento da literatura de Florianópolis atual. Procurei dar breves indicações sobre o ontem — e como ele pode (se é que pode) se projetar e influenciar (ou não) o hoje. Sem me preocupar com uma análise crítica.

Concluindo: quanto aos de hoje, e aos que eles fizeram, fazem ou farão, é outra história, como diria Kipling.

1989

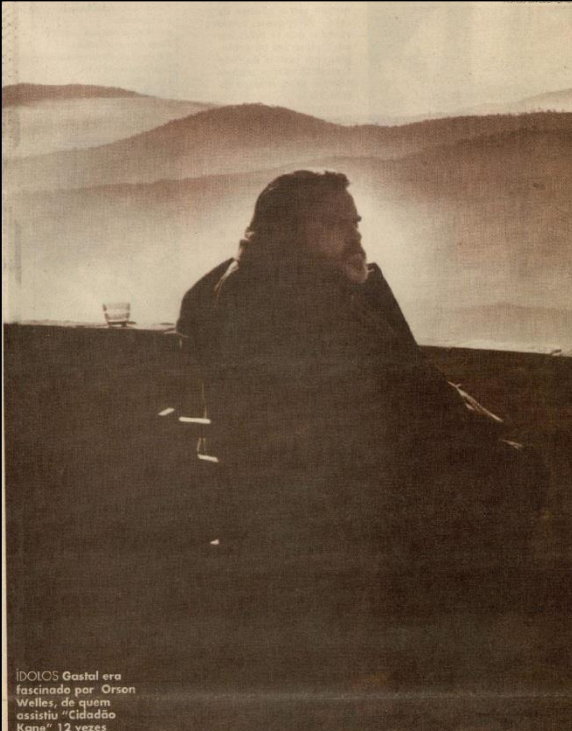
* O autor é jornalista, escritor, diretor da Editora da UFSC.

O texto acima (ampliado) fará parte de *O Castelo de Frankenstein* — anotações sobre autores e livros volume 2, a ser publicado este ano.



007: Gastal: a paixão pelo cinema

MIGUEL, Salim. Gastal: a paixão pelo cinema. **A Notícia**. Joinville, 9 de set. de 1996, p. 1. Anexo.



DOIS Gastal era fascinado por Orson Welles, de quem assistiu "Cidadão Kane" 12 vezes.

Gastal

A paixão pelo cinema

Um dos criadores do Festival de Gramado tem parte de seu trabalho resgatado em revista



AMOR AO GÊNIO Calvero, personagem-síntese de Chaplin em "Luzes da Ribalta", um dos pseudônimos usados por Gastal

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA A NOTÍCIA

Cadernos de Cinema de P.F. Gastal, volume organizado por Tuio Becker (Unidade Editorial Porto Alegre/Prefeitura Municipal - 1996), recupera parcela do trabalho do incansável batalhador das artes e nome dos mais significativos da história do nosso cinema. Engana-se, porém, quem imagina que Gastal exerceu apenas a crítica. Poder-se-ia até mesmo dizer que, sob certos aspectos, foi ele complementar à sua múltipla atividade. Ele fez muito mais: criador do Clube de Cinema de Porto Alegre, promotor cultural, incentivador de eventos como o Festival de Cinema de Gramado, editor do modelar "Caderno de Sábado", órgão cultural do "Correio do Povo", aglutinador de cineclubistas, ativo representante do INC no Rio Grande do Sul. E, talvez mais importante, figura humana exemplar.

O envolvimento de Gastal com o cinema foi precoce, permanente, total, desde sua infância em Pelotas. E aumentou com o decorrer dos anos. Falar com Gastal era falar basicamente de cinema. Diga-se, a bem da verdade, não só de cinema. Mas acabava-se discutindo cinema. Quase sempre. Ou sempre.

Agora, ao resgatar textos publicados no "Diário Popular", de Pelotas, quando o autor mal completara 19 anos, e avançar até fins da década de oitenta, Becker não só possibilita que se tenha uma ideia da evolução do crítico, como também de sua fidelidade a alguns pressupostos da sétima arte. Exemplos: a paixão permanente por nomes que definiram e deram estruturação ao cinema, um Chaplin e um Welles, para ficarmos com dois de seus ícones; o fascínio por determinados filmes, tendo assistido 12 vezes (em pouco tempo) a "Cidadão Kane", e 23 a

"Em Busca do Ouro", assinala Becker. Quando necessitou diversificar sua atividade em outro órgão da Empresa Caldas Júnior, editora do "Correio do Povo", Gastal, que já havia adotado o pseudônimo de Ecran, não teve dúvida, optou por Calvero, o personagem síntese de Chaplin em "Luzes da Ribalta".

PIONEIRO

Gastal fez parte da galeria de nomes que marcaram a trajetória do cinema no País, que ajudaram a entender o cinema como a arte do nosso século. Não nos referimos, aqui, a produtores e/ou diretores, mas a críticos, columnistas, pesquisadores, incentivadores, enfim, a todos aqueles que propugnaram por uma nova postura para o cinema, arte e indústria tão complexa. Talvez a tentativa pioneira no gênero, no Brasil, tenha sido com "O Fã", órgão do Chaplin Club.

A plêiade a que queremos nos referir é mais recente. Teve, entre outros, um Walter da Silveira, na Bahia, um Paulo Emilio Salles Gomes, no jornal O Estado de São Paulo, na Cinemateca de São Paulo, na Universidade de Brasília, um Cosme Alves Neto, na Cinemateca do Rio de Janeiro, o Gastal, no Rio Grande do Sul. Eventualmente, alguns podiam atuar em outras frentes, como Alex Vianny, também diretor, autor da "Introdução ao Cinema Brasileiro" e de filmes ("Agulha no Palheiro", "Rua sem Sol", "A Noiva da Cidade").

Não posso me furtar a um depoimento pessoal. Os primeiros contatos com Gastal foram em fins da década de quarenta. Iniciava-se, em Florianópolis, o movimento cultural que se tornaria conhecido como Grupo Sul. De repente alguém disse, vendo a indigência da programação nos cinemas, faltamos um Clube de Cinema, a exemplo dos que surgiam pelo País. E outro

alguém, diante do impasse, lembrou, vamos apelar para o Gastal. Apelamos. Logo nos atendeu, orientou, ajudando a estruturar o clube e a selecionar os primeiros filmes. Só tempos depois fui conhecê-lo pessoalmente. E desde o primeiro momento, a impressão era a de sermos amigos desde crianças. Nunca mais deixamos de nos comunicar e/ou encontrar. Toda vez que ia a Porto Alegre (e durante anos ia muito, como correspondente de jornais gaúchos, colaborador do "Correio do Povo", para seminários de cultura, para a Feira do Livro), não deixava de procurá-lo. Conversávamos sobre tudo. Principalmente, claro, cinema, com a qual me envolvia, também uma das minhas paixões.

SENSIBILIDADE E INTELIGÊNCIA

O último encontro foi em 1994, durante a Feira do Livro. Visitei-o em casa, ele já adocentado, recebido por outra sua eterna paixão, a mulher Dinah. Fez questão de levar-me até o local onde estava seu enorme acervo, composto de livros em vários idiomas, revistas idem, boletins, recortes, fotos, depoimentos, inestimável documentação para o melhor conhecimento não só da história do nosso cinema. Por convênio com uma instituição (GBOEX), ele era o curador — e estava tentando colocar tudo em ordem, ciente da importância que aquilo teria para os aficionados ou não. Ao nos despedirmos, sem imaginar que seria uma despedida final, saí com a convicção de que, tão importante quanto o acervo, era o próprio Gastal, humanista que nos atraía por sua sensibilidade e inteligência, sua simplicidade e companheirismo. Com sua morte neste ano, aos 74 anos (na mesma semana morria também o Cosme), perdemos um grande amigo e perde, por igual, a cultura brasileira uma grande figura.

008: Contestado na literatura

MIGUEL, Salim. Contestado na literatura. A Notícia. Joinville, 16 ago. de 1996 p. C-3. Anexo.

Luta armada revela metade do exército brasileiro, rês e a política militar contra os revolucionários

Contestado na literatura

Luta armada travada em território catarinense, rende mais dois livros: "O Bruxo do Contestado" e "Os Rebeldes Brotam da Terra". Mas o episódio ainda não teve seu Euclides da Cunha, que a relatasse em toda a sua grandeza

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA A NOTÍCIA

Transcorridos mais de oitenta anos (1912/1916), as lutas do Contestado continuam provocando controvérsias, polémicas, instigando e intrigando. De que maneira se tornou possível pobres gentes despreparadas resistirem, durante tanto tempo, a mais de metade do exército brasileiro, a civis, à polícia militar, como e por que se mantiveram firmes e combativos na defesa de suas terras, seus interesses, seu modo de vida, derrotando batalhões bem equipados por que procuravam tanto a recente república e bradavam pela volta da monarquia, mesmo sem saber o que uma e outra significavam na certa?

Sequelas das lutas permanecem vivas, perpassam o inconsciente coletivo – e se a denominação "contestado" decore de uma disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina, as motivações foram bem mais complexas e profundas, envolvendo invasão de terras, penetração de grupos

Santa Catarina em busca de vida nova, de repente se vê envolvido nas lutas do Contestado, só que agora ao lado dos jagunços. É através deste fio tênue que nos chega, com toda a sua violência e dramaticidade, a cruenta das batalhas no Irani, em Caraguatã, em Taquaruçu, em todos os redutos das montanhas, mulheres, crianças. De um lado, armas modernas (até aviões); do outro, espadas de madeira, fuzis e revólveres arcaicos. Ainda assim, as derrotas das forças legais são frequentes. Escrito para o público adolescente, o livro tem estrutura sólida, prende todo tipo de leitor e retoma aspectos que não podem, nem devem, ser esquecidos. Também não é maniqueísta, embora não escondam a simpatia pelos desprotegidos.

DOIS TEMPOS

A proposta de "O bruxo do Contestado" é bem mais ambiciosa. Não temos, aqui, um acompanhamento cronológico das lutas. Nem mesmo a cronologia

tido da palavra. O leitor se arma e contra-ataca. Para mim, muito mais interessante que a folha branca é essa reação do leitor. De fato, a escrita é, para nós dois, o civil da imaginação.

A transição talvez seja longa, mas serve para esclarecer a proposta inscrita pelo (a) alter ego de Godofredo de Oliveira Neto. São as vozes da comunidade, de este imaginário popular que real. Não temos, em nenhum momento, uma visão direta, objetiva, das lutas; no entanto, seja por Gard, o chamado bruxo do Contestado, seja por intermédio de outros membros da comunidade, vamos tomando conhecimento do que ocorreu. Resta a dúvida: tal conhecimento, visto por interposta pessoa que aqui tudo intermedeia será o suficiente, o real? Mas o que constitui o real naquilo que vai sendo mitologizado? Através de tão diferenciadas vozes temos, por um lado, a situação que o País atravessa com a 2ª Grande Guerra; e por outro, a tentativa de reconstituir

sobre o Contestado, continuei arrebalhando tudo o que aparecia. E já temos títulos significativos na ensaística (Maurício Vinhas de Queiroz, Osvaldo Rodrigues Cabral, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Mari Auras, Nilson Tomé, entre tantos), e na ficção. Ao que me consta, o primeiro é "Casa Verde", de Noel Nascimento, publicado em 1983. A raiz para o livro está explicitada em uma das dedicatórias: "Ao sargento Sebastião, pelado que virou pelado – meu pai." Situações definidas, personagens consistentes, recolla de documentos, conto a "Carta aberta à Nação", do Imperador Constitucional da Monarquia Sul Brasileira, D. Manuel Alves de Assumpção Rocha, transcrição de versos como o do capítulo 14, que começa assim: "No dia seis de setembro/Seguiu de Porto União/O capitão Matos Costa/Para o campo de São João/la com setenta praças/A fim de reconhecer/Não sabia aquele bravo/Que era o dia de morrer". No ano seguinte, 1964, surge "Geração do deserto", do Guido Wilmar Sassi, denso relato, no qual seres reais e de criação ficcional adquirem igual ressonância, a partir da verdade e da vida que lhes insufla o autor.

"O jagunço", de Fernando Osvaldo de Oliveira, é de 1978. Num estilo corrento, a reconstituição se faz através do desencontro de um casal de jovens que se ama, Albeca e Mariazinha. A separação e a ansia de reencontro servem ao autor para que de sua versão do que ocorreu, embora subintitule o livro de "Um episódio da Guerra do Contestado". De 1994 é "Império caboclo", de Donald Schuler. E agora, numa aproximação com "O bruxo do Contestado", podemos retomar o fio interrompido. É que os dois romances se interpenetram. Num texto carregado de alusões, o pseudo-autor de "Império caboclo", também aqui espécie de alter ego, é surpreendido ao receber, no hotel onde se hospedou, um pacote. Abre-o. E se depara com documentos inéditos sobre a conflagração. Eles haviam sido encontrados num casarão de Florianópolis. E o que seriam tranquilas férias de um casal, se transformam num tortuoso desafio para o narrador. Eles saem em busca de elementos para montar e completar o que falta. O romance de Schuler também apresenta vozes múltiplas, anônimas, com o processo narrativo se fragmentando para, por intermédio da fragmentação, se recompor.

Todas estas contribuições são válidas. Permitem que possamos refletir mais (e melhor) a respeito de um movimento que dizimou milhares de vidas e marcou dramaticamente o Estado. Mas o tema é extremamente rico, e fascinante. Continua a espera de novas contribuições. Mais uma está a caminho: o escritor Adolfo Boos Júnior promete, para o próximo ano, outra obra, de um universo que parece inesgotável.

O BRUXO DO CONTESTADO

Os Rebeldes Brotam da Terra

Obras estão sendo lançadas na Bienal do Livro, em São Paulo

fundas, envolvendo invasão de terras, penetração de grupos estrangeiros, como a Brazil Railway e a Lumber, com a cômputo de autoridades, derrubada de florestas para a abertura da estrada de ferro, devastação e morte – e, sem dúvida, também um componente messiânico centrado em João Maria e José Maria.

Costumo reiterar que o Contestado não teve, para o bem e para o mal, um Euclides da Cunha. Com "Os Serões", documento fundamental para a melhor compreensão de determinado momento da realidade brasileira, Euclides da Cunha delimitou espaços, amarras conexões, marcou em definitivo um tema que extrapolou sua área de atuação específica. A partir de "Os Serões", ainda que se o queira refutar, é ele referência obrigatória para todos que se debruçam sobre o problema, impossível fugir à diretriz por ele traçada, mesmo quando se pensa em outros movimentos.

DUAS OBRAS

O mesmo não ocorre com o Contestado que teve, sob vários aspectos, dimensões mais abrangentes do que Canudos. Mas continua, embora a importante bibliografia já existente, em aberto para novas investigações. Aliás, é bom assinalar, outros movimentos assemelhados ocorreram por diversos estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Goiás, Ceará). Nenhum teve o seu Euclides da Cunha, a repercussão de Canudos.

Neste 1996, exatos oitenta anos do fim dos combates, o Contestado volta à tona em duas obras ficcionais: "Os rebeldes brotam da terra", de Alcides Ribeiro J. da Silva, Ed. FTD/SP; e "O bruxo do Contestado", de Godofredo de Oliveira Neto, Ed. Nova Fronteira/RJ.

Se as duas obras se aproximam pelo tema, distanciam-se – e muito – na proposta, com enfoques que se diferenciam.

No primeiro há uma narrativa direta, cronológica, onde o elemento novo é a aproximação entre Canudos e Contestado. Um ex-soldado que combatera contra Antonio Conselheiro, vem para

panhamento cronológico das lutas. Nem mesmo a cronologia. E como num jogo de armas. O que o autor busca, o que ele pretende, é, por intermédio de vozes diferenciadas, recuperar um passado que ainda marca gerações e famílias, incrustado no imaginário popular. Para isso se utiliza de um artifício: o texto que vamos ler resulta de cadernos manuscritos, encontrados num palacete em demolição no centro de São Paulo. O livro de Godofredo se desdobra em planos que se superpõem. Quem escreve é uma mulher de cerca de 50 anos, em fase terminal de vida. Mas é este um entre os demais artifícios que compõe o livro, pois a mulher não participou das lutas; apenas quer, neste ano de 1981, reavaliar o ontem, seu ontem e de outros seres, punando para o hoje o que transcorsa em localidade próxima à região conflagrada. O que ela intenta? Escrever a história do bruxo, que se desenrola em 1942, quando o Brasil se prepara para participar da luta contra o nazi-fascismo. Al outro elemento contemporâneo se interpõe: através de discussões, do encontro entre famílias, de quase ensaios, de conferências, de versões muitas vezes contrapostas que a (pseudo) autora busca a estruturação de sua história e a recuperação do passado. Inter-calando reflexões e avaliações do que sentiu e viveu, ela titubeia entre se manter fiel às recordações e a tentativa de analisar o que ocorreu à época. Melhor: às épocas.

Uma possível chave para a apreensão do livro (outras existem, e cabe ao leitor buscá-las) é a da página 63, com o título "Hotel – 22/1/1981", onde se lê: "... Foi pensando neles que decidi pagar fora O bruxo do Contestado. Tudo o que eu tiver escrito será lido segundo a cabeça do leitor. Nossos amores são amores tântalos. Eu escrevo um texto e, de espertalhão, leio outro que o leitor não quer ser escravo de um texto e vai à luta. Desejo de liberdade sairá o seu próprio "O bruxo do Contestado". Se-Se ele muito bem que a escrita vem travestida, é enganadora, e que ela pode matar o sen-

outro, a tentativa de reconstituir e reavaliar o Contestado com suas implicações, a ponto de muito desejarem, como o bruxo, uma efetiva participação nas lutas, ou um recuo no tempo, para que tudo volte a ser como antes, bem antes de 1912.

INTERESSE

Outra vez me intrinsequei: tomei conhecimento do Contestado, com toda a sua carga de esperanças e frustrações, na adolescência, em Biguaçu, entre ouvindo conversas mantidas na venda de meu pai, espécie de centro de reuniões. Isso nas décadas de 30/40. Já na 50, morando em Florianópolis, fui um dia procurado pelo Maurício Vinhas de Queiroz. Queria pesquisar em fontes primárias, em documentos. Me procurara por sugestão de um amigo comum do Rio de Janeiro. Durante meses, ele viajando pelo Estado, toda vez que retornava a Florianópolis, o assunto se tornou tema obsessivo para nós ambos. E eis que me dou conta, eu tinha ali à mão, ao meu lado, uma pessoa que possuía dados fundamentais, morava em Lages por ocasião das lutas. Era João Octávio, avô da Egle, minha mulher – e que muito ajudou Maurício. E me provocou. Ati-vou lembranças.

O tema renasceu. Comecei a fazer anotações paralelas às do Maurício, sem clara ideia do destino daquilo, certamente não para um ensaio, quem sabe um conto, uma peça teatral, um romance. Não demora, nova interferência: Guido Wilmar Sassi me escreve, estava com um primeiro tratamento de que viria a ser seu romance "Geração do deserto". Empolgado, estendi-se em minúcias, como iam surgindo as figuras, tomando corpo, ficção e realidade se fundindo num todo harmônico.

Vejo-me, outra vez, na obrigação de fazer uma citação, agora minha. Diz-se eu, num prefácio que era carta, para a 2ª edição do livro: "... desisti. Ao saber que, pouco antes, haviam se atrado de cabeça no assunto". E mais adiante: "Larguei de mão o projeto..."

Mas se desisti de escrever

FUTURO

MARKETING EDUCACIONAL

PROGRAMA

Desktop Publishing e sua aplicação em Arquivos, Scanners e Sistemas (Scylla). Provas Via Fotoprodução Fotocolor. Todos os tipos de pontos. Programas CPM e Image Setters integrados. Provas: Prova convencional, Controla, Macro Print, Holo, Escala Americana, Europa, Din, Planar e Grafton. HPI-Color (impressão a 7 cores). Relicula Estocástica. Impressão off-set. Consultas gerais. Formatos de Papel. Corte de papel. Aproveitamento. Impressão em Poligrafi. Problemas com anúncios em revistas.

Dias 26, 27 e 28 de agosto de 1996
Local: Auditório da Fecomércio
Rua Felipe Schmidt, 785 - Terreo

Desktop Publishing e sua aplicação em Arquivos, Scanners e Sistemas (Scylla). Provas Via Fotoprodução Fotocolor. Todos os tipos de pontos. Programas CPM e Image Setters integrados. Provas: Prova convencional, Controla, Macro Print, Holo, Escala Americana, Europa, Din, Planar e Grafton. HPI-Color (impressão a 7 cores). Relicula Estocástica. Impressão off-set. Consultas gerais. Formatos de Papel. Corte de papel. Aproveitamento. Impressão em Poligrafi. Problemas com anúncios em revistas.

INSCRIÇÕES: Rua Anita Garibaldi, 77 - Sala 501 - Fone: (048) 222.3815
Das 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00 horas
Preço: R\$ 35,00 - Inclui apostila e certificado - Vagas limitadas

Promoção:

IOESC

O BRUXO DO CONTESTADO, DE GODFREDO DE OLIVEIRA NETO, EDITORA FTD, 1996, 128 PÁGINAS, R\$ 12,90. O REBELDES BROTA DA TERRA, DE ALCIDES RIBEIRO J. DA SILVA, EDITORA FTD, 128 PÁGINAS, R\$ 12,90. RUA ANITA GARIBOLDI, 77 - SALA 501 - FONE: (048) 222.3815.

009: Florianópolis e João Antônio, duas cartas

MIGUEL, Salim. Florianópolis e João Antônio, duas cartas. A Notícia.

Joinville, 10 de nov. de 1996, p. C-5. Anexo.

Florianópolis e João Antônio, duas cartas

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA ANEXO

Florianópolis centralizou, nos últimos dias de outubro, em boa parte, a busca pelo escritor João Antônio, encontrado morto no apartamento em que morava, no Rio de Janeiro. Explico: ele estava para visitar a Ilha, como membro da comissão julgadora do Concurso Nacional de Literatura Cruz e Sousa, categoria conto. Isso motivou telefonemas do escritor Ary Quintella (Rio), do amigo Iraty M. Ramos (São Paulo), de Virgílio, irmão de João Antônio, para o jornalista Mylton Severiano da Silva, que se encontrava em Florianópolis a serviço, e para mim, em busca de informações sobre o paradeiro do escritor.

Retrocedo um pouco.

Antes de conhecer João Antônio eu já conhecia o João Antônio escritor. Foi com incontinente entusiasmo que li seu primeiro livro, "Malagueta, Perus e Bacanaço", logo que saiu. Só fui conhecer o Autor, pessoalmente, mais tarde, já residindo no Rio, para onde tive que me mudar depois do golpe militar de 1964. Durante os anos que ali vivi, nossos encontros se amudaram, em casa de amigos, em restaurantes, em lançamentos de livros, em seminários de cultura por vários pontos do Brasil, até em bares. O "até em bares" merece um esclarecimento: ele era freqüentador, eu esporádico. A última vez foi em Brasília, fins de 1995, ambos convidados para o 1º Encontro da Cultura Brasileira, promoção do Ministério da Cultura. Juntos (mais o escritor goiás Antônio José de Moura) participamos de um debate na cidade satélite de Sobradinho. Lemos trechos de nossas obras, falamos do nosso processo de criação literária, discutimos problemas do livro, da leitura, da cultura em geral, abrimos o debate para o público — tudo vinculado à crise que o País atravessa. João Antônio, talvez o mais entusiasmado de todos nós, adorava novas experiências, enfrentar outro tipo de público, achou a iniciativa enriquecedora, ele tão veterano e calejado em examinar o papel do escritor, do livro, da vida, pelos quatros cantos do País — e do exterior.

A trajetória de João Antônio (vida e escrita) se confunde (isso ele repetia exaustivamente) com a de outro extraordinário escritor brasileiro, Lima Barreto. Compulsivo, sentimental, desabrido, amigo feroz e inimigo idem, emocionalmente instável, consciente da importância de seu trabalho, nele tudo formava um amálgama que dificultava, por vezes, a quem não o conhecia bem, a melhor compreensão de sua complexa figura humana e seu perfil intelectual. Mas não é disso que quero falar nesse momento. De tais aspectos outros falarão.

Depois do encontro de Brasília, não voltamos a nos comunicar. Agora, nesses dias que precederam seu trágico desaparecimento aos 59 anos, embora distantes, estivemos bem próximos. Primeiro nos contatos com o Mylton, que com João Antônio participou da fascinante aventura da revista Realidade; depois, em Brasília, onde estive nos dias 28/29 para um Fórum de Cultura, quando encontrei outros amigos comuns, em especial o poeta Amegdom, que tinha nos acompanhado até Sobradinho. Muito falamos do João Antônio, sem sabê-lo já morto no apartamento de Copacabana.

Talvez as derradeiras cartas que escreveu tenham sido dirigidas para Florianópolis. Penso ser oportuno (e importante) transcrevê-las. A do Mylton Severiano da Silva (Myltainho, como é conhecido no meio jornalístico e entre amigos) do dia dez de outubro, outra, do dia primeiro do mesmo mês, para a Eglê e para mim, que nos chegou ao mesmo tempo que os livros "Patuléia" e "Malagueta, Perus e Bacanaço", que ele pretendia lançar em Florianópolis, o segundo com a seguinte dedicatória: "Para Eglê Malheiros e Salim Miguel, ofereço estes 3 senhores de péssima conduta. Com abraços e os melhores votos — João Antônio, Copacabana, 26/9/96".

A que nos foi dirigida é para informar da vinda a Florianópolis e da vontade de aqui se demorar, lançar livros, participar de debates etc. É uma verdadeira (e saborosa) crônica, com aquele estilo inconfundível, marca registrada de João Antônio.

Vamos, então, a elas:

Segunda carta

Copacabana, 10/10/96 e não é novidade nenhuma dizer o quanto passa, arisco, professor rápido, o tempo. Já ouvi isso em Hamburg e em outros lados do mundo.

Myltainho, prezado

Esse Grieg é um monstro da delicadeza com este "Amanhecer" que vou ouvindo neste horário de verão às quase oito da manhã. Delicadeza e elegância. Com magia fina.

Espero que v. já esteja na ilha abençoada e que aí em Florianópolis estas o alcancem em paz e contentamento, gozo de boa saúde e de apetites gerais.

Quando à telefonia, eu a entrego a Deus. (Grieg é um monstro delicado). Como deixei gravado na sua secretaria eletrônica em São Paulo, acabou-se a possibilidade de se falar telefonicamente com quem quer que seja após a chegada da secretaria eletrônica.

Adorno teria razão com os seus sentimentos de horror diante das máquinas?

Rapaz, como o estive procurando aí em São Paulo no final de semana passada! É que meu irmão Virgílio ajeitou, amorosamente, um churrasco no domingo que passou dia 6/10, convidou músicos. Barão, agora na velhice, quase noventa anos e mais Ascendino Theodoro Nogueira, o maestro, estiveram lá. Mais um bândolim esperto na melodia. É por isso, Myltainho, que me cobro tanto. Rodou uma roda de choro o dia todo. E seu Ascendino, como o chamamos, tocou valsas inesquecíveis no violão. Valsas do interior. O velho Barão, figura lendária, quase noventa, acompanhou no violão. E havia um bândolim chamado Pacifico. Que roda v. perdeu, Myltainho. Agora, esse Grieg, já saiu da gruta do rei da montanha e vai no lamento de Ingrid, enquanto sua dança árabe não vem. Mas em Presidente Altino, na casa que v. conhece e em que meu irmão Virgílio montou um churrasco, amorosamente, o espírito de meu pai esteve presente.

Passo agora, na manhã, à "Flauta Mágica" de W. A. Mozart.

Escrevo-lhe também para lhe contar. Ontem me telefonou um fino cavaleiro que v. conheceu de perto e em almoço memorável, Maneco Müller, no esplendor pausado de sua lucidez.

Falando pouco, e expressando muito, tão brasileiro, tão carioca e me querendo bem. Inteligente, azogue. Elogiou-me bastante "Dama do Encantado", que acabara de ler. Ele conseguiu o livro numa livraria da Gávea, na Livraria Timbre, depois de muito esforço para encontrá-lo. O mínimo que posso dizer, Myltainho, é que a distribuição e a comercialização dos livros no Brasil é grotesca e raquítica, de uma desorganização digna de um país em que os professores federais não recebem aumento há mais de 20 meses.

Maneco manda-lhe abraço forte, com a elegância subida de quem é um árbitro da graça. Ele mistura, incrivelmente, um temperamento carioca e inglês. Vale conhecer um homem como Maneco Müller ex-Jacinto de Thormes.

Você não se esqueça de pedir por mim aí na ilha. Gostaria de passar uma temporada trabalhando aí, convivendo com a raça pura e bela e, claro, refiro-me supinamente à negritude. Quando em quando, este miserê Rio — São Paulo — Belo Horizonte — Salvador, esta televisão que vai transformando os ignorantes em idiotas, como diz o amigo Cassiano Nunes, me enfada. Todos os meus amigos, conhecidos, parentes e chegados estão atrapalhados no país que sofre de melancolia da escravidão e em que somos tratados como massa de manobra. O miserê vi no Largo de Pinheiros, no Largo da Batata é um quadro asidótico sem a cultura da Ásia, claro, Camêlo acabou. Agora são, em legião triste, de cor enferrujada, só os empregados dos contrabandistas. No Largo de Osasco se planta um pedaço do nordeste miserável. E a alegria está mais longe dali do que da lua. É o Brasil das periferias esquiladas. São os sem-terra que chegam e ficam. Um Brasil sem praia, mas de tanga.

Tentei falar com você também através de Iolanda. Tudo impossível. Agora, espero encontrá-lo já em Florianópolis. E aguardo suas notícias, lamentando bem que você tenha perdido a roda de choro e o churrasco.

Abraços.

PS. Sei que v. está ocupado. Mas havendo um tempinho, por aí, procure nos seus os meus livros e o romance do grande Nikos Kazantzakis, "O Pobre de Deus".

João Antônio

Primeira carta

EGLE MALHEIROS MIGUEL E SALIM MIGUEL

Prezados

Espero que tudo esteja bem com vocês aí na ilha ou no continente.

Pedi ao velho colega Myltaínho (Mylton Severiano da Silva) com quem trabalhei nos tempos da "Realidade", em S. Paulo, e cuja amizade já ultrapassou os 30 anos, que telefonasse a Salim Miguel.

Sou jurado de contos do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura, em Florianópolis, e deverei estar aí em 21 de novembro próximo. Na ocasião gostaria de me colocar à disposição de vocês para debates, leituras ou encontros com estudantes ou professores em bibliotecas, escolas, aproveitando a minha ida pela Fundação Catarinense de Cultura.

Por último, como em Brasília (lembra-se Salim Miguel?), tenho feito bastante este tipo de trabalho e com bons resultados. Mando-lhes algumas cópias em xerox que darão conta desta atividade.

E me coloco à disposição dos amigos, inclusive, talvez para um lançamento de meus livros aí. Creio mesmo que uma editora como a Ática, que me publicou recentemente a coletânea "Patuléia" daria apoio.

Aguardo suas notícias, enquanto lhes envio um duplo e saudoso abraço,

João Antônio

Joinville, 27 de out. de 1996, p. C-4. Leitura.

O dia-a-dia na pedreira em Camiri eram bom mesmo. Era muita gente e aí podia-se misturar, né? Podia-se conversar, podia-se trabalhar, podia-se rir, podia-se ver um quinho mais adiante as coisas boas.

11: Holdemar Menezes: um dos mais importantes escritores catarinenses lança livro hoje não Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis

MIGUEL, Salim. Holdemar Menezes: um dos mais importantes escritores catarinenses lança livro hoje não Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis. **A Notícia**. Joinville, 18 de jul. de 1996, p. C-1. Anexo.

Holdemar Menezes

Um dos mais importantes escritores catarinenses lança livro hoje no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA AMIGO

A obra ficcional de Holdemar Menezes possui características básicas que a definem e balizam. É a linguagem direta e crua, é o psicológico e o social, é o coloquial e o aparente aliterário, é a violência desenfreada e o sexo exacerbado, é o retrato das gentes de hoje e do nosso tempo. Tudo focado pela lente de alguém que tem o que transmitir de experiência de vida vivida e de vida observada.

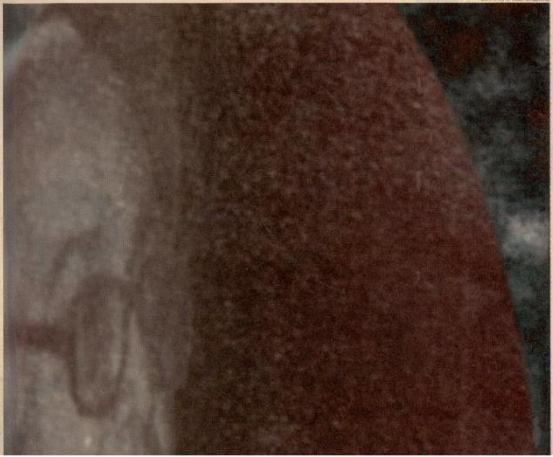
Primeira obra de ficção do Autor, embora não a primeira a ser publicada, "A Maçã Triangular" já continha, em essência, tudo que viria depois, a força narrativa, personagens marcantes, o retrato cruel de um tempo duro, o saber construir e narrar. E de se perguntar quais motivos fizeram o roman-

ce demorar tanto até ser publicado. Pode-se aventar duas hipóteses: o Autor ainda não se sentir devidamente seguro quanto ao seu instrumento de trabalho; ou, mais correto, o momento dramático que vivia o País, com o golpe militar de 1964 e o regime ditatorial em seu momento mais traumático (1968).

A estrutura do romance se compartimenta e subdivide, num jogo entre passado e presente, para melhor unir a história a ser narrada, sem que isto diminua seu impacto. E como em tudo que escreve Holdemar Menezes, para além da qualidade da escrita, da proposta narrativa, dois elementos se destacam, de um lado a pertinência de seus personagens, como que captados ao vivo, do outro a propriedade dos diálogos. Outro aspecto a acentuar na obra seria a persistência de determinadas figuras, que circulam de uma histó-

ria para outra (Herr Fischer é um exemplo) ou, insatisfeito em criar e dar nomes a personagens, utiliza nomes de pessoas existentes, parentes ou conhecidos; Flávio Menezes em "A arma do Crime", do livro de contos "A Sonda Uretral", que é "delegado de polícia da Ilha do Sol", é um exemplo.

A releitura de "A Maçã Triangular" mantém o mesmo vigor da primeira leitura. Um livro, para a comprovação de sua validade, necessidade de releitura(s). Só assim se sustenta (ou não), só assim se revela por inteiro. Incidentes que passaram despercebidos vêm à tona, situações então ignoradas se aclaram, personagens secundários se impõem e adquirem consistência, complementando o que vinha sendo sugerido. E literatura é também sugestão, o leitor acrescentando-se ao Autor.





A elegância de um mestre

Pioneirismo. Esta segunda edição de "A Maçã Triangular" (E se editar não é fácil, imagine-se o reeditar), chega em momento mais do que oportuno. É que, neste exato momento, surge um livro pioneiro, praticamente sem similar no Brasil. Holdemar Menezes: personagens e reflexões resulta de um trabalho beneditino, de alguém que se debruçou sobre a obra ficcional de Holdemar e dela extraiu nada mais nada menos, os 681 personagens que o Autor criou, aumentando, para nos utilizarmos de uma expressão de Balzac, o registro civil. Suas criaturas de papel adquirem, muitas vezes, mais vitalidade do que criaturas de carne e osso. Júlio Basadona Dutra, o autor da facanha, não satisfeito em recensar personagens, ampliou sua proposta, pincelando de dentro dos livros centenas de reflexões, como esta, por exemplo, de "A Maçã Triangular": "Quem poupa inimigos será por eles tragado". Ou esta, de outro romance, "Os Residentes":

"O que era o amor senão uma luta corporal, um desgaste, uma destruição consentida, a dos".

Holdemar Menezes: personagens e reflexões é um trabalho de pesquisa e de paixão. O que fez Júlio Basadona Dutra? Esmiuçou absolutamente tudo que Holdemar escreveu, confrontou personagens e situações, relacionamentos, embates, e, em ordem alfabética, nos oferece o perfil de cada ser que compõe a vasta galeria do Autor de "A Coleira de Peggy", e suas reflexões. Diz Júlio: "O objetivo principal deste livro foi recensar toda a "população imaginária" holdemariana. "Ele foi além.

Deixou um instrumento de trabalho útil para aqueles que queiram conhecer um pouco mais o autor e o que pensa, qual sua visão de mundo. Leia-se o que Holdemar vai espalhando, ao longo do caminho, a respeito de Flora, e a síntese que desta personagem faz Júlio Basadona Dutra:

"Flora, mulher de Breno que, motivada por problemas sexuais de seu marido, submete-o a humilhações em consultórios médicos e a tratamento em clínicas. E, em busca da gravidez desejada, é possuída por crises nervosas e fantasias sexuais. O filho desejado conseguiu por inseminação artificial, afastando-a ainda mais do marido". Discordamos do Autor quando diz que seu livro "representa uma espécie de guia de referência, de uma fonte adicional de informações". É bem mais. E concordamos quando logo adiante diz que vai despertar curiosidade e "remeter novos leitores para a intimidade do autor", isto é, para Holdemar Menezes.

"A Maçã Triangular" e Holdemar Menezes: personagens e reflexões, eis uma dupla de leitura imperdível. (SM)

O QUE LANÇAMENTO DO LIVRO "A MAÇÃ TRIANGULAR" (ROMANCE), DE HOLDEMAR MENEZES, ONDE NÃO AUDIÓRIO DO PALÁCIO CRUZ E SOUSA, PRACA 13, EM FLORIANÓPOLIS, QUANDO HOJE, ÀS 19 HORAS.

MIGUEL, Salim. A observação do mínimo na ficção de Hélio Pólvora. **A Notícia**. Joinville, 31 de ago. de 1996, p. C-3. Contos.

A NOTÍCIA • 6-2

o social são as características do fazer do escritor e parecem-nos as vertentes básicas em que sua escrita se sustenta. Pólvora é considerado um dos precursores da literatura de cunho fantástico entre nós. A estreia ("Os Galos da Autora", 1958) já define a proposta do contista, que se consolida com outros títulos ("Estranhos e Assustados", "Noites Vivas"; "O Grito da Perdiz", prêmio Nestlé de Literatura). Na crítica, entre outros, "A Força da Ficção" (1971); "Graciliano, Machado, Drummond & Outros" (1972). (Salim Menezo)

"Estamos perto, falou Edmo-
sem tirar os olhos da
estrada. As pancadas de
água no capô e nas
laterais ressoavam
com ruídos de tambor tenso.
A paisagem em volta,
atrás e à frente,
mergulhava num palor
opaco, translúcido, de fundo
de oceano"

MÉTHODOLOGIA

A chupa estava pra cair lá mi-
nha cabeça e eu não sabia o que
recebia no rosto as ferroadas dos
primeiros pinos. Olhei: os campos
crescidos, crestados por um sol de
mezes, abriam agora os regos, as
cercas, as linhas de terra, as cer-
cências e depressões ao contato ger-
minador. Você viu as nuvens?, per-
guntou Edmo. Olhos fixos na
cabeça, eu não via nada além das
nuvens negras, pesadas e cinzas,
se amontoavam lá três quinzenas;
se despencavam agora, teríamos a
enchente após a seca.

Estava ali, ali, ali, ali, ali, ali, ali,
semelhante a cordas que pendessem for-
ças de um teto escuro, e dançaram no
asfalto, escorremor pelo para-brisa
tristemente, que os limpadores não
conseguiram limpar. Então, eu
reduzi a marcha, curvei-se no
volante em busca de melhor visibili-
dade: em homem descaído, no acostu-
mado, a língua porcos com can-
tando. De vez em quando espetava um
animal, que grunhia alto e fino.

Estámo por, talou Edmo sem
titular, e eu não sabia. As pancadas
de um lado ao capô e eu não sabia
vamos com ruidos de tambor tenso. A
passagem em volta, atrás e à frente,
mergulhava num palor opaco, trans-
parente, e eu não sabia. Eu não sabia
mora aqui pelo, na fazenda, me
desse Edmo. E contou, durante dois
quilômetros, que a mãe, separada do
pai, que não quis a lá Iabuna, nem
por fazer, não sabia.

Diziam em Itabuna que a mãe
de Edmo estava muito bonita. Per-
guntiei-lhe, por isso, se houvera
casado, e ele não sabia. Não sabia
dizir. Com as costas da mão limpo-
pare do vidro embaciado. Acho que
ela tem doença crônica, me disse. Con-
seguiu, não sei sobre o que acres-
centou, mas não sei. Não sei. Não
sei a doença era no ventre. E o que
ela faz na fazenda, longe de médicos.

[illegible][illegible]

Edmo correu até a varanda da sala. Venha, convidado de lá, sapatinho pra se livrar da água na banheira das calças. Pelas gotinhas da varanda a chuva caía em madeiras sem no chão de lajotas. Em frente à porta se um colpo, envolto naquele círculo encardido que a tarde escuraciava transformando em crepe negro, pouca distância via uma represa, um rasto de mulher.

E a minha mãe, disse Edmo.

A mulher estava sentada à porta de um pequeno galpão, a um cincuenta metros da sede. Rosto parado, expressivo, quase desolato. Ela não chegava. Ninguém, sem da ela, o motor do carro subindo a rampa, o estacado na varanda. Quem seria o meu filho trouxa com esta chuva, há de se ter perguntado. E esperá-la lá no galpão. Ela esperava. E vê o filho. E não diz "Olá, meu". Não diz "Esperem a chuva". Seu covar café agora mesmo... preferelem beber conhaque?

Se a mulher não movesse de vez aquela cabeça, e abrisse o braço sobre o parapeito, como se fosse as molhadas, eu diria que não uma pessoa viva. Eu diria um gato na parede, esmaecido pelo peso de longe, e a mulher. Ampla.

les palpões, disse Edmo. O quê? Eu fiz a ele e desmanchei o refrez do tu errado. Por quê? Ele me garantiu que a mãe era pessoa tosta, opiniônica, que havia desmanchado os palpões de Edmo. Então eu não recebi orientação dele, o filho mais velho. Só por quê? Apenas por não dupeira no tempo, perdi meu dinheiro, disse Edmo. Dinheiro que eu havia juntado para comprar um sapato novo, o qual eu e poderia pôr na prateleira.

A mulher nos olhava. Entre na casa à procura do banheiro. Vi uma mesa redonda com toalha de renda, uma cristaleira com frascos de loção, conhaques, restos de comida num prato. Ninguém dentro da casa. Vi a água descendo pelas picas que regurgitavam como gargantas estreitas de onas ou avestruzes. Quer um conhaque?, perguntou Edmo. Não, obrigado. Voltamos à mostra. O caso começava a virar os espelhos de águas acumuladas nos bunitos junto à cerca. Longe, a silhueta dos caçacais cor de sépia. O fundo da represa azul, perto do galpão, perto da mulher. Bão e cavalos se acotovelavam debaixo de chuva mangueira. Voltei os olhos pra mulher, que de repente de não, no galpão, continuava quieto, sem menção de se. Segue de dizer bem-ditos sejam. Segue.

[illegible]

013: O guerreiro lírico contra o dragão da escritura Holdemar Menezes

MIGUEL, Salim. O guerreiro lírico contra o dragão da escritura Holdemar Menezes. A Notícia. Joinville, 25 de ago. de 1996, p. C-4. Leitura.

O guerreiro lírico contra o dragão da escritura

Fale um pouco de sua infância no Ceará, dos estudos no Rio, e de como e por que acabou indo estudar em São Francisco do Sul.

Holdemar — Não tenho fixação na infância. Não sou de lá. A infância é mais um mito do que uma perda irreparável. Mas, fui um menino normal, membro da classe média ansiosa em galgar postos de mando, de conquistar fama e riqueza. Quando penso na infância, penso em Aracati, a cidade do Ceará onde o Jaguaribe, o maior rio seco do mundo, depois de percorrer 800 quilômetros de inanição, ainda consegue desaguar no oceano. Ter sido criança, para mim, é ter morado em Aracati. Lá fui o Curo Primário, tomei banho de chuva, nu, pelas ruas pavimentadas com capim-de-burro. Minha infância é também a fazenda do Major Francisco Joaquim Venâncio, meu avô materno. E todos sabem dos privilégios de uma criança numa fazenda, mesmo que uma fazenda situada no polígono das secas. Fui estudar Medicina no Rio de Janeiro. A época, não havia Faculdade de Medicina em Fortaleza. Minha geração ia estudar Medicina em Belém do Pará, em Recife, ou em Salvador. O importante era estudar na Bahia. Mais importante do que fazer Direito em Coimbra.

Quais as suas primeiras sensações e emoções, na mais remota infância, as primeiras histórias ouvidas ou lidas, e como isto transparece (ou não) em sua literatura.

Holdemar — Quando da remota infância duas emoções marcantes: meu primeiro dia de aula na Escola de Dona Francisca Clotilde e o empastelamento de "A Região", jornal de meu pai. Ainda sonho com os capangas destruindo as máquinas, virando as caixas de tipo, inutilizando as resmas de papel, numa tentativa de fazer calar a voz do único jornal de oposição do Vale do Jaguaribe. Minha avó materna, conhecida como Dona Aninha Parteira, era uma emérita contadora de histórias de Transcô. Após o jantar, se não havia novena, reuniões de crianças, ela narrava, como uma profissional de teatro, com entonações de gestos, lindas histórias. De amor não correspondido, de cavalaria, de mistério, de assombração, de heróicos gangaceiros, de príncipes encantados etc. Havia um seriado — as histórias eram contadas por capítulos, como nas novelas de TV de hoje — cujo personagem principal se chamava João Grilo, um indivíduo muito vivo, muito mentiroso, porém muito simpático. Muitos anos depois, em o "Auto da Compadecida", do Sautama, vim a conhecer personagem muito semelhante com o que minha avó Aninha Parteira elaborava magistralmente. Quanto a livros, havia muitos em nossa casa. Entretanto, só tínhamos acesso aos livros de Andersen, de Monteiro Lobato, de Grimm e ao "Tesouro da Juventude". Revista era o "Tico-Tico".

São Francisco do Sul é marca forte em sua literatura. Isto resultou do choque com a cidade portuária, ou do contraste com o que conhecia do Ceará e do Rio?

Holdemar — Não posso negar que São Francisco é uma marca forte em minha literatura. É minha Macondo. Não resultou de choque algum, creio. Em Fortaleza, morei até o final do ginásio, próximo às pontes de embarque e desembarque. Representavam o caos, que não existia na época. No Rio, por alguns anos, morei na Saúde, perto de Santo Cristo, zona portuária. Assim, quando cheguei a São Francisco, já era um iniciado. Pós-graduado

me em São Francisco, em assuntos do caos. Foram nove anos de convivência diária com estivadores, terceiros, marítimos. Fui membro da elite da cidade, amigo de embarcadores, madeiros, oficiais da Marinha e do Exército, membro de clubes de serviço, consules, contrabandistas, rufões e prostitutas. Eu ocupava um lugar de liderança no município. Fui presidente de clube de futebol e vereador pelo PTB. O vereador mais votado da história da cidade, de todos os tempos! Depois, já residindo em Florianópolis, fui eleito, por São Francisco, suplente de deputado estadual. Assim, São Francisco marca a minha literatura. E por que não o Ceará ou Rio? Porque, conscientemente, quando me dispus a fazer a ficção, me dispus a fazer uma literatura que pudesse ser classificada como catarinense. Lutei para ser um escritor catarinense. No início, fui rejeitado como tal por críticos e antologistas. Ainda há resistência em certa área: se eu nasci no Ceará, como ousou ocupar um lugar na literatura de Santa Catarina? Após o aparecimento de "A Coleira de Peggy", eu tentei esconder que o cenário dos meus contos era São Francisco. E isso em virtude da onda de protesto e de revolta que o livro de contos provocou. A elite de São Francisco esperava um livro de louvores à cidade, falando das velhas famílias, dos colonizadores, a arquitetura colonial, etc. Essa elite não conseguiu, e não conseguirá, entender a minha ficção, na verdade insolita e pioneira em Santa Catarina. Houve tentativa de processo-crime contra mim. Fui censurado, réprimado, por carta. Após o Prêmio Jabuti, mesmo assim, os clubes de serviço se negaram a aprovar telegrama de congratulações. São Francisco do Sul é uma cidade com todos os ingredientes para pano de fundo de um grande romance. Naquela cidade tudo e todos estão impregnados de realismo mágico.

Explique de que maneira se faz a convivência médico-escritor. É ela pacífica ou tumultuada?

Holdemar — Se eu fizesse uma literatura mais comportada, seria ainda possível a convivência médico-escritor. Em mim, entretanto, por muitos anos, o médico sufocou o ficcionista, ainda mais o tipo de ficção que pretendia realizar. Não me parecia correto — era assim como pensavam os clientes — um médico de senhas escrever histórias do submundo, usando uma linguagem do submundo. Se fossem histórias de médicos humanitários, dedicados à profissão, pobres, daqueles que os clientes acham que não devem cobrar honorários, ainda bem. Há um falso romantismo envolvendo a profissão médica. O cinema e, posteriormente, a televisão, se encarregaram de vender uma imagem do médico herói, salvador de vidas, do tipo do Dr. Kildare. Não fosse isso, aqui chegado em 1950, poderia até ter participado do "Grupo Sul", através de Ilmar Carvalho, com quem convivi em São Francisco por alguns anos e que foi o primeiro a saber que eu era um médico que sabia ler e escrever ficção. O ficcionista esteve, por muito tempo, oculto no médico triante. Era a não-convivência pacífica entre o parteiro e o escritor de ficção. Por outro lado, ao decidir deixar nascer e crescer o ficcionista, o escritor sempre se escondeu do médico. Poucas são as histórias que sabem que sou também escritor. Meu gênero de ficção, meus temas e minha linguagem não recomendam o médico de senhas. Hoje, com o pai dos tempos, considerando o médico ainda existente, a convivência, portanto, é tumultuada.

Uma influência o outro, ou existem entrelaços que difi-



Ao lado, foto de 1920, no Rio de Janeiro, mostra um Holdemar anuete da música; acima dois encontros de escritores: com Silveira de Souza e Francisco Pereira (ao alto) e com Iappon Soares e Theobaldo Junqueira, em 1972. Na página ao lado o escritor no tempo em que era residente no Hospital no Hospital Nossa Senhora da Gambôa, no Rio, em 1946.

INDICAÇÕES LITERÁRIAS

**AS GRANDES AMAN-
TES DA HISTÓRIA**, de
Princípio Michael
Kent, editora Rosa
dos Tempos (Caixa
Postal 2052-000,
CEP 20921-970,
Rio de Janeiro, RJ),
418 págs.

Em "As Grandes Amantes da História", Princípio Michael de Kent relata a história de cinco mulheres muito diferentes entre si, que se tornaram famosas como cortês reis: Diane de Poitiers, o bonito amante de Henrique II da França, o qual era quase vinte anos mais velho do que ela; Nell Gwynn, a licheira e ardente atriz que se elevou de suas origens humildes à condição de favorita de Carlos II; Madame de Pompadour, a elegante castiça de Luís XV, cujo suporte astucioso e intruso nos negócios de Estado imbuíram o povo francês; Maria Wladislaw, a idealista e patética polonesa que se tornou amante de Napoleão na esperança de salvar seu país; e o resplandecente Lolo Montez, a belíssima irlandesa que se fez por um instante a esposa de um príncipe e conquistou o coração do Rei Luís I da Bóavina.

IMAGENS, de
Ingmar Bergman, edi-
tado por Maria Fontes
(Lua Consultoria
Rancho, 330/340,
CEP 01325-000,
São Paulo, SP), 440
págs.

Desvendando de tudo a sua inibição habitual, Ingmar Bergman nos conduz, através do apaixonante percurso de criação artística, desde aquele ponto recôndito e privado, onde se acalham as fantasias pessoais, até a tumultuada de uma montagem, onde, diante de dezenas de pessoas, sob o luz dos refletores, com o câmara em ação, aqueles fantasistas começam a obedecer a uma ordem invisível e encarnar-se em uma história que passará, pela magia da arte, a ser mossa. De fato, Bergman nos conta aqui uma viagem fascinante pela memória e pelos difusos radiografias da alma. É o auto-retrato de um artista para quem o arte, o obra e a vida são uma mesma e única coisa.

Foto: Tânia Barros

**cult o relacionamento? Os
Residentes tentam de autobio-
gráfico ou só se baseou na
observação dos fatos?**

Holdemar — Não. Médico não influencia o escritor de ficção. São até antagônicos. Há entrelaços que dificultam o relacionamento, como já foi dito. Sou um grande admirador da literatura autobiográfica, ao meu ver a única verdadeira, com tendência à permanência definitiva, pois os problemas do homem serão os mesmos em todas as épocas. Praticando-se desde as minhas primeiras produções, não quer dizer, entretanto, que o romance "Os Residentes" seja autobiográfico. Eu também estou presente em "A maçã triangular" e em muitos dos meus contos.

**Quando e onde surgiram os pri-
meiros trabalhos? Já fácil edi-**

tar, como foram recebidos?

Holdemar — Em ficção, muito embora já tivesse um romance concluído, "A maçã triangular", o primeiro livro editado foi a "Coleira de Peggy", contos, em 1972. Eu financiei a metade da edição deste volume. Foi editado pela Movimento, de Porto Alegre, por indicação e prestígio pessoal de Iappon Soares. O livro foi bem recebido pela crítica, obtendo o Prêmio Jabuti.

Fale do seu processo de criação literária, de que maneira lhe surgem os temas, se retrabalha muito o texto?

Holdemar — Meu processo de criação não tem nada de original. Os contos são elaborados mentalmente, de forma lenta, numa gestação que pode ultrapassar os nove meses. Quando vou para a máquina, já sei o que vou dizer.

a o dragão da escritura

Menezes

FOTOS REPRODUÇÃO



Os olhos cálidos de viking do grande escritor Holdemar Menezes encerraram seu ciclo terrestre. Nascido no Ceará no ano de 1921, veio para a ilha de São Chico, em 1951, como cirurgião. Em 1969 foi eleito suplente de deputado à Assembleia Legislativa. Faleceu no último dia 11, em Florianópolis, ilha que escolheu por derradeira morada.

Foi estudioso e grande conhecedor do Jazz sem deixar de ser dedicar-se às letras e à medicina.

Holdemar Menezes surgiu com a que poderia chamar "geração da década de setenta", uma das mais férteis, qualitativa e quantitativamente, da história da ficção de Santa Catarina. Holdemar estreou na ficção com o

livro de contos "A Coleira de Peggy", em 1972. A obra mereceu no ano seguinte o mais importante prêmio da literatura nacional, o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. "Nele já estão marcadas as características que, reelaboradas e reinventadas nas obras posteriores, definiriam o tom da personalidade do escritor: a linguagem objetiva, contundente; o cinismo, a revolta ou a marginalidade da maior parte dos personagens; a feroz ironia em relação aos valores grandiloquentes e vazios; a consciência sempre presente das contradições e absurdos de nosso tempo", escreveu sobre a obra o escritor Silveira de Souza, em recente artigo para o Anexo.

Mas o que fez deste cearense-catarinense um mito de seu tempo? O rigor, sem dúvida.

Paralelo a isto, a cantiga ondulosa de sua escritura, sempre atenta aos desvarios da musa, que instala em quem o lê uma observação delicada do sombrio.

Holdemar era médico e sabia que estava condenado. Mas resistiu. Salim Miguel, seu amigo íntimo, observou que havia no Brasil apenas um outro caso de resistência tão longa à morte — a do antropólogo Darcy Ribeiro — que desengunado fugiu de um hospital para terminar um livro. Salim sabia a fibra que habitava a alma de Holdemar, mas a vida é provisória e terreal. Resta, enfim, na palidez de seus livros, este amor inconsuít à literatura.

Leia a seguir entrevista feita por Salim Miguel com o escritor, publicada em livro pela editora da UFSC, em 1992

O resto é artesanato literário. Retrabalho o texto no sentido de simplificar a linguagem, de oralizar a narrativa, de tentar transmitir a sensação de uma literatura popular, fácil, aliterária, despidida de qualquer intelectualismo. Esse processo não é fácil. Há uma tendência natural ao eruditismo. Verdade é que os meus temas e os meus personagens me facilitam a tarefa de popularizar os meus contos. Já não acontece o mesmo com a criação do romance. Escolhido o tema, monto um organograma com capítulos, personagens, episódios. Cada personagem recebe um perfil cultural e um perfil psicológico. Sempre ou quase sempre desprezo o perfil físico. Deixo que o leitor imagine como é fisicamente o personagem. Claro que o organograma não é um

arcabouço rígido, inflexível. Modificações são introduzidas quando acho necessário.

Como vê o movimento cultural em Santa Catarina e o que poderia (ou deveria) ser feito para aperfeiçoá-lo?

Holdemar — Historicamente, Santa Catarina é um Estado em que a cultura não é matéria prioritária, quer por parte da população, quer por parte dos dirigentes. Tome-se, por exemplo, um universitário de qualquer área, mesmo da de Letras, e, é fácil verificar-se em minutos a sua incultura. A mesma experiência pode ser feita com um deputado, um vereador, um secretário, um profissional liberal. São poucos os que frequentam livrarias, galerias de arte, teatro, cursos, conferências, palestras. É terrivelmente frustrante ver-se, repe-

titivamente, o auditório da Universidade ocupado em menos de um terço por estudantes e professores, quando o assunto em debate é cultura geral! Como fazer para que o professor universitário ou de outro grau goste das atividades culturais? A mesma pergunta é válida para os estudantes. Não saberia dizer ou propor. Certamente teria que ser reformado o professor primário. A partir daí o processo cultural teria um andamento mais eficiente. Santa Catarina é um Estado pioneiro na educação, no ensino, no combate ao analfabetismo. Essa situação, sem dúvida, é muito importante para a implantação de um plano cultural coletivo. Agora, quanto ao movimento dos que fazem cultura, ele é promissor. No campo da literatura, das artes plásticas, da música, sente-se um cresci-

mento em qualidade, com a projeção de escritores, pintores, músicos, escultores, e tapeceiros nos outros Estados.

Fale de seus livros, do que eles lhe significam agora, depois de publicados. Mexeria neles para futuras edições? Alguma coisa o desagrada? Seja na estrutura, na concepção, no texto no que está dito?

Holdemar — No decorrer da entrevista, já falei um pouco dos meus livros. Não nutro preferência por nenhum deles, seja romance, conto, ou crônica. Significam muito para mim, pois nasceram de uma necessidade interior, como uma forma de luta, de equilíbrio emocional até. Através deles eu assassinei muitos dos meus fantasmas. Os outros, eu os domei provisoriamente. Não mexerei neles, com respeito à concepção e à estrutura, em futuras edições.

Guardo muito respeito pelo texto original, pelo menos enquanto ele não se tornar envelhecido. Acredito que pela temática, meus textos não envelhecerão precocemente. Entretanto, em quase todos eles há incorreções de composição e de revisão que me desgostam. Em "A Maça Triangular", por exemplo, há um empastelamento que atinge três capítulos, que muito me deprimiu.

Fale de seus projetos, dos livros prontos para publicar e daqueles que se encontram em elaboração.

Holdemar — Trabalho num romance que já tem título: "O Inventário da Agonia". Tem sido um desafio total. Primeiro, porque estou a escrevê-lo na terceira pessoa; segundo, porque alguns personagens guardam traços coincidentes com parentes meus, pelo que sofro bloqueios intransponí-

veis. Mas é um projeto que pretendo levar até o fim. Estou prejudicado no meu ofício de escrever pelos apelos da minha chácara, na Vargem Pequena. E são apelos gratificantes, sem sofrimento, sem angústia de qualquer espécie. E mais gratificante a preocupação com as tilápias, com as terneiras, com a horta, com o pomar, com o pontilhão destruído pela enxurrada, com a saúde da égua de sela, do que com os capítulos inconclusos do "O Inventário da Agonia". Por outro lado, depois de "O Inventário da Agonia", não terei muito o que dizer. Terei envelhecido. E envelhecer, segundo o mestre Aurélio, é também "tornar-se desusado ou inútil". Pretendo, dessa forma, que este romance seja minha última incursão no mundo da ficção.

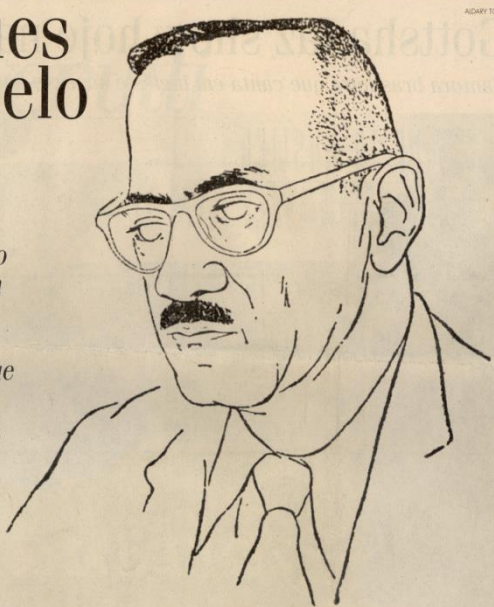
(Entrevista a Salim Miguel)

014: Marques Rebelo

MIGUEL, Salim. Marques Rebelo. **A Notícia**. Joinville, 1 de set. de 1996, p. C-4. Leitura.

Marques Rebelo

Salim Miguel se junta ao coro dos que tentam tirar o escritor carioca do novo e imerecido ostracismo em que se encontra, 22 após a sua morte, e relata alguns episódios na vida do autor de "A Estrela Sobe"



AGARY TOBEGO

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA A NOTÍCIA

Muitas vezes, ao darmos início a uma leitura, queremos não o texto que temos diante de nós, mas aquele que gostaria de ler. Então, cobramos do autor o que ele não pretendeu. Um livro deve ser avaliado pelo que contém, por aquilo a que o autor se propõe — e pela contribuição que nos possa dar, seja em conhecimento.

Ainda agora, ao concluir a leitura do livro de Luciano Trigo sobre Marques Rebelo, tais questões se colocam diante de mim: é o estudo que eu gostaria de ter em mãos sobre o escritor carioca; fiz uma leitura isenta; me deixei levar pela imaginação, deixando no tempo, tentando recompor/reconstituir alguém que conheci tão bem; o retrato que por acaso dele eu fizesse seria mais pertinente? Antes de buscar respostas vamos a alguns esclarecimentos.

Florianópolis, 1948. Jovens se propunham um movimento cultural que se chamou Círculo de Arte Moderna, espécie de Semana de Arte Moderna retardada. Queriam mexer com a paizete da cidadezinha. Devido a revista, transformada em carro-chefe, acabou conhecido como Grupo Sul. Não demora, uma carta do Rio de Janeiro. Marques Rebelo sou-

bera do movimento, queria vir a Florianópolis, montar uma exposição de arte contemporânea, fazer palestras, discutir, conhecer o grupo. Sem pensar nas dificuldades, aceitamos. Fomos à luta. A exposição se realizou, foi um escândalo, causou polêmicas acirradas. Insaciáveis, salamos pela noite com Rebelo, em intermináveis papos. Depois ficávamos comentando, "éia velhinho legal". O velhinho legal mal chegara aos 40 anos, matusalémico para os nossos 20. A visita deu raízes. Como consequência foi criado o Museu de Arte Moderna de Florianópolis (hoje Museu de Arte de Santa Catarina, com um acervo substancial), o primeiro a ser oficializado no País. E Rebelo se tornou habitué de Florianópolis — e nós da residência dele no Rio, onde íamos em busca de conversa e orientação.

ELÉTRICO E FERINO

Um dia vou ao correio. Na caixa postal, pacote vindo de Paris. De Paris? Como, por quê? Retirei-o. Sófrego abri-o. Era um livro. O título: "Egile", por Richard Borel, Editora Calmann-Lévy. E a dedicatória: "Caro Salim — Não creio que este livro seja uma coisa maravilhosa. Certamente será uma coisa bem pouco maravilhosa. Mas tem um título que é do seu maior interesse. Carinhosamente, Rebelo — Paris, Novembro 1951". Claro que o livro não tinha nada de maravilhoso. Mas o ato em si, sim. Rebelo passara em uma livraria, na vitrine o livro, não pensou duas vezes. O título do

livro era o nome da minha mulher. Baixo, elétrico, ferino, língua afiada, contraditório, fumante investido e colecionador de caixinha de fósforo, abstinência (para nós um absurdo), escondia bem no fundo alta dose de simpatia e camaradagem, amigo incondicional dos amigos e desfeito perigoso. Quanto de verdade e quanto de fantasia circulavam a respeito dele? Difícil destrinchar. Rebelo não confirmava nem desmentia as versões, como a da briga com Osvaldo Orico, ou a outra, quando perguntando sobre os dez mais importantes escritores vivos, riu e respondera, que dez, se só existem dois, eu e o Graciliano.

Toda vez que ia ao Rio visitava-o. E durante os anos em que lá residia, rara a semana em que amigos não se reuniam em seu apartamento. Discutia-se tudo — menos quando havia jogo do América. E ficou feliz ao saber que eu tinha um irmão também torcedor do América, "então já somos quase multidão". Eu saía sempre com um livro, assim como quem diz, precisas conhecer este autor. Alguns: Jacobsen ("Nils Lyhne"); Silapaa ("Santa Miséria"); Renard ("Poil de Carotte"); Radiguet ("Le Diable et au Corp"). Quando não tinha, ou não queria se desfazer de seu exemplar, indicava o livro. E recusava ou aceitava com igual paixão alguns títulos. Ao lhe dizer do meu entusiasmo ao ler (na tradução de J. Sales Subirán) "Ulisses", de Joyce, não titubeou com um enfático "pra quê", e reforçou, leia "Dubliness", os contos, e basta. Em uma das conversas falei-lhe das 100 obras básicas para ler, do Otto Maria Carpeaux. Rebelo não se deu por achado. E em um dos próximos encontros me entregou cópia dos seus 100 para ler.

Sem querer me alongar nestas reminiscências, motivadas pelo livro de Luciano Trigo, relato dois outros episódios: Rebelo, sempre que podia, criticava a ABL. Sua candidatura foi uma surpresa. Eleito, não teve dúvidas, passei-lhe um telegrama dando "parabéns à academia". E ao encontrá-lo cobrei: "E as críticas acerbas ao sodalício, e a coerência, onde ficaram?" Não desconversou, disse que a coerência necessita de incoerência, falou da estranha cerimônia, teve que marcar hora para ir se apresentar a velhos amigos e pedir votos. E como quem se justifica, "sabe, a gente envelhece, necessita da proximidade dos amigos, muitos por lá, e o chá das cinco é agradável". Questionado, diante de minha discordância, o ironista implacável não resistiu: "Tem mais, quer um argumento fundamental, morrer está pela hora da morte, e a academia tem um museu espetacular". Quando saiu meu segundo livro, dediquei-o a Rebelo. Dizia: "Para Marques Rebelo — se ele

concordar". Fico em dúvida se teria concordado. Mas publicou, em Filá, uma simpática resenha. Hoje, em retrospecto, tenho certeza, não deve ter gostado, tal sua preocupação com a qualidade do texto, com o texto enxuto, com o cortar — uma das minhas preocupações com a escrita. Eu também desgosto do livro, embora continue gostando do título ("Alguns Gente, Histórias") e da proposta (perfis humanos e psicológicos de algumas figuras).

REBELO NA ACADEMIA

"Retorno ao Marques Rebelo — Mosaico de um Escritor", coleção Perfis do Rio, Ed. Relume-Dunará/Rio. Arte, RJ-1996. Mosaico — eis uma definição perfeita. Mosaico, o livro lembra o próprio Rebelo com seu "Espelho Partido", para nos relembrar a seu projeto mais ambicioso, inconcluso, conforme o próprio autor previa, insistindo, "não vou ter tempo para concluí-lo". De fragmentos se compõe o todo — tanto no livro do Rebelo, como no de Trigo. Aos poucos vamos reconstituindo a trajetória humana e intelectual do escritor, em seu tempo e seu meio.

O Brasil é um país estranho, autores que delimitaram momentos da nossa literatura, somem ao morrer; outros, a morte logo os transforma em mito. No primeiro caso, um Marques Rebelo, um Cirio dos Anjos, um Macedo Miranda, entre tantos; no segundo, uma Clarice, um Guimarães Rosa. Rebelo precisa ser recuperado. Na literatura urbana e carioca, ele se equipara a um Manuel Antonio de Almeida, um Machado de Assis, um Lima Barreto.

Devolver-nos o autor de "A Estrela Sobe" já é mérito suficiente para o livro de Trigo. Vai além. Retrata, com pertinência, momentos fundamentais do homem e do artista. Acompanha-se o texto com agrado e crescente interesse. Lamentamos, apenas, que não tenha avançado na pesquisa e nos depoimentos. Por exemplo: ouvir João Cabral de Melo Neto, Antonio Bulhões, Herberto Sales, Antonio Houaiss, Joel Silveira, Hamilton Valente Ferreira. Recorrer a ensaios antigos: "Um retrato de Marques Rebelo", do Augusto dos Santos Abranches, um Marques Rebelo, poeta morto, do Hélio Alves de Araújo. Isto evitaria falhas: os dois filhos de Rebelo são da primeira mulher, não da Elsa Procença; o industrial Francisco Inácio Peixoto, figura exponencial do grupo Verde, de Cataguazes, além de poeta, foi pioneiro na região, construiu um colégio projetado por Niemeyer e encomendou a Portinari o painel Tiradentes, morreu há muito.

Até fico me questionando: seria o livro que queremos; não o que o Autor quis escrever.

Indicações literárias

COMO ENLOQUECER VOCE MESMO, de Dan Greenburg e Márcia Jacob, editora 34 (rua Hungria, 592, CEP 01455-000, São Paulo, SP, fone 011-816-6777), 138 págs.

Livro muito original que aborda tudo a que precisa saber para sempre dar o pior de si! Aprenda como perder amigos e se tornar uma má influência para os outros. Alguns princípios básicos do pessimismo: 1. Não vou conseguir; 2. Não existe ninguém no mundo que tenha mais azar do que eu; 3. Não vai dar certo mesmo, então por que começar? É melhor ficar em casa vendo televisão; 4. Sou apenas uma microscópica gota d'água no oceano deste mundo; 5. Antigamente tudo era melhor; 6. Para que se esforçar? De qualquer maneira, todo mundo acaba sob sete palmos de terra. E por aí vai. "Como enlouquecer..." é um livro para se dar ao pior inimigo e também ao melhor amigo.

A CRIAÇÃO DO MUNDO, de Miguel Torga, editora Nova Fronteira (rua Bombina, 25, CEP 22251-050, Rio de Janeiro, RJ, fone 021-537-8770), 651 págs.

Este livro mostra o mundo visto pelas lentes de uma criança. O próprio Torga, na página 11, escreve: "Vais ler de uma assentada, se a noção do texto te não desanimar a curiosidade, os seis dias desta 'Criação do Mundo', que foram aparecendo nas montas separadamente, é medida que iam decorrendo. Livro temerariamente concebido na mocidade, imprevisível na trama e no rumo, só o tempo lhe podia dar corpo e remate, traçando-lhe o enredo e marcando-lhe a duração. O que acabou por acontecer, já que os fatos, contados da perspectiva do projecto, não quiseram colar, antes de ele se livrar a cabo, a voz do autor. Todas as coisas o mundo é nossa medida". "A Criação..." é uma obra-prima absoluta. Quem viver lerá.

UNDE LEREMOS MIGUEL

015: Carvalhinho falante e seus múltiplos

MIGUEL, Salim. Carvalhinho falante e seus múltiplos. *A Notícia*. Joinville, 20 de fev. de 1997, p. 1. Anexo.

Carvalhinho falante e seus múltiplos

SALIM MIGUEL

ESPECIAL PARA O ANEXO

O Anexo me convoca. É que o Ilmar Carvalho chega aos setenta anos. Quer um depoimento. Digo sim. Só que, de repente me dou conta. De qual Carvalhinho falar? Se não chega a ser o Mário de Andrade do “sou 300 sou 350”, é vários. O cronista com passagem pelo rádio, o contista, o colunista político, o crítico, o relações públicas, pioneiro na área em Santa Catarina, o estudioso da música popular – e não só esta, o participante do gabinete de Relações Públicas, dirigido pelo Fúlvio L. Vieira, durante o governo Celso Ramos (primeira experiência, no Estado, de um trabalho orgânico de divulgação), o membro do Museu da Imagem e do Som/RJ, o membro de comissões de Carnaval das Escolas de Samba do Rio, o professor, o jornalista da Federação das Indústrias de SC e mais tarde da Confederação Nacional das Indústrias no Rio, o ator de cinema (fez um papel no filme “O Preço da Ilusão”, que neste 1997 chega aos 40 anos de realização), o *cauteur* que prendia (prende) com sua verve amigos de ontem e de hoje. Que mais?

Bem, entre tantas opções, por qual optar. Francamente, não sei. Espero que outros se debrucem sobre os variados Ilmares e nos dêem um retrato do homem elétrico e do intelectual sempre insatisfeito.

Como e quando o conheci? Foi na década de 50. Ele ainda em São Francisco (ou seria Joinville?), onde conviveu com nomes importantes (bastaria citar o Holdemar Menezes) em Florianópolis, onde permaneceu até 1984, trabalhou na Fiesc, na TAC, em jornais, colaborou na última fase da revista Sul (que chega aos 50 anos). Ilmar tinha sempre uma história nova, um causo, que não demorava a transformar em crônica, algumas que eram repetidas e reprisadas vezes sem conta, como para dar um exemplo, “Da vantagem de ser jovem no Estreito”, coisa que ela não fôra. Em 1965, graças ao golpe militar, quem teve que se mandar para o Rio fomos eu e minha família. Lá fiquei 14 anos. E lá já se encontrava o Ilmar. Não demora tínhamos até o nosso Ponto Chic, que era a Agência do Besc, no Edifício Av. Central. Ali se lia jornais da terra, encontrava-se amigos chegados de Florianópolis, com notícias quentes. Ilmar continuava o mesmo ser múltiplo, perene intranquilo, em busca de algo novo. Se bem se mantivesse fiel a antigos amores, como a música popular ou o papo ou os bares. Mas jamais esquecia a terrinha – e ao falar em terrinha me detenho – será que estou me referindo a São Chico, a Joinville, a Florianópolis ou ao conjunto, esta amálgama? Bem pode ser.

Ah, sim, ia encerrar, mas me dou conta: esqueci outro Ilmar. Será mais um só? Melhor: outros. Embora me limite, aqui, a um só.

Vamos, então, a ele: o despagador de promessas. Momento. Já me explico. Vai para quanto: 20, 25, 30, 35 anos? Ou mais? Que ele promete reunir em livro seus escritos. Livro ou livros. Não sai da promessa. Aproveito para cobrar. Por uma vez, pelo menos, esteve perto de cumprir a promessa. Eu dirigia a Editora da UFSC. Ilmar vem a Florianópolis. Me procura portando um calhamaço. Me disse o Ilmar: está aqui, dá uma olhada. Dei. Não só dei a olhada como dei sugestões: ali estavam, na verdade, dois ou mais livros. Por exemplo: ele podia fazer um com entrevistas, reportagens, depoimentos, sobre nomes importantes da música popular brasileira; e outro sobre temas catarinenses. Trabalhasse os dias, me mandasse logo. Ele disse que sim. Esperei. Continuo esperando. Agora que Ilmar chega aos 70, é mais do que tempo de pagar a promessa. Não só para o signatário, mas para todos que querem vê-lo (para usar uma expressão meio em desuso) em letra de forma. Aí se invertem as posições: ele é que dará a todos um presente de aniversário.

016: Na mesma trama, vários fios

MIGUEL, Salim. Na mesma trama, vários fios. **A Notícia**. Joinville, 3 de nov. de 1995, p. 2.

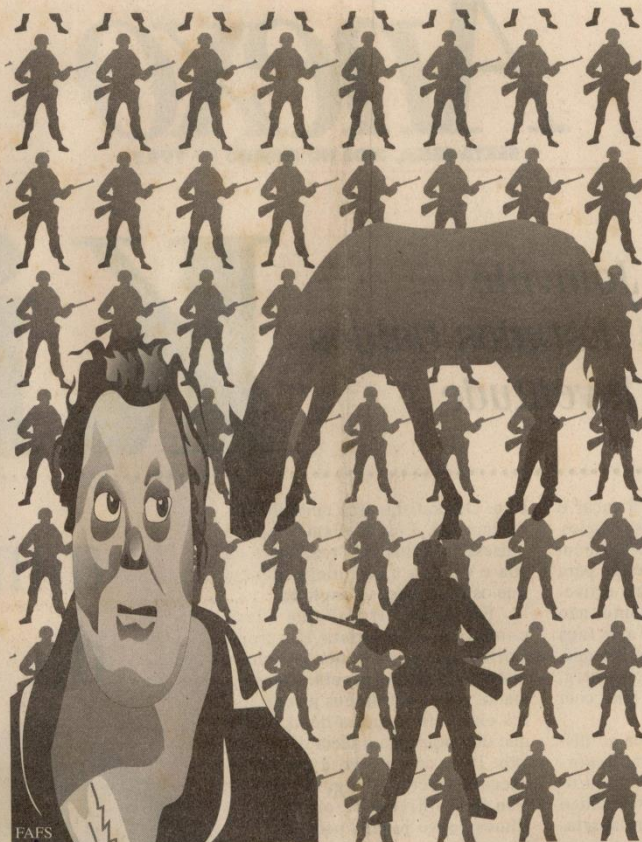
Através de uma típica família de imigrantes, vivendo em área de colonização italiana no Rio Grande do Sul, a história de Sérgio Capparelli, "Gaspar e a Linha Dnieperpetrovski", vai se construindo. Temos bem marcado o cotidiano daquelas vidas, até o surpreendente final. No entanto, o que se lê não é apenas a trajetória de uma família; é muito mais: um retrato pertinente de determinado momento, na pequena comunidade, durante o ano de 1942; e nela os reflexos da guerra mundial, com todas as consequências dali advindas. Espécie de microcosmo que reflete o macrocosmo.

O fio condutor da trama pode ser Gaspar Hauser, retardado mental, com sua peculiar visão de mundo; ou o pai, a mãe, a irmã Beatriz, a pequena Mariana, a prima Agnes, o tio com seu jornal anarquista, até o cachorro Fuligem ou o cavalo Nero; e, ainda, Pierre Menard, que ausculta os fatos, e ao escrever antecipa-os, até que tudo lhe foge das mãos, a ponto de ele mesmo se perder no que elabora, dizendo ao concluir: "também fui inventado para contá-la".

De que maneira nos chega a tragi-comédia de Gaspar e os seus; de que modo tomamos conhecimento da hecatombe no velho mundo e da luta que se trava entre os Aliados e as forças do Eixo; qual o entrelaçamento com o que ocorre na região gaúcha; como o A. fecha as pontas da meada?

A família de Gaspar tem pequena extensão de terra, igual a tantos outros imigrantes, que se encontra hipotecada; o pai batalha para retirar do solo árido o sustento dos seus e, se possível, alguma sobra com que vá amortizando a dívida. Mas forças estranhas interferem. O governo Vargas, depois do namoro com a Alemanha, se volta para os Aliados. Melhor: os Estados Unidos. Quer ajudar no esforço de guerra, quer extrair álcool combustível da mandioca. É então que homens, não interessados no esforço de guerra, mas ambicionando passar as terras para a companhia de Alcool-Motor, usam do artifício para pressionar os descendentes de italianos. Pouco importa, no caso, se os mesmos são adeptos do Eixo, se indiferentes; ou adversários do regime de Mussolini e Hitler.

Tudo isto nos chega de forma nuançada. Excelente construtor de situações e personagens: observador atento, criador de diálogos que fluem e complementam o andamento da narrativa (veja-se, por exemplo os fantásticos diálogos entre Gaspar e o cavalo Nero), Capparelli, que já era (re)conhecido por seus textos para o público infanto-juvenil, acrescenta à sua bibliografia esta obra envolvente, no momento em que se completam 50 anos do fim da



Na mesma trama, vários fios

SALIM MIGUEL • ESCRITOR E ENSAÍSTA

- De Agnes, é claro - ele respondeu.
– Não tem nada claro nisso - falou o cavalo. – E agora?
– Agora o quê?
– Não gosta mais dela?
Gaspar pensou um pouco.
– Gaspar, gosto, mas é diferente.
– Diferente por quê? – quis saber o cavalo, descendo da pedra.
Gaspar respondeu que se tratava de um problema do coração.
– Coração? - perguntou o cavalo.
– Antes, ele luzia. Agora, sangra.
– Ah bom - falou o cavalo, aproximando-se do despenhadeiro - Então você quer saber como é a luz do outro lado! Interessante, isso!"

"Gaspar e a Linha Dnieperpetrovski", romance de Sérgio Capparelli, L&PM-Ed/RS.

guerra. E não teme deixar-se levar pela emoção (e pitadas de humor) que perpassa todo o livro. Nem retomar, sob outra perspectiva, alguém que realmente existiu (Gaspar Heuser, tema do filme de Werner Herzog), ou tomar de empréstimo um personagem ficcional de Jorge Luis Borges, e por intermédio dele, Pierre Menard, tecer a estrutura romanesca. Capparelli vai além. Menard, personagem calcado em outro personagem, acaba, num processo de meta-literatura, por se transformar em alter-ego do próprio Autor. É por igual, a metáfora do título serve também para a proposta do romance, já que da mesma forma como a linha Dnieperpetrovski atalhou a caminhada de Hitler em terra soviética, a resistência dos colonos atalha os grileiros que queriam se apossar das terras dos imigrantes.

TRECHO

"Gaspar insistiu:
– Gostaria de saber como é a vida aí, assim mesmo.
Nero riu.
– E por que tanta curiosidade?
– Não sei - respondeu Gaspar - ando meio perdido. Antes eu conversava com quem eu gosto e parecia mais fácil.
O cavalo quis saber de quem Gaspar gostava.

017: A morte e a morte aos pedaços

MIGUEL, Salim. A morte e a morte aos pedaços. **A Notícia**. Joinville, 10 de mar. de 1999, p. C-6. Anexo.

A morte

e a morte aos pedaços

O escritor Salim Miguel lembra a convivência com dois grandes representantes da inteligência brasileira, mortos na semana passada

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA O ANEXO

Os caminhos e descaminhos de nossa vida são pontilhados de mortes. Cada parente ou amigo morto é um pedaço de vida de nós que se vai. Até que os pedaços se juntam e nós é que nos vamos. A respeito, discuta com um conhecido. Ele me interrompe e, num acesso de humor negro, diz: "A solução é morrer-mos antes". E eu, depressivo, retruco: "Ou então não termos parentes nem amigos".

Faz pouco se foram dois. Um, parente da Eglê (a escritora Eglê Malheiros, mulher de Salim), Hamilton Abade Valente Ferreira; outro, meu patrício, Antônio Houaiss.

É difícil traçar um breve perfil da fascinante figura humana de ambos. Personalidades ricas, inteligências ágeis e críticas, de profunda cultura humanística, sabiam, sem abdicar de seus pontos de vista, conviver e dialogar. Advogado de profissão o Hamilton; diplomata de carreira o Houaiss. Gostavam (e entendiam) de música, artes plásticas, teatro, cinema, literatura. Discutiam política e economia. E muito mais.

Uma só queixa tenho do Hamilton: por mais que insistíssemos para que publicasse (por certo escrevia e sabia fazê-lo), ria-se e retrucava: "Isto é para vocês. Eu leio". Já o Houaiss escrevia, e bem, sobre um sem-número de assuntos. Filólogo, gramático, pesquisador, ensaísta, tradutor (veja-se sua tradução do "Ulisses", do Joyce). Não bastasse isso, *gourmet* e *gourmand*.

Certa ocasião, na casa de Laura e Cícero Sandroni, o cronista e publicitário Jair Hamms foi preparar uns camarões. Houaiss era um dos convidados. Ficou circulando pela sala, ia à cozinha. Não resistiu. Pediu uma provinha. E diagnosticou: o homem é do ramo, sabe das coisas.

Conheci o Hamilton em Florianópolis, na década de 40. Pós-guerra, grupos de jovens se reuniam em acalorados debates. O nosso queria mexer com a pasmaceira da cidadezinha, provocá-la culturalmente. Era 1947. Resolveu-se editar uma revista: a "Sul". Tínhamos tudo. Menos recursos. Optou-se por montar um espetáculo teatral. Feitos os cálculos, dava para dois números da revista. Sobravam uns trocados. Foram consumidos no Lira Tênis Clube. Muito depois, malicioso, Hamilton me dizia: "Notei haver, no jantar, algo além de cultural nos olhares trocados por ti e pela Eglê".

Hamilton não se demorou entre nós. Mudou-se para o Rio. Foi secretário particular de Nereu Ramos, no Ministério da Justiça; assessor do professor Anísio Teixeira, no Inep – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; e durante dois anos, em Paris, trabalhou na Unesco, no setor de intercâmbio cultural.

Houaiss, eu conheci quando ele trabalhava na Comissão Machado de Assis – INL, década de 50. Mas só ampliamos contato depois do golpe militar/64, ele demitido da carreira, eu no exílio do Rio. Colaborei (verbetes sobre escritores brasileiros) na Enciclopédia Delta-Larousse, por ele dirigida; mais tarde ele fez parte da Comissão Julgadora do Concurso Nacional Cruz e Sousa; e eu participei, quando ele foi Ministro da Cultura, no governo Itamar, da Comissão Resgate do Cinema Brasileiro, que possibilitou a retomada da nossa produção cinematográfica.

CONVERSAS DA TERRINHA

Com Hamilton jamais perdi contato. E durante os anos que morei no Rio estivemos quase sempre juntos, em bate-papos em que a terrinha era tema predominante. Ele ajudou a estruturar a revista "Ficção" (1976/9), editada por mim, Cícero Sandroni, Fausto Cunha, Eglê Malheiros, Laura Sandroni.

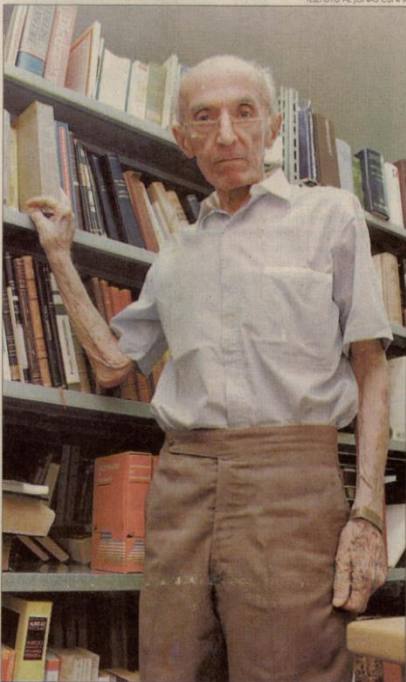
Voltei para Florianópolis. Os contatos continuaram. Eram telefonemas, cartas, artigos que podiam nos interessar, livros. As vezes me mandava o livro "Le premier homme", de Albert Camus; outras, o exemplar já lido e todo anotado ("Berlim, 1919/1933 – A encarnação extrema da modernidade", organizado por Lionel Richard). Ele reclamava: "Por que vocês não aparecem mais?" Eu respondia: "A recíproca é verdadeira". Embora à frente de um escritório de advocacia de grande importância, ele estava sempre disposto a ouvir e ajudar amigos e até simples conhecidos que o procuravam.

Ainda que não tão frequentes, os laços com o acadêmico Antônio Houaiss também se mantinham. Faz pouco, em resposta a uma crônica que publiquei ("As amêijoas do Houaiss"), onde eu brincava com a capacidade que ele tinha – e de que se orgulhava – na cozinha, me respondeu lembrando dias passados em Florianópolis.

Eu teria muito mais a acrescentar. Encerro com a história da vinda do Marques Rebelo, em 1948, a Florianópolis, para a Exposição de Arte Contemporânea. Em carta, ele disse detestar hotéis. Maneira delicada de dizer que a cidade não os tinha razoáveis. Hamilton resolveu o impasse. Hospedou-o no casarão de sua mãe, dona Cecy. Tornaram-se tão amigos que, quando da eleição do Rebelo para a Academia Brasileira de Letras, a recepção foi no apartamento do Hamilton, na av. Rui Barbosa, tudo montado no maior capricho por ele e por sua Maria Olympia.

O apartamento do Rebelo e Elza, nas Laranjeiras, tornou-se ponto de encontro de amigos, nas noites de domingo. Frequentavam-no, entre tantos, Hamilton, Maria Olympia, Houaiss, Ruth, Paulo da Silveira, Tais, Antonio Bulhões, Walter Benevides, João Cabral de Mello Neto, Francisco Ignácio Peixoto, que se deslocava de Cataguazes. Conversava-se de tudo, até de literatura.

Com estas duas perdas, não tenho como fugir ao lugar-comum: o Brasil se empobrece e nossas vidas passam a carregar mais saudades, maneira de eternizar na memória o amigo Houaiss e o amigo-irmão Hamilton.



TEÓFILO DE JONAS CUNHA



DIVULGAÇÃO

LETRAS E GASTRONOMIA
Houaiss (no alto) e Hamilton (acima) foram amigos e morreram com poucos dias de diferença

018: De tudo e de nada

MIGUEL, Salim. De tudo e de nada. **A Notícia**. Joinville, 4 de mar. de 1999, p. C-3. Anexo.

Salim Miguel

De tudo e de nada

Praia é ótimo. Com ou sem férias. Quem trabalha, recupera as forças. Quem é aposentado, (meu caso), repousa da aposentadoria.

Praia é fogo. Dá uma preguiça desgraçada. Pouco adiantam juras, promessas de "vou me programar", disciplinar o tempo, fazer algo (in)útil.

Vai pra três meses estou na Cachoeira do Bom Jesus, encravada entre Canasvieiras e Ponta da Canas (Floripa). Logo que me instalei, fiz um projeto de vida. Pra uns cinco/seis meses: no primeiro, andar, tomar banho de mar, bater papo, ler, ouvir música, ver noticiário e um que outro filme, bebericar (de preferência um vinhozinho), que ninguém é de ferro; no segundo, começaria a escrever, devagarzinho, para readquirir a prática; no terceiro, engrenar pra valer, retomar projetos antigos ou bolar novos.

Não deu.

Recebi, em novembro (ou dezembro?), convite do Sílvio, editor do *Anexo*, de **A Notícia**:

uma coluna semanal. Comecei dizendo que estava interessado. Mas ia pensar. Em novo contato, que aceitava. Mas queria um tempinho. Quanto? Não sabia. Talvez fins de janeiro. Ou fevereiro. Sem falta. Ficou pra março. Vou cumprir. Com sacrifício. Promessa é promessa.

Acontece que há necessidade de aquecer as turbinas. Mesmo para quem é calejado, veterano. Costumo dizer que o escrever é como andar de bicicleta. Temos que praticar todo santo dia. Mesmo que seja pra nada, a prática pela prática. Escrever e até jogar tudo (ou a maior parte) na cesta do lixo.

Do que pretendo falar aqui, me perguntou o editor – e tem todo o direito de me perguntar o possível leitor. Titubeio. A melhor resposta me parece: de tudo e de nada. Do que me der na veneta. Está bem? Para o editor estava. E para o leitor? Até aceito sugestões.

Jornalista, da época heróica do pau-pra-toda-obra, já fiz de

tudo um pouco, até horóscopo. O mais curioso eram as cartas para o jornal, com aplausos de pessoas que se haviam dado bem com a horoscopada. Tanto melhor.

Nos meus tempos do Rio de Janeiro, escrevi sobre tudo. Fui, até, chefe de redação de revista de economia. Embora nada entenda (nem goste) do esdrúxulo economês e me sinta melhor nas minhas duas áreas preferidas: literatura e cinema. Mas adoro variar. E de ver até onde posso ir.

Hoje, no jornalismo, existem especializações. Até (exagero?), vários especialistas para uma mesma área. Categorias estanques. Melhor? Não sei!

Deixemos pra lá. Conforme expresse no título, a coluna tratará de tudo. E de nada. Só que dou preferência à paixão de infância: o livro. Depois, o cinema. Depois o depois. E o nada. Que será, com absoluta certeza, um apaixonante desafio. E desafios, na vida, são fundamentais. Gosto deles.

Então, até a próxima semana.



Expansão
english center

Rua Corupá, 650 – Anita Garibaldi
Próximo à Rodoviária
Fone: 422-4755 – 88-203-620 Joinville (SC)

- ✓ Básico para adultos ou Inglês Empresarial
- ✓ Jovens a partir dos 12 anos
- ✓ Turmas de no máximo 7 alunos
- ✓ Combinando comunicabilidade e base gramatical
- ✓ Material: Oxford e Cambridge University Press
- ✓ Turmas Intensivas

*** FAÇA UMA AULA EXPERIMENTAL GRATUITA.**
No período matutino preço promocional
(5x R\$ 48,00) para o curso juvenil

019: O Contestado, novamente

MIGUEL, Salim. O Contestado, novamente. **A Notícia**. Joinville, 11 de mar. de 1999, p. C-3. Anexo.

Salim Miguel

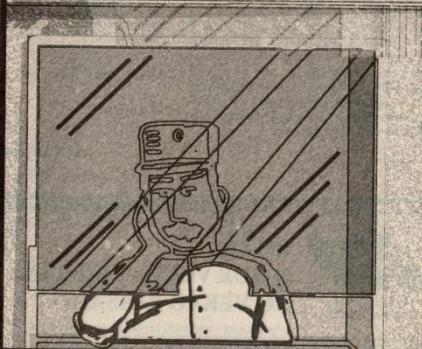
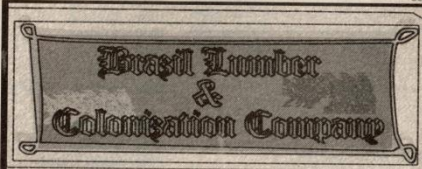
O Contestado, novamente

Existem assuntos inesgotáveis. Um deles: o Contestado. Conhecido menos que Canudos (não teve Euclides da Cunha), mais que outros movimentos que se lhe assemelham (do Rio Grande do Sul, do Ceará, de Goiás). “O Dragão Vermelho do Contestado”, de A. Sanford de Vasconcelos (Editora Insular, Florianópolis, 1998), é recente contribuição sobre o tema. Acompanho com crescente interesse a ficção de A. Sanford desde “O Homem da Madrugada”. Indiscutível sua vocação de contador de histórias, que sabe erguer e conduzir uma trama. Outra vez, como em “O Monólogo de um Deodato Alvim”, também da Insular, ele se debruça sobre nosso passado — e o faz com pertinência. Aqui, a trágica saga do Contestado (campônios lutando contra tudo e todos, a Lumber mandando), onde personagens de ficção e reais se entrecruzam, nos chega por intermédio de Saturnino, cantor de modinhas e gaiteiro, fio condutor do que vamos tomando

conhecimento. Será que a luta (1912/16) foi deflagrada por coronel João Gualberto, que se recusa a ouvir o monge e comanda o ataque que resultou na morte de ambos e desbaratamento da força policial vinda do Paraná? Ou havia, por trás de tudo, a influência da americana Lumber? Inquestionável a simpatia de Sanford pelos deserdados. Bom exemplo de sua força é a descrição minuciosa da batalha de Taquaruçu, acompanhada com pavor por Saturnino, que diz: “Da morte escapê inteiro/Valeu-me o santo João”. Prova (outras poderiam ser adicionadas) da capacidade narrativa de Sanford, que situa o leitor no centro mesmo dos acontecimentos. É livro para ser lido com atenção e meditado. E é, também, motivo de reflexão sobre o que vem ocorrendo hoje, no País, com os sem-terra. A aproximação não é difícil. E se muita gente se mostra traumatizada com o que ocorreu no início do século, não tem idêntica percepção para o que ocorre

no final do século — e do milênio — com os sem-terra de quase todas as regiões do País.

Mal terminei a leitura, e comecei “Glória até o Fim — Espionagem Militar na Guerra do Contestado”, de Telmo Fortes, da mesma Editora Insular. Ao contrário de Sanford, nada sei do autor deste livro. Mas li com crescente interesse as quase 350 compactas páginas. Poderia dizer que as propostas de ambos se assemelham: personagens reais e fictícios se entrecruzam. Só que, aqui, em lugar do Saturnino, são dois militares, travestidos em caixeiros-viajantes, que nos tomam pela mão e nos acompanham pelos ínvios caminhos do Contestado. O livro contém movimentada trama novelesca, que prende a atenção; mas, a meu ver, vale até mais pela incrível soma de informações e dados, alguns até agora ignorados, a respeito da determinante influência, junto aos poderosos, de Farquhar e sua maquiavélica Southern Brazil Lumber & Colonization Company.



020: Livro de bolso

MIGUEL, Salim. Livro de bolso. **A Notícia**. Joinville, 18 de mar. de 1999, p. C-3. Anexo.

Salim Miguel

Livro de bolso

Não tínhamos, como em outros países (França, Inglaterra, EUA) a tradição do livro-de-bolso. As raras experiências se frustraram. Mas, com a crise que assolou o país, as tiragens insignificantes e o alto preço do livro, parece que chegou a vez dele. A Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, por exemplo, vem investindo com sucesso nesta vertente. Já chegaram a três dezenas os títulos. São seleções de contos, de poemas, de peças de teatro, de crônicas. Variados, de variadas procedências e épocas. Eis alguns: "O Negro Bonifácio", contos, de Simões Lopes Neto; "A Máquina de Dar Beijinhos", contos, de Mempo Giardinelli; "O Boi dos Chifres de Ouro", teatro, de Ivo Bender; "Ardente Amor e Outras Histórias", de Roberto Bitencourt Martins; "Quarto de Pensão", contos, de Laury Maciel; "Um Homem Célebre e Outros Contos Imortais", de Machado de Assis; "O Fantasma e a Canção", poe-

mas, de Castro Alves; "As Relações Naturais", três comédias, de Qorpo Santo; "O Livro de Cesário Verde", poemas; "Diário Íntimo", fragmentos, de Lima Barreto; "Macário", teatro, de Álvares de Azevedo; "Leonor de Mendonça", teatro, de Gonçalves Dias; "O Elo Perdido e Outras Histórias, de Charles Kiefer; "O Justiciero e Outras Histórias", de Arnaldo Campos.

Vou me deter, mais um pouco, sobre dois títulos: "Como e Por Que Sou Romancista", de José de Alencar, e "Eu", poesias de Augusto dos Anjos. Ler (ou reler) ambos é importante. O primeiro pode ser considerado um dos formadores do gênero, depoimento sobre a arte da escrita, em nosso país. No texto, Alencar explica seu aprendizado, as leituras de autores estrangeiros, as tentativas até alcançar o que pretendia, tendo que fazer o que, ainda hoje, o escritor iniciante faz: bancar a edição. Já a poesia de Augusto dos

Anjos continua marcando profundamente quem a lê. Foi com idêntico pasmado que a reli. Senti-me, outra vez, jovem e abismado nos versos que, ao mesmo tempo, me encantavam pelo vigor e me afundavam no pessimismo. Por exemplo: "Sou uma Sombra! Venho de outras eras. Do cosmopolitismo das moneras...", tendo que recorrer ao dicionário para descobrir o "moneras"; ou: "meia-noite. Ao meu quarto me recolho. Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede!" (que logo remete ao "Corvo", de E. A. Poe); ainda: "Toma um fósforo, acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro", com grupos de jovens, encharcados de álcool e *spleen*, saindo pela noite a (de) clamar. Da declamação, partíamos para o debate: qual o que mais nos tocava, o nosso Cruz e Sousa, com seu simbolismo (que ainda não era bem aceito); ou o mórbido Augusto dos Anjos, que tanto nos afetava?



021: Capitu: o desabafo

MIGUEL, Salim. Capitu: o desabafo. *A Notícia*. Joinville, 25 de mar. de 1999, p. C-3. Anexo.

Salim Miguel

Capitu: o desabafo

Passaram-se exatos cem anos (1899-1999) até que Capitu respondesse ao Bentinho, dando suas versões dos fatos por ele narrados. E distorcidos, no dizer dela. Pensou muito, avançou, recuou. Afinal, foi em boa parte, o incentivo do Brás Cubas que fez com que se decidisse. Também não havia ele publicado suas memórias póstumas? Que, até hoje, causam pasmo e impacto. Houve, ainda, um empurrãozinho do Quincas Borba e do Conselheiro Aires.

Não é, insiste ela, uma simples contestação. Mas a reposição de acontecimentos que diziam respeito aos dois e a outras pessoas envolvidas na trama. Por exemplo: dona Glória, mãe do dr. Bento, como é ele referido quando Capitu busca um distanciamento, o palavroso José Dias, o amigo Escobar, os pais de Capitu, outros mais. E o filho, razão do desencontro.

A Capitu dos olhos de ressaca fez o mesmo que Bentinho. Se este, embora na primeira pessoa, se utilizou de um artifício (o escritor Machado de Assis), ela, por igual na primeira pessoa, valeu-se de outro: Domício Proença Filho. Capitu assim inicia sua refutação: “Só agora, decorrido tanto tempo humano, posso, finalmente, contestar as acusações contra mim feitas pelo meu ex-marido, o Dr. Bento Santiago”.

A fortuna crítica do bruxo do Cosme Velho se amplia a cada dia. E entre seus livros, o que mais causa polêmica é “Dom Cas-

murro”. São centenas (ou milhares) de páginas, sem se chegar à conclusão se o narrador Bentinho teria ou não sido corneado pela Capitu. O narrador, à medida que o filho cresce, mais vê na criança o amigo Escobar. A dúvida permeia todo o texto.

Por vezes, no caso, nem se discute a qualidade inigualável do nosso mais importante escritor. Foi Machadinho exponencial na crônica, na poesia, na crítica. E os machadianos se dividem até mesmo entre os que preferem o contista ao romancista. Não é momento de entrar nesta polêmica.

Ao saber da publicação de “Capitu: Memórias Póstumas” (Editora Atrium), do amigo Domício, telefonei logo para outro amigo, autoridade em Machado de Assis, José Garcia. Temia pelo resultado da empreitada. Era um bruto desafio. Mas à medida em que fui avançando na leitura, me deixei levar pela proposta. Ao mesmo tempo em que acompanhava a versão do outro lado, o da mulher, sentia que Domício ia construindo uma Capitu que era a de Machado, mas também muito dele. Ela sabia rebater, com tiros certos, as estocadas do Bentinho. E nem sei se é imaginação minha ou se, na verdade, Capitu insinua um caso (quase caso), de homossexualismo entre Bentinho e Escobar. E deixa no ar a suspeita do ex-marido, no que se refere à traição. Leitor de Machado desde a infância, em Biguaçu, gostaria de conversar – e ter a opinião de alguém que não tivesse lido “Dom Casmurro”.

022: Topada e cacofonia

MIGUEL, Salim. Topada e cacofonia. **A Notícia**. Joinville, 1 de abr. de 1999, p. C-3. Anexo.

Topada e cacofonia

Vou me valer de poetas no encaminhamento desta historinha. Começo com os célebres versos (um tantinho modificados) do poeta-mor Drummond. Ei-los:

“Havia uma pedra no meio da servidão/ No meio da servidão que leva à praia havia uma pedra”.

Todo santo dia, durante semanas, meses, Eglê, minha mulher, alertava: “Cuidado, precisamos tirar logo essa pedra”. Eu abanava a cabeça. Mas o “logo” não chegava.

Um dia, faz pouco, “porque hoje é sábado”, conforme dizia o poetinha Vinícius de Moraes, lá vamos (epa!) Eglê e eu para a praia (na Cachoeira do Bom Jesus), a indefectível caminhada e o indefectível banho de mar. Sábados e o domingo azul do mar, do Paulo Mendes Campos, são dias para o encontro com parentes e amigos. Em caminhada não se pára. É um simples “olá”; quando muito uns pulinhos pra manter o aquecimento e um “daqui a pouco nos vemos dentro d’água”. Com a minha mania de descobrir similitudes físicas entre pessoas, tenho estranhado, nos últimos tempos, não mais topar com o sr. Hulot, personagem do filme de Jacques Tati.

Num sábado desses, distraído que sou, não prestei atenção ao “cuide-se” da Eglê e dei uma topada de “ouvir estrelas”, como diria outro poeta, Olavo Bilac. Por um desses inexplicáveis mistérios, no dia seguinte a pedra havia sido removida...

Meu possível leitor deve estar s(m)e perguntando o motivo da segunda palavra do título. Tem toda razão. Já explico.

O lógico seria ter voltado para casa, primeiro pé no gelo, a seguir em água morna, depois

uma pomada – e repouso. Nada disso fiz. Caminhei, com dores, no domingo. Segunda já não deu. Terça, médico. Claro, recomendou o que eu deveria ter feito.

De novo, nesta mania de história-puxa-história (culpa das “Mil e Uma Noites”), me desviei do projeto.

Num processo mental inexplicável, no exato momento da topada me voltou, inteirinha, uma frase de antanho, então muito repetida. Na escola e para os principiantes na prática do jornalismo. Insistia-se: cuidado com o cacófato. E dava-se, como exemplo, o mais famoso deles (que por sinal nada tinha de cabeludo), e logo de quem: Camões. Eram as duas primeiras palavras do soneto que começa assim: “Alma minha”. E continua: “... gentil que te partiste”.

A que me surgiu era bem diferente. Resumo o caso: um juiz de paz se defronta com um problema. Não tem como resolvê-lo. Fica sabendo que há uma testemunha. Chama o matuto, como diria sua magestade FH. Ressaabiado, o matuto chega. Reluta. A autoridade insiste: “Conte o que sabe, a lei determina”. E o homem: “Tiquinho de nada. Topei dando, cuma vara de tocá gado. Vou-mi já que tá pingando”. E nada mais disse, embora tivesse sido perguntado pelo senhor juiz.

Me questiono (e ao paciente leitor): que razão absconsa (esta palavra devo-a a outro poeta, Augusto dos Anjos) me fez, instantaneamente, juntar a topada a uma frase há muito perdida. Só encontro uma explicação: a semelhança das palavras topada e topei. Mas aceito, tanto do leitor como de outro *expert* em questões congêneres, eruditas explicações mais pertinentes.

023: O Contestado e os doze pares

MIGUEL, Salim. O Contestado e os doze pares. *A Notícia*. Joinville, 8 de abr. de 1999, p. C-3. Anexo.

O Contestado e os doze pares

Há temas que nos perseguem. O Contestado é um deles. Outro dia, em conversa com o Salomão Ribas, escritor, atual presidente do Tribunal de Contas do Estado, sem justificativa aparente, ele reapareceu. Um aspecto nos agarrou: os doze pares. Melhor: Carlos Magno e os Doze Pares da França. Como chegaram até os caboclos e, em dado momento, adquiriram tamanha influência. Sem contar a transformação que sofreram. É que, da mesma forma que “par” designa um igual, pode ser dois. Daí os doze pares se transformaram, no imaginário dos caboclos, em 24.

Uma conversa com Carlos Guérios, ou o Júlio Dutra (posuem as maiores bibliotecas sobre o tema) ajudaria a entender melhor o fenômeno.

Tomei contato com o Contestado em Biguaçu, na venda-de-secos-e-molhados de meu pai, pelo preto velho Ti Adão, que de tudo entendia e falava. A partir da década

de 50, o tema passou a me acompanhar. Certo dia aparece em minha casa, em Florianópolis, recomendado por amigos, o Maurício Vinhas de Queiroz, que viria a escrever o, até hoje, mais profundo trabalho sobre o assunto: “Messianismo e Questão Social”. Durante meses, tendo Florianópolis como base, percorreu o Estado, colheu depoimentos de dezenas de pessoas. Foi quando descobri que ali mesmo, em minha casa, tinha uma fonte inesgotável de informações: avô da Eglê, João Octávio, que na época (1912/16) morava em Lages.

Comecei a fazer anotações dos relatos de Maurício e das conversas com João Octávio. Não tinha certeza para quê. Até que desaba carta do Guido Wilmar Sassi. Dizia: “Estou levantando elementos para um romance sobre o Contestado”. Foi o que bastou. Abandonei meu projeto.

Continuei acumulando anotações, fui o primeiro a escrever,

para a revista “Civilização Brasileira”, sobre o livro do Maurício, fiz a apresentação, para a segunda edição, de “Geração do Deserto”, do Guido, outro artigo, em 1986, quando dos 80 anos do fim das lutas, lutas onde deserdados (como hoje os sem-terras) batalharam por algo que lhe pertencia e o governo havia entregue a grupos estrangeiros.

Na verdade, se quisermos entrar no terreno das especulações, a luta que tomou o título de Contestado, prossegue. Se não envolve oficialmente, como no passado, forças do Paraná, Santa Catarina, o Exército Nacional, e até aviões, tem donos de vastas extensões improdutivas de terra e seus bandos de jagunços. De que maneira vai terminar tudo isto? Não sei. Pergunto: o agravamento da questão da terra, quantos novos doze pares se multiplicaram por este vasto País? Vejam até onde me levou uma incidental conversa.



024: 50 anos de amor às letras

MIGUEL, Salim. 50 anos de amor às letras. *A Notícia*. Joinville, 14 abr. 1999, p. 1. Anexo.

50 anos de amor às letras

*Escritor
catarinense
testemunha o
aniversário do
suplemento
cultural mais
antigo do Brasil*

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA O ANEXO

Participei, em fins de março, de um acontecimento raro. Raríssimo e insólito: o cinquentenário de uma publicação cultural. É um fato que merece ser amplamente divulgado, em um país onde, nas crises (e quando não estamos em crise?) o primeiro item a ser cortado é o que se refere à cultura.

Certo dia atendo o telefone. Cláudio Limeira me diz: "Queremos convidá-lo para as comemorações dos 50 anos de nosso suplemento cultural. Aceita?" E eu, sem titubear: "Claro que aceito. Mas por que logo eu?". E ele, rindo: "Queremos alguém de mais longe, que tenha colaborado na primeira fase do nosso suplemento e que continue colaborando. E que nos fale um pouco da importância dos suplementos culturais na vida do País". E eu: "Ah, sim, entendi, vocês estão é em busca de um sobrevivente, que ateste a permanência do tablóide durante todos esses anos". Acabou indo também a Eglê Malheiros, que falou sobre publicações para o público infanto-juvenil.

Antes de chegar ao hoje, recuo até a década de 40, no pós-guerra. Todo órgão que se prezasse, por este Brasil afora, tinha seu espaço (meia página, página inteira, caderno) dedicado às letras e artes. Me lembro, por exemplo, de que, em Florianópolis, davam espaço razoável à cultura "O Estado", "A Gazeta", "Diário da Tarde", "Diário da Manhã". E muitos jovens, não satisfeitos com isso, partiam, como o chamado Grupo Sul, para suas próprias publicações. Num levantamento rápido que andei fazendo, eram mais de 40 por todo o País.

Foi nesse contexto que apareceu o "Correio das Artes", do jornal "A União", de João Pessoa, na Paraíba. Era 1949, março. Era editor o poeta Edson Régis — e em um dos primeiros números já havia uma colaboração minha. Misto de conto/crônica, bem fraquinha, mas serviu de estímulo para o iniciante. Venho colaborando nas várias fases do "Correio das Artes", que mantém uma tradição de poetas em sua editoria. O penúltimo foi Sérgio de Castro Pinto e o atual é Cláudio Limeira.

Claro que aceitei o convite. Pelo encontro com outros escritores, pelo suplemento em si e pela volta a João Pessoa, cidade de que tanto gosto e que não revia vai para 22 anos. Cresceu, e muito, é claro. Mas continua mantendo sua principal característica: cidade onde as árvores predominam, o verde embelezando a paisagem já de si bela.

Foram três dias de discussão, de contatos, de conjecturas sobre o futuro do livro diante dos novos meios de comunicação, do espaço para divulgação, que vem minguando. Devo destacar que, nos últimos anos, não satisfeito em ser o mais antigo suplemento de cultura do País em circulação (o segundo é o do Minas Gerais, 30 anos, criado por Murilo Rubião), mantendo-se sempre fiel à sua proposta inicial, ao mesmo tempo em que se renova e abre para os iniciantes, lançou o "Correinho". Qual o propósito? Levar as crianças à leitura do jornalzinho e dali ao livro, esse objeto tão fascinante e misterioso. Posso dizer que tive uma das mais fundas emoções ao encontrar, em "O Correinho", um conto meu, que não escrevi pensando em adultos ou crianças, simplesmente escrevi, ilustrado por elas.

Para as comemorações, lançaram uma edição especial com 52 páginas e duas antologias com seleção de colaboradores só da Paraíba, uma de contos e outra de poesia. Que posso dizer mais? Muito. Limito-me a isto: o que encontrei reanima nossa fé no esforço, na persistência, na vontade de insistir, brigar por aquilo que julgamos importante e válido — e nada mais importante e válido do que a cultura, em todas as suas manifestações, para identificar um povo.

Poderia reunir aqui depoimentos de personalidades como Zélio Marques, superintendente do jornal "A União", onde é encartado o "Correio das Artes", do sub-secretário de Cultura, Chico Pereira, do poeta Jomard Muniz de Brito, do poeta e crítico Hildeberto Barbosa Filho, do ensaísta e crítico João Batista de Brito, do jornalista Nelson Patriota, que edita "O Galo" em Natal (RN), do jornalista Mário Hélio, que edita o "Suplemento Cultural" em Recife, do Sérgio de Castro Pinto, poeta e ex-editor do "Correio das Artes", do escritor Ascendino Leite, lúcido e inteiro em seus 82 anos, um dos mais assíduos colaboradores do "Correio das Artes", e de tantos outros com que convivi, mais a Eglê, naqueles dias. Limito-me, no entanto, à transcrição de dois depoimentos: do Cláudio Limeira, atual editor do "Correio das Artes", e da Yó Limeira, editora do "Correinho das Artes". Eles sintetizam o muito que foi discutido — e não apenas no encontro formal, mas nos papos paralelos, que costumam ser tão enriquecedores.

025: Um presente

MIGUEL, Salim. Um presente. **A Notícia**. Joinville, 15 de abr. De 1999, p. C-3. Anexo.

Um presente

Se fosse dado a superlativos, diria: um presentão. Explico.

Eu chegara há pouco da praia, depois de uma boa caminhada e um gostoso banho-de-mar. Sentei-me na varanda, relaxei. Nenhuma indecisão quanto à música: o novo disco do Edino Krieger, *Canticum Naturale*, que precisava ouvir mais vezes, a fim de me impregnar de toda a sua magia. O mesmo não acontecia quanto ao livro. Costumo ler vários ao mesmo tempo. Claro que de gêneros diferentes. E eu tinha opções.

Nesse instante, chega do Centro minha filha. Eu lhe pedira que passasse no apartamento, para ver a correspondência. Jogou na mesa cartas, publicações, livros. E uma caixa de tamanho regular. Nem olhei para ela. Fui logo às cartas. Enquanto isso, minha neta, curiosa como toda criança, começou a destrinchar a caixa, abriu-se e exclamou: "Vô, vô, olha o que chegou pra ti!"

Olhei: uma caixa aberta. Me aproximei. Estava escrito: "Arte & Literatura — O modernismo no Brasil — Mário, Bandeira, Drummond — Edições Alumbramento

— Bradesco Seguros, 1998.

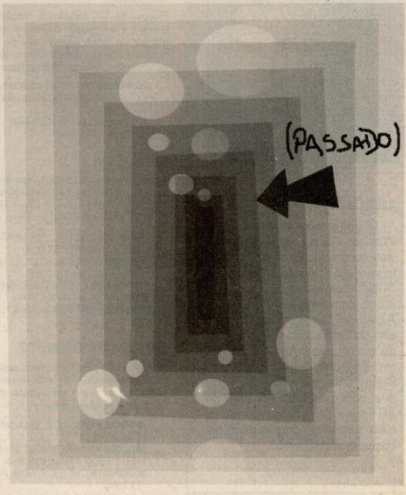
Eram três fotobiografias primorosas, de três dos nomes mais significativos da cultura brasileira neste século. E que tinham muito em comum. Basta ler a correspondência do Mário de Andrade para ambos. Um dos volumes — o do Drummond — já me fora enviado, fazia alguns anos, pelo José Mindlin. Outro, cobiçoso, eu tivera em mãos, o de Manuel Bandeira. Do terceiro, Mário de Andrade, jamais tivera notícia, embora amigos me afirmassem que também fora publicada uma fotobiografia.

Agora, eis os três grandes da nossa poesia, unidos. Não me contive. Larguei tudo o mais, creio que me desliguei do Edino, pus-me a folhear os livros; um acervo precioso, referente a pessoas que, cada qual à sua maneira, marcaram de forma indelével seu tempo, deixando valiosas mensagens humanas e estéticas, influenciando gerações.

Naquele momento, por uma razão muito especial, detive-me mais na do Drummond. Queria ver se nela se mantinha a foto de um grupo de provincianos que, pela primeira vez (inícios da década de 50), ia ao Rio e lá se encontrara com o próprio Drummond, o Jorge Lacerda, que dirigia o suplemento literário Letras e Artes, o gravador Osvaldo Goeldi, que viria a nos fornecer ilustrações para a revista Sul, o Simeão Leal, que dirigia a coleção Cadernos de Cultura do MEC. Passei horas imerso nas fotobiografias, de volta a uma das épocas mais ricas e criativas de nossa cultura.

Muito bem. Até aqui devo ter justificado parte do título dessa conversa. Vamos à outra: quem me teria mandado o presente? Na caixa me orientava. Eu não conhecia ninguém da Bradesco Seguros. Pensei: só pode ter sido dica do Leonel Katz ou do Salvador Monteiro, cujas Edições Alumbramento marcaram (continuam marcando) época, pela capacidade criadora e pelo extremo profissionalismo com que são feitas.

De qualquer forma, deixo aqui o meu sincero agradecimento pela oferta, que veio enriquecer minha biblioteca. E que, da próxima vez, de novo não me esqueçam.



A árvore

É de uma resistência admirável. Não se entrega. Luta pela vida. Impossível chamá-la de “uma” árvore. Para mim é — e sempre será — “a árvore”. Faz anos que a acompanho. Agora...

Não! Necessito de outro começo. Tenho, em minha casa na Cachoeira do Bom Jesus, um jardim. Gramado, com meia dúzia de árvores e arbustos. Reconheço duas: um jacarandá, cuja muda veio de Porto Alegre, mandada pelo jornalista e amigo Jayme Copstein, e um flamboyant, que vingou na terceira muda, pela teimosia de Eglê.

No verão, o jacarandá e o flamboyant cobrem a grama com suas flores roxas e vermelhas. No entanto, à tardinha, quando me sento na varanda para acompanhar o melancólico (para mim) anoitecer, fixo-me na “árvore”, música ao fundo, livro abandonado. Não sei a que espécie pertence, nem como veio aparecer no jardim, quase na beira da estrada, frente a um poste de iluminação.

Busco reconstituir sua história. Difícil. Dei por ela, a primeira vez, pequenininha; tempos depois percebo-a crescida; outro dia seus ramos espalhados me acolhem com sombra amena; depois viriam as flores... essas jamais surgiram.

Após noite de vendaval, um dos galhos estava no chão e outro, mais reforçado, quase caindo. Tornou-se necessário cortá-lo. Mais alguns dias e um ventinho, o velho vento vagabundo do Cruz e Sousa, levou outros dois ou três galhos. Minha mulher sugeriu que a árvore fos-

se cortada. Reagi, recusei-me a aceitar a idéia. Mas os galhos restantes continuavam tombando. Chegamos a uma decisão salomônica: a árvore seria cortada, mas não cerce. O tronco trifurcado permaneceria, uma escultura à moda do Krasjberg. Chamou-se o Fabiano (toda vez que o jovem é chamado me lembro de seu xará de “Vidas Secas”, do Graciliano Ramos) e o corte foi feito.

Qual não foi minha surpresa, passando algum tempo, novos galhos, com miúdas folhinhas verdes, começaram a aparecer. Foram arrancados. Isso se repetiu muitas vezes. Até que, no início deste 1999, me rebelei. Nada de cortes.

Agora, chego à varanda, sento-me na cadeira de braços, nem tenho necessidade de fundo musical ou de um livro perdido no regaço. Basta-me a árvore. Ela me atrai, prende minha atenção, perco-me em elocubrações que nada têm (ou terão?) com a paisagem em que me insiro. Estou atento ao balouço dos frágeis galhos, das tenras folhas, imaginando se daqui a pouco um vendaval ou a leve aragem virá e outra vez tudo será arrancado. Então, por incrível que pareça, nenhuma dúvida me atormenta: tenho certeza, absoluta certeza, de que do rugoso tronco, novos galhos surgirão, dos novos galhos, novas folhas, num perene renascer.

Qual a lição a tirar? Não sei! Basta-me acompanhar “a árvore” lutando por sua sobrevivência e esperar que algum possível leitor procure explicações que não tenho como lhe dar.

027: Outras árvores

MIGUEL, Salim. Outras árvores. **A Notícia**. Joinville, 29 de abr. de 1999, p. C-3. Anexo.

Outras árvores

- Quais os motivos da discriminação?, reclamou Eglê, minha mulher.

- Que discriminação?, retruquei.

- Ora, sabes muito bem.

- Não sei, não.

- Nem me refiro à árvore, que por sinal se chama cinamomo. Mas a outras que esqueceste de mencionar.

- Não esqueci. Só falei do jardim.

- E a goiabeira?

- Não é, ainda, uma árvore. Apenas projeto de...

- E o araçazeiro?

- Pra começo, não fica na frente, mas do lado do terreno. Mas a lembrança foi boa. Por vezes penso que as árvores sentem, ouvem. Esse dava umas frutinhas enfezadas. Um dia sugeri que fosse cortado. Não concordaste. No outro ano foi uma pletora de araçás, consumidos e distribuídos.

- Claro que me lembro. E a cerca-viva?

- Como nada entendo de árvore, nem sei a que família pertence.

- Mas cobre todas as divi-

sas do terreno...

- Sei. E daí?

- Nada não. Contigo é impossível conversar. Puxas para o lado que queres.

- Não é bem assim. Adoto critérios.

- Quais?

- A pitangueira, cadê as pitangas? Falei em cortar? Não! Quem sabe seria oportuno fazermos uma conversa perto dela, como fizemos com o araçazeiro.

- E o pé de caqui?

- Só fica onde está pela sombra e pela beleza da renovação de todo ano. Primeiro as folhas secam e atulham o chão, depois as folhinhas verdes que vão brotando dos galhos, depois os caquis, amargos e menores que uma jaboticaba.

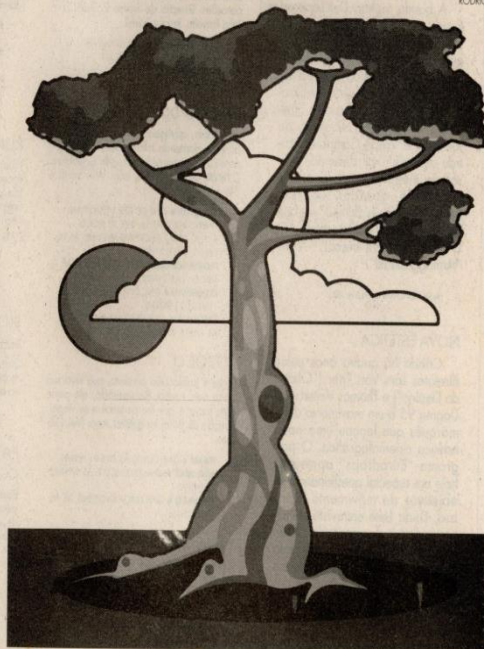
- Vais continuar este relatório?

- Sim. Me provocaste. O que cortamos, com pesar, foram as duas nogueiras. A casa foi construída ao pé delas. Não nos preveniram nem nos demos conta do perigo. Duras, as nozes, a cada ano, faziam

um estrago nas telhas. Isso era o de menos. Eu estava ficando neurotizado. Nem havia necessidade de leve aragem. As nozes, preferentemente de noite, despencavam com um ploç. Eu interrompia a leitura ou acordava, atento ao novo ploç, que podia vir em seguida ou demorar. Tivemos que chamar os bombeiros.

- Tudo bem. E a videira, que está no portão de entrada, em frente à garagem?

- Aqui tens razão. Ficou de fora da outra crônica de propósito. Te lembra? A muda veio da casa de meu pai, lá da avenida Rio Branco. Ele cuidava da poda, ficava à espera das folhas verdes para um gostoso malfufe (charuto), depois acompanhava o crescimento dos cachos, até que colhia o primeiro, nos chamava, risinho, e dizia: "Provem, provem, que uvas saborosas!". E eram. Agora, a cada ano, faço eu o mesmo, fico na ansiosa espera. E não me canso de repetir, para os parentes e amigos: "Provem, provem, vejam que uvas saborosas..."



RODRIGO

028: Trajetória de um escritor

MIGUEL, Salim. Trajetória de um escritor. *A Notícia*. Joinville, 6 de maio de 1999, p. C-3. Anexo.

Trajetória de um escritor

Venho acompanhando, com interesse, a caminhada de David Gonçalves na sucessão de seus livros, mais de uma dezena. Criando uma cidade imaginária, Quadrínculo, à qual confere autenticidade, vai povoando-a de seres das mais diferentes categorias. As tramas do autor se sustentam e nos prendem. Neste seu mais recente livro, "O Rei da Estrada", ele utiliza um hábil artifício na condução do entrecho, quando, fixando-o no tempo, diz: "Eram 23 horas do dia 8 de agosto deste ano". Isso situa o texto no presente: lido hoje ou daqui a não importa quanto tempo, estaremos sempre "neste ano". Bom contador de histórias, sabe manter o leitor atento à sua proposta narrativa. Fiel à sua maneira de ser, tem ele uma visão de mundo peculiar, que impregna seus livros e permite a identificação de situações e tipos, que transitam de um para outro livro, sem, necessariamente, manterem o mesmo nome ou fisionomia. A linguagem é coloquial e solta, sem malabarismos, a fim de segurar a atenção na história e até, por vezes, fazer-nos dela partícipes. Exemplo é o livro, angustiante, dos velhinhos.

Concordo com Gilberto Mendonça Telles, quando diz: "A linguagem é verdadeiramente popular, mas um popular trabalhado para ser popular, pois o autor sabe extrair da literatura oral as forças vivas de suas narrativas, todas elas comprometidas com os destinos sociais do homem brasileiro".

É pacífico que todos os temas, por mais corriqueiros ou fantasiosos que possam ser, já foram minuciosamente tratados por escritores de todas as latitudes e épocas. Importa, no caso, a maneira nova de tratá-los, a abordagem, o enfoque, a visão do autor, o que o diferencia de outro.

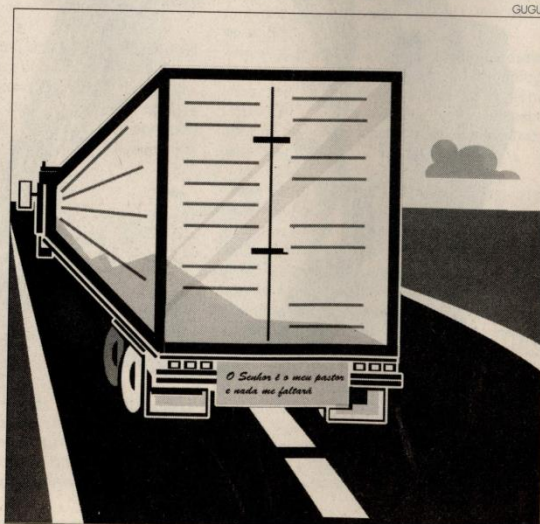
Comecei a ler "O Rei da Estrada" com certa preocupação e boa dose de receio. A preocupação não me largava, não me saía da cabeça o romance "Jorge, um Brasileiro", de Osvaldo França Júnior, exímio contador de histórias, mestre do coloquial e do diálogo. Ganha-

dor do Walmap, principal prêmio literário à época, transformado, com o título de "Carga Pesada", em seriado de TV, marcou, sem dúvida, um momento significativo da prosa brasileira contemporânea, ao tratar dos caminhoneiros.

Mas a saga dos caminhoneiros permite numerosas bifurcações, encruzilhadas, encontros e desencontros. O tema, em seu fulcro, pode parecer (ou é) o mesmo. Aí entram a capacidade do escritor, sua sensibilidade, seu trabalho narrativo ao domar o verbo, o recado estético e humano que busca transmitir.

David Gonçalves resolveu enfrentar o desafio. E soube fazê-lo. Se tinha ou não conhecimento do romance de França Júnior, pouco importa. Caso sim, o desafio fica maior. Revela sua capacidade, sua força de criador de personagens, imagens, situações. Na introdução, David Gonçalves explica que durante quatro anos estudou a vida dos caminhoneiros, suas angústias, seus amores, a dramática luta contra a selvageria capitalista. Através de narrador na primeira pessoa, o autor funde o real e o imaginário e vai nos revelando um Brasil conhecido/desconhecido, entremeadado de esperanças e desilusões. Embora o protagonista afirme, num momento de desencanto, que "pintaram o mundo de cinzento", outros personagens, como o sargento, consideram: "Cada um tem um caminho. Um dia, quem sabe, as estradas se encontram". Um achado é o dos títulos dos capítulos. São, todos, frases extraídas (ou criadas) de pára-choques de caminhões. E nem falta um toque de lirismo na figura de Ângela, com quem o narrador se envolve.

Misturando aventura, emoção, romantismo, desencontros, Gonçalves puxa o leitor para o seu universo, utilizando-se da narrativa na primeira pessoa (o mesmo que faz Osvaldo França Júnior em "Jorge, um Brasileiro"), e o vai levando pela mão na descoberta de um mundo brutal, mas que pode se tornar mais solidário e humano, o que só depende de uma tomada de consciência.



029: E a nossa TV Cultura

MIGUEL, Salim. E a nossa TV Cultura? **A Notícia**. Joinville, 15 de maio de 1999, p. C-3. Anexo.

E a nossa TV Cultura?

Vai para cinco anos (ou mais?) de vida a TV Cultura (ex-TV Anhatomirim) de Florianópolis. Só que, até agora, não decolou. Quase poderia dizer: vegeta. Vamos aos fatos.

Primeiro, a dificuldade para se conseguir a concessão do canal. Depois, a disputa: com quem ficaria? Acabou ficando com a UFSC e a Udesc. Seguiu-se a implantação, o acordo com a TV Cultura, de São Paulo, e a TV Educativa, do Rio de Janeiro, para a retransmissão de programas. Até que, certo dia, timidamente, lá estava a imagem em nossos televisores.

Constituiu uma opção, com atrações alternativas e mais conseqüentes, para se fugir dos “Silvio Santos”, “Fantástico”, “Ratinho”, “Tiazinhas, bispo Macedo e que tais.

O espectador se animou: os adultos passaram a contar, entre tantos, com o “Canal Livre”, “Opinião Nacional”, “Jornal das Dez”, “Diário do Teatro”, “Metrópolis”, “Conexão Internacional”, “Revista de Cinema”, “Sem Censura”, entrevistas e depoimentos. E para a criançada, o “Castelo Rá-Tim-Bum”, por exemplo.

Bastava? Não! Havia necessidade de programas da terra, que mostrassem nossa maneira de ser, nosso potencial cultural.

Para tanto, tornava-se indispensável a aquisição de novos equipamentos. Onde os recursos? Montou-se um projeto, foram conseguidos, partiu-se para a aquisição, no exterior. Veio então a luta na alfândega, para liberá-los, ao contrário do que ocorre com as TVs comerciais, que conseguem tudo com facilidade. Liberados, agora era implantá-los, testá-los, preparar técnicos para operá-los.

Tubo bem? Não!

E a grade local? Qual a hora de se ter uma? Daqui a pouco, repetia-se. E não chegava o daqui a pouco.

Até que um dia chegou. No comecinho deste ano. Outros programas começaram a ser pensados. De repente, tudo foi cancelado.

Motivo? Falta de recursos. Qual o montante mensal? Trinta mil reais. Sobraram apenas os oito mil reais para que se mantenha a retransmissão das TVs de São Paulo e do Rio de Janeiro.

As duas universidades alegaram corte no orçamento.

Infelizmente, alega-se a crise para cortar investimentos em educação e cultura. Mas, pergunta-se, não dava para tirar mil reais daqui, dois mil dali? E não dava para fazer o que vem fazendo a TV Cultura de São Paulo: sair em busca de apoio da iniciativa privada? Será que não temos ninguém que apóie um telejornal, um programa de entrevistas ou de pesquisa sobre o que somos? E será que o governo do Estado e os municípios da Grande Florianópolis não estariam dispostos a colaborar? Isto foi ao menos tentado?

Bem, logo a TV Cultura de Florianópolis se integraria a outras do Estado e também do País. E passaria a atuar em cadeia.

Não faz muito, importante programa de debate envolveu as TVs do gênero de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Rio Grande do Sul. É comum assistir-se a programas em que escritores são entrevistados na TVE de Minas Gerais, ou peças teatrais na TVE do Maranhão.

Será que a TV Cultura de Florianópolis vai se eternizar como repetidora? Quem sabe, nem isto? Amanhã ou depois circulará a notícia de que fechou as portas. E fica tudo por isso mesmo.

030: Trevisan/ Curitiba/ Vampiro

MIGUEL, Salim. Trevisan/ Curitiba/ Vampiro. **A Notícia**. Joinville, 20 de maio de 1999, p. C-3. Anexo.

TREVISAN/CURITIBA/VAMPIRO

Falar em Dalton Trevisan é falar em Curitiba, é falar no vampiro, é falar na revista "Joaquim", é falar em conto. Ainda: é falar no Poty gravador, que marcou tantos textos do escritor. E se quisermos avançar mais, (ou recuar no tempo) é falar, também, em Guido Viaro, capista e ilustrador do primeiro livro do autor. Desde suas tentativas iniciais, entremostrou-se, de forma clara, o vampiro de Curitiba — que jamais abandonou sua terra e sua gente. Este "abandonou" é no sentido mais lato. Trevisan recusou-se a sair de seu chão nativo. E fe(a)z, como norma, não aparecer, não se deixar fotografar, não dar entrevistas nem depoimentos.

Escreve — e quem quiser conhecê-lo e a sua mensagem estética e humana é lê-lo. Pervagando as noites curitibanas, demorando-se em bares infectos, conversando com os joãos e as marias, Trevisan constrói um universo todo seu (amargo-cético-irônico-lírico-real-fantástico), composto de seres miudinhos, ao mesmo tempo símeles e divergentes em sua uma ficção. Define esta obra o poder de síntese, a ponto de, em determinado momento, chegar quase ao *hai-kai*.

De que maneira, assim de repente, voltei a me debruçar sobre Trevisan e sua trajetória literária? Conversava com um amigo, Garcia, ambos apaixonados por livros, quando se impôs o vampiro de Curitiba. Como? Garcia me diz: "Trevisan gostaria de eliminar, de sua bibliografia, o primeiro de seus livros publicados. Relata a lenda que ele forçou um amigo a surrupiar o exemplar de uma biblioteca em Curitiba. Destruiu-o; faria o mesmo com todos". E eu: "Tenho um exemplar, quem sabe dos últimos". Garcia: "Não é possível!" Eu: "E não só. Também "Sete Anos de Pastor", contos (1948) e alguns dos cordéis.

Contista conhecido e consagrado nacional e internacionalmente, Trevisan começou publicando "Sonata ao Luar", novela (1945), que hoje rejeita. Isso não é incomum entre autores, que começam cedo. É a vontade de ver o que se escreve na chamada letra de forma. "Sonata ao Luar", ainda informe, já tem, em

embrião o que viria depois. Há, além do pessimismo e do humor ácido, de suas idiossincrasias, da mesma forma em que outros textos precoces, um leve toque de lirismo à Marques Rebelo. Relandando-se, mais de 50 anos passados, a novela, e contos do livro "Sete Anos de Pastor", percebe-se tal toque, que logo seria substituído por uma forte marca tão pessoal e intransferível.

A discussão, entre escritores, sobre o reescrever um texto depois de publicado é inesgotável. Para Trevisan, é um direito inalienável do autor. A cada reedição o conto é o mesmo e é outro. Certamente, deve ele pensar que os temas são restritos, são sempre os joãos e as marias envolvidos nas poucas tramas do desnorteante dia-a-dia. Então, por que não retomá-los se percebermos que se pode, mantendo-se o fulcro, enxugar, o quanto for necessário, a forma?

Só um exemplo: durante a década de 50, Trevisan andou publicando cordéis, à moda dos cantadores do Nordeste. Mais tarde retomou-os, incluindo-os em livros. O conto "Os Domingos", ou "Ao Armazém de Lucas", de 1954, na primeira pessoa, começa assim: "Foi Marta quem me chamou para a cama. Ela me seduziu com dois copos de vinagrão. Bem que a velha me praguejou: o Lucas não é mais o filho de minhas bênçãos.

Tua perdição, meu filho, é a bebida. Ela desgraçou teu pai, teu irmão. Eu sei (só eu sei) que não foi o vinagrão, foi o domingo". Eis a mesma história no volume "Novelas Nada Exemplares", de 1959, Editora José Olympio/RJ, com o título reduzido para "O Domingo", transposto para a terceira pessoa: "Marta chamou-o para a cama, seduzindo-o com um copo de vinho. Bem que a velha praguejou: Tua perdição, meu filho, é a bebida. Ela desgraçou teu pai. Ele sabia (apenas ele) que não foi o vinho, foi o domingo".

A análise da obra do vampiro de Curitiba, não só sob este aspecto, mas em tantos outros, é fascinante. Nosso propósito não foi aprofundar a questão. Apenas aflorá-la, provocado pelo amigo Garcia. E colocar em lugar seguro meu exemplar de "Sonata ao Luar".



031: MASC: 50 ou 51 anos?

MIGUEL, Salim. MASC: 50 ou 51 anos? **A Notícia**. Joinville, 27 de maio. de 1999, p. C-3. Anexo.

MASC: 50 OU 51 ANOS?

Foi em 1948. Mal acabara de sair o número dois da revista “Sul”, chega uma carta. Era de Flávio de Aquino, catarinense residindo no Rio de Janeiro, arquiteto, crítico de arte. Para o Aníbal Nunes Pires, membro do Círculo de Arte Moderna, que se tornaria conhecido como Grupo Sul. A carta dizia: “Catarinenses no Rio (Flávio de Aquino, Alcídio Mafra de Souza, Moacyr Fernandes, José Silveira d’Ávila), frequentadores dos bares Vermelhinho e Amarelinho, reduto de boêmios e artistas, em conversa com o escritor Marques Rebelo, lhe mostraram a revista. Rebelo gostou, se propôs a realizar, em Florianópolis, como já fizera em outras regiões, uma exposição de arte contemporânea”.

Sem pensar nas dificuldades, os do grupo decidiram ir à luta. Aníbal escreveu ao Flávio. Logo, nova carta, do próprio Rebelo. E no número três da revista, a pergunta: Marques Rebelo em Florianópolis? No número seguinte, a confirmação: Marques Rebelo em Florianópolis.

Chega setembro — e no Grupo Escolar Dias Velho, esquina da Saldanha Marinho com Vítor Meireles, a exposição. Com ela, três palestras do Marques Rebelo. Para a concretização do evento, contou-se ainda com o apoio do Jorge Lacerda, que dirigia o suplemento literário “Letras e Artes”, e a sensibilidade do governador Aderbal Ramos da Silva e do secretário da Educação Armando Simone Pereira.

Foram dias de discussões e controvérsias, uns entusiasmados com a exposição e as palestras, outros indignados com aquilo que vinha conspurcar nossos foros de cidade civilizada. A verdade é que a mostra deitou raízes, foi o embrião de um museu, que se chamou Museu de Arte Moderna de Florianópolis. Pela primeira vez via-se, na terrinha, entre outras, telas de Portinari, Guignard, Di Cavalcanti, Iberê Camargo, Pancetti, além de gravadores, desenhistas e, ainda, reprodu-

ções de artistas plásticos de vários países.

Apesar das restrições, o museu ganhou força, maior apoio, aumentou seu acervo. E, em 19 de março de 1949, foi oficializado, sendo o primeiro de seu gênero em nosso País. Era um dos três museus resultantes do trabalho de Marques Rebelo. Já havia um em Cataguzes/MG, com o decidido apoio do Francisco Inácio Peixoto, que participara da revista “Verde”, na década de 20, e outro em Resende/RJ, que teve a colaboração do então jovem escritor Macedo Miranda.

A trajetória do museu foi acidentada. Andou por improvisadas sedes, quadros mofaram em porões insalubres, outros sumiram. Mas nada disso foi capaz de apagar a chama. Nesse meio tempo, em 1970, passou a chamar-se Museu de Arte de Santa Catarina. Seu acervo jamais parou de crescer. Hoje, ao completar 50 anos (51, se considerarmos 1948 como data festiva de sua criação), conta com um valioso acervo de cerca de 1.300 peças e é referência nacional e internacional.

Programam-se comemorações mais que merecidas para o cinquentenário. A direção retorna João Evangelista, um de seus primeiros diretores, na década de 50.

A vinda de Marques Rebelo e subsequente criação do museu, as exposições, os cursos, a presença, em seus primeiros tempos, de nomes como um Carlos Scliar, um Bruno Giorgi, um Trindade Leal, sem esquecer o apoio decisivo de nosso Martinho de Haro, modificaram o ambiente das artes em Santa Catarina, o que possibilitou a floração de um número significativo de artistas muito importantes, entre eles um Meyer Filho, um Hassis, um Aldo Nunes, um Tércio Gama, um Rodrigo de Haro, um Hugo Mund Jr., para ficarmos apenas nos que começaram a aparecer naquele período.

Para concluir: o signatário foi testemunha ocular da(s) história(s) e dela(s) (e de seu(s) desdobramento(s)), participe.



032: Um presente, um extravio

MIGUEL, Salim. Um presente, um extravio. **A Notícia**. Joinville, 3 de jun. de 1999, p. C-3. Anexo.

UM PRESENTE, UM EXTRAVIO

Toca o telefone, Eglê, minha mulher, atende, diz, pra ti. Era para nós ambos. O secretário da Leonor pergunta se vamos à festa. Digo sim. Convite dela é ordem.

Leonor e Eglê estudaram no Colégio Americano/Porto Alegre. Ficaram amigas, participaram de movimentos políticos. Suave e decidida, cosmopolita por vocação e ilhoa por gosto, sensível, Leonor pode estar hoje em Florianópolis e amanhã em qualquer parte do mundo. Veio para a UFSC, se apaixonou pela terrinha. Professora-doutora, poeta, ensaísta, tradutora, em tudo se desempenha com extrema competência.

Um interregno.

A primeira vez que estivemos na bela e acolhedora casa de Leonor, eu dirigia. Sem vocação, dependo, sempre, da Elgê, copilota. Era de noite, fomos para uma reunião. Chegamos, quase no finalzinho.

Explico: Leonor mora na rua São Miguel, bairro Saco Grande. Lá de cima se divisa bom pedaço da Capital. Compensa a subida e os descaminhos. E tem-se gostoso bate-papo. Se chegar é complicado, não menos a descida. É que a rua não se satisfaz em ser uma. Tem bifurcações. Como quem diz, vê se me encontras... Compromisso: visitas para a Leonor de táxi. Só que o motorista sabia menos que eu dos descaminhos. Depois de idas-e-vindas, chegamos. A volta? Carona do amigo Gerlach. Nova deliberação: ao motorista, um interrogatório: se sabe da rua, dos descaminhos, se está disposto a nos levar e pegar.

O interregno teve seus motivos... Retornemos à festa.

No convite dizia: a partir das oito. Telefonei para um motorista. Sabia da rua. Concordava com a proposta. Não demorou estávamos na São Miguel. Sabia da rua, menos dos descaminhos. Fomos adiante, paramos quase num groto, recuamos, carros subiam por ali. Fizemos parar um motociclista. Perguntei: rua São Miguel? E ele: é. Acrescentou: pra festa, não tem retorno, abarrotado. É caminhar um trequinho. Chegamos — só então Eglê notou que havia deixado no carro o presente. Con-

seguimos ir até a Leonor, varando multidão. Eglê foi em busca de um telefone. O celular do motorista estava fora de área. Me pergunto, quando não. Deu um tempo, telefonou para o ponto, torceu para que o pacote continuasse no táxi. O homem disse: "Achei estranho, todos com um pacote e a senhora de mãos abanando".

Faltam informações? Culpa desta minha paixão pelas histórias das "Mil e uma Noites" e seu vaivém.

Começo pelo nome completo: Leonor Scliar-Cabral. Para muitos é supérfluo. Pretensão ser lido por mais gente, que não tem a satisfação de conhecê-la. E aos primos: Carlos Scliar, pintor, Salomão Scliar, fotógrafo e cineasta, Moacyr Scliar, escritor, amigos.

A Leonor estava de aniversário. Não digo quantos anos. Quem tiver curiosidade procure no convite, que lá está. Motivo?

Eu colaborava na Enciclopédia Delta-Larousse, redigindo verbetes sobre escritores brasileiros. Telefonei para a Maura de Senna Pereira, outra querida amiga, excelente poeta. Queria incluí-la. Maura se mostrou feliz. Só resmungou: idade não se pergunta pra mulher...

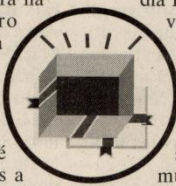
A festa prosseguia. Mas animada e mostrou novas gerações de artistas que começam a aparecer na família Scliar.

Na hora combinada, lá estava o motorista com o pacote. Eglê agradeceu, foi entregá-lo à destinatária. O homem avisou: o táxi está ali pertinho, não em frente da casa, impossível. Tudo bem? Não!

O Iaponan Soares vinha com a gente. Cadê o "ali pertinho"? Os extraviados éramos nós, não o presente. Este fora só um esquecimento, com final feliz. Já desesperávamos. Misteriosamente, o carro surgiu. Ficava rodando, sem lugar na rua para estacionar.

Uma expressão d'antanho: "festa d'arromba", digna da aniversariante, que merece tudo aquilo e muito mais.

Só tenho uma queixa da minha (nossa) querida Leonor Scliar-Cabral: bem que ela poderia reivindicar um heliporto ou um teleférico, da mansão até a praia do bairro, nem tão distante...



033: Poetas e poesia

MIGUEL, Salim. Poetas e poesia. **A Notícia**. Joinville. 10 jun. de 1999, p. C-3. Anexo.

POETAS E POESIA

Dois livros recém-lançados, “Terra e Outros Poemas”, de Aníbal Nunes Pires, Ed. Athanor, e “A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50”, de Valdézia Pereira, Ed. da UFSC, me remetem ao Círculo de Arte Moderna, que passaria à história como Grupo Sul.

Falar no Aníbal é fácil e é difícil. Fácil porque, além de humanista e sábio, na definição de Rodrigo de Haro, era uma vocação inquestionável de professor; os que tiveram a sorte de ser seus alunos, se transformaram em admiradores e amigos. Sabendo transmitir, não tinha a empáfia do “magister dixit”.

Falei em difícil. Sim, no sentido de uma análise de sua obra tão escassa. Aníbal tinha o que dizer. E possuía o instrumental para fazê-lo. Sensível, atento ao novo e conhecendo o clássico, distinguia e avaliava. Poderia ter deixado obra substancial em verso e prosa. Cobrava produção dos outros, reclamava: escrevam mais, vamos, isto não basta. Ria e mudava de assunto, quando se redarguia: e tu?

“Terra e Outros Poemas” é uma seleção do fazer poético do Aníbal. Eis um exemplo: “Ser poeta/ É habitar todos os mundos/ Num só mundo” E este “Cidade Natal”: “Os fundos do meu quintal/ e a figueira da praça XV/ ... a ponte Hercílio Luz/ não existia/ na minha infância”. Além do poder de síntese, e do lirismo, é todo um quadro que se desenha diante do leitor. Seria necessário resgatar as notas críticas, os contos e o romance inacabado que Aníbal Nunes Pires deixou.

De uns tempos para cá, o Grupo Sul vem sendo estudado. O movimento foi cultural (teatro, cinema, artes plásticas, ciclos de debates) e não apenas literário. A menos estudada, na área literária, foi a poesia. Daí saudarmos, com entusiasmo, o livro de Valdézia Pereira. Muitos da Sul se ensaiaram no verso, mas apenas quatro deixaram uma contribuição válida e são estudados pela autora, que, além da coleção completa da Sul, pesquisou

os livros de Aníbal Nunes Pires, Antônio Paladino, Eglê Malheiros e Walmor Cardoso da Silva, além de publicações da época e entrevistou membros do grupo. A análise que Valdézia faz do período e dos autores é pertinente. Para melhor situar sua proposta, ela confronta a geração da Academia com a geração Sul. Uma seleção de poemas e sucintas notas biográficas completam o volume.

De Aníbal, já falei. Antônio Paladino, inteligente, fina sensibilidade, devorador de livros dos quais sabia extrair o sumo, morreu de asma e tuberculose aos 24 anos. Sua produção foi reunida no volume “A Ponte”. Poderia ter sido excelente poeta, contista, crítico. Veja-se este fragmento do poema “Cantiga Triste”: “Da ponta dos dedos os versos escorrem/ Pegajosamente// Os versos caminham/ E esparramam a sua mensagem/ Por onde passam/ São versos indecisos... // E eles vibram/ E são castigados// O desequilíbrio do mundo afoga os versos que morrem”.

Walmor Cardoso da Silva e Eglê Malheiros me parecem as duas principais vocações poéticas do Grupo Sul. Por inexplicáveis razões, ambos, que começaram tão auspiciosamente, com “Idade 21” (Walmor), por sinal o primeiro Caderno Sul, e “Manhã” (Eglê), nada mais publicaram em livro. Exemplo da poesia do Walmor: “História” — “Revolta”/ Lindamente ao sol/ Os grupos satisfeitos// Mortos”. Veja-se o poder de síntese, a economia de meios, onde com tão pouco tanto é dito. Agora, da Eglê, este trecho do poema “Azul”: “A beleza é constante:/ Momento de espanto em meio ao repouso/ Garganta de ave cindindo o silêncio/ Planície de enlevo anulando o fragor”. Melancolia e lirismo se entrelaçam no bucolismo da paisagem.

Este resgate substantivo, que deve ter custado meses (ou anos) de pesquisa a Valdézia Pereira, é de suma importância, não só para o Grupo Sul, mas por permitir um melhor conhecimento da realidade cultural de Santa Catarina.



034: Relendo Augusto dos Anjos

MIGUEL, Salim. Relendo Augusto dos Anjos. **A Notícia**. Joinville, 17 jun. de 1999, p. C-3. Anexo.

RELENDO AUGUSTO DOS ANJOS

Nada como uma releitura para convalidar um autor e/ou um livro. Exemplos clássicos, entre nós, são Machado de Assis e “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida. “O Bruxo do Comete Velho” não cansa de nos surpreender. Ficamos indecisos entre a escolha de seus contos, romances, crônicas como “O Velho Senado”, estudos como a análise da literatura brasileira. Não apenas isto: as releituras nos revelam novos aspectos de sua escrita, à medida em que ganhamos mais experiência de vida. E até hoje, cem anos depois, continuamos discutindo se Capitu traiu ou não Bentinho, no fascinante “Dom Casmurro”. Quanto a Manuel Antônio de Almeida, bastou-lhe um livro para fixar seu nome em nossas letras. E é com incontido entusiasmo que lemos/relemos as facécias do Sargento.

O mesmo ocorre com Augusto dos Anjos, também autor de um único livro, “Eu”, de poesia. Agora, ao receber um exemplar de sua fotobiografia, “Augusto dos Anjos, a Saga de um Poeta”, comemorativa dos cem anos de seu nascimento, depois de ler os estudos, ver o material fotográfico, a cronologia, não resisti, corri em busca do livrinho do poeta paraibano. Sim, pois, diante de outros poetas com dezenas de volumes publicados, é um livrinho. O que, de novo, nos prova que qualidade nada tem a ver com quantidade.

Minha geração foi marcada pelos versos de Augusto dos Anjos (1884/1914). Quase diria que, em determinado momento, ele nos atingiu mais fundo do que Cruz e Sousa (1861/1898). Em sua breve existência, Augusto dos Anjos nos legou uma obra carregada de pessimismo, em linguagem difícil também carregada de cientificismos, que muitas vezes nos obrigava a recorrer ao dicionário. Por exemplo, o primeiro poema do livro, “Monólogo de uma Sombra”, começa assim: “Sou uma Sombra! Venho de outra eras. Do cosmopolitismo das

moneras” — e lá fomos nós em busca do significado de “moneras”.

Jovens inquietos, calcurriávamos as ruas na noite da pacata Florianópolis, levados pelo “velho vento vagabundo” de Cruz e Sousa. Fechávamos bares como o Poema Bar, o Gato Preto, o João-bebe-água, um infecto lá pras bandas da ponte Hercílio Luz, outro nas imediações do Mercado Público, onde por vezes, quase ao amanhecer, víamos baleeiras descarregar peixe, legumes, verduras, frutas.

Ficávamos dizendo versos do poema, discutindo sua filosofia, sua estranha linguagem, sua dolorosa vida. Clamávamos: “Meia-noite. Ao meu quarto me recolho. Meu Deus! E este morcego! E agora vede” procurando similitude com “O Corvo”, de Edgar Allan Poe. Famos, então, na procura de outros, um insistia em dizer trechos de “As Cismas do Destino”, que começa: “Recife. Ponte Buarque de Macedo. Eu indo em direção à casa do Agra. Assombrado com a minha sombra magra. Pensava no destino e tinha medo.” Mas o que mais

nos excitava, provocando infundáveis discussões, era o soneto “Versos Íntimos”, que aqui transcrevo na íntegra, e que, relido, mais de 50 anos passados, me causa idêntico frêmito e me devolve à juventude, embora hoje discorde da visão niilista do poeta: “Vês! Ninguém assistiu ao formidável/ enterro de tua última quimera./ Somente a ingratitude — esta pantera, foi tua companheira inseparável/// Acostuma-te à lama que te espera! O homem, que, nesta terra miserável mora, entre feras, sente inevitável necessidade de também ser fera./ Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do esgarro. A mão que afaga é a mesma que apedreja.// Se a alguém causa inda pena a tua chaga/ apredeja essa mão vil que te afaga/ escarra nessa boca que te beija!”

Será que as gerações de hoje ainda se deixam levar por estes versos?



035: Poesia no Brasil: um século

MIGUEL, Salim. Poesia no Brasil: um século. **A Notícia**. Joinville, 27 de jun. de 1999, p. C-3. Anexo

POESIA NO BRASIL: UM SÉCULO

Um mapeamento do fazer poético no Brasil, no decorrer deste século, Estado por Estado, é a tarefa a que se propôs Assis Brasil.

Trabalhador infatigável no campo das letras, autêntico escritor profissional, com mais de 100 títulos publicados (romance, conto, infanto-juvenil, crítica, ensaio, biografias, antologias), além de atuação como jornalista, em tudo soube dar, com proficiência, seu recado. É detentor de alguns dos mais importantes prêmios literários do País e sua obra tem sido estudada em cursos e universidades.

O levantamento que Assis Brasil faz em cada Estado é abrangente. Ele pesquisa e levanta o que existe e qual a mensagem de cada autor incluído nas antologias. O critério de valoração dos antologiadados fica para o analista e o leitor. E, de repente, a gente se depara com um autor por nós ignorado, seja do início do século ou de nossos dias, que, tendo o que dizer, é uma agradável surpresa. Isso inevitavelmente ocorre num país da extensão territorial do Brasil, com tão variadas manifestações culturais e autores que não têm como ultrapassar sua região. Assim, quantos valores permanecem desconhecidos ou se estiolam.

Além de reunir em um só volume o que foi produzido, a coleção de antologias de Assis Brasil presta um serviço às escolas e aos pesquisadores.

De cada autor incluído há uma sucinta biografia, relação das obras, uma seleção de poemas representativos e uma bibliografia, para os que desejarem se aprofundar no tema geral ou em um autor em particular.

Mais de dez volumes já foram publicados, pela Imago RJ, e apoio de uma instituição estadual. O primeiro foi o do Maranhão (1994); no ano seguinte, o do Piauí, terra do autor. O mais recente é o da Bahia, com quase 70 poemas e cerca de 300 páginas.

A ordem é cronológica, tra-

zando, abaixo do nome do poeta, as datas extremas. O volume baiano começa por Franklin Dória (1836/1906) e se encerra com Ana Cerqueira (1964).

Entre os nomes selecionados há alguns praticamente desconhecidos para os leitores de outros Estados, quando não do próprio Estado do poeta, não obstante o seu valor. Por exemplo: Álvaro Reis (1880-1932), que em poemas como o primeiro quarteto de "D. Branca" (Branca, da alvura cisneal de um lírio/ Da alvura líria de um cisne régio!/ Da brancura ideal, do alvor egrégio/ De alma visão castíssima do empíreo!), encontram-se ecos do nosso Cruz e Sousa.

Ao mesmo tempo em que se fazem tais descobertas, vai se também deparando com nomes como Ruy Espinheira Filho (ganhador do primeiro prêmio Cruz e Sousa), Ildásio Tavares,

Antônio Brasileiro, Jorge Medauar (mais conhecido por sua obra contística), Cid Seixas, Telmo Padilha, Cláudio Portugal, Cláudio Anísio Maior, Miriam Fraga, Cyro de Mattos, José Carlos Capinam, Florisvaldo Mattos,

Pedro Kilkerry, Eugênio Gomes, Sosígenes Costa, Jacinta Passos, Fernando Sales, Helena Parente Cunha (outra ganhadora do prêmio Cruz e Sousa), de várias gerações e tendências, que tiveram como atravessar as fronteiras do Estado natal. Estranho a ausência do Hélios Pólvora, excepcional contista e crítico, autor de poemas bastante significativos.

Há, na coleção, uma unidade de visão. Pequenas diferenças são naturais e compreensíveis. Cada volume começa com as "Epígrafes", segue-se "Transição Século 19/20", concluindo com "Tendências", antes de entrar na "Antologia".

Há muito se fala no volume dedicado a Santa Catarina. Eu mesmo a ele me referi em várias ocasiões. Assis Brasil já está com o trabalho praticamente pronto. Parece que, afinal, nossos órgãos de cultura se sensibilizaram — e agora sai. Que saia logo.



036: Cultura e simplicidade

MIGUEL, Salim. Cultura e simplicidade. **A Notícia**. Joinville, 1 de jul. de 1999, p. C-3. Anexo.

CULTURA E SIMPLICIDADE

Foi na Livraria Anita Garibaldi, esquina da praça 15 de Novembro com a rua Conselheiro Mafra, em Florianópolis, década de 50, que passei a conhecer melhor o desembargador Hercílio Medeiros. Eu já ouvira falar dele e de sua cultura, por vezes nos cruzávamos e trocávamos palavras nas ruas da terrinha.

Única no gênero, tendo de tudo, a livraria era ponto de encontro. Lá as pessoas se aproximavam, discutiam, em especial política e literatura. Hercílio Medeiros percorria as estantes, folheava livros, jornais, revistas, perguntava pelas novidades, fazia encomendas. Humanista, dotado de cultura geral e grande sensibilidade, era de uma geração formada sob a influência da França. Depois da 2ª Guerra é que começaria o predomínio norte-americano. Passamos a conversar sobre livros e autores. "A conversar" é exagero. Eu, na minha ânsia de saber, puxava por ele, que não se fazia de rogado; atencioso, colocava-se à altura do ouvinte, embora soubesse infinitamente mais. Nada havia de exibição, mas o simples desejo de transmitir seus conhecimentos ao iniciante.

Certo dia me dei conta: jornais e revistas francesas, que Hercílio Medeiros encomendava, eram para ser lidas, mas também para acompanhar o que se publicava pelo mundo, em especial nas editoras francesas.

Passei a ficar atento às encomendas que ele fazia — e encomendava dois exemplares, com o seguinte argumento: se o desembargador Hercílio escolhia tais livros, deviam ser bons. E eram. Foi assim que tomei conhecimento de muitos autores franceses — e foi assim que, anos mais tarde, quando necessitei escrever um artigo sobre o livro "A Orgia Perpétua", de Vargas Llosa, muito me ajudou a correspondência de Flaubert.

Não posso dizer que só a Hercílio Medeiros devo o conhecimento de tal literatura. Ao mesmo tempo em que ia fazendo minhas próprias descobertas, outras pessoas me valiam. O doutor Arthur Pereira e Oliveira, muito amigo de um tio da Eglê, o médico César Ávila, sabendo do nosso interesse, não só nos indicava, como nos deu alguns livros, em especial Anatole France, Rabelais e Balzac. O Marques Rebelo nos apresentou a um Radiguet, um Fournier, um Renard — e de maneira curiosa, fomos ao Rio, não deixávamos de visitá-lo, à saída ele dizia, "leve este livrinho, na próxima vez me diga o que achou".

Impossível também esquecer a Editora Globo, de Porto Alegre que, sob a orientação de Paulo Rónai, colocou à disposição dos leitores brasileiros nomes como Roger Martin du Gard, Romain Rolland e toda a obra de Balzac.

É mais do que tempo de voltar a Hercílio Medeiros. No meio

de uma conversa, falei-lhe do entusiasmo com que estava lendo "Histoires Naturelles", de Jules Renard. E ele, admirado: — "Renard! Como chegou a um escritor desconhecido no Brasil?" E eu: "Foi pelo Marques Rebelo". Medeiros falou-me com incontinente entusiasmo do autor e da peça em um ato "O Prazer de Romper". Insisti(mos) tanto que ele acabou fazendo a tradução, que saiu na revista "Sul". Foi um sucesso. Pelo texto e pela qualidade da tradução. Pedimos outras colaborações. Em vão. O que se conseguiu foi um artigo sobre Eça de Queiroz e um conto, este publicado sob pseudônimo, com o compromisso de não revelarmos a autoria.

Hercílio Medeiros fez parte de uma geração que lia muito e nada ou quase nada escreveu. Lembro-me, aqui, de outro nome, José Paulo Garcia, de quem, nos tempos da "Sul", só conseguimos arrancar, depois de muita luta, dois artigos sobre Machado de Assis. Garcia ainda hoje, se instado, desconversa e dá o assunto por terminado ao retrucar: "Escrever é com vocês; o que seria do escritor sem o leitor?"

Encerrado o ciclo da "Sul", continuamos a nos encontrar, falando de novas leituras. Hercílio Medeiros tinha sempre um livro que acabara de receber, e era taxativo, não deixava adquirir este, esqueça aquele. Sua orientação era sempre precisa, mesmo quando o título indicado não era de meu especial interesse. Tendo eu passado a residir no Rio, nas minhas esporádicas visitas a Florianópolis, fazia questão de procurá-lo. E quando retornei, sempre que nos cruzávamos tínhamos um tempinho para falar das últimas leituras, ele atento a tudo, especialmente dedicado à releitura de suas antigas paixões e à descoberta de novos autores. Eu falava-lhe com entusiasmo dos hispano-americanos. Aos poucos, os encontros rarearam.

Por uma dessas estranhas coincidências, há bem poucos dias, visitei o amigo Garcia. Começamos, como é de praxe, falando sobre Machado de Assis e do centenário de publicação de "Dom Casmurro". Não me explico a razão, mas em determinado momento estávamos falando no Hercílio Medeiros e eu relembra-vamos a modelar tradução que ele fizera para a "Sul".

Agora, por um telefonema, fico sabendo do falecimento de Hercílio Medeiros. Embora lugar comum, não posso deixar de assinalar que é uma perda para a nossa cultura, por seu saber humanístico e por sua simplicidade como ser humano.

Minha esperança é que, entre os seus guardados, os filhos descubram os escritos de quem tinha muito a transmitir e, pelas amostras na revista "Sul", sabia fazê-lo. Será a maneira de recuperarmos uma parcela de quem nos deixou.



037: Ascendino Leite, escritor

MIGUEL, Salim. Ascendino Leite, escritor. **A Notícia**. Joinville, 8 de jul. 1999, p. C-3. Anexo.

ASCENDINO LEITE, ESCRITOR

João Pessoa, fins de março. Eu havia recebido um convite da Yó e do Cláudio Limeira para as comemorações do cinquentenário do "Correio das Artes". Ao aceitá-lo, disse que gostaria de me encontrar com Ascendino Leite. Continuava tendo notícias dele, recebia seus livros, lia-os e as colaborações na imprensa, mas há três décadas não nos víamos.

Jornalista, poeta, romancista, tradutor; uma vida inteira, de mais de 80 anos, dedicada às letras. Tudo ele sabe transmitir com extrema sensibilidade e competência, mas onde Ascendino é único é em seu "Jornal Literário", que já ultrapassa os vinte volumes. Temos, ao mesmo tempo, um retrato de corpo inteiro do homem e do artista e, por igual, de um longo período da história do Brasil, anotado quase dia-a-dia. Ascendino Leite não é um memorialista, buscando recuperar o ontem, como Pedro Nava, mas alguém tentando preservar o presente vivido.

Não tenho como precisar o momento em que o conheci. Sei que, antes de conhecê-lo, tomei contato com sua obra, instigante e provocativa. Comecei por "Estética do Modernismo", crítica, onde discute alguns problemas de maneira polêmica; depois seu primeiro romance, "A Viúva Branca"; li, também, a tradução de "Uma Vida", de Maupassant. E não demora estava lendo seu segundo romance "O Salto Mortal"; texto denso, sobre um estranho triângulo amoroso, com laivos simbolistas, onde o poeta e o prosador se complementam, é hermético, enigmático e fascinante. Ascendino Leite pertence a uma família literária extremamente rara entre nós, intimista e introspectiva.

Adianto um trecho da conversa que mantivemos, no dia em que cheguei a João Pessoa. Disse-lhe de minha admiração por Cornélio Penna, autor de obra escassa e pouco conhecida, e que fico em dúvida se admiro mais "A Menina Morta" ou "Fronteira", embora também leia com agrado "Dois Romances de Nico Horta". Perguntei-lhe se ele não se julgava literalmente próximo... Não me deixou concluir, retrucando que conhecia Penna, mas não percebia tal aproximação.

A conversa, que deveria ser uma entrevista, durante o almoco, foi tumultuada. Todos queriam ouvi-lo. Além do mais, o entrevistador falou quase tanto quanto o entrevistado. E a gravação foi interrompida, para ser retomada depois. O "depois" só aconteceu por telefone. Valho-me, então do pouco que foi preservado na memória.

Comecei perguntando por escritores paraibanos, Jorge Américo de Almeida e José Lins do Rego; adiantei, antes de deixá-lo falar, que fora por intermédio deles que eu ficara admirando a terra paraibana e sua gente, antes mesmo de conhecer a Paraíba. Ascendino Leite concordou, falou com entusiasmo de "A Bagaceira", romance pioneiro de Zé Américo, do "Ciclo da Cana de Açúcar" e, em especial, de "Fogo Morto", do Zé Lins. Mas fez questão de acentuar que existiam outros nomes

importantes, como José Araújo Vieira, autor de oito romances, que ele compara, pela perfeição do estilo, a Machado de Assis. Acrescentou: "Seu 'Vida e Aventuras de Pedro Malazartes', se escrito em outro idioma de mais trânsito, seria reconhecido como um clássico". Citou, ainda, Alyrio Meira Vanderley e seu romance proletário "Bolsos Vazios". Depois de uma pausa, alteou a voz e disse: "Como esquecer o Perminio Asfora, por sinal seu patricio, cuja obra ficcional é tão importante e tão pouco conhecida! Bastaria para confirmá-lo em nossa ficção 'Vento Nordeste'". Sei que Ariano Suassuna não aceita a referência, mas sem este romance não creio que teríamos hoje o "Morte e Vida Severina". Provoquei-o: "E Ascendino Leite, onde situá-lo, já que estamos em terreno paraibano?" Ele reluta em discutir o assunto, pega o livro de poemas de Cruz e Sousa, fala de sua admiração pelo poeta tão sofrido e de tamanha força poética.

Pergunto então se um escritor depende da vocação, da perseverança, da insatisfação com o realizado. Ascendino sorri, olha-nos, não titubeia: "Sim, tudo isto é básico, mas fundamental é saber ler, não apenas o ABC, ler sempre e muito, os bons autores para ver como chegaram até lá e os maus para não segui-los. O que deve nos interessar é perquirir o ser humano em sua totalidade extrínseca e intrínseca, extrair-lhe o sumo, criar tipos que tenham autenticidade. O que me interessa é o povo e sua vivência". Ascendino busca tudo isso. Lê-lo, seja na poesia, na ficção, no jornal literário é penetrar num mundo pleno de indagações, com mais dúvidas do que certezas.

Havia muito o que discutir. Ficou para outra reunião, que infelizmente não aconteceu. Eu queria saber a opinião dele sobre escritores, os de ontem e os de hoje. Só houve tempo para Jorge Amado, de quem destacou "Gabriela, Cravo e Canela" e "Terras do Sem Fim", concordando quando perguntei por "A Morte e a Morte de Quincas-berro-d'água"; e Marques Rebelo, de quem elogiou o estilo, a preocupação com a forma e o conteúdo, mostrando preferência por "O Espelho Partido", amplo painel, retrato de um Brasil multifacetado e de personalidades que aparecem com pseudônimos, mas facilmente identificáveis. Eu queria saber mais, de suas leituras, de suas influências, se nele não havia algo de um Julian Green, por exemplo. Discordou. Insisti, citei outros nomes. Em vão.

A conclusão é óbvia: quem desejar, não só conhecê-lo, mas também à sua profunda, diversificada e volumosa obra, pode começar por qualquer dos gêneros por ele praticados, que sairá enriquecido. Ou ir diretamente ao "Jornal Literário", pois ali irá encontrar, além do homem e do artista, um retrato de nosso tempo, com todas as suas contradições e entrechoques. Mas como estamos no Brasil, talvez não seja fácil encontrar os livros desse escritor, que merece ser mais conhecido e estudado.



038: São Miguel, Biguaçu, Açores

MIGUEL, Salim. São Miguel, Biguaçu, Açores. **A Notícia**. Joinville, 15 jul. de 1999, p. C-3. Anexo.

SÃO MIGUEL, BIGUAÇU, AÇORES

A cabo de regressar de uma ins-
trutiva e gostosa viagem aos
Açores, sem sair de minha cadei-
ra, aqui em Florianópolis. Para
criar melhor clima, fui ouvir o
fado "Açores", na voz de Carlos do
Carmo.

Início da década de 40. Ado-
lescentes, enfatiados da monóto-
na vidinha em Biguaçu, sonham
grandes aventuras e viagens. Nada
os satisfaz. Um deles exclama:
"ocha vidinha de merda"; outro
retruca: "o jeito é a gente se tocar
pra São Miguel".

Lá havia bonita praia, peixe
fresquinho acompanhado de
cachaça, gasosa ou cerveja, meni-
notas-em-flor. E antes de se entrar
na vila, que nunca se recuperara
do trauma de não mais ser sede do
município, no alto de um morri-
nho eis a casa do preto velho Ti
Adão, que a todos fascinava.

Não era a São Miguel de ago-
ra, cortada pela BR-101. Da
antiga, um dos primeiros
núcleos da colonização
açoriana, só remanes-
cem a igreja, um casa-
rão, resquícios do
aqueduto.

Os rapazes ficavam
se perguntando se a verda-
deira São Miguel, nos Açores,
seria também assim, no falar can-
tado dos habitantes, no casario, no
modelo de vida. Um deles, sangue
fenício nas veias, não cansava de
repetir: "um dia ainda acabo por
lá..."

Antes de explicar minha
estranha viagem, que não foi ao
redor do quarto, como a de Xavier
de Maistre, um pequeno avanço no
tempo (ou recuo, dependendo do
ponto de vista).

Estamos na década de 50. Em
Florianópolis. Jovens resolvem
mexer com a pasmação da cida-
de. Fazem de tudo, até filme de
longa-metragem. É aí que entra
um tal de E. M. Santos. Participa
do filme, como co-roteirista e dire-
tor de arte.

Anos transcorrem. As pessoas
se dispersam. Só em meados de
1980, retomamos contato com o
Santos, como era conhecido. Foi
por intermédio da Gilda, professo-
ra da UFRJ, mulher do dito Santos,
que viera a Florianópolis para um

encontro na UFSC.

Posso, agora, chegar ao pre-
sente. O Santos, não mais E. M.,
agora professor Emanuel, também
da UFRJ, gosta de escrever cartas.
E não são simples missivas, mas
minuciosos relatos.

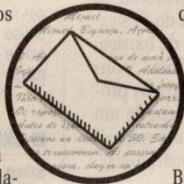
Pois bem, o que acabo de
receber é de uma viagem aos Açores.
Do casal, claro. Eis aí a maneir-
a pela qual estive em São Miguel
(não só). E não me posso furtar
(embora talvez furte direitos auto-
rais) ao prazer da transcrição de
dois trechinhos, sobre a Ilha de
São Miguel. Ei-los: "Ponta Delgada,
capital de São Miguel, é a maior
cidade dos Açores. Há muito o que
ver, mas é no interior da ilha que
estão as atrações naturais que, por
serem para nós novidade, foram
bem documentadas, principal-
mente as atividades vulcânicas. As
ilhas são jardins construídos em
cima de vulcões. Ficamos a imagi-
nar o espetáculo na floração
da primavera. Foram qua-

tro dias de exploração
nos campos e povoa-
dos da ilha... Para não
me alongar, muito
registro apenas uma
curiosidade culinária.

Bacalhau com feijão (não
era preto, pois seria demais).
Ambos muito bons, mas se estra-
nhando. Encontramos inesperada-
mente o Carlos Reis, atual diretor
da Biblioteca Nacional, em Lisboa.
Sabendo que apreciamos vinho, foi
logo dizendo, como bom filho da
terra, que Açores é terra de gente
boa, mas não de bons vinhos. Ape-
sar da advertência, tomei contato
com um vinho branco "Terras de
Lava", da ilha do Pico, obtido a par-
tir de três cepas que Gilda, devida-
mente estimulada, acabou conhe-
cendo de cor. Foi aprovado com
méritos".

Quem desejar mais, espere.
Depois de dezenas de anos, o San-
tos promete rever Florianópolis.
Não vai encontrar a que conheceu,
o progresso, com e sem aspas, fez
estragos. Mas ainda é uma cidade
boa pra se viver.

Agora, retifico em parte o dito
no início: se fiquei sabendo mais
dos Açores pelo relato do amigo,
mais vontade me deu de conhecer
tudo aquilo *in loco*.



039: C. Ronald, poeta

MIGUEL, Salim. C. Ronald, poeta. **A Notícia**. Joinville, 22 jul. de 1999, p. C-3. Anexo.

C. RONALD, POETA

Na clausura de sua casa em Biguaçu, C. Ronald vem se dedicando à sua obra poética, sem igual entre nós, construindo-a desde a adolescência.

Não é, a dele, uma poesia de imediata apreensão. Ao contrário. O autor se compraz com um fazer literário de factura hermética, introspectiva; para o leitor chegar até ele há necessidade de uma busca do que lhe é proposto, com todas suas implicações filosófico-existenciais. É um estranho universo simbólico, carregado de dúvidas e de abosconsas interrogações sobre o ato de viver.

Como dizia outro poeta, o cubano Lezama Lima, "Solo el difícil es estimulante". C. Ronald parece, mesmo, lançar um desafio ao leitor: "vê se me decifras". Decifrado, deparamo-nos com um mundo de fantástica realidade.

A que família poética pertence C. Ronald? Ele não é prontamente classificável, nem de falar de suas preferências. Sei que admira Jorge de Lima, em especial "Invenção de Orfeu".

Acompanho a trajetória poética de C. Ronald desde seus primórdios. Um poema dele apareceu, em dezembro de 1957, no número 30 da revista "Sul". Ali, em embrião, se encontra o que viria depois, o questionamento do existir com toda a sua carga de instigações e desencontros. Há, sem dúvida, uma unidade a permear sua obra, que já ultrapassa dez títulos, desde a estréia com "As Origens", de 1971. O título é emblemático, bem define o eixo de sua poesia e fornece uma chave para sua linguagem cifrada. Seguem-se "Dias da Terra", "As Coisas Simples", "A Cadeia de Édipo", livros que definem sua arte e lhe garantem lugar na poesia brasileira contemporânea.

Neste seu mais recente livro, o estranhamento começa a partir do título, "Ocasional Glup". Existe título poético e apoético? Não sei! O que importa é que o título seja adequado ao texto. O livro se compõe de exatos cem poemas interligados. Podem,

ou não, ser lidos seqüencialmente. Mas há que saber penetrar na sua compacta floresta de signos. Agora, tal linguagem configura um impasse, com sua escrita compulsiva, de livre associação.

Será que o "Glup" do título é uma onomatopéia, será que, com o "Ocasional" significa engolir? Será um soluço? Quem sabe? Vejamos se o texto de abertura, "Aos Outros", nos esclarece: "Esses que se dizem poetas/deixam a curiosidade afastar-se dos segredos/são próprios das margens e assim/embalam-se opressos/no aparelho sonoro/fixação mordaz dos versos/Caim e mais a crina/arrepiada do pescoço/ao levantarem orelhas enormes...". Me parece que esta amostra é suficiente.

Repito: não é leitura para ser feita às pressas. Ler-reler até a exaustão é preciso. Fica a indagação: só o texto de difícil apreensão é profundo? Negativo. Profundidade nada tem a ver com dificuldade. Um Mário Quintana pode ser profundo da maneira mais clara e simples.

C. Ronald é o reverso de Quintana. Mas ambos, a sua maneira, podem ser profundos, instigantes, líricos, provocadores, irônicos, função precípua da literatura.

Uma leitura de "Ocasional Glup" faz-se possível a partir dos primeiros versos do primeiro poema. Eilos: "fiquei pensando no que você ia dizer depois das/despeditas eram duas da madrugada/detestando jogo de azar joga-se/com as unhas/na estória das cartas/o jardim é maravilhoso quando tem árvores/frondosas/e eu pensando no que você faria/após meu carro partir/este é o ano do reinado de Carlos o Confidente..." Para o que pretendemos basta, se soubermos que o enigmático C. do nome literário do autor é Carlos.

Poderia prosseguir nesta nossa perquirição detetivesca. Não quero tirar o prazer do leitor.

Leitor, aqui fico. O resto é contígo. Lê-relê tantas vezes quanto um texto complexo exige, até chegares a uma leitura que te satisfaça, mesmo que divergente do autor.



040: Lisboa, 1985

MIGUEL, Salim. Lisboa, 1985. **A Notícia**. Joinville, 29 de jul. de 1999, p. C-3. Anexo.

LISBOA, 1985

Dois pequenos fatos se interligam e me devolvem à Lisboa de 1985. Vamos a eles.

Estava escutando as "Bachianas Brasileiras", de Villa-Lobos, regência do próprio, pela Orquestra da Radiotevisão Francesa, quando toca o telefone. O amigo Narciso, que trabalhara comigo na Editora da UFSC e na Fundação Franklin Cascaes, tinha um recado do J.B., que é o João Batista, do setor de folclore da dita FFC. No auditório da reitoria da UFSC se realizava um congresso sobre a bandeira do Divino e dele participava a professora Dulce Mattos, de Lisboa, que perguntara por mim.

Dois ou três dias depois, outra vez o telefone. É meu irmão, Fauzi. Ia a Buenos Aires para exames médicos, queria o endereço do hotel onde eu ficara. Não o encontrei, apesar de revirar a casa; só me lembrei de que ficava quase na esquina da Calle Florida. Entre os papéis me deparei com o cartão de um restaurante em Lisboa, onde fora jantar levado pelo amigo e escritor A. Vicente Campinas, na véspera do retorno ao Brasil. Ele sabia que um dos pratos preferidos da Eglê é bacalhau.

Disse-nos: "Lá vocês vão comer a melhor bacalhoadade Lisboa". Não sei se havia melhores. Mas era excelente. Guardei o cartão que o gerente, a quem fui apresentado, me dera, não só pensando num retorno, mas também pelo inusitado. É que o restaurante se chamava Solar dos Presuntos...

Antes de retornar ao fio que me levou de volta a Lisboa, passados 14 anos, vou até a reitoria, me encontrar com a professora Dulce Mattos. Ela faz parte (também eu) de uma confraria, que tem como objetivo manter viva a imagem do prof. Agostinho da Silva, personalidade mágica, que marcou todos que com ele conviveram. O professor Agostinho lecionou na UFSC, na década de 50. Nós o conhecíamos de antes, pois fora colaborador da "Revista Sul". Exilado de Portugal durante a ditadura salazarista, esteve em vários países, fixou-se no Brasil, andou por Recife, João Pessoa,

Salvador, Brasília. Em todos esses lugares hoje implantam-se núcleos, que procuram levantar a atuação e a forte influência deste humanista. A professora Dulce queria saber como ia o núcleo de Santa Catarina. Por sorte, logo apareceu o responsável.

Explico a ida a Lisboa. Melhor: a Portugal, pois visitamos, num roteiro turístico-cultural, preparado pelo Ministério da Cultura, várias regiões, inclusive Coimbra e o Porto.

A jornalista Cremilda Medina organizara três livros com entrevistas de escritores de Portugal, do Brasil e dos países africanos de fala portuguesa. O volume dos portugueses foi lançado no Brasil e o dos brasileiros, em Portugal, tudo graças à iniciativa e ao esforço da autora. Foi assim que acabei (acabamos, Eglê também) incluídos na delegação do Brasil. Eis o grupo: Lígia Fagundes Telles, José Paulo Paes, Adélia Prado, Moacyr Scliar, Antonio Soares Amora, Sinval

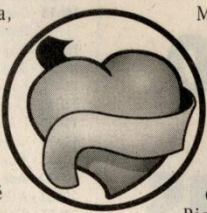
Medina, Cremilda Medina, Marcio Souza, José J. Veiga, Julieta de Godoy Ladeira, Nélida Piñon, Marly de Oliveira, João Ubaldo Ribeiro, Ignácio de Loyola Brandão, Ricardo Ramos, Renata

Pallotini, Priscila Freire, Osvaldo França Jr., Ivan Ângelo.

O lançamento do livro permitiu que, durante uma quinzena, mantivéssemos contato com o meio cultural de um país que, fazia pouco, saíra da longa noite salazarista. Nós também estávamos saindo de uma ditadura.

No meu caso, foi uma retomada de contato com escritores que haviam participado da aventura da "Revista Sul". E claro, fiz demorada visita ao prof. Agostinho da Silva, em sua casa no Abarracamento do Peniche.

O professor Agostinho morava num prédio antigo, sem elevador. Estava saindo de um enfarte. Na despedida, queria me acompanhar até um ponto de táxi. Pedi-lhe que se precavesse, o coração... Riu e interrompeu-me com uma frase que jamais esquecerei: "Não se preocupe, durante 80 anos o coração cuidou de mim, agora é justo que eu cuide dele".



041: Carpeaux recuperado

MIGUEL, Salim. Carpeaux recuperado. **A Notícia**. Joinville, 5 de ago. De 1999. p. C-3. Anexo.

CARPEAUX RECUPERADO

Às vésperas de completar cem anos de seu nascimento (Viena, 1900) e pouco mais de vinte de sua morte (Rio de Janeiro, 1978), Otto Maria Carpeaux começa a ter resgatada sua múltipla obra. Por isto, é este, sem a menor dúvida, um dos mais importantes acontecimentos literários do ano em curso. ReconSIDERO: a reedição de Carpeaux, pela Topbooks/RJ, coedição com a UniverCidade, é o mais importante, não um dos mais.

Para os que nada conheciam dele, este primeiro volume (dos dez programados) será uma revelação, fonte inesgotável de novos conhecimentos. "Ensaio Reunidos", 1942-1978, recupera, em quase mil compactas páginas, o que saiu em livro, a começar por "A Cinza do Purgatório", 1942, publicado pela CEB — Casa do Estudante do Brasil, da mesma forma que "Origens e Fins", de 1943 e os demais, editados pelo Instituto Nacional do Livro, pela Organização Simões, pela Livraria São José, pelos Cadernos de Cultura do MEC, todos esgotados e difíceis de encontrar até em sebos.

Neles já temos, além de ensaios sobre escritores estrangeiros, alguns (Kafka, Svevo) praticamente desconhecidos entre nós, também escritores brasileiros, que ele soube analisar com extrema precisão.

Humanista, de cultura enciclopédica, bastaria sua "História da Literatura Ocidental" para lhe garantir um lugar não apenas em nossas letras. Não contente com isso, legou-nos também uma substancial história da música.

PRODUÇÃO

Como tantos outros, deve-se à 2ª Grande Guerra a vinda para o Brasil de Carpeaux, quase ao mesmo tempo em que outro nome importante, a quem a literatura brasileira tanto deve, o húngaro Paulo Rónai, aqui aportava.

Carpeaux chegou em 1939, fugido do nazismo. Em 1941, já dominava o português e começava sua intensa produção, que só foi interrompida por sua morte. Em nota ao volume "Vinte e Cinco Anos de Literatura", da Editora Civilização Brasileira, 1968, diz ele: "Um amigo meu calcula que eu tenha publicado na imprensa brasileira, entre 1941 e 1966, mais ou menos 1.500 artigos sobre assuntos

literários".

Acontece que não só de assuntos literários tratava Carpeaux. E se acrescentarmos os outros doze anos que viveu, sempre produzindo, o número pode ser duplicado.

Sua contribuição para a nossa cultura, suas posições firmes e sempre coerentes, sua simpatia e simplicidade têm a marca dos verdadeiros homens de saber, que procuram levar aos demais o que foram acumulando. Se neste primeiro volume da obra de Carpeaux os das gerações mais antigas irão se debruçar sobre textos que já conheciam, mas não deixarão de reler, para as novas gerações será, tenho certeza, uma revelação.

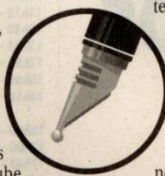
COMPETÊNCIA

O homem parecia ter lido tudo e de tudo saber falar com absoluta competência. E não apenas de literatura. Pegue-se, por exemplo, sua história da música. Ou textos onde trata dos mais diferentes assuntos, artes plásticas, teatro, cinema.

No caso do Brasil, para nos limitarmos ao nosso país, mal chegado Carpeaux já sabia mais de nossa história literária do que muitos de nossos estudiosos. E tanto se debruçava sobre um nome do passado como um que estivesse publicando seu primeiro livro. Enfeixar em "Ensaio Reunidos" os volumes esgotados é mais do que oportuno. Mais ainda o serão os volumes dois e três, com os dispersos em jornais e revistas. Isto para não falar nos seguintes, onde estarão as obras históricas breves ou os escritos políticos brasileiros, que tantos problemas lhe causaram durante a ditadura militar.

Os últimos quatro volumes serão dedicados à História da Literatura Ocidental, monumento ímpar pela abrangência e pela precisão da análise, não só de movimentos literários, como de nomes isolados, que marcaram e delimitaram o tempo em que viveram.

Há, na obra de Carpeaux, um permanente convite ao estudo e ao pensar; por mais brilhante que seja sua argumentação, ele não pretende impor seu ponto de vista, deixa sempre espaço para que tiremos nossas conclusões e sigamos nosso próprio caminho.



042: Carpeaux recuperado

MIGUEL, Salim. Carpeaux recuperado. **A Notícia**. Joinville, 12 ago. De 1999, p. C-3. Anexo.

CARPEAUX RECUPERADO

Dando sequência ao tema da semana passada: não posso, aqui, fugir a uma referência pessoal. Fui tomar contato com textos de Carpeaux lá por 1943/4. Eu acabara de chegar a Florianópolis, vindo de Biguaçu, ávido por mais leitura e conhecimento.

Certo dia, dei com um artigo dele no "Correio da Manhã". Passei a procurar o jornal. Como não podia comprá-lo todo dia, folheava-o em busca do artigo de Carpeaux. Saí em busca de seus livros. Por aquela época, a editora da Casa do Estudante do Brasil exercia um papel importante. E se hoje nossa distribuição é precária, imagine-se por então. O mesmo com referência às livrarias.

Mas acabei por encontrar "Origens e Fins". E também "Gordos e Magros", de José Lins do Rego. Mas não "A Cinza do Purgatório", que acabei conseguindo graças a um amigo que se mudara para o Rio. E foi por intermédio deste amigo, Pedro Taulois, que se tornaria grande amigo de Carpeaux, que recebi, autografada, a primeira edição da "Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira", 1951, editada pelo Serviço de Documentação do MEC, obra pioneira entre nós. À essa altura eu já me ensaiava na escrita; em matéria para o jornal "O Estado", de Florianópolis, fiz observações, algumas aproveitadas na segunda edição, dedicada a Heloísa Ramos, Edson Nery da Fonseca e Pedro Taulois, publicada em 1955.

Embora desde 1950 eu passasse a ir ao Rio, foi só em fins da década que vim a conhecer Carpeaux. Eu me sentia intimidado diante daquele homem que tanto admirava por seu saber e sua simplicidade.

Ao contrário de outros escritores, com quem tinha facilidade em me comunicar (um Marques Rebelo, um José Lins do Rego, um José Condé, até mesmo Drummond e Graciliano), havia quase sempre necessidade de alguém que puxasse a conversa. Foi só a partir da "Enciclopédia Delta-Larousse", onde ele era co-editor, que passamos a nos ver com mais frequência. Eu já morava no Rio. Ao saber do projeto, procurei o Antonio Houaiss e recebi como tarefa redigir verbetes sobre escritores brasileiros. Uma dúvida: não sei se fui

apresentado ao Carpeaux pelo Pedro Taulois ou pelo José Condé, que também tinha uma coluna no "Correio da Manhã", cuja redação eu frequentava.

Tudo isso pode parecer supérfluo, mas surgiu-me ao fazer a releitura de alguns textos de "Ensaaios Reunidos" e confrontá-los com as primeiras edições que possuo.

TÍTULOS

Neste final de século (e de milênio), pensei em fazer, com escritores de Santa Catarina, uma pesquisa. Eles relacionariam, da literatura em língua estrangeira e língua portuguesa, os títulos mais significativos e dignos de releitura. Logo me dei conta de que Carpeaux se antecipara. Havia publicado, na década de 50, sua relação, intitulada "100 Obras Básicas para Reler".

O texto introdutório começa assim: "Existem certas listas de 100, ou 500, ou 1.000 obras básicas que 'todo mundo' ou pelo menos todo homem culto deve ter lido. São sempre insatisfatórias essas listas porque 'todo mundo' não tem o tempo para ler tantos livros, às vezes muito difíceis, ao passo que é preciso ler muito mais do que 1.000 livros para poder passar por realmente culto.

Daí aquelas listas serem sempre simples repositório de títulos conhecidos (uma lista americana inclui, aliás, duas obras de Sófocles, 'Oedipus Rei' e 'Oedipus Tyrannus', que são idênticas). Há títulos incluídos, inclusive de 'best-sellers', que talvez já estejam esquecidos ao terminar a impressão da lista".

Dá vontade de transcrever todas as considerações de Carpeaux. Limito-me ao trechinho final: "Exclui-se da lista, sistematicamente, a literatura nacional. Pois o leitor brasileiro, para poder passar por homem literariamente culto, precisa ter lido muito mais obras brasileiras do que podem entrar em listas tão reduzidas. Contudo, reserva-se o centésimo lugar para Machado de Assis".

O curioso é que Carpeaux cita títulos. Por exemplo, o primeiro é "Orgulho e Preconceito", de Jane Austen. Lá pelo meio, temos uns dez Shakespeare. Do nosso Machado, ele não se arrisca a citar apenas um livro...



043: Borges, cem anos

MIGUEL, Salim. Borges, cem anos. **A Notícia**. Joinville, 19 ago. De 1999, p. C-3. Anexo.

BORGES, CEM ANOS

Não há, na literatura hispano-americana, nome com uma fortuna crítica que se aproxime da de Jorge Luis Borges. Pode ser que alguns tenham tido, em determinado momento, repercussão maior. García Márquez, por exemplo, quando do lançamento de "Cem Anos de Solidão", ou ao receber o prêmio Nobel de Literatura. Mas a de Borges é constante. E não será exagero afirmar que seu nome vai além das fronteiras hispânicas, sendo conhecido em todo o mundo. Seja pela variedade de sua obra, pelas posições polêmicas na política, por sua curiosidade inigualável, até mesmo por sua quase cegueira, que proporcionou a Umberto Eco um personagem fascinante no romance "O Nome da Rosa", que se passa em um convento e onde o bibliotecário cego é claramente calado no escritor argentino.

Nascido em 24 de agosto de 1899, de família longaeva, se Borges não comemorou seu centenário, andou perto. E com certeza vai estar, por muito tempo, mais vivo do que muitos escritores vivos. Milhares de páginas virão se juntar às já escritas a seu respeito, analisando a sua instigante personalidade e obra. Alberto Manguel, autor do importante "Uma História da Leitura", que para Borges leu durante dois anos, diz que o conheceu em uma livraria onde trabalhava, quando o autor de "Ficções" buscava um dicionário anglo-saxão.

Poeta (considerava-se principalmente poeta), contista, crítico, ensaísta, conferencista, tradutor, poliglota que apesar da cegueira continuava estudando novos idiomas, só não se aventurou pelo romance.

A estréia de Borges se deu em 1923, com um livro de poesia, "Fervor de Buenos Aires", edição financiada por seu pai. Não demora se integraria ao grupo que circulava em torno de Victoria Ocampo e sua revista "Sur", na qual a maioria dos escritores argentinos, que marcariam sua época, se ensaiariam e publicariam seus primeiros textos.

O Borges de hoje é, por certo, com seus espelhos e labirintos, mais conhecido pelos livros de contos, em especial "O Aleph" e "Ficções". Mas ele adorava jogos e brincadeiras, da mesma maneira que durante bom tempo chegou a preferir o escritor inglês G.K. Chesterton, autor do detetive Padre Brown, ao "Dom Quixote" de Cervantes. Gostava de literatura policial – e com seu grande amigo Bioy Casares criou o detetive Isidro

Parodi, utilizando o pseudônimo de H. Bustos Domecq, que assinaria também um volume de crônicas. Bustos era o nome de um bisavô de Borges, da mesma forma que Domecq de um bisavô de Casares. Aliás, mais do que pseudônimo, lembra um heterônimo à Fernando Pessoa. E aqui é bom lembrar que Borges tinha sangue português e era leitor desse grande poeta.

Borges demorou a chegar ao Brasil. E teve, lá pelas décadas de sessenta/setenta, seus momentos de reconhecimento, justo quando explodia pela Europa a literatura hispano-americana.

Quem deseja conhecer Borges necessita ir para além de sua poesia e de seus contos. Não há como esquecer seus ensaios e conferências, em livros como "História da Eternidade", "História Universal da Infâmia", "Nova Antologia Pessoal", "Prólogos com um Prólogo dos Prólogos". Ou, ainda, livros em parceria: "Buda", com Alicia Jurado, "O livro dos Seres Imaginários", com Margarita Guerrero, "Antologia da Literatura Fantástica", com Silvina Ocampo e Adolfo

Bioy Casares, "Manual de Zoologia Fantástica", também com Margarita Guerrero.

Vejo que a relação, se bem que incompleta, já vai longa. Mas não me posso furtar ao prazer de citar "Diálogos Borges-Sábato", intermediados pelo jornalista Orlando Barone, onde os dois grandes escritores, que viveram entre tapas e abraços, discutem de tudo, seja concordando ou discordando, revelando dois caracteres de grande cultura e forte personalidade.

Disse, no início dessa conversa, que milhares de páginas já foram escritas e outras tantas por certo o estarão sendo, agora que transcorre o centenário de nascimento dessa figura tão fascinante e enigmática, que viveu sob a dominadora influência da mãe. Borges só veio a se casar no final da vida, a mãe já morta, pode-se quase afirmar que foi um casamento de conveniência, com alguém que com ele trabalhava e que cuidaria – como vem cuidando – com carinho e extrema capacidade, de uma obra que pode ser considerada das mais instigantes deste século que chega ao fim.

Para se chegar à essência de Borges, ao seu estilo tão peculiar, não basta ler o poeta e/ou o contista. Há necessidade de ler/reler tudo o que escreveu. E só assim alcançá-lo e ao que procurou nos transmitir.



044: Xosé e a poesia brasileira

MIGUEL, Salim. Xosé e a poesia brasileira. **A Notícia**. Joinville, 26 de ago. de 1999, p. C-3. Anexo.

XOSÉ E A POESIA BRASILEIRA

Foi por intermédio do poeta e amigo Fernando Mendes Vianna que me chegou a notícia. Ele havia viajado para Portugal e Espanha a fim de lançar por aquelas bandas a revista "Gárgula", publicada em Brasília e da qual é um dos editores. Lá, certo dia, me chega uma carta de terras d'Espanha. Fernando dizia estar em Barcelona e que o poeta Xosé Lois Garcia, tradutor do português, estava querendo organizar uma antologia da poesia brasileira. Pedia que passasse a informação a poetas catarinenses e mandasse para o Xosé as "Poesias Completas" de Cruz e Sousa.

Xosé Lois Garcia escreve em galego, que é o português do século 8, de onde saíram o português e o espanhol de hoje. Formado em geografia e história pela Universidade de Barcelona, é ensaísta, conferencista, tradutor, poeta. Publicou antologias de poetas portugueses, angolanos, moçambicanos. E é autor de mais de dez livros de poesia.

Tomei, de imediato, duas providências: enviei o livro e escrevi ao Xosé. Na resposta, confirmou que estava começando os contatos e já recebera o volume. Não demora, outra carta, agora com um artigo sobre Cruz e Sousa e a poesia simbolista intitulado "No Centenário de Cruz e Sousa". Embora, em aparência, o galego, raiz do português, se aproxime mais do nosso idioma do que o espanhol, traduzir o texto se torna mais difícil.

Claro que entendi tudo, das palavras que me fugiam, o sentido me chegava. Em certo trecho, diz o articulista: "Foi um poeta íntegro na busca de universos. Cruz e Sousa faz parte do grande milagre e do inalcançável mistério que existe em sua poesia." Passei o endereço para alguns poetas, explicando qual o propósito do Xosé. Mandei-lhe livros meus — prosa, é claro, que nunca me arrisquei pelos misteriosos (para usar uma palavra do próprio Xosé) caminhos da poesia. Pouco depois, recebia o livro "Falo de Baco", Ed. Frouxreira, 1998. Ele me autorizou a traduzi-lo e publicá-lo por aqui. Mas quem sou eu para traduzir poesia, ainda mais em galego, com suas armadilhas, o aparentemente fácil sendo difícil...

Passamos a nos correspon-

der. Não posso afirmar que todos a quem forneci o endereço o tenham atendido — e, no caso, se foram selecionados. De um, pelo menos, tenho certeza que sim. Em nova carta, Xosé me dizia necessitar de uma autorização formal do poeta fulano, para que pudesse incluí-lo na antologia. Mais tarde, Fernando Mendes Vianna escreveu-me que ia continuar, por quanto tempo não sabia, pelos caminhos da Europa, e me dizia que os trabalhos de tradução iam adiantados. Espero que outros poetas da terra tenham sido incluídos.

Li-reli os poemas do Xosé. Consegui captar o sentido de sua forte e sensível poesia. Não consegui traduzi-lo. Para falar a verdade, nem me esforcei. Não estava na minha seara. Conforme já disse, ainda que o galego se pareça mais com o nosso idioma do que o espanhol, só de posse de um dicionário eu chegaria a uma tradução convincente. Chegaria? Não sei. Se fosse prosa, tudo bem. Para piorar, não encontrei por aqui tal dicionário. E em lugar de uma tradução capenga, preferi transcrever um de seus poemas no original. Pensei, quem sabe alguém se habilita...

De repente, não mais que de repente, como gostava de dizer o poetinha Vinícius, me dei conta de que tinha uma tradutora em casa. Eglê, minha mulher, decide fazer a tradução. De poeta para poeta, tudo se torna mais fácil. Além disso, ela é tradutora, com experiência em vários idiomas.

Vamos, então, ao poema que ela selecionou:

Nos ribeirinhos de Baco

Falo de Baco nas tuas veias,
sensível regresso
na corpórea luz do Ribeiro.

Idades distantes em visita;
idades estrelejadas
imaginando-as entre névoas.

Pálidas videiras em ocre
já não perturbam
o tenebroso caminhante
seduzido pela dor,
confundido por deuses
que na mensagem flutuam
carregados de uvas olentes,
pelas vinhas de Baco.

■ Tradução de Eglê Malheiros



045: Saramago na ilha

MIGUEL, Salim. Saramago na ilha. *A Notícia*. Joinville, 2 de set. de 1999, p. C-3. Anexo.

SARAMAGO NA ILHA

A passagem de José Saramago pela ilha, para receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal de Santa Catarina, foi importante sob muitos aspectos. Em primeiro lugar, pela homenagem a alguém tão coerente, tão fiel a suas idéias e a seus ideais, e no qual se fundem e complementam vida e obra. É bom acentuar, também, que Saramago provou que intelectual da Ilhope e Ilhope sem manipulações. Jamais se viu, na UFSC, tamanha multidão, que veio ouvir e aplaudir um escritor que jamais abriu mão de suas posições, e diz o que acha que deve ser dito, não só em seu país, mas em toda parte do mundo por onde passa, cidadão do mundo que é. Aqui mesmo no Brasil, têm sido constantes seus pronunciamentos, falando da miséria, da fome, clamando por mais e melhores escolas, por mais saúde, defendendo os desempregados, os sem-teto e os sem-terra. Nesse último item é bom chamar atenção para o álbum "Terra", texto dele, fotos de Sebastião Salgado, canções de Chico Buarque, cuja renda reverteu em benefício dos sem-terra.

Durante a entrega do título, que tanto homenageia quem o recebe como honra quem o atribui, brincando eu dizia a um amigo que, para juntar tamanha multidão em seu campus, só a UFSC convidando Pelé.

Toda a carreira (e a vida, por extensão) de José Saramago é singular. Vindo das camadas mais pobres de Portugal, foi traçando seu caminho à custa de muito talento e persistência. Com pouco mais de 20 anos, publica um primeiro livro. Seguem-se 20 anos de silêncio. Só em 1966 aparece "Os Poemas Possíveis"; quatro anos depois, novo livro, "Provavelmente Alegria", aí engrena para valer. Mas é só a partir do romance "Levantado do Chão", 1980, que seu nome começa a se projetar. No entanto, a proposta de José Saramago já vinha implícita em seus livros anteriores, era a escrita de alguém que tinha o que dizer e sabia fazê-lo com extrema competência. Sua maneira diferente de narrar é ao mesmo tempo coloquial profunda. Se havia necessidade de consolidar o nome de José Saramago e lhe dar ressonância para além do chão nativo, isto ocorre com "Memorial do Convento". Ler José Saramago, mesmo para quem é viciado em livro, é uma aventura inesquecível. Cada (re)leitura comporta novas revelações — e o grande livro é que resiste e ganha maior dimensão com as várias releituras. No meu caso, por exemplo, me deixei levar pela magia de seu texto tão inquietante, seja na peça teatral "A Noite", seja pelo "Manual de Pintura e Caligrafia", magistral autobiografia ficcionalizada, seja pelo "Memorial do Convento" ou por qualquer dos outros. Por vezes me perguntam qual livro de Saramago prefiro. Titubeio indeciso.

Já citei, por exemplo, "O Ano da Morte de Ricardo Reis", tão impregnado de Fernando Pessoa que cheguei a imaginar José Saramago como mais um heterônimo daquele dono da inesgotável arca. Mas eis que em outros dias recuo, me interrogo, por que não ficar com o "Levantado do Chão" ou o "Evangelho"... ou "Memorial do Convento" ou... e lá me perco nos "ous". Só posso recomendar a leitura (ou releitura) de José Saramago, com o mais veemente entusiasmo. Não quero concluir sem a transcrição das anotações, que publiquei, em 1983, mal terminada a leitura do romance, que acabara de sair no Brasil. Ei-las:

O passado iluminando o presente.

O convento de Mafra, que d. João 6º de Portugal mandou construir por uma graça obtida (um padre lhe diz que, para que a rainha engravidasse, é preciso prometer a construção do convento), serve de eixo para este grande romance, um dos mais significativos da prosa portuguesa atual. Do autor, José Saramago, já conhecíamos, de igual força, "Levantado do Chão", que, da mesma forma que este "Memorial do Convento", aparece no Brasil numa edição Difel, SP.

Que seria dos reis, dos papas, dos imperadores, dos presidentes, dos ministros, dos grandes e dos poderosos do mundo se, para pagar suas promessas, aos deuses e aos homens, só contassem com suas próprias forças e esforço próprio?

E lá acompanhamos a saga de Baltazar Sete-sóis e Blimunda Sete-luas, e de milhares e milhares de outros, de nomes antigos e modernos, vivendo suas vidas humildes e se equilibrando por entre caprichos e humores dos poderosos.

Mas o romance de Saramago é também a história do padre Bartolomeu de Gusmão e sua Passarola, que sobe aos ares, impulsionada pelas vontades de gentes que muitos denominam "gentinha", como também é a presença do senhor Scarlatti e sua música de sonho.

Uma narrativa que prende e encanta, com o escritor domando as palavras (sem lhes tirar a força) com rédea forte e elas, qual cavalo chucro, quer no galope quer no trote, revelam uma energia incontida, uma capacidade de dizer além do escritor, de propor além do exposto, de falar do passado iluminando o presente para se projetar no futuro. Só capazes através da pena de um autêntico criador.

Saramago é um escritor que precisa ser urgentemente lido pelos brasileiros. Pois assino *in totum* o que afirma outro grande escritor, José J. Veiga, na "orelha": "Minha sugestão é: descubram José Saramago e façam dele uma possessão ultramarina particular de cada um, e aproveitem".



046: É futebol, é Vasco, é gol

MIGUEL, Salim. É futebol, é Vasco, é gol. **A Notícia**. Joinville, 9 de set. de 1999, p. C-3. Anexo.

É FUTEBOL, É VASCO, É GOL

Desde gurizote gosto de futebol. E quem não gosta! Meias atropetadas de trapos viraram bolas. Adolescente, joguei no União e no Guanabara, em Biguaçu. Na defesa, no meio-campo, no ataque, sempre pela esquerda, claro. Diziam: levava jeito. Tanto que fui convocado para treinar no Avaí. Não deu. Cadê os trocados para o ônibus? Já em Florianópolis, estive no time do Colégio Catarinense. Saí, esforcei-me por esquecer o jogo. Também outros interesses me atraíam. Mas futebol não se desgruda da gente. Tornei-me torcedor. Frequentei estádios. Frequentei rádios e agora frequento TVs. Confesso: sinto saudades dos tempos das rádios. Sei, ainda existem. TV é vício. Só não tem a magia da voz de um locutor, inventando jogadas, que a gente complementava com a imaginação. Na TV isto é impensável. Vê-se o lance, a jogada está ali, implacável diante de nossos olhos, nem adianta tentar fechá-los.

Sempre me questiono: por que o futebol, paixão maior do brasileiro, jamais teve, até hoje, uma literatura que lhe corresponda? Sei, existe uma rarefeita ficção, poucos romances ou contos, de valor relativo. O que nos salva são os cronistas, um João Saldanha, um Nelson Rodrigues, um Armando Nogueira.

Já ouço alguém me retrucar: paixão maior o futebol? E o Carnaval? Como não sou carnavalesco, fico em dúvida. Não quero me dar por achado, e respondo na bucha, Carnaval é pra meia dúzia de dias. Pouco adianta. Meu invisível questionador insiste. No final não há vencedor nem vencido. Ficamos num medíocre empate.

Chegou a vez do vascaíno se manifestar. Sim, sou da cruz-d-malta desde criancinha; talvez exagere, talvez esteja fabulando. Que sou do Vasco, sou. Apesar do Eurico Miranda. Me penitencio. Os cartolas dos outros clubes brasileiros são menos mirandianos? Isso é supérfluo. Torcer por um clube não necessita de lógica, de coerência. Vejam: não tenho irmão vascaíno, Eglê, minha mulher, só torce pela Seleção, não me lembro de

parentes e/ou amigos vascaínos, a filha e os filhos da filha são Flamengo, um filho e os filhos dele, do Fluminense, dois filhos não se definem, embora se pensem do Vasco, e o outro torce pelo... Bangu. Inexplicável? Pode até ser. Ou ter explicação. Deixo para lá. Recuo. Antes, um adendo.

Milhões de crianças sonham com a glória, os estádios cheios aplaudindo-os e lhes gritando o nome. A maioria permanece no anonimato ou semi-anonimato. Raros os escolhidos, como um Ronaldinho, alguns se deixam deslumbrar e se perdem. Dois exemplares típicos são Garrincha e Pelé. Ambos de família humilde, ambos gênios da pelota. O primeiro subiu e desceu como um foguete, tendo um final de vida doloroso e melancólico; o segundo soube se conter, enriqueceu, tornou-se famoso, sendo considerado o atleta do século.

Falei que sou vascaíno. Sou. Com muita honra. Outro clube pelo qual torço? Não sei! Tenho simpatias por dois: Avaí, de Florianópolis e América, do Rio de Janeiro.

Deles meu irmão Jorge era torcedor fanático. E do América, o escritor Marques Rebelo, que lá batera umas bolinhas bem redondas; era tão apaixonado que nos dias de jogo do seu time fazia a mulher, Elza, se vestir de vermelho, cor do América. Certo dia contei ao Rebelo que tinha um irmão americano. E ele, com aquela ironia que o caracterizava: "então já somos multidão". Não demorou, na redação da revista "Manchete", relatei o diálogo para o Arnaldo Niskier (hoje acadêmico e presidente da ABL) e ele me surpreendeu: "eu também". Não resisti e imitei Rebelo: "então a multidão aumentou!" Ia emendar outro chute. Sou interrompido com uma penalidade. Ouço o paciente leitor, já impaciente, me cobrar o gol, onde está ele? Não aconteceu. Fui atropelado, foi defendido pelo editor do *Anexo*. Não vou desistir nem ludibriar o paciente-impaciente leitor. Só que peço mais paciência. Estamos indo para a prorrogação. Chove muito, o campo está impraticável, o juiz interrompeu o jogo. O gol, se sair, será em outra data. Até lá.



047: É agora, é gol

MIGUEL, Salim. É agora, é gol. **A Notícia**. Joinville, 16 set. de 1999, p. C-3.

Anexo.

É AGORA, É GOL

A coluna "É futebol; é Vasco; é gol" deveria ter saído há muito. Estava engavetada. Foi escrita quando o Vasco, então embalado, tinha tudo para vencer duas competições, ou ao menos uma, que o levaria, de novo, ao Japão. Não deu. Foi (e fui) atropelado pelas consecutivas derrotas. O Vasco perdeu e continua perdendo gols, enquanto o desprezado Luizão brilha no Corinthians. Mas torcedor que se preze insiste. Nem pelas derrotas que se anunciam deixarei de ser vascaíno. À espera de melhores dias.

Fiquei esperando, então, pelo selecionado. Eram duas competições: a das Américas e a das Confederações. Ganhamos a primeira com certa facilidade, ainda que não tenhamos jogado um bolão e estivéssemos numa chave fácil na primeira fase. Na das Confederações íamos mais ou menos. Na final, o México mereceu a vitória. Sem ser um grande time, jogou com disposição e lutou bem melhor do que nós. Em lugar dos proclamados Ronaldinho Gaúcho e Alex, brilhou a estrela de Blanco. Até o goleiro, que vinha jogando bem, falhou.

Mas chega de protelações. Se ficar esperando só vitória, estou ralado. E o leitor já está me cobrando o prometido gol. Promessa é dívida, diz a sabedoria popular. Vamos então ao gol.

No campinho dos Born, em Biguaçu, a partida decisiva. Revanche entre o Guanabara, de Biguaçu e o Tijuca, da cidade do mesmo nome. "Os aguerridos rivais de sempre", nas palavras do locutor destacado para narrar "a memorável pugna".

Tudo igual no primeiro tempo, tudo igual nestes vinte minutos do segundo. Permanece o zero a zero. Se o empate pouco interessa ao Tijuca, que só pensa em vencer, menos ainda ao Guanabara, que não pode perder em seu terreno. Um vexame! Vem de uma acachapante derrota na casa do adversário.

O zagueiro esquerdo é machucado, se machuca ou inventa-se uma contusão — pouco importa. E ele, o eterno injustiçado, o reserva de luxo, é chamado pelo técnico.

Reluta, ninguém gosta de

ficar na reserva, amarga aquele banco incômodo, ainda mais compenetrando-se de que foi uma clara injustiça contra um bom elemento em várias posições, da defesa ao ataque, não é verdade que foi convidado a treinar no campeoníssimo Avaí, de Florianópolis?

Pensa: não faz mal. Esquece. Preciso ser superior às injustiças... Resolve ajudar os seus. Provar que não poderiam tê-lo alijado. E é então que chegam os quinze minutos de glória, para o filho do "seu Zé".

Passa-se pouco tempo desde que entrou em campo. Mal pegou na bola. A partida caminha para o inexorável fim — diz o locutor. Permanece intocado o placar. Ele ainda está frio, mas ferve de raiva.

Pega um rebote, vem lá da defesa, avança como um alucinado, passa por um, por outro, os companheiros insistem, me manda esta bola, não quer ouvir, nem ouve, os adversários gritam, de dentro e de fora do campo, pega ele, não deixa ele, cuidado com o demônio!

Mas não dá, parece mesmo tomado pelo tal de demônio, se aproxima da área, com um drible seco vê o zagueiro esparramado na grama, o outro já ficou para trás, agora diante dele o goleiro que, atarantado, não sabe o que fazer, só abre os braços à espera, ele desfecha o chute indefensável (e "incomensurável", conforme o locutor), que passa pelo goleiro e fura a rede, o que provoca um momento de suspense e dúvida, um movimento de protesto.

Querem contestar a validade; dizem os adversários: não entrou, foi pelo lado de fora. Mas o furo na rede, irrefutável, bem à vista.

Pela potência do chute certo, ficou sendo conhecido como (expressão utilizada pelo locutor e logo incorporada) "coice de mula" — pouco importante que a rede estivesse podre...

Volto para antes da história do gol. Espero que a Seleção tenha ganho do eterno rival, a Argentina, lá e aqui. Que o Vasco tenha melhorado e o Biguaçu chegue à primeira divisão do Catarinense. E, quem sabe, mais adiante, ao Brasileiro.



048: Registros

MIGUEL, Salim. Registros. **A Notícia**. Joinville, 23 set. de 1999, p. C-3.

Anexo.

REGISTROS

A mesa do colunista está abarrotada. São livros recentes dos mais variados gêneros, recebidos ou comprados. A maioria merece o espaço de uma coluna. Infelizmente não dá, sendo ela semanal. Levaria meses. E antes que estes tivessem sido resenhados, outros estariam se acumulando. A solução é registrá-los. Vamos lá:

1 — “A Novela do Bom Velho e da Bela Mocinha”, de Italo Svevo, Topbooks Ed., Rio de Janeiro, 1999. Sempre é bom voltar a Svevo. Se aqui não temos em toda a sua pujança o narrador de “A Consciência de Zeno” ou “Senilidade”, temos a sua marca registrada. É um jogo sexual entre um rico setentão e uma jovem pobre, ambos em busca de vantagens, embora procurem desculpas aceitáveis para suas ações. Acompanha-se com interesse o desenrolar da trama e a perícia do autor ao construí-la. Ivo Barroso se incumbiu, com a competência de sempre, da tradução.

2 — “Passeando pela Vida” de Lúcio Packter, Ed. Garapuvu, Florianópolis, 1999. O autor, em 1997, já nos deu “Filosofia Clínica”, campo em que vem se especializando e dando cursos e palestras por todo o País. Agora temos só crônicas, das quais vai pinçando o que denomina lições de filosofia. São sempre pertinentes e de interesse. No caso do colunista, outro motivo a chamar a atenção é que, ao longo do livro, fui me deparando com velhos conhecidos, um Machado, um Umberto Eco, um José Saramago, uma Cecília Meireles, tantos mais. Logo o terceiro é o Bernard Shaw, de quem são transcritos pequenos conselhos. Logo me lembrei de uma historinha onde transparece todo o veneno do grande teatrólogo. Isadora Duncan, a grande bailarina, teria declarado em entrevista desejar ter um filho com Shaw, para que tivesse a beleza dela e a inteligência dele. Na bucha, ele retrucou: “Meu receio é que tenha a minha beleza e inteligência dela”.

3 — “Os Fanáticos”, de Aujor Ávila da Luz, Ed. da UFSC, Florianópolis, 1999, e “Os Iluminados”, de Nilson Thomé, Ed. Insular, Florianópolis, 1999. Mais dois livros sobre um tema inesgotável, o Contestado e suas profundas implicações na história não só de nosso Estado. Em ambos, minuciosa pesquisa. A reedição do livro de Aujor, médico que viveu na região numa época em que muitos participantes ainda viviam, é muito oportuna. Embora a análise dos acontecimentos, com seu vezo lombrosiano, se baseie em instrumental teórico hoje ultrapassado, os seus documentos e dados continuam válidos. Quanto ao livro de Thomé, que há muitos anos vem proficuamente se dedicando ao tema, aqui ele examina mais minuciosamente, à luz de novas pesquisas e documentos, a saga do “exército encantado”.

4 — “Perdidos Astrolábios”, de Lúcio Lins, Ed. Cchla, João Pessoa, 1999; “Intramuros”, de Astrid Cabral, Curitiba, 1998; e “Mínimo Plural”, de Dimas Carvalho, Recife, 1999. Três momentos de poesia e exemplos do fazer poético com suas infinitas variações. Se Astrid comprova mais uma vez a qualidade de sua produção, com este livro que conquistou o prêmio do governo do Estado do Paraná, Dimas e Lúcio são dois novos que vêm dar seu recado. Ouçamo-los. De Astrid, do poema “Canto de Cisne”: As cigarras serram/toras ao sol/. Torram as horas/derramando alarde/. Arrastam-se/rasgando a seda da tarde/escarrando ária metálica/arranhando tímpanos/. Vejamos agora Dimas, do poema “Madrilgal”: teu corpo é um relâmpago esguio/nas noites invernosas//teu corpo é uma túnica de fogo/sob a claridade de lençóis/teu corpo é um réptil lascivo/espreitando na tarde sonolenta//. E agora Lúcio, da “Fala do Nono Naufrago”: Senhor/sou eu/talvez o mais errante/de todos os navegantes/por não naufragar/em vossas águas//.

049: Prêmios literários

MIGUEL, Salim. Prêmios literários. **A Notícia**. Joinville, 7 de out. de 1999, p. C-3. Anexo.

PRÊMIOS LITERÁRIOS

Quase ao mesmo tempo, foram divulgados os nomes dos ganhadores de dois importantes prêmios literários, ambos para livros publicados. E quase ao mesmo tempo, com apenas dois dias de diferença, os prêmios deveriam ter sido entregues, um no Rio de Janeiro, outro em Passo Fundo/RS. Embora de gêneros diferentes, biografia e romance, ambos demandaram minuciosa pesquisa, demoraram a ficar prontos mais do que seus autores esperavam. A biografia "Austregésilo de Athayde — O Século de um Liberal", de Laura e Cícero Sandroni, Editora Agir, RJ, 1998, e o romance "Tratado da Altura das Estrelas", de Sinval Medina, EdPUC-RS e IEL-RS, 1997, receberam, em termos de Brasil, uma importância substancial — isto é bom, pois os direitos autorais, entre nós, raramente são compensadores.

O prêmio de romance foi entregue em Passo Fundo no dia 17 de agosto, concedido pela prefeitura. A cerimônia fez parte do encontro cultural, que se realiza a cada dois anos, numa promoção da universidade e da referida prefeitura. O da biografia, atribuído pela Academia Brasileira de Letras, com entrega marcada para o dia 19 de agosto, em razão da morte de Herberto Sales, foi transferido para hoje. Só falta dizer, antes de falar dos livros, que os autores são amigos de longa data — o que também é bom; com Laura e Cícero (mais Fausto Cunha e Eglê Malheiros) participei da aventura da revista "Ficção", na década de 70; com Sinval (mais Cremilda, mulher dele, Eglê e um grupo de escritores) participei de um encontro em Portugal (1985) promovido, graças ao empenho da dita Cremilda, pelo Ministério da Cultura daquele país. Vamos aos dois livros.

"Austregésilo de Athayde — O Século de um Liberal", com mais de 800 compactas páginas, traça a rica trajetória de um homem que participou não apenas de boa parte da história do País, mas atuou também, para dar só um exemplo, na elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O livro de Laura e Cícero não é uma biografia convencional. Vai além, é pontilhado por artigos que Athayde escreveu ao longo de uma vida de quase 100 anos, onde todos os assuntos eram abordados de forma concisa e precisa.

O livro, modelar trabalho de Laura e Cícero Sandroni, dois respei-

tados intelectuais, precisa e merece ser lido. Mas agora vou relatar duas historinhas. Estávamos morando no Rio, o Athayde já era presidente da ABL, o Marques Rebelo, secretário, Eglê foi contratada para fazer, nas atas da academia, um levantamento das efemérides da instituição. Terminado o trabalho bem antes do prazo estipulado, Athayde, cioso do erário da academia, transformada em suas gestões numa potência econômica, raciocinou, se levou menos tempo é porque o trabalho não era tanto, e pediu um abatimento. A outra: já de novo em Florianópolis, eu participava da comissão do concurso Cruz e Sousa e preparávamos uma edição da poesia completa do poeta. Por sugestão de sua filha Laura e do Cícero, fui procurar Athayde visando a fazer o lançamento do livro e do concurso na sede da ABL. Era um final de tarde, entrei no gabinete da presidência, ele estava sentado perto da janela, vasta cabeleira branquejante, o rosto curtido. Os movimentos, ao se levantar, eram lépidos. Com voz firme ele disse que a academia estava disposta a colaborar.

Falou, claro, da importância de Cruz e Sousa, eu aproveitei para dizer que assim se resgatava uma injustiça, pois Cruz e Sousa, embora com livros publicados, não fora lembrado para compor a lista dos 40 primeiros acadêmicos, enquanto outros sem a qualificação dele... Acertamos o lançamento, mas Austregésilo de Athayde, sempre zeloso dos bens da ABL, perguntou-me quem pagaria o convite e o coquetel... Eu já ia prevenido, lembrava-me do episódio com a Eglê. Tranquilizei-o, assegurando-lhe que seria o governo do Estado de Santa Catarina.

O leitor deve estar pensando: tudo bem, agora é buscar o livro, mas o espaço se vai e onde fica o romance de Sinval Medina? Tens razão, leitor que vens me acompanhando. Acontece que só agora, por causa do prêmio, recebi um exemplar do romance "Tratado da Altura das Estrelas". Sabia que ele tinha obtido uma bolsa da Fundação Vitae para elaboração da obra. Conheço os três romances anteriores do autor, trabalhos de um forte e autêntico ficcionista. Deles o que mais me toca é "Memorial de Santa Cruz". Pelo que sei, o novo livro é um mergulho em nosso passado. Estou, com muito interesse e curiosidade, começando a leitura. Devo logo, neste espaço, voltar a ele.



050: O casarão dos Born

MIGUEL, Salim. O casarão dos Born. **A Notícia**. Joinville, 14 de out. de 1999, p. C-3. Anexo.

O CASARÃO DOS BORN

Pode ser que existam outras marcas identificadoras. Para mim, quando penso em Biguaçu — e penso quase sempre —, o que logo me vem à mente é o velho, de mais de um século, casarão dos Born, marcado pelo tempo e por inumeráveis histórias. Quais são e o que são: não tenho como definir. Com o transcorrer dos anos, realidade e fantasia se (con)fundem. E não é fácil diferenciá-las.

O centenário casarão já foi tombado. Mas, muito embora as lutas de alguns abnegados, como Ana Lúcia Coutinho e seu Grupo Arcos, para que uma solução seja encontrada e o prédio não venha a tombar na outra acepção da palavra, até agora nada foi feito. O casarão se encontra em ponto estratégico, bem no miolo da cidade, em plena pracinha, perto da igreja. O custo para a recuperação não deve ser muito e o prédio pode ser transformado em ponto de referência obrigatória e centro cultural — de que o município tanto necessita.

Será que a prefeitura já se preocupou para valer com o problema? Será que um projeto bem fundamentado já foi encaminhado aos órgãos competentes? Será que empresas sediadas no município e instituições culturais não se sensibilizariam e apoiariam financeiramente a preservação do único remanescente de um certo tipo de arquitetura, que guarda anos da história de Biguaçu? Todos sabemos que pouco se luta, entre nós, pela preservação da memória nacional, bem inestimável de uma nação. Está mais do que na hora de uma virada.

Preciso inserir aqui dados pessoais, que poderão contribuir para reavivar a memória dos mais idosos e alertar os mais novos.

Décadas de 30/40. O casarão dos Born era referência para a rarefeita população. Vai para meio sécu-

lo que acrescento dados ao que era e ao que não era. Pouco importa. Para mim, passa a ser a mais autêntica realidade.

Por exemplo: sei que foi na década de 30, de repente lá está, indócil, o cantor Carlos Galhardo, esperando que a enchente amaine, para que ele possa chegar a Florianópolis e realizar os shows programados. Até aí tudo bem. Mas a chegada da bateria, com o Roberto Galliani provocando o cantor, entoando sucessos de Francisco Alves, também é fato ou já é fruto da imaginação criadora? Da mesma forma, as partidas de bilhar, o dominó, os bebedores de cerveja e cachaça, o jovem entrando e provocando a briga, tudo isso aconteceu mesmo? E os bailarinos no segundo andar, as mães atentas às filhas assanhadas?

O que realmente importa é a comunidade, como um todo, se unir à Ana Lúcia e ao Grupo Arcos para pressionar a administração municipal e também estadual e federal, perseverando o esforço para a plena recuperação de um prédio, que é um dos raros de época tão distante.

Termino com outra referência pessoal: meu novo romance, "NUR — Na Escuridão", publicado pela Ed. Topbooks/TJ, tem quase metade de suas 258 páginas passadas em Biguaçu, com referências explícitas ao casarão dos Born, onde vivi horas e horas de minha infância e adolescência. Para mim seria grande satisfação fazer ali a noite de autógrafos, se o casarão já estivesse recuperado. Infelizmente, não será possível. Quem sabe, pela luta constante de Ana Lúcia, do Grupo Arcos, do povo de Biguaçu e por certo do prefeito outras autoridades, em breve escritores possam ali autografar seus livros. E não só, o espaço irá permitir a realização de espetáculos teatrais, shows, debates palestras, etc., etc..

051: Futebol; vitórias, nem tanto

MIGUEL, Salim. Futebol; Vitórias, nem tanto. **A Notícia**. Joinville, 21 de out. de 1999, p. C-3. Anexo.

FUTEBOL; VITÓRIAS, NEM TANTO

Volto ao tema que me(nos) apaixonou. Minha coluna é escrita com antecedência — e eu não tinha como adivinhar os jogos do Brasil com o eterno rival, a Argentina. Torcia — todos torcíamos.

Deu no que deu. Em Buenos Aires, uma tremedeira geral. A Argentina não estava com essa bola toda, que os locutores apregoavam. Por isso, repito que as transmissões pelas emissoras de rádio eram mais emocionantes. Deixávamo-nos levar pelo locutor e completávamos com a imaginação o que ouvíamos. Agora a telinha é implacável — e de pouco adiantam as patriotadas dos galvões buenos.

Não vou dizer que a partida de Porto Alegre tenha sido um peladão. Mas a Argentina repetiu o razoável jogo anterior e o Brasil, pelo menos, criou brio. Mas está longe de ser o timão que queremos. Grita o locutor, tentando nos convencer: se não temos entrosamento, os valores individuais se superam e nos garantem. Quais valores individuais? Rivaldo? Vá lá! Ronaldinho um? Continua nos devendo. Ronaldinho dois? Se continuarem a lhe encher a bola, logo, logo murcha e some, como tantas outras promessas. Até o superelogiado Vampeta, o goleiro dos goleiros Dida, todos revelaram claras limitações.

Mas já diz o antiquíssimo ditado: a esperança é a última que morre. Vamos então esquecer a seleção.

Largo o “nós” e me passo para o “eu”. Torço, torcedor inventado, para que o Vasco se recupere e não fique à espera do “milagroso” Edmundo e fico de olho no desprezado Luizão, até a

hora da redação desta luzindo no Corinthians. Torço, também, pelo Avaí. Quem sabe se, apesar de todos os percalços, pode um dia acabar na primeira divisão do brasileiro. Ou será que ao sair publicada esta terei queimado a mão... Espero mais, ex-jogador do Guanabara e do União, que o BAC — Biguaçu Atlético Clube chegue à primeira divisão do catarinense e vá até a Copa do Brasil ou o Campeonato Brasileiro. Sonhar é bom, é importante. Afinal, quem diria que o Criciúma, hoje no fundo do poço, quase rebaixado, chegaria, como chegou, a campeão brasileiro?

Termino com uma retificação: na minha primeira coluna sobre futebol, equivoquei-me ao dizer que ele, paixão maior do brasileiro, não tem uma literatura que lhe corresponda. Ainda há pouco, em seu programa no canal “People and Arts” (toda sexta-feira, às 21 horas), em

que fala de livros, Antonio Skármeta tratou exatamente de literatura e futebol. Falou de escritores que se debruçaram sobre o tema do balípedo (será que alguém ainda se lembra deste palavrão?) e não dedicou uma palavra sequer a qualquer escrito do Brasil. Exagero — me dirão. Talvez sim, talvez não. Podemos citar meia dúzia de nomes, em especial cronistas, mas nenhum que tenha deixado obra ficcional definitiva, sobre esta que é paixão de 160 milhões de brasileiros.

Tratar de futebol é sempre problemático, mas tem suas compensações: várias pessoas me telefonaram, comentando as duas colunas; alguns, como o amigo Garcia, se revelando vascaínos e avaianos, claro.



052: Só poesia

MIGUEL, Salim. Só poesia. **A Notícia**. Joinville, 28 out. de 1999, p. C-3.

Anexo.

SÓ POESIA

Livros continuam chegando à mesa do colunista. Poetas em procura de um lugar ao sol, buscando deixar sua marca em nosso corpo poético. É dessa pluralidade de vozes que nossas letras se enriquecem e desse caldo de cultura que acaba surgindo um grande nome. A poesia é, o poema acontece. Eis alguns exemplos desse fascinante e enigmático labor.

1 — "Fogueiracesa", Silvério da Costa, Chapecó, 1999. Já com expressiva bagagem, numa linguagem sensível e bem pessoal, Silvério está sempre atento ao aqui e ao agora de nossa comunidade. Diz com eficiência e sabe chegar ao leitor — o que comprova com este novo livro. São poemas curtos, sintéticos. Alguns líricos, outros satíricos e vários aforismos. Este também divulgador e incansável batalhador pelas coisas das artes e das letras e aí está seu perseverante "Fronte Cultural", não se deixa levar por torrentes de palavras, mas escolhe, com cuidado, o termo mais expressivo, mais carregado de poeticidade. Silvério experimenta e alcança o tom justo, como neste "Reino Insano": Deus ejaculou/ e o mundo se fez/ com ternura!// Assim nasceu/ o caos e a loucura. Ou ainda "À moda de Pessoa": A minha Pátria/ não é a Língua Portuguesa,/ mas o espaço/ onde se fala o Português.// Apesar de todos os porquês...

2 — "A Linha Extrema", Majela Colares, Calibân Ed., Recife, 1999. Eis um poeta que já nasce maduro, com forte dicção própria. Dele dizia, com razão, o laponan Soares, que eu precisava lê-lo. Este volume, de poemas interligados e extremamente sensíveis, confirma uma vocação. Abro o livro e seleciono ao acaso: "Alumbrado na tarde derradeira/ que se fez infinita por um gesto/ na lapela guardou a tarde inteira// e se foi pelas sombras, rumo incerto/ só ficou no momento a voz poente/ um sublime momento que foi resto// de vozes inconclusas quando ausente/ o sensato limite do restrito/ e no extremo da linha congruente// as mãos postas continham o infinito".

3 — "O Circo, o Bicho, a Festa", José Leite Guerra, João Pessoa, 1999. Nenhuma indicação, nenhuma referência. Só o livro e uma dedicatória. Talvez seja (ou, melhor, é) positivo. Vamos aos poemas pelos poemas. E nos surpreendemos positivamente. Deve, claro, ser bem jovem. Nos três blocos, tem o que transmitir, de forma atraente, que nos toca. Fico em dúvida: o que transcrever? Comecei dizendo que nada sei do autor. Não é correto. Nas "Considerações iniciais pelo autor" ele se justifica — e diz, com razão, da aproximação entre os títulos dos blocos. Sim, circo, bicho, festa têm muito a ver. Opto, então, pelo circo, que engloba os dois outros blocos: "O domador dormiu com a mão/ cobra, panteira// mas não domou/ íntima fera/ mais que leão/ seu coração".

4 — "Alvenaria", de André Ricardo Aguiar, Ed. Universitária, UFPB, João Pessoa, 1999. Eis outro jovem poeta de indiscutível vocação. Isso pode não bastar, mas é essencial. O mais é a prática, é domar as palavras fazendo com que elas revelem toda a

sua força. O crítico João Batista de Brito, na apresentação, define com acerto algumas das linhas que definem a poesia de Aguiar. O leitor pode sentir-se tocado tanto por um poema do primeiro bloco, com seu título tão significativo, "Oficina de Vôo", como do segundo, "Caderno de Leituras", ou ainda do "Ilhas Náuticas". Vejamos este "O abstrato e o concreto: No desvão do telhado/ uma andorinha/ riscou o céu// primeira/ caligrafia da infância".

5 — "Piano Arcano", de José Eduardo Degrazia, Ed. Alcance, Porto Alegre, 1999. Um poeta maduro, um poeta que domina o segredo das musas, não apenas no poetar, mas também no analisar outros poetas, no traduzir, no debruçar-se sobre o misterioso fascínio das palavras. Para além disso, Degrazia é também um experimentador do miniconto. Neste seu mais novo livro, estão presentes todas as suas potencialidades, sua voz afinada e atenta ao mundo que o cerca. Tânia Franco Carvalhal diz, sem exagero, no estudo introdutório, que o autor trabalha com o oculto de uma melodia que estava em um lugar recôndito. Mais que isto, temos um poeta atento às dispares vozes de um mundo contraditório, que ele busca captar e transmitir, numa linguagem dúcil. Lemos esta pastoral do poema "Jardim crepuscular: Da velha árvore pendem musgos,/ lembram as barbas brancas/ de um velho jardineiro./ E o vento passa entre folhas secas,/ e os pássaros fazem ninhos/ de leve paina e palha suave:./

Nela eu vejo uma alma antiga./ um velho jardineiro que no inverno frio/ anda a podar os sonhos e as quimeras.

6 — "Vozes do Silêncio", de Cecília Bossi, Ed. da UFC, Fortaleza, 1999. Uma sonetista modelar. Mas não é apenas neste gênero poético que a autora marca posição de destaque, entre os poetas brasileiros contemporâneos, se bem que no soneto deixe sua principal marca. Dizer isto não é dizer pouco. Mas é necessário ir além, Cecília Bossi é uma artesã da palavra, sempre em busca de maior expressividade, marca de todo criador. Venho acompanhando, com inusitado interesse, a trajetória desta poetisa. Concordo plenamente com o poeta Francisco Carvalho quando afirma: "Uma das vertentes mais expressivas da poesia de Cecília Bossi é justamente esse choque de sentimentos e de conflitos que estão na raiz do seu discurso poético. Vêm daí essa força e essa paixão com que ela se joga de corpo inteiro no holocausto do poema". Um exemplo extraído dos "Sonetos Shakespearianos", número 39: "Quisera ver a vida nédia e nova/ para esquecer a mágoa, a nostalgia/ como se renascesse na desova/ um novo ser ao sol, no dia-a-dia// Quisera ver surgir o plenilúnio/ crescer na pétala da noite calma,/ a luz que me acendeu o estreito túnel/ no coração que guarda a minha alma// Sentir a mão do próprio esquecimento/ acalantar o sonho pela vida,/ me transformar em pedra, água e vento/ e amar o amor na pele sem ferida// A lua gorgendo a luz frenética/ cantará os meus versos na poética".



053: Alemanha: quatro momentos

MIGUEL, Salim. Alemanha: quatro momentos. **A Notícia**. Joinville, 4 nov. de 1999, p. C-3. Anexo.

ALEMANHA: QUATRO MOMENTOS

1 977. Estou no aeroporto de Frankfurt. Vejo uma plaqueta com meu nome. Dirijo-me para o jovem que a empunha. Ele pergunta: jornalista Salim Miguel? Abano a cabeça. Me pega pelo braço, pede que lhe dê a sacola que carrego, repete: vamos, vamos, o outro avião sai já. Mal dá tempo para que pergunte: e minha bagagem? Enquanto caminhamos a passo estugado, diz, num português sem sotaque: não se preocupe, está tudo providenciado.

Destino: Bonn, então capital da Alemanha. Preciso recuar. A história começara fazia uns meses, no Rio de Janeiro, onde eu morava. Convite da Internaciones, através do consulado alemão, para uma visita de 15 dias à Alemanha. Em geral o convite era para grupos de jornalistas e escritores. No caso, qual motivo não sei, ia eu só. Roteiro previamente preparado, mas eu podia sugerir modificações. Foi o que fiz. Interessava-me visitar redações de jornais, editoras e, claro, conhecer as cidades, seu modo de vida, (re)ver locais que eu conhecia por livros, fotos, filmes... E examinar o processo de recuperação do País.

1 — Em Bonn. A parte oficial já foi cumprida. Manhãzinha, toca o telefone. É a guia e intérprete me apressando. Temos de pegar o trem para Colônia. Sai logo. Eu queria visitar a Catedral e tinha uma entrevista numa emissora de rádio, com retransmissão para o Brasil. No táxi, a intérprete, que tem um irmão morando no Brasil, Kurt Mirow, empresário e autor do importante livro "A Ditadura dos Cartéis", está inquieta, acha que vamos perder a condução. Digo: temos tempo. Ela discorda, um transtorno qualquer no trânsito e perdemos o trem, eles aqui são pontuais, não estamos no Brasil. Mas a realidade mostrou que não era bem assim. Chegamos, faltam poucos minutos, a moça quase corre. De repente estaca, atenta a um aviso do alto-falante, vira-se meio sem jeito, murmura: houve um problema, o trem está atrasado. Não resisto, dou um sorriso, respiro feliz, retruco: ain-

da bem, eu me sentia desconfortável, vejo agora que até no Primeiro Mundo as máquinas falham, não apenas no Terceiro Mundo.

2 — A viagem foi instrutiva, o atendimento excelente. Agora estou em Berlim. Quem me atende é uma senhora que se aproxima dos 40, esteve várias vezes no Brasil, fala com sotaque carregado, apaixonada por Carnaval e cachacinha. Fui a jornais, editoras, tentei encontrar uma antologia do conto brasileiro onde estava incluído um meu, pelo qual eu recebera os direitos autorais, mas não um exemplar. Todos os guias e intérpretes com quem convivi eram extremamente profissionais, atenciosos, sabendo das coisas, aonde nos levar, o tempo que tínhamos para cada visita, e como se livrar de perguntas impertinentes — mas sempre distantes. Esta foi exceção. Ao saber que Eglê, minha mulher, era tradutora do alemão e especialista em literatura infanto-juvenil, me surpreendeu com um convite, almoço em sua casa, para lhe conhecer a mãe. Era um casarão já meio desgastado pelo tempo, móveis pesados, decoração bem-cuidada, quadros, lustres, tapetes — uma certa ambiência aristocrática. A certa altura do almoço caprichado, a intérprete precisou se ausentar, deixando-me a sós com minha anfitriã. Ela tentou um alemão, do qual entendi alguma coisa, mas não consegui responder, e o que nos valeu foi um precário francês. Falamos da recuperação da Alemanha, de um Brasil que a senhora conhecia de livros e pelas narrativas da filha, que estivera até no Amazonas. Aí minha surpresa: estava diante de uma escritora, com diversos livros publicados, alguns para crianças. Pediu-me que entregasse dois para a Eglê. Na volta a intérprete me disse que sua mãe ficara muito impressionada com minha conversa, meu conhecimento de literatura, inclusive a alemã, e mais, como eu sabia tomar vinho, pegando no copo pelo lugar correto, a fim de manter o *bouquet*...

O espaço se foi. Fico devendo, ao leitor, os momentos três e quatro.

054: Alemanha: quatro momentos

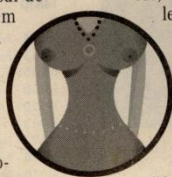
MIGUEL, Salim. Alemanha: quatro momentos. **A Notícia**. Joinville, 11 de nov. de 1999, p. C-3. Anexo.

ALEMANHA: QUATRO MOMENTOS

Vamos à continuação. 3 — Hamburgo. Já percorri a cidade, já visitei os lugares definidos pelo programa, já estive no jardim zoológico, onde encontrei uma família brasileira, já fui ao teatro assistir a uma belíssima apresentação da ópera "A Flauta Mágica", de Mozart. Aqui, o guia era um estudante brasileiro, ele ganhava uns trocados e se alimentava melhor, pois sempre pedia mais um pouco de comida e outra cerveja (eu ficava nos vinhos). Já havíamos, até, percorrido o Saint Paul, com sua extensa zona de meretrício, parte indispensável da programação, com ruas de mulheres expostas em vitrines, para a devida escolha do senhores interessados. Embora o pitoresco e inusitado da situação, não entendi a inclusão desse item, como não entendi o seguinte: um passeio de barco pelo porto, devidamente acompanhado pelo dirigente-mor. Retifico: acompanhados, pois éramos um grupo heterogêneo, inclusive um casal de portugueses. O homem gostava de falar, dava explicações, voltava a repetir os melhoramentos que sua administração vinha implantando no porto, como se fôssemos autoridades e de nós dependesse sua permanência no porto. A partir de determinado momento deixei de prestar-lhe atenção, mais interessado na conversa com os portugueses. De repente o barco pára, o homem bate palmas, aponta, o tradutor diz: estes modernos contêineres irão melhorar e agilizar o processo de carga e descarga, são os maiores da Europa. Entrou em minúcias. Antes o administrador do porto havia falado no bairro das prostitutas, quem por lá não passara devia fazê-lo sem falta. Não resisti e perguntei: com esta modernização não vai haver excesso de prostitutas, já que os marinheiros, principais clientes, se demorarão menos em terra? O homem me fixou, ficou quase roxo, gaguejou, virou-se para o intérprete como quem exige tradução de tudo o que iria dizer. Resumindo: ficara muito ofendido, o governo do Hamburgo sabia administrar a cidade e ele, o porto; aqui não era aquela bagunça da Praça Mauá (isto ele repetiu

três, quatro vezes), já estivera no Brasil e eu devia conhecer bem a Praça Mauá (não conseguia dizer Praça Mauá). E até o final do passeio não mais me olhou ou se dirigiu a mim.

4 — Estou no trem, vou passar um dia em Lübeck, uma de minhas solicitações, ainda no Rio, prontamente atendida. Converso com o guia; sei mais do que ele a respeito da cidade. É muito antiga, de bela e tradicional arquitetura, uma das raras que não foi atingida pela guerra. Percorremos ruas e ruas, demorei-me diante de algumas casas, visitei outras. O restaurante em que fomos almoçar ficava num prédio que tinha a idade do Brasil. Comemos um peixe à moda da terra, acompanhado de excelente vinho. Em mesas próximas, outros comensais, não sei se também turistas, todos enfatiados, o meu guia e eu, de camisa esportiva. Mais tarde fomos a uma confeitaria, lá estavam quase só grupos de senhoras, na maioria idosas; olhavam curiosas aque-



les inesperados invasores de um mundo que imaginavam só delas. Saímos e então eu disse ao guia: vamos agora ao motivo principal de minha visita, conhecer a casa onde nasceu Thomas Mann; ver onde ele, aos 25 anos, escreveu "Os Buddenbrooks", retrato de sua família e seu burgo, que causou grande reboio na cidade. Enquanto caminhávamos eu pensava: quero percorrer casa, ver os quartos, a mesa onde ele escrevia, quem sabe algum objeto de uso pessoal desse homem que marcou sua época com obras como "A Montanha Mágica", "Morte em Veneza", "Doutor Faustus" e tantos mais. Eis a rua. Eis a decepção: apenas a placa minúscula, com letras de tamanho regular, mais para miúdas — nesta casa nasceu o escritor Thomas Mann. E só. Agora abrigava uma agência bancária. Que contraste com a casa, em Berlim, onde nascera Beethoven!

Claro que foi uma viagem enriquecedora. Muito vi e muito aprendi sobre a Alemanha e seu povo. Mas também fiquei sabendo que lá os trens podem se atrasar, que não só no Brasil nem sempre se preserva o local de nascimento de grandes artistas.

055: Só prosa

MIGUEL, Salim. Só prosa. **A Notícia**. Joinville, 18 de nov. de 1999, p. C-3. Anexo.

SÓ PROSA

A produção literária no Brasil é incalculável. De editoras convencionais, alternativas, edições dos próprios autores. São de todos os gêneros, formatos, níveis de qualidade. As tiragens reduzidas, sim. E daí? De repente, recebemos (ou compramos) um título que, por qualquer motivo, nos chamou a atenção. E ele nos prende, revela insuspeitadas qualidades, ou então confirma valores que já conhecíamos. Desta vez, a colheita é só de prosa.

1 — “Vasto Abismo”, novela, Nílto Maciel, Codecri Ed., Brasília, 1999.

A segunda novela, que dá título ao livro, já define a estrutura narrativa e a proposta do autor. Sempre inquieto e inquietante, sabe erguer sua trama e conduzir seus personagens, que buscam uma destinação. A preocupação de Maciel é, como todo escritor que se preza, não entregar tudo mastigado ao leitor; pelo contrário, deixa que o leitor suprima ou adicione elementos, pois literatura é mais sugestão, é fazer com que o leitor se envolva e passe a participar do que tem diante dos olhos. Acompanho Nílto Maciel desde seus primeiros passos, na revista “O Saco”, de Fortaleza, depois publicamos um conto dele na revista “Ficção/RJ”, década de 70. Detentor de vários prêmios, foi com satisfação e intenso interesse que li seu romance “Rosa Gótica”, inovador e forte, premiado no concurso nacional Cruz e Sousa, da Fundação Catarinense de Cultura. Se todo este labor não fosse suficiente para lhe marcar um lugar em nossas letras, há ainda seu trabalho de batalhador da cultura, bom exemplo é a revista “Literatura”, que ele edita há anos em Brasília.

2 — “A Lição do Poema” — Cartas de Cecília Meireles a Armando Corte Rodrigues, organização e notas de Celestino Sachet, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1999.

Exaustiva pesquisa, levantando a volumosa correspondência da poeta brasileira; falta, agora, recuperar a de Corte Rodrigues. Teríamos, assim, um abrangente painel que nos devolveria a sensibilidade de dois excelentes poetas, com suas dúvidas e certezas, seu processo de criação e a busca do melhor poetar. Em suas notas, Celestino aclara pontos que fica-

riam obscuros para o leitor de hoje e ajuda a entender vida e obra da grande Cecília Meireles.

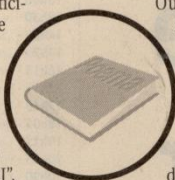
3 — “Machado de Assis” — uma revisão, Antonio Carlos Secchin, José Maurício Gomes de Almeida, Ronaldes de Melo e Souza, organizadores, In-fólio, RJ, 1999.

Por mais que se escreva, sempre há o que dizer do bruxo do Cosme Velho. A fortuna crítica de nosso mais importante escritor só faz aumentar. E não só no Brasil. Neste 1999, transcurso dos cem anos de publicação de “Dom Casmurro”, mais páginas vão se somando às existentes. Neste volume encontram-se reunidos trabalhos de estudiosos sobre a vida e obra do mestre, com novas aproximações e descobertas. Ubiratan Machado, por exemplo, há muito vem se dedicando ao estudo de Machado de Assis, pesquisando e levantando bibliografia sobre ele, mais do que duplicando o registro da fortuna crítica feito por J. Galante de Souza (Bibliografia de Machado de Assis, INL, 1955).

Outros estudiosos fazem análises dos mais diversos aspectos da multifacetada obra do mestre. É um prato cheio para os machadianos.

4 — “Cem Anos sem Cruz e Sousa”, Ed. do Senado Federal, Brasília, 1999.

Se não foi tudo aquilo que se esperava, por sua importância não só para a poesia brasileira, o centenário da morte do simbolista Cruz e Sousa não passou despercebido. Várias foram as manifestações relembrando aquele negro filho de escravos, nascido numa cidadezinha quase sem tradição cultural, e que se tornou o mais representativo nome da corrente simbolista. Não só. Da poesia brasileira. Este volume, que reúne os premiados pelo concurso promovido pelo Congresso Nacional, é mais uma importante contribuição. Na sua maioria são novos autores que demonstram interesse pelo poeta do Desterro. É um livro que merece ser lido e estudado, não apenas pelos admiradores do autor de “Últimos Sonetos”. O trabalho da comissão julgadora (senador Abdias Nascimento, senador Esperidião Amin, deputado Paulo Gouvêa, escritores Gerardo Mello Mourão e Iaponan Soares), dado o nível apresentado, não deve ter sido fácil.



056: Teje preso

MIGUEL, Salim. Teje preso. **A Notícia**. Joinville, 25 de nov. de 1999, p. C-3. Anexo.

TEJE PRESO

Inverno. Estou, com um fotógrafo da revista "Manchete", em Florianópolis. A meteorologia diz que vai nevar em São Joaquim. Telefone para o Justino Martins, editor da revista, dou uma sugestão. É aceita, podemos nos deslocar para a região serrana. A imprensa do Rio, não só a "Manchete", estava cansada de, a todo ano, ver chegar o jornalista Rogério Martorano, natural de São Joaquim, sempre com um pacote de fotos, a repetir: cedo de graça, para ilustrar matéria sobre a neve na cidade mais fria do País. Acontece que as fotos eram quase as mesmas e coincidia aparecerem em órgãos diferentes. Rogério passou a ser conhecido como "o abominável homem das neves".

O problema era chegar a São Joaquim. Justino descartou a possibilidade de se alugar um carro. De ônibus, nem pensar. Solução: apelar para o Fúlvio Luís Vieira, amigo de longa data, que era o chefe do gabinete de relações públicas do governo.

Não demora, enfrentávamos a estrada. Fomos direto para o hotel Nevada — que tinha belas fotos de neve cobrindo as paredes da recepção e do restaurante — neves do Canadá.

Estávamos no restaurante, quando o mesmo é invadido pelo senhor delegado e três soldados. Cercou a mesa onde nos encontrávamos, ergue a voz, disse, determinado e autoritário: vocês tão presos. Pensei: brincadeira besta; retruquei: o quê? O homem, voz alterada, nem me ouviu, repetia: vamos, levantem-se, já pra delegacia.

Altura mediana, mal-enjambrado, voz anasalada, quarentão, seco de carnes, mais merecia estar dentro do que fora da cadeia. Se eu acreditasse nas teorias lombrosianas, ali estava um perfeito tipo plenamente catalogável. Os olhinhos miúdos envesgados não se fixavam nas pessoas, vivia mastigando palitos de fósforo, cuspinha em qualquer canto, punha e repunha a mão no revólver.

Sob os olhares estupefatos do pessoal do restaurante, dos passantes na rua, lá fomos nós. De nada adiantou explicarmos quem éramos, o que vínhamos fazer, de quem o carro, que ele mesmo telefonasse para o dr. Fúlvio Luís Vieira, que trabalhava no palácio do governo, em Florianópolis. Nada nos explicava, só sabia repetir o

"vamos", agora acrescido de um "que doutorzinho é este de quem nunca ouvi falar!"

Na delegacia, estivemos a ponto de ser engaiolados, o fotógrafo, o motorista e eu. O delegado não nos deixou telefonar, queria saber o que vínhamos fazer ali, pouco ligou para o equipamento do fotógrafo, para as nossas credenciais, e, se era como insistíamos em dizer, por que ele não fora informado de nossa vinda. As horas passavam. Dali a pouco não mais encontraríamos o Fúlvio, amargaríamos uma noite gelada na infecta cadeia, vendo impotentes a neve cair lá fora.

Por sorte havíamos, logo ao chegar, falado com o gerente do hotel e explicado o que tínhamos em mente, falado no Fúlvio, a quem o homem conhecia. Quando tudo parecia decidido, contra nós, claro, toca o telefone, o delegado vai atender, escuta, retruca, se irrita, mastiga o palito de fósforo bem no canto da boca, cuspinha, murmura um "sim-sim", desliga o telefone e diz para os dois soldados que nos vigiavam: soltem os elementos. Insistimos numa explicação.

Relutou. Era um direito nosso saber o motivo daquela violência. A contragosto resumiu: o automóvel no qual havíamos chegado tinha sido roubado da Secretaria da Fazenda, em Florianópolis, fora recuperado dia depois, mas haviam esquecido de comunicar às delegacias, portanto ele, delegado, estava mais do que no direito de prender os meliantes. Agora tinha de nos soltar, mas sob uma condição: com ou sem neve, deixar São Joaquim imediatamente.

Em Lages, ficamos sabendo que começara a nevar em São Joaquim. Resolvemos arriscar, refazendo caminho. Não deu, a estrada já se tornara intransitável. À noite, uma nevezinha em Lages. Saímos pelos arredores, os faróis dos carros refletindo a neve tombando, belo espetáculo, mas insuficiente para uma reportagem.

No dia seguinte, em Florianópolis, Fúlvio telefonou para a Secretaria de Segurança. Foi informado, por um amigo, que o tal delegado era useiro e vezeiro em arbitriedades e violências, chegava-se a contar que mandava o preso fugir e atirava pelas costas; como tinha as costas quentes, continuava no cargo.



057: Biguaçu em mais um livro

MIGUEL, Salim. Biguaçu em mais um livro. **A Notícia**. Joinville, 2 de dez. 1999, p. C-3. Anexo.

BIGUAÇU EM MAIS UM LIVRO

Somos o que nos fez nossa infância. E adolescência. No meu caso, sou profundamente marcado pela vivência em Biguaçu. Considerando-se os tempos (pouco) de Rachadel, de colonização alemã, e Alto Biguaçu, hoje município de Antônio Carlos, foram cerca de 15 anos. E, a trabalho ou passeio, calcurrei, vezes sem conta, todos os recantos do município.

Para me sentir em Biguaçu não necessito ir a Biguaçu. Basta fechar os olhos e lá estou. Não é, claro, a Biguaçu de hoje, mas a que recupero me basta. Vejo nitidamente as duas casas onde morei, uma alugada de um parente, às margens do rio, outra não sei de quem, perto da antiga ponte de ferro. Mais do que isto, vejo a molecada pelas ruas, no campinho de futebol dos Born, colhendo frutas na chácara do seu Galliani, vendo as brigas de galo, acompanhando as serenatas, Orlando ao violão, modulando a voz que ele queria semelhante à de Francisco Alves.

Isto é muito, muito mais. As aulas no Grupo Escolar Professor José Brasilício de Souza, os banhos no rio Biguaçu, merdinha que de repente se tomava de fúria incontrolável, motivando os famosos versinhos, "choveu, choveu/ Biguaçu encheu". Poderia continuar, paro por aqui.

Terras e gentes ajudam a compor o ser humano. A partir de determinado momento passei a prestar especial atenção a duas figuras em particular: o preto velho Ti Adão, com inesgotável vitalidade nos seus cem anos, e o poeta, livreiro, cego João Mendes, onde durante anos matei minha fome de leitura, já que não tinha como comprar livros. Antes de ganhar coragem e passar a ler para mim e para ele, lia tudo o que me caía nas mãos, jornais, revistas, almanaques, antologias. Li e reli até anúncios e bulas de remédio.

Quando tudo isto começou a se tornar literatura? Não sei precisar. Ou sei. Desde muito cedo. De forma inconsciente em meus primeiros textos, com um propósito definido a partir de determinado momento. Adaptei

uma cidade existente às minhas necessidades ficcionais. Nos 18 livros já publicados, além de numerosos esparsos, lá está presente a terrinha. Tenho sempre presente o que dizia Tolstói: "fala de tua aldeia e estarás falando do mundo".

Por que mais esta notícia sobre Biguaçu?

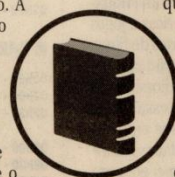
Entre as muitas razões:

1 — Faz pouco, na Feira dos Municípios Catarinenses, realizada no Centro de Convenções de Florianópolis, encontrei a incansável Ana Lúcia Coutinho e o Grupo Arcos.

Saboreei pratos típicos e falamos de Biguaçu e da necessidade de se recuperar o casarão dos Born, localizado na praça central da cidade, transformando-o num espaço cultural, mais do que necessário. Ele é um dos últimos remanescentes de uma arquitetura de época que merece ser preservada.

2 — Aproveito para fazer um comercial (será que pega bem?): amanhã, dia 3 de dezembro, estarei autografando, na Câmara de Vereadores de Biguaçu (prédio da Prefeitura), meu 18º livro, "NUR — Na Escuridão", romance que é um retrato do Brasil das décadas de 20 a 50, visto através de uma família de imigrantes libaneses, com quase metade dele passado em Biguaçu, onde os mais idosos irão reconhecer lugares, situações, gentes. Mas quero aqui deixar um aviso: não estou fazendo, nem pretendi fazer história, mas sim, contar histórias. Aproveitei o passado, o que dele estava dentro de mim, para com liberdade criar uma obra de ficção. Só para dar um exemplo: o preto velho Ti Adão até pode ser ele, mas é também, muito mais, o que lhe fui acrescentando ao longo destes mais de 50 anos.

O mesmo ocorre com outras personagens e situações. Para concluir dou outro exemplo: no livro, transcrevo poemas do João Mendes. Mas esse João Mendes é uma recriação literária, um ser de papel, não o João Mendes de carne e osso que tantos conheceram. Contudo, espero, pela força da palavra, ter-lhe dado vida e substância.



058: A descoberta do cosme velho

MIGUEL, Salim. A descoberta do cosme velho. **A Notícia**. Joinville, 9 de dez. 1999, p. C-3. Anexo.

A DESCOBERTA DO COSME VELHO

Durante anos e anos, de certo bairro carioca eu apenas sabia que ali morara Machado de Assis — e quase sempre, ou sempre, que alguém se referia ao autor de “Dom Casmurro”, se apressava em acrescentar “o bruxo do Cosme Velho”.

Depois, durante outros tantos anos, e prossegue até hoje, falar do Cosme Velho significava falar na Laura e no Cícero Sandroni, amigos de fé, que moram na rua Itamonte.

O casal adorava-adora reunir amigos e colegas de profissão; iam lá com frequência bater papo, saber das novidades. Ali, Laura e Cícero, Fausto Cunha, Eglê Malheiros e eu decidimos retomar a aventura da revista “Ficção”. Muitas das reuniões para preparar o número seguinte, ver a correspondência, examinar originais, julgar o concurso de contos, nos finais de semana, ocorreram na casa deles.

Jornalista, a profissão reforça a minha curiosidade, mas nunca me preocupei em saber algo a respeito do tal do Cosme Velho — quem seria, como o bairro adquirira a denominação.

Eis que, depois de tantos anos, de repente não mais que de repente, como diria o Poetinha, levado pela mão do Cícero, descortino num Cosme Velho de águas e rios, de árvores e matas, de pássaros e bichos, de paisagens inusitadas, de gentes conhecidas e anônimas, que ele recupera e faz chegar, com sensibilidade e conhecimento, até o leitor.

“Cosme Velho — O Rio das Letras do Rio” é o mais recente livro da coleção Cantos do Rio, Ed. Relume-Dumará/Rio Arte.

Numa prosa saborosa (vá lá a rima), eis-me, conduzido pelo Cícero Sandroni, não apenas visitando o Cosme Velho, mas também conhecendo melhor o Rio de Janeiro e sua história. E fica-se sabendo que o Rio não é apenas Copacabana, Ipanema, Flamengo, Maracanã. Há um outro Rio.

Paulista acariocado, jornalista competente, contista exemplar, papo envolvente, amigo solidário, Cícero Sandroni em tudo se empenha a fundo. Lê-se “Cosme Velho” com o agrado com que se lê um bom texto de ficção, sem prejuízo da carga de dados que ele nos transmite.

A esta altura, com o espaço chegando ao fim, um paciente leitor, já impaciente, pode se (me) perguntar: “Muito bem, mas a não ser generali-

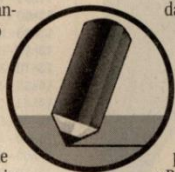
dades, o que mais fiquei eu sabendo do tal de Cosme Velho?” Retruco: “É isto mesmo, se te aticei a curiosidade, vai em busca do livro. Faz tuas próprias descobertas”.

Reconsidero. Forneço ao leitor, nas palavras do Cícero, duas ou três informações sobre o Cosme Velho.

Primeira, a razão do nome: “Com o desvio para a cidade, o rio (Carioca) começou a extinguir-se. Escassas e poluídas devido ao afluo de dejetos e detritos, as águas já não serviam às fazendas e engenhos, que foram sendo divididas em grandes chácaras para onde se mudava quem desejava afastar-se da cidade. No princípio do século 18, a maior delas pertencia a Cosme Velho Pereira, comerciante estabelecido na rua Direita, hoje Primeiro de Março. Todos os dias Cosme Velho seguia do vale para a cidade e voltava, percorrendo o caminho que passou a ser conhecido pelo seu nome”.

Segunda, sobre Machado de Assis: “Machado morreu no Cosme Velho em 29 de setembro de 1908, cercado pelos amigos, depois de receber a última homenagem daquele menino que Lucia Miguel Pereira revelou ter sido Astrogildo Pereira, desde então um dos mais atilados estudiosos da obra machadiana que, em 1922, participou do grupo que fundou o Partido Comunista do Brasil. Preso e perseguido pela polícia política após o golpe de 1964, veio a falecer em 22 de novembro de 1965”.

Terceira, uma retificação. Lá no comecinho eu disse que, do Cosme Velho, só sabia de duas casas, a de Machado e a de Laura-Cícero. Esqueci-me de Augusto Rodrigues e sua Escolinha de Arte no Lago do Boticário, aonde fomos algumas vezes, na década de 80, buscar suas charges para a revista “Ficção”. Diz Cícero: “Augusto Rodrigues transformou o local num central cultural a céu aberto, ponto de encontro de intelectuais e local de eventos artísticos, com memoráveis festas de réveillon. No apartamento convencionalizou-se o regime de open-house para artistas, amigos e conhecidos, e quando aniversariava a festa se estendia pelo largo, transformado em jardim de sua casa. Lembro-me de uma noite em que convidou Vinícius de Moraes e o poetinha acabou cantando, em pleno largo, em homenagem a ele e à sobrinha do presidente Leopold Senghor, do Senegal, que visitava o Brasil”.



059: José Mindlin, bibliófilo

MIGUEL, Salim. José Mindlin, bibliófilo. **A Notícia**. Joinville, 16 de dez. de 1999, p. C-3. Anexo.

JOSÉ MINDLIN, BIBLIÓFILO

Para falar de uma vida entre livros, título paradigmático de seu livro de memórias, José Mindlin começa esclarecendo que não gosta da expressão “palestra”. Muito menos “formal”. Considera-se um contador de histórias, que vai desfiando o fio das lembranças — e assim envolve o ouvinte e mesmo o leitor que já lera suas andanças pelo mundo, em busca de primeiras edições. É, em síntese, um papo gostoso, que vai e vem, recua e avança, como nas histórias das “Mil e uma Noites”, de que se mostrou mais do que um apaixonado. Foi uma tarde, na Aliança Francesa de Florianópolis, em que todos nos encantamos com sua facilidade de comunicação, seu humor, sua memória prodigiosa, seu prazer de viver.

Revela-nos que iniciou sua vida entre livros aos 13 anos, agora, aos 85, tem cerca de 30 mil. Ou já serão mais? Ele continua comprando. Concorde com sua mulher: a partir de certo momento, deixaram de ser donos dos livros, os livros é que são donos deles.

O livro é para ele como um ser vivo. Dá exemplos: precisou selecionar cem de seus livros para uma exposição. Foi difícil; todos queriam se mostrar; uma ciúmeira danada. Teve de acalmar os que não foram escolhidos, dizendo que mais adiante teriam vez.

Difícil também foi atender à solicitação de uma lista de cem livros importantes, que constituiriam a base do acervo de uma escola. Tarefa impossível, em vez de livros indicou cem autores; não satisfeito fez uma lista complementar de mais 20. Lancei a isca, perguntei-lhe se conhecia as listas de Carpeaux e Marques Rebelo. O artifício funcionou, Mindlin puxou de uma pasta e leu sua relação, feita em ordem alfabética. O segundo era Alain Fournier, autor de um único livro, “Le grand Meaulnes”, morto na guerra de 1914/18. Eu o havia lido por indicação do Marques Rebelo.

Da lista, ele passa para suas preferências literárias. Poucos hispano-americanos e menos ainda norte-americanos. Lê e relê Proust; admira o Joyce de “Dublinenses”, mas não afina com o “Ulisses”; se fosse forçado a escolher só dois autores, seriam Balzac e Proust; só um romance, “Guerra e Paz”, de Tostoi. Sublinha a importância de “Os Sertões”, mas diz que organizaria o livro começando pela última

parte. Falar de autores contemporâneos lhe é mais complicado; não consegue dissociar o escritor do cidadão; apesar dos elogios, nunca leu Celine por causa de sua adesão ao nazi-fascismo.

Como todo colecionador que se preza, Mindlin valoriza certos aspectos do livro, para além de primeiras ou antigas edições: se o volume é autografado, se passou por mais de um dono, folheia o livro com curiosidade ou ternura, vai à folha de rosto, ao colofão, estuda a tipografia, as ilustrações — e muito mais. Ele fala com entusiasmo de muitas preciosidades, entre elas uma Bíblia de Gutenberg.

Além de bibliófilo apaixonado, Mindlin é um benemérito das artes. Sei que ele não aprecia o “benemérito”. Paciência. Não tenho outra maneira para defini-lo. Durante anos, com sua empresa Metal Leve, ele lançou importantíssimas edições fac-similares (entre outras a “Revista de Antropofagia”, de Oswald de Andrade, e a “Revista Verde”, do Grupo de Cataguazes/MG), ou patrocinou lançamentos como “Frente e Verso”, sobre Carlos Drummond de Andrade, onde

figura uma foto dos jovens do Grupo Sul, num encontro com o poeta, na década de 50. Temos experiência direta de seu apoio a projetos culturais. Durante todo o tempo em que circulou a revista “Ficção (RJ, 1976/79), manteve nela anúncio da sua Metal Leve. É bom lembrar que esta empresa pioneira, devida à política entreguista do atual governo, teve, como tantas outras, de ser vendida para um grupo estrangeiro.

Alguém lhe perguntou: quantos livros formam sua biblioteca? Respondeu que uns 30 mil. Outro: já leu todos? Retrucou: impossível, precisaria ter o dobro da idade que tenho. Lembrei-me de um diálogo parecido, quando eu lhe disse: ledo engano, você sempre teria novos — velhos livros para adquirir e ler, seria necessário mais tempo de vida e assim sucessivamente.

José Mindlin insiste em que o livro é imprescindível e insubstituível para quem sabe ler, supera tudo o que surge pensando suplantá-lo. Confirma, assim, uma frase de Alberto Manguel, autor da excelente “Uma História da Leitura”. Perguntado a respeito da afirmativa de Bill Gates de que a era do livro chegara ao fim, retrucou: “Para dizer isto Bill Gates escreveu um livro”.



060: Mais livros: registro

MIGUEL, Salim. Mais livros: registro. **A Notícia**. Joinville, 23 dez. de 1999, p. C-3. Anexo.

MAIS LIVROS: REGISTRO

Final de ano. Época de avaliação, de planos. Também de examinar o que foi recebido, adquirido, lido, no caso do colunista. Enfim, de limpar a mesa — para recomeçar tudo no início do novo ano. Não há, creio já ter dito, como dedicar uma coluna a cada livro, embora muitos o mereçam. A solução é um registro. Começemos:

1 — “Mundo Velho sem Fronteiras”, de Wilson Chagas, segunda edição revista, Ed. Movimento/PA, 1999. Um dos primeiros, quem sabe o primeiro estudo global da obra de Érico Veríssimo. Para quem conhecia, será bom voltar a essas páginas tão analíticas e tão sensíveis, que situam com precisão o autor de “Incidente em Antares” e sua trajetória. Para quem não conhece, será uma agradável e instrutiva revelação.

2 — “Aninha Virou Anita”, de Celso Martins, Edição A Notícia/SC, 1999. A caminhada de Anita Garibaldi, de sua Laguna, até a Itália, com todos os seus incidentes heróicos, tem fascinado pesquisadores e escritores de várias latitudes e tendências. Aqui, o autor, tarimbado jornalista e pesquisador, dá sua valiosa contribuição para o melhor entendimento de uma figura que tudo enfrentou para se manter fiel a seu projeto de vida e acompanhar o homem que amava.

3 — “História do Rádio em Santa Catarina”, de Ricardo Medeiros e Lúcia Helena Vieira, Ed. Insular, Florianópolis, 1999. A preservação de nosso passado não tem merecido muita atenção e assim a memória do que fomos e somos se esvai. No entanto, indispensável examinar o passado para projetar o futuro. No caso, ninguém tem o direito de desconhecer a importância que teve (ainda tem) o rádio, que nos mantinha atados com o mundo. Aqui, os autores buscam resgatar um pouco do que ele representou para o Estado e para Florianópolis.

4 — “Tiradentes — Poder Oculto o Livrou da Força”, de Assis Brasil, Ed. Imago/RJ, 1999, segunda edição. Este livro causou muita polêmica e controvérsia. Através de pesquisa e documentação, o autor tenta provar

que Tiradentes não morreu na forca, tendo alguém morrido em lugar dele, e que Tiradentes, com outro nome e outro aspecto, teria vivido muito. De qualquer forma, mesmo os que não aceitam a tese, terão, neste livro de 450 compactas páginas, um retrato do Brasil da época, período conturbado de lutas e afirmação da nacionalidade. Assis Brasil, escritor profissional na melhor acepção da palavra, já ultrapassou os cem títulos publicados — e sempre tem o que nos transmitir.

5 — “Teatro Seleccionado”, de Horácio Nunes, seleção, atualização, introdução e bibliografia por Lauro Junckes, coleção Memória Literária, volume 6, Ed. da UFSC e Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, 1999. Horácio Nunes dominava a carpintaria do teatro, como se pode ver pelos textos selecionados. O tratamento é sempre dentro de uma linha romântica, modelo da época, mas por vezes ensaia a crítica e o humor, o que pode ser observado na peça em um ato “Um Cacho de Mortes”. Além do teatro, Horácio Nunes escreveu também romance, com uma experiência curiosa e que merece ser lida, “D. João de Jaqueta”.

6 — “Conto e Poesia”, Terceiro concurso literário, Ed. Sinergia, Florianópolis, 1999. Uma significativa contribuição para a literatura de Santa Catarina é a que vem sendo dada pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis. Confirmando ou revelando valores, este concurso contribui para manter acesa a chama da produção literária entre nós, num momento cada vez mais difícil para as atividades culturais de maneira geral. Neste terceiro volume (pois além da premiação, faz-se a publicação dos classificados), temos, lado a lado, nomes inteiramente desconhecidos e nomes já amplamente conhecidos. Pela leitura se constata que, enquanto valores se confirmam na prosa e no verso, muitos outros surgem, buscando um lugar no mundo da cultura.



061: Outros livros; registro

MIGUEL, Salim. Outros livros; registro. **A Notícia**. Joinville, 30 de dez. de 1999, p. C-3. Anexo.

OUTROS LIVROS; REGISTRO

Com este, praticamente concluo o registro de livros recebidos ou adquiridos. Por que o "praticamente"? É que ficaram de fora uns quatro — e nesse meio tempo certamente mais irão chegando. Mais uma vez, repito que alguns dos livros, mereciam uma coluna, mas...

1 — "Uma Vida nos Cinemas", de Eron Duarte Fagundes, Ed. Movimento, PA, 1999. A paixão pela chamada sétima arte perpassa todas as páginas desta narrativa. Implícita ou explícita ela ali está. Usei a palavra "narrativa" intencionalmente; embora seja um depoimento do autor e sua passagem pela sala escura, pode também ser lido como ficção. Os cinéfilos se deliciarão com a descoberta de filmes, de diferentes décadas, com os quais se encantaram e que, agora constata, encantaram outros. No meu caso limito-me a citar um, "Berlín Alexanderplatz", entusiasmado com o livro, o mesmo aconteceu com o filme, certamente mais longo do mundo.

2 — "O Cão e o Alcapão", de Luiz E. Silva, Ed. Letras Contemporâneas, Fpolis, 1999. Temos aqui uma análise minuciosa do ficcionista Péricles Prade, misto de poeta, crítico de artes, advogado, editor. E ex-político desencantado. Péricles começou como poeta e continua atuante. Mas é impossível esquecer o contista, com dois livros publicados, onde o fantástico traz sua marca pessoal, instigante, criativa. A mão certa, de outro escritor e editor, penetra fundo na obra, aprofundando nossa percepção. Importante ler, tanto para concordar como para discordar.

3 — "Sapateiros Militantes", de Aryna Eugênia A. Preis Horr, Fpolis, 1999. Uma pesquisa pioneira entre nós, que resgata uma parcela dos excluídos dos relatos históricos oficiais. Durante anos, os sapateiros foram uma categoria de forte militância política, a maioria composta de comunistas e anarquistas. O trabalho da autora, em busca de fontes e depoimentos, deve ter sido imenso. Mas o resultado vale. O subtítulo do livro, "Dos Pés Descalços aos Sapatos de Cetim", nos revela uma dramática realidade em que o "artista" de outrora, atropelado pelas transformações sociais, precisa reinventar sua profissão.

4 — "Bhaqavad-Brita", a canção do beco, de Luis Augusto Cassas, Ed. Imago, RJ, 1999. Essa caminhada pelos becos de São Luís, cidade

natal do autor, nos confirma o poeta de outros livros, dos quais já dizia outro poeta e ensaísta, Ivan Junqueira: "Sua linguagem se apurou e depurou de forma extraordinária, reduzindo-se ao osso da expressão verbal". Vejamos este fragmento de "A Fala do Beco": nos signos em rotação/fui de áries a peixes/nuvem e gavião//livrei-me das neuroses/com a overdose/das metempsicoses.

5 — "Poemas Soltos — Salvador 450 Anos, Quatro Séculos de Poesia", 1999, coordenação de Ildásio Tavares. O poeta não se dá por satisfeito com sua própria produção. Busca, nesta simpática coleção, que já está no décimo título, recuperar poetas, alguns muito conhecidos fora da Bahia (um Gregório de Matos), outros nem isto. Na apresentação, que acompanha as primeiras folhas soltas, diz, com razão, o Ildásio: "Os poetas são a voz mais profunda de um povo".

6 — "Literatura", revista do escritor brasileiro, Brasília, 1999, número 16 e revista literária Blau, Porto Alegre, 1999, número 27. Eis dois

importantes escritores, um, Nilton Maciel, cearense residindo em Brasília, o outro, Walmor Santos, catarinense residindo em Porto Alegre, que não se satisfazem com a criação da própria obra. Ambos vêm mantendo

garbosamente suas publicações, com o sacrifício que todos os que já se meteram em tais empreitadas devem saber. Em suas páginas estão contos, crônicas, poemas, artigos de crítica, reportagens e entrevistas, além de informações para manter antenados não apenas outros escritores, mas também o leitor. Ambas prestam um bom serviço às nossas letras e necessitam de maior apoio. É uma luta ingente, já que os poderes públicos raramente se interessam pela produção cultural e, menos ainda, a iniciativa privada.

7 — "O Espírito de uma Época", de Christina Baumgarten, HB Editora, 1999. Descendente de imigrantes alemães, que colonizaram a região de Blumenau, a autora, ao mesmo tempo em que escreve a biografia de seu antepassado Hermann Baumgarten, editor do Blumenauer Zeitung, nos traça um panorama histórico-social da colônia e do processo de aculturação de seus habitantes. Lê-se o livro com interesse, como documento e como romance.



062: Praia, roubo, imprevistos

MIGUEL, Salim. Praia, roubo, imprevistos. **A Notícia**. Joinville, 6 jan. de 2000, p. C-3. Anexo.

PRAIA, ROUBO, IMPREVISTOS

Chego à casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus, Norte da Ilha, e levo aquele susto: um bate-estaca a menos de 20 metros sobe e desce reboando, estremece toda a casa; vou até a praia, para um primeiro contato com a água. Outro susto: o mangue, crime ecológico, foi cortado numa boa extensão. E a praia, cadê a praia? Como tomara um pedaço do mar, lá na Ponta das Canas, o mar, cioso do que é seu, não teve dúvidas, logo abocanhou um trecho na divisa de Cachoeira do Bom Jesus com Ponta das Canas, justo em nosso trecho. Agora só falta implantarem aquilo que consideram marina, bem no pedacinho de praia que nos sobra. Não é só. Há também os cães, que, com ou sem dono, circulam pela areia, onde fazem suas necessidades, brigam, grudam-se aos banhistas, rosnam, se espojam e se atiram na água.

Excetuando o bate-estaca, isso era (é) comum. O incomum vem agora — e nunca acreditamos que venha a ocorrer com a gente — só com os outros. Estávamos há três dias na casa de praia, ainda na fase de arrumação, tira isso daqui, bota ali, não-não, mais ali, está faltando isto, mais aquilo, e a ida ao supermercado, e à feirinha, logo-logo começam a chegar os demais filhos, noras, netos. Por enquanto só os que moram perto e um casal, que reside em Brasília.

Cerca de meio-dia. Precisávamos descer, ir ao apartamento lá na Carvoeira, depois percorrer as livrarias, depois o depois. Na sala eu conversava com o filho e a nora, minha mulher, no quarto, arrumava as coisas. Veio até a sala, demorou-se uns dez minutos, voltou, eu a segui dizendo, "vamos começar a fechar as janelas, começo pelo escritório". Entrei. Dei de cara com a tela, que protege contra mosquitos, cortada de cima a baixo. Chamei minha mulher; da porta ela olhou. O que poderia ter sido: imaginamos tudo, menos o que ocorreria. Ela voltou a sentar na cama, mexeu na bolsa, sentiu falta de algo. Resumindo: em menos de dez minutos, alguém havia cortado a tela, entrado, levado 200 reais, um talão de cheque dela (Besc) e um meu (Banco do Brasil). Aí começou a correria: registro da ocorrência na delegacia de Polícia. (Resumo do diálogo com o delegado: fomos roubados, precisamos do boletim da ocorrência para os bancos bloquearem os cheques. Ele: nomes, onde foi, a que horas, como

foi. Informamos. Ele, brincando: é isto, a partir de agora, na temporada, para cada turista, dois assaltantes). Pensamos: exagero. Não era. Estávamos assinando o boletim, quando entra uma senhora, cara de turista, tensa e afobada, acompanhada de um senhor que certamente não era ligado a ela. Perguntada pelo delegado, foi logo esclarecendo: entraram pela janela de meu quarto, na pousada onde estou, levaram tudo, meus documentos, o dinheiro que eu tinha, mais coisas.

Já íamos saindo, o delegado nos olhou e nem precisou pronunciar o "seu não disse?"

Claro, não só de transtornos se compõem uma temporada de praia. Vamos, então, ver o outro lado. São as caminhadas à beira-mar, os gostosos papos com parentes e amigos, os banhos de mar, a música e as leituras, o gorjejar do passarelo e as incansáveis cigarras, o sestar depois de uma farta refeição, o procurar apreciar-se contra excessos — e uma bebidinha, que ninguém é de ferro.

No caso dos velhos (desculpem, a categoria foi extinta, agora somos todos menos ou mais idosos, em último caso da terceira idade) é a espera dos filhos, dos respectivos parceiros ou parceiras, dos netos, quem sabe, mais adiante, se resistirmos, os bisnetos...

Também é bom não esquecer a visita aos amigos, e a presença dos amigos em nossa casa, a ida a um novo restaurante, cuidado com a gula, não abuse da bebida.

Quando terminar a temporada, tudo servirá de assunto, cada qual desenrolando o fio de seu causo, incidentes e imprevistos, pretendendo que seja o mais hilário, mais pitoresco, mais dramático.

Por enquanto, são tempos de sol e mar. Mas lá um dia, mesmo nós, os mais idosos, devolvemos a praia às gaivotas e aos pescadores. É só esporadicamente voltamos, para um final de semana. Tentaremos retomar o fio da meada, relembrar os acontecidos. Uma tênue melancolia tudo cobre. O bate-estaca já se foi. Ali agora ergue-se mais um conjunto residencial, logo a ex-tranquila Cachoeira do Bom Jesus estará atulhada de edifícios. O mangue voltou a crescer. O mar recuou um tantinho. E em todas as aberturas da casa foram colocadas grades, pois, como medida de segurança, os prisioneiros somos nós, não os assaltantes...



063: 1999: letras de luto

MIGUEL, Salim. 1999: letras de luto. **A Notícia**. Joinville, 13 de jan. de 2000, p. C-3. Anexo.

1999: LETRAS DE LUTO

A indesejada das gentes foi implacável, em 1999. Oito importantes escritores nos deixaram. A maioria, amigos. Ei-los, em ordem alfabética: Antonio Houaiss, Ary Quintella, Dias Gomes, Herberto Salles, João Cabral de Melo Neto, José J. Veiga, Marcos Rey, Plínio Marcos. Todos marcaram uma posição em nossa literatura e mereceriam bem mais do que um simples registro.

Antonio Houaiss. Diplomata, filólogo, enciclopedista, ensaísta, tradutor, *gourmet* e *gourmand*, bastaria citar aqui as "Enciclopédias Delta — Larousse e Mirador" e a tradução do "Ulisses", de Joyce, para dar a exata dimensão de sua importância. Foi um defensor permanente da língua portuguesa e um dos artífices de um acordo ortográfico entre todos os países de expressão portuguesa. Demitido do Itamaraty durante a ditadura, não se deixou abater. Presidiu o primeiro sindicato de escritores do Rio de Janeiro e foi idealizador da Associação dos Tradutores. Ministros da Cultura no governo Itamar Franco, criou o programa Resgate do Cinema Brasileiro.

Ary Quintella, contista e romancista, com uma obra significativa, como "Um Certo Senhor tranqüilo", "Combati o Bom Combate", "Sandra, Sandrinha", "Alguém Coisa é a Mesma Coisa" e juvenis como "Mamma Mia", além de um livro sobre Anita Garibaldi. Contribuiu para a execução de vários projetos culturais, entre eles "O Livro até Você".

Dias Gomes, teatrólogo, bastaria citar a peça "O Pagador de Promessas" para se ter uma idéia do valor de sua dramaturgia. Transformada em filme, dirigido por Anselmo Duarte, deu ao Brasil a Palma de Ouro, do Festival de Cannes. Tornou-se mais conhecido como renovador da teledramaturgia brasileira, criador de tipos inesquecíveis como Odorico Paraguassu e Zeca Diabo. Pouco antes de perecer num infausto acidente de carro, tinha publicado um depoimento sobre sua luta política durante a ditadura.

Herberto Salles. Autor de vasta e diversificada obra, que vai do

romance ao conto, do diário infanto-juvenil, bastaria, para lhe garantir um lugar em nossas letras, seu primeiro romance "Cascalho". Herberto dirigiu, por um bom período, o Instituto Nacional do Livro, ampliando a política tanto de reedição de títulos esgotados como de revelação de novos valores.

João Cabral de Melo Neto, um dos mais importantes poetas brasileiros de todos os tempos, autor de obras como "Pedra do Sono", "O Engenheiro", "Psicologia da Composição", "O Cão sem Plumas", "Morte e Vida Severina. Mestre do rigor da palavra, dizia não entender de música. Diplomata, apaixonou-se pela Espanha, lá criou uma editora artesanal e servia de alento para os intelectuais espanhóis sob a ditadura franquista.

José J. Veiga estreou tarde, para os padrões brasileiros. Mas, já com seu primeiro livro, "Os Cavalinhos do Platiplano", contos, disse ao que veio. Bastaria citar mais um de seus livros, "A Hora dos Ruminantes", forte alegoria sobre o poder discricionário, publicado numa época de violenta mordada. Com Murilo Rubião, compõe a dupla de precursores da ficção fantástica na América Latina.

Marcos Rey começou como cultor de uma literatura urbana, centrada em São Paulo, de que são bom exemplo a novela picaresca "O Enterro da Cafetina" e "Café na Cama", dentro do mesmo enfoque. Ganhou maior popularidade ao se dedicar à literatura para o público juvenil. Trabalhou em televisão e várias obras suas foram adaptadas para o cinema e a televisão.

Plínio Marcos, teatrólogo de extrema força, dedicou-se ao drama dos marginalizados. Peças como "Navalha na Carne" e "Dois Perdidos numa Noite Suja" bastariam para lhe garantir um lugar no rol de nossos mais importantes teatrólogos. Plínio pertence a uma corrente literária que tem como expoentes um Lima Barreto e um João Antônio, onde vida e obra por vezes se fundem e complementam. Ele deixou uma vintena de peças, entre elas "Barrela", "Jornada de um Imbecil até o Entendimento", "Quando as Máquinas Param".



064: A empada

MIGUEL, Salim. A empada. **A Notícia**. Joinville, 20 de jan. de 2000, p. C-3.

Anexo.

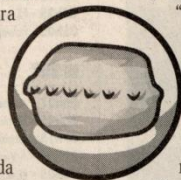
A EMPADA

Mordisco uma empadinha e imediatamente mergulho no passado, recuo cinco décadas. Não estou mais na Feira dos Municípios Catarinenses, em Florianópolis. Melhor: feira, centro de convenções, aterro da Baía Sul inexistem. A empadinha tem a magia e o fascínio da *madeleine* do Proust. Leitor que me acompanhas, não te assustes. A referência é meramente literária. Surgiu de repente. Sem intenção de demonstrar sabença, nem me aproximar do gênio que criou uma obra monumental, o romance-rio "Em Busca do Tempo Perdido".

Recostado no balcão do Chiquinho, peço outra empada. O Chiquinho fica na esquina da rua Felipe Schmidt com a Trajano. Bem na frente dele, o Ponto Chic, local onde se discutem e resolvem os problemas da cidade, do Estado, do País, do mundo. Ali tudo se sabe e se inventa. O Chiquinho é o Chiquinho e pronto. Bar, padaria, confeitaria, café, sorveteria, sei lá. Repito, é o Chiquinho, e as pessoas dizem: vamos ao Chiquinho, te encontro no Chiquinho, tá na hora da empada do Chiquinho, me traz uma empadinha, vê se não esquece. Na maioria das vezes o quitute era consumido ali mesmo, mas acontecia ser levado para a mãe, um irmão, a namorada.

O que havia de misterioso na tal empadinha? Tudo e nada. Massa crocante, cor amarronzada, no interior palmito ou camarão e uma azeitoninha. Nada diferente de tantas outras empadas. Mas vá a gente descobrir tais mistérios. Havia nela um certo sabor peculiar, como se ao comê-la desvendássemos novas inesperadas delícias. Outra vez paro. Aca-bei de me contradizer. De que modo podem ser novas delícias se ali jáamos dia após dia e o sabor era sempre o mesmo, mesma a consistência, a coloração?

Durante anos (quantos?) no mesmo lugar. Gerações se sucediam. Gentes de todas as latitudes vinham em busca da empadinha do Chiquinho. Até que certo dia, as portas (eram portas, nas duas ruas) cerradas. Pânico na cidade. Não era o fim. Lá estavam Chiquinho e a empada em outro prédio, em outra rua, a empadinha continuava a mesma, embora parte do fascínio houvesse sumido. Ou não? Que sei!



Também eu me afasto, deixo Florianópolis. Mas sempre que retorno busco recuperar um pouco da juventude, das ilusões perdidas, com ou sem referência a outro escritor, o também francês Balzac. Nosso viver é rendilhado de referências, que vão se cumulando para ressurgir de forma inesperada.

Foi o que aconteceu. Eu disse para minha mulher — ou ela me disse, pouco importa, vamos dar uma chegada à Feira dos Municípios. Ver o que há por lá e conhecer o tal centro de convenções.

Fomos. Estávamos circulando. Ela me chama a atenção, "olha lá", olhei, desatento que sou nada vi, e ela, "a empada do Chiquinho", só então me dei conta, e era todo um mundo antigo que renascia, a sumida Florianópolis de antanho, tão acomodada, tão pachorrenta, tão provinciana, porém carregada de poesia. Já ouço o leitor indignado me retrucar, "sumiu de tudo isso, veio o progresso". Quero retrucar, às favas o tal progresso, com ou sem aspas, o que desapareceu foi um certo tipo de vida, foi o gostoso cavaquear, foi o todos (ou quase todos) se conhecerem, se encontrarem pelas ruas...

Nesta mania de uma escrita com seu vaivém me perdi. Ou não? Sei lá. A empadinha do Chiquinho puxou tudo isso lá do fundo de mim mesmo. Pouco interessa se a consistência é ou não é a mesma, se o crocante permanece, se o sabor do palmito, do camarão, da azeitona mantém ou não a antiga e íntegra pureza. Esta foi outra discussão interminável, muito embora a jovem que nos atendeu tenha garantido que a receita era idêntica à da primeira formada, há mais de 50 anos, e que ela era da quarta geração de preparadores da empada do Chiquinho. Para mim, independente disso tudo, continuará sendo a mesma *per secula seculorum*.

Alguém me sopra que há uma grave incorreção no meu texto: são sete ou mais décadas, não cinco, de existência da empada do Chiquinho. Houve, inclusive, época em que era mandada para o Rio de Janeiro, de hidroavião. Tudo bem. Não duvido. Só que para minha memória, minhas lembranças, são cinco décadas. E fim de papo.

065: La mordida

MIGUEL, Salim. La mordida. **A Notícia**. Joinville, 27 de jan. de 2000, p. C-3. Anexo.

LA MORDIDA

Meu fascínio pelo México teve início bem cedo. Talvez apenas pela sonoridade da palavra, que me soava tão bem. Desejei logo conhecer o país. Aqui já faço uma retificação. Viajar não só pelo México. Viajar pelo mundo, conhecer terras e gentes, resquícios de meu sangue fenício.

Mas viajar pelo México não estava sendo fácil. Então, como todo leitor compulsivo, como todo cinéfilo, passei a conhecer terra e gentes pelos livros e pelo cinema, pela cultura indígena, pela revolução mexicana, um Pancho Villa, um Zapata, escritores como Juan Rulfo, Juan José Arreola, Octavio Paz, Carlos Fuentes, pintores como Rivera, Orozco, Siqueiros, Tamayo, Frida Kahlo, o cinema de Emilio Fernandez, Gabriel Figueroa, Cantinflas, Maria Felix. Só que a vontade de ir lá permanecia. Duas ou três oportunidades foram perdidas. Certo dia, eu trabalhava na revista "Manchete", chega até minha mesa o diretor e diz, "prepare-se, você viaja depois de amanhã para o México". Acontece que eu não tinha o passaporte em dia.

A viagem afinal se concretizou, eu já morando em Florianópolis. E de forma inesperada. Eu dirigia a Editora da UFSC e estava no Recife, participando de um seminário de editoras universitárias. Lá estavam professores da Universidade de Guadalajara. Conversamos muito, falamos de escritores, externalizei meu entusiasmo por muitos, um deles Juan Rulfo que, com apenas dois livros publicados ("Pedro Paramo" e "El llano en llamas"), se tornara um dos mais importantes escritores da América e não só da América. Corria o ano de 1988 — e, nesse ano, a Feira Internacional del Libro de Guadalajara seria em homenagem a Rulfo. Das conversas surgiu a idéia de um estande das editoras universitárias brasileiras. E ali mesmo ficou praticamente decidido que iríamos, o Edson R. de Lima, diretor da Editora da Universidade Federal de Pernambuco, presidente da Abeu — Associação Brasileira de Editoras Universitárias, e eu.

A essa altura o leitor deve estar se perguntando que conver-

sarada é esta e cadê o motivo do título. Mais um pouquinho chego lá. Por sinal que estou no aeroporto de Guadalajara, fomos recebidos, já nos deslocamos para o hotel. Por enquanto não se fala da feira, ou fala-se de passagem. Brasileiro, em Guadalajara, tem de se conformar: trata-se, antes de tudo, de futebol e da passagem da seleção pela terra e da conquista do campeonato do mundo, e de Pelé, e do esquadrão.

Descansamos um tiquinho no hotel, almoçamos, tomando contato com a cozinha mexicana e a tequila — e nos tocamos para a feira, promoção do Estado de Jalisco e da universidade. Queríamos conhecer o local reservado para as editoras brasileiras. O espaço já estava lá, bom por sinal, mas virgem. Nenhum livro, das centenas e centenas que havíamos mandado. Perguntamos a um professor, que nos acompanhava, o que acontecera. E ele, meio sorrindo meio sem jeito: estão retidos na aduana. Retrucamos que havíamos sido expedidos com toda a documentação, atentos que estávamos à burocracia. Foi aí que ouvimos, pela primeira vez, a palavra, que seria nossa companheira dali por diante: *la mordida*. Era, nada mais nada menos, do que a nossa "facada", instituição consolidada em ambos os países. Em síntese, tínhamos de ir até a alfândega — e, nos preveniram: seria uma negociação intensa e demorada, necessitando de algum dinheiro, até que se alcançasse a liberação dos livros. Assim foi. Em carro da

universidade e com um especialista no assunto, lá fomos nós. Nossos pacotes, para começar, não estavam num setor único da aduana, mas em três setores distintos. E os problemas que "impediam" a liberação também eram distintos, meros detalhes, "*pero usted sabe cómo es*". O "*sabe cómo es*" só se resolvia com hábil negociação e passagem, de um bolso para outro, de alguns razoáveis trocados. Aí foi correr para a feira — trabalhar toda a noite para que, na inauguração, nosso acervo estivesse exposto.

Mais um aspecto, entre muitos, a aproximar o México e o Brasil.



066: Férias, turismo, justiça, etc

MIGUEL, Salim. Férias, turismo, justiça, etc. **A Notícia**. Joinville, 3 de fev. de 2000, p. C-3. Anexo.

FÉRIAS, TURISMO, JUSTIÇA, ETC.

Retomo o tema de minha primeira conversa do ano 2000. E começo por reavivar a memória de meu possível (e paciente) leitor. Sob o título de "Praia, Roubo, Imprevistos" discorria eu a propósito do susto que levei, ao chegar à casa de praia, na Cachoeira do Bom Jesus, encravada entre Canasvieiras e Ponta das Canas.

Pois bem, se foram sustos e imprevistos, incluindo um roubo, minhas previsões se confirmaram. Não, não sou pessimista. Sou realista. Eu falava, por exemplo, da indomável força do mar, que retoma, no mesmo ou em outro lugar, o que de direito é seu. Assim foi e continua sendo: uma draga fez praia lá na Ponta das Canas. O mar relutou, mas acabou cedendo. Só que veio tomar o que lhe pertence na minha Cachoeira do Bom Jesus. Digo "minha" num evidente exagero, mas é que a praia fica quase em frente do trecho em que se encontra minha casa.

Marinas. Falei que uma atulhava parte da praia. Sem praia, foi afastada um tantinho mais para diante. Mas barcos e os perigosos jet-skis, desrespeitando as posturas, vão singrando as águas como se ali não estivessem banhistas. Ainda as marinas. Num trecho de mais ou menos um quilômetro, nesta mesma praia existem três. Uma associação comunitária vem tentando impedir que tratores e que tais continuem tomando o lugar dos banhistas. Em vão. Mesmos proibidos, lá continuam eles. Um foi substituído por um jipe. Mas o problema é o mesmo. Desrespeitando a decisão da Justiça, lá estão eles puxando barcos para o mar e depois puxando-os do mar. É atropelando quem tiver o azar de estar no caminho.

Manhãzinha. Meu filho e eu iniciamos nossa caminhada costueira, antes do gostoso banho de mar nas quentes e calmas águas do Norte da Ilha. Estamos andando num passo estugado, próprio das caminhadas, e conversando amenidades. De repente, me dou conta de que um trator avança em nossa direção. Paro. Reclamo. Digo que preste

mais atenção. Isto é um absurdo, será que não sabes que há uma decisão da Justiça, é proibido trator nas praias. O trator continua no mesmo ritmo, e ao mesmo tempo uma voz irritada rompe em impropérios, aos gritos, para ser devidamente ouvida por todos

os que ali já estão estirados na areia, caminhando ou dentro d'água. Continuo andando, não retruco. Pergunto ao meu filho de quem é aquela voz tão fininha, estridente, desmodulada. Era de uma destinta jovem, manobrista do trator. Quem sabe brasileira, quem sabe...

Digo e repito: não sou contra o turismo nem o turista. Sou contra um turismo predatório, que continua sendo praticado entre nós, e que acabará afastando os turistas — e não só eles. Em vez de uma temporada de verão, acabamos tendo uma temporada de mais carestia, insegurança, inquilidade, roubos e violência.

Brincando-brincando me disse, com uma pontinha de razão muito embora o exagero, o delegado onde fui registrar a ocorrência do roubo em minha casa "É isto, a partir de agora, para cada turista, dois assaltantes".

É necessário preservar o que a natureza nos deu. E urgentemente, porque se a poluição aumentar, se a construção desenfreada continuar nos transformando numa infeliz Copacabana, como muitos querem, se continuarmos a ser a segunda cidade de vida mais cara do País, logo, logo os que para cá vêm, fugidos dos grandes centros, não demora estarão também abandonando Florianópolis. Prédios de seis andares na praia, seja qual for a finalidade, é um absurdo. Tratores na praia é um absurdo. Jet-ski atropelando adultos e crianças é um absurdo. Esgotos jogados no mar é um absurdo. Corte de manguezais é um absurdo.

Ainda há tempo de preservar a Ilha e seus habitantes. É preciso que seja praticada uma política de defesa de nossa gente e não dos interesses da especulação imobiliária.



067: O ano 2000, antes

MIGUEL, Salim. O ano 2000, antes. **A Notícia**. Joinville, 10 de fev. de 2000, p. C-3. Anexo.

O ANO 2000, ANTES

Antecipação, premonição, previsão, oráculo, futurologia, tudo isso e muito mais nessa linha vem fascinando há séculos o ser humano, sempre tentando desvelar o amanhã. Mas sem dúvida, no campo das previsões catastróficas, Nostradamus continua imbatível, sendo as suas as que mais inquietam e atemorizam a humanidade, ressurgindo de quando em quando, especialmente em datas redondas. Veja-se o quanto se falou em fim do mundo às vésperas deste ano 2000.

Claro que Nostradamus não foi o primeiro, nem será o último a tentar prever o futuro, seja positiva ou negativamente. Bem antes dele temos o oráculo de Delfos. E mais perto de nós, os jogadores de búzios ou as cartomantes, para ficarmos apenas nesses dois exemplos.

Também na ficção pululam, mesmo antes da ficção científica, os que buscavam ver além do hoje — e mesmo o hoje pode ser imprevisível. Tome-se o caso de Julio Verne, que antecipou a chegada à Lua ou a descida ao fundo do mar com seu submarino. E dentro de outra perspectiva pode-se falar num Aldous Huxley, com seu "Admirável Mundo Novo" ou George Orwell, com seu "1984".

Se eu quisesse especular mais, poderia acrescentar que, para além da fantasia, da imaginação, pesquisadores e cientistas também contribuem para mexer com a imaginação e o inconsciente coletivo. Por vezes até acertam, errando. Graham Bell achava que o telefone era uma simples brincadeira e os irmãos Lumière afirmavam que o cinema não passava de uma distração de feira.

Tudo isso vem a propósito de uma limpeza, dessas que fazemos periodicamente, jogando no lixo recortes, que logo serão substituídos por outros. Só que, por maior que seja a quantidade do que queremos (ou precisamos) dispensar, pois estão atulhando a casa, a curiosidade é mais forte. Ficamos examinando, sempre com uma dúvida, uma interrogação, será que amanhã isso não me vai fazer falta? Mas a decisão (heróica ou precipitada ou ambas as coisas) já foi tomada. Amanhã, depois de depois de amanhã pode até vir o arrependimento; para fechar um texto, para colher uma informação, lá se foi no lixo aquilo de que precisávamos.

Chego agora, só agora, ao que pretendia nesta quinta-feira conversa. No meio da papelada que ia ser dispensada, me deparo com ampla matéria sobre Emilio Salgari. Por certo os jovens de hoje não terão idéia de quem foi Salgari, que se tornou conhecido por seus romances de aventura. Seus livros emocionavam, levando o leitor para um mundo exótico, irreal, que excitava a imaginação. Ninguém estava preocupado com estilo, com forma, com estrutura narrativa. O

que interessava era o enredo, as mirabolantes peripécias, implausíveis porém empolgantes.

Autor de mais de 200 romances entre compridos e curtos, o italiano mais lido do mundo, à frente de Dante e do pai de Pinocchio, isto no dizer de Paulo Mendes Campos, sempre viveu à beira da miséria e teve uma vida trágica que culminou no suicídio. Não é bem da vida do escritor e de sua obra que quero aqui falar. Mas de um romance de antecipação, intitulado "As Maravilhas do Ano 2000". Valho-me, para tanto, de matéria do já citado Paulo Mendes Campos, poeta e cronista. Como acabamos de entrar no referido ano, vale a pena ver de que maneira Salgari imaginou o novo século e milênio.

Salgari parte de um artifício nem tão novo. Em 1903, um inglês e seu amigo médico são congelados, para voltar à vida cem anos depois, em 2003. A verossimilhança pouco interessa. Interessa acompanhar as peripécias e de que maneira os dois se colocam num mundo tão diferente do que haviam deixado.

Primeira surpresa: deparam-se com um avião de quatro asas, que batem como a dos pássaros e que alcançam a espantosa velocidade de 150 quilômetros horários, voando a 150 metros de altura.

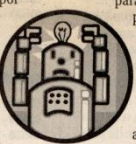
Segunda surpresa: em Nova York existem edifícios de até 30 andares, um despropósito.

Terceira surpresa: a televisão permite que os acontecimentos sejam captados no ato e retransmitidos de um hemisfério para outro.

Quarta surpresa: para não perder tempo na faina contínua, os operários se alimentam com dez minúsculas pilulas e as roupas são de fibras vegetais.

Mas as surpresas, para os dois transplantados de um século para outro, não se esgotam por aí. São poucos os operários, porque utilizam-se muitos automóveis, mas os lavradores e pescadores são muitos. Desde 1940 (como é que isto ainda não chegou aqui!) manadas de elefantes

mecânicos fazem a limpeza das ruas, dos jardins, dos parques. A energia no Brasil, independente de usinas hidrelétricas, vem toda ela da Corrente do Golfo. Os presos não mais ocupam espaço na face da Terra, são mantidos em bolsões submarinos, explodidos ao menor sinal de rebelião. E para concluir (a matéria, já que o espaço acabou, não outras inventivas invenções), jatos d'água eletrizados são lançados contra manifestantes. Pelo que se deduz do texto do Paulo Mendes Campos, o romancista aprovava tais métodos, o que deve ter contribuído para a simpatia que despertava em Mussolini. É bom acrescentar que, na data, a comunicação com os marcianos já era coisa corriqueira. Quem desejar mais que vá ao livro... caso o encontre.



068: Causos com literatos

MIGUEL, Salim. Causos com literatos. **A Notícia**. Joinville, 17 de fev. de 2000, p. C-3. Anexo.

CAUSOS COM LITERATOS

Durante bom tempo, me preocupei em colecionar casos pitorescos ocorridos com escritores e que mereciam ser melhor conhecidos. Acabei abandonando o projeto, como tantos outros. Mas, vez por outra, um motivo qualquer acaba por acionar uma desconhecida mola — e lá me vejo relembando alguns desses episódios. Agora, a memória foi acionada por uma dessas conversas de praia, numa das ocasiões em que estava jogando conversa-fora com meu filho, que mora no Rio e passava aqui suas férias. Não sei porque falávamos de roupa — ou da "não roupa", neste verão e nesta praia da Cachoeira do Bom Jesus. Foi num já. Interrompi-o para contar uma historinha ocorrida com Emílio de Menezes, poeta simbolista, paranaense, dandy, boêmio, papo inesgotável e bebedor quase idem. No Rio de Janeiro de então, era figura mais do que conhecida. Certo dia, bem trajado como sempre, passa em frente a uma alfaiataria, cumprimenta o alfaiate, que bom de ofício e amigo do poeta. Lhe chama a atenção: falta um botão no seu paletó. Emílio de Menezes retrucou que estava com pressa, atrasado para um compromisso. E o alfaiate: traga-mo amanhã que lhe botarei o botão. O poeta agradeceu — e na manhã seguinte lá estava com um pacotinho do tamanho de uma moeda — e antes que o alfaiate estranhasse foi esclarecendo: mudei de idéia, trago-lhe um botão para que nele me pregue um paletó.

Como uma historinha puxa outra, emendo aqui a do crítico Agripino Grieco, quando da morte de Rui Barbosa. Havia duas correntes na academia, a primeira dizendo que a cadeira, em homenagem ao tribuno, devia permanecer vazia e a segunda, que não, e esta acabou vencendo. Realizada a eleição, Grieco, que não nutria a menor simpatia pelo vencedor, escreveu um artigo afirmando que ambas as correntes estavam satisfeitas e atendidas.

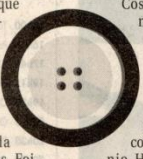
Chego agora a Marques Rebelo — e só com ele poderia preencher várias colunas. Dou duas amostras. Segundo ele, numa cidadezinha do interior mineiro, quando se dizia "fulano morreu", a pergunta imediata era: "quem matou?". Outra, na Livraria São José, sita na rua do mesmo nome, ponto de encontro de jornalistas e escritores, o livreiro Carlos Ribeiro realizava mais uma das suas tradicionais queimas de livros. A chamada era a seguinte: compre dois livros com substancial desconto e leve de brinde um do escritor tal. Resultado: a pessoa ia à livraria disposta a comprar dois livros, mas para não levar o brinde, entrava, escolhia o primeiro, pagava, saía, cantava um tango argentino e voltava para comprar o segundo. Rebelo era baixo, magro,

franzino. Perguntaram-lhe se havia mesmo levado um trompaço do... não, não vou dar o nome, e Rebelo, rindo, eu é que lhe dei um rabo-de-arraia que o estatelou em plena calçada da São José.

Agora uma que envolve gente da terrinha, o Jair Hamms. Estávamos no Rio para divulgar o Concurso Nacional Cruz e Sousa, primeira fase. Laura e Cícero Sandroni ofereceram a bela mansão do Cosme Velho para reunirmos escritores amigos. Jairo, *gourmet* e *gourmand*, ia preparar uma camaroadá. Foi para a cozinha enquanto nós outros papeávamos. Entre os convidados estava o Antônio Houaiss, que além de numerosas qualificações culturais, era também *gourmet* e *gourmand*. Indócil, volta-e-meia ia até a cozinha dar uma bispada. Até que, em dado momento, não resistiu, pediu uma prova. Voltou dizendo que o homem entendia das coisas. Então lá fui eu como delegado, reclamando que o pessoal estava com fome e quando afinal ia ficar pronta a camaroadá. E o Jairo, com aquele jeito só dele, que transforma um conhecido de agora em amigo de infância, "logo que eu terminar este restinho da garrafa de uísque".

Agora uma das estranhas. Balzac, o gênio da "Comédia Humana", se encontra com um amigo todo choroso, pergunta o que aconteceu, o amigo fala da morte do avô, figura admirável, e tece-lhe loas e loas, relata passagens, demora-se em minúcias. Balzac está indócil. Além da eterna quebradeira, só sabe falar de seus livros, do que saiu ontem, do que sai hoje, do que vai sair amanhã. Não resiste, interrompe o amigo e diz, tudo bem, mas agora, depois do que contaste vamos falar da realidade. Pois para ele, imerso em seu mundo, a realidade não era a morte do avô do amigo, mas a cena do usurário que ele não estava conseguindo criar a contento em termo ficcionais.

Concluo com mais uma do Agripino Grieco. Ele e outro jovem, candidato a escritor, percorriam o País fazendo palestras sobre os mais variados temas, com a finalidade de arranjar alguns trocados. Os dois se separam, passam-se os anos. Agripino se torna não só um estudioso e crítico feroz do nosso meio intelectual, como alguém de quem se dizia que preferia perder um amigo a perder uma piada. Agripino vai a São Paulo, para um encontro cultural. É convidado para jantar, pelo ex-sócio. Chega e leva um susto, ao penetrar na mansão com seus mármore, lustres de cristal, tapetes orientais, quadros. Diante de seu espanto e antes que pudesse se manifestar, o anfitrião, se apressa em explicar: "Agripino, Deus olhou por mim." E Agripino Grieco, sem se conter: "Não, não, Deus fechou os olhos..."



069: Magriela

MIGUEL, Salim. Magriela. **A Notícia**. Joinville, 27 de fev. de 2000, p. C-3. Anexo.

MAGRIELA

Praia da Cachoeira do Bom Jesus. Vai para vinte dias. Vinham do banho de mar minha mulher, três netos, uma neta, uma nora, um filho. Eis que se interpõe entre eles um bichinho, feio, miúdo, ágil, magro. Tentam afastá-lo. Em vão, aceleram o passo. Ele também. Recuam. O bichinho idem. Afinal se dão por vencidos e ele os acompanha até a casa. No dia seguinte já era o dono. Passeava por tudo, sala, copa, cozinha, quartos, meu escritório, investigando os livros, por trás dos discos, um dia se pôs em cima da eletrola, por certo insatisfeito com a música que tocava. Todos se apaixonaram por ele, buscaram um nome. E só então se deram conta de que não era ele; era ela. Não sei quem se decidiu por Magriela – e Magriela ficou sendo.

Quando, quando? Meia-dúzia de dias depois? Um dos netos estava brincando com Magriela em uma das peças da casa, quando a neta se depara com Magriela no jardim. Impossível! Seria um clone? Talvez o bichano (será que já disse que era da família dos gatos de telhado?) rapidamente tivesse se deslocado da peça para o jardim, sem que a primeira criança se tivesse dado conta. Não! Eram mesmo dois, quase do mesmo tamanho, da mesma cor, pretos com pequenas manchas brancas (e aí fiquei sabendo, ignorante em gataria que sou, que enquanto os machos só podem ter duas cores, as gatas, mais vaidosas, ostentam até três). Este não pôde ser também incorporado, tinha dono, o menino Mateus, filho de uma vizinha, mas praticamente se transferiu para a nossa casa.

Sou obrigado, aqui, a interromper este relato partindo para outro paralelo. Gatos fazem parte da família. Minha mulher, Eglê, afirma convictamente que eles têm mais personalidade do que os cães, que logo, apodados "os melhores amigos do homem", se tornam bajuladores. Os gatos até podem se apegar às pessoas, porém jamais são submissos. Quem sou eu para contrariá-la.

Não tenho como falar de todos os que atravessaram nossa vida. Simbolizo-os em dois. Começo pela paradigmática Garota, que ditava regras na casa. Surgiu quando ainda morávamos no Rio de Janeiro, num apartamento na rua Senador Eusébio, Flamengo. De que maneira não sei. Poderia perguntar pra minha mulher. Prefiro deixar a coisa assim meio solta, evanescente. Surgiu. Se apossou de toda a família. Até eu, meio avesso a bichanos, acabei me entregando. Garota gostava de se postar à janela do apartamento e ficar observando o movimento. Certo dia, num descuido impensável naquele bicho de sete vidas e tão ágil, despencou. Sumiu. Em vão foi procurada. O que teria acontecido? Caíra em outra casa, fora atropelada, se apa-

vorara e sumira? A busca durou dias. Todos já se conformavam, em meio a choradeiras, quando lá de baixo, de uma garagem em outro prédio, se ouvem miados. Eglê não teve dúvidas: são da Garota. E eu, onde se viu, reconhecer miados! Eram. Foi resgatada. E em 1979, quando retornamos para Florianópolis, lá estava ela no avião nos acompanhando.

Passou a levar uma vida dupla: verão nesta mesma casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus; inverno no apartamento da Carvoeira. E em ambos logo se adaptou, tão ou mais rapidamente do que nós.

Garota era dada a aventuras, inclusive românticas. Teve vários casos e deixou numerosa prole. Na casa de praia sumia – sumiços rápidos. Mas no apartamento houve um episódio em tudo semelhante ao do Rio: ela despencou da janela, só que aqui nosso apartamento não dava para a rua, esteve dias sumida até que certa noite minha mulher ouviu uns miados e de forma taxativa afirmou: "É a Garota!". Desta vez não retruquei nem duvidei. Era.

Eis que certo dia, como sói acontecer com todos os mortais, a velhinha Garota se foi. Está enterrada no fundo do quintal, mas permanece numas fotos e na memória dos que a conheceram.

Antes de retomar minha historinha original, relato rapidamente só um episódio ligado a Karpovinho (claro que o nome é uma referência ao jogador de xadrez Karpov, famosíssimo na época), filho da Garota. Foi ele incorporado à família. Era imenso, todo preto, lustroso, malandão e molenga – e tinha o desplante de escolher para suas intermináveis dormidas minha barriga, quando eu estava estirado lendo ou ouvindo música, conversando ou simplesmente pensando.

Em menos de vinte dias, Magriela já não fazia justiça ao nome, engordara, ela e seu clone, que passou a se chamar Magrielo. Os dois circulavam livremente pela casa, minha mulher já pensava num modo de levá-la para o apartamento.

Faz hoje exatamente uma semana fomos, manhãzinha, debaixo de um temporal inigualável, levar nossa neta até o aeroporto. Na volta, lá estava Magrielo, insofrido, como quem busca algo. E Magriela, cadê Magriela? Foi procurada, em vão, pela casa, pelos arredores. Até que, num lado da casa, lá estava ela. Morta. Insondável o que pode ter acontecido. Na noite anterior, até quase meia-noite, estivera toda sestrosa, brincando com seu parceiro ou com as crianças.

Dela não temos fotos. Mas foi enterrada no fundo do quintal, quem sabe próxima da Garota. E por certo a memória de sua passagem tão curta entre nós suprirá as fotos.



070: Mais causos de literatos

MIGUEL, Salim. Mais causos de literatos. **A Notícia**. Joinville, 2 de mar. de 2000, p. C-3. Anexo.

MAIS CAUSOS DE LITERATOS

Parece que as historinhas com escritores interessam. E não só ao escrevinhador. A resposta dos leitores foi positiva. Também querem mais. E como a memória é um poço inesgotável, lá estou eu me lembrando de outros episódios curiosos, pitorescos, estranhos. Começo por Graciliano Ramos. Outro dia ainda, indo da Cachoeira do Bom Jesus para a Praia Brava, meu filho me chamou a atenção dizendo: "Olha ali, Servidão Graciliano Ramos!". Será que alguém por estas bandas se lembrou do mestre Graça? Se foi, ótimo. Se não foi, lembro eu aqui duas ou três passagens. A primeira, quando o autor de "Vidas Secas" recebeu um exemplar de seu livro publicado em russo. Olhou a capa, a folha de rosto, a última de capa, folheou o miolo, depois exclamou: "Ainda dizem que sou homem que sabe ler e escrever, pois bem, este livro é meu e não consigo entender uma mizeria palavra do que nele se encontra".

Continuo com o autor de "Angústia", agora tendo Florianópolis como tema. Ia se realizar, em 1950, um Congresso de Escritores em Porto Alegre. Graciliano resolveu viajar por terra. Ele, mais a filha Clarita, mais o ensaísta Miécio Tati e o poeta E. Carrera Guerra. Pernoitou em Florianópolis. De noite, foram a um bar, mestre Graça pediu uma cachacinha, pitou seu inseparável cigarro. De repente, notou que a maioria dos frequentadores olhava para a mesa onde eles estavam. Por mais modesta que uma pessoa seja, ser reconhecida massageia o ego. Pensou: será que estão mesmo me reconhecendo? Tardou a se dar conta de que não era assim. Clarita estava usando slacks, os jeans de hoje. E uma jovem num bar à noite, ainda mais de calças compridas, na provinciana Ilha da década de 50, era inimaginável. Basta dizer que não se ia a um cinema sem paletó.

Outra ainda com o autor de "Memórias do Cárcere", também em Florianópolis. Eu morava na Agrônoma, num bairro novo, com ruas projetadas. Lembrei-me de dar o nome de Graciliano Ramos à rua onde ficava nossa casa. Pedi ao vereador Manoel Alves Ribeiro, o Mimo, que apresentasse o projeto. Foi recusado. Câmara de conservadores, onde se viu dar o nome de um notório comunista a uma rua da cidade! Segunda tentativa, em vão. Sugerí um artifício ao vereador: alegar que o Ramos de Alagoas era um ramo desgarrado dos Ramos que dominavam a terrinha. O projeto foi aprovado por unanimidade e até hoje lá está a rua – que a viúva de Graciliano, quando anos depois veio a Florianópolis, fez questão de conhecer.

Já contei, em conversa anterior, historinhas com Marques Rebelo. Ai vai mais uma. Nos finais de semana, amigos se reuniam no apartamento dele nas Laranjeiras,

no Rio. Lá era comum encontrar-se um João Cabral de Mello Neto, um Antônio Houaiss, um Paulo Silveira, um Herberto Sales, um catarinense como Hamilton Ferreira, um Walter Benevides, um Nássara e este que vos relata o fato. A conversa corria solta, falava-se de tudo, até de literatura. Rebelo era implacável. Mas era igualmente amigo indiscutível. De um escritor de quem não gostava, Osvaldo Orico, dizia que a única boa produção dele, ainda assim em parceria, era a "canja Orico". Apaixonado pelo América, onde jogara, fazia Elza, sua mulher, vestir-se de vermelho, cor do clube, nos dias de jogo. Foi crítico acerbo da ABL, até que um dia cedeu e se candidatou. Ao ser eleito, telegrafei-lhe dando parabéns à Academia; e, no primeiro encontro, cobrei: "E as críticas?".

Rebelo tentou sair pela tangente, riu, disse que a gente, envelhecendo, gosta de ter um cantinho, o encontro às quintas com os amigos, os papos descontraídos – e por aí foi. Mas não resistiu a uma de suas tiradas. E rindo disse: "Você sabe de uma coisa, morrer está caro, está pela hora da morte, e a Academia tem um mausoléu que é uma beleza..."

Será que muitos, mesmo idosos, para não falar nos jovens, ainda se lembram ou ouviram falar no Barão de Itararé, o Brando, como gostava de assinar, numa brincadeira facilmente interpretável. Aporelly, outro pseudônimo que usava, tinha um tablóide humorístico chamado "A Manhã" e depois um almanaque. Aparício Torelly é considerado até hoje o mais importante humorista de nossa história. Comunista de carteirinha, foi preso várias vezes – e a polícia entrava batendo. Então ele colocou na porta da redação um aviso: "Entre sem bater", de claro e duplo sentido. O Barão de Itararé gostava de fazer jogo de palavras e brincadeiras com nomes. Nas décadas de 40/50, um poeta romântico, com alguma ressonância nos meios intelectuais, era Olegário Mariano, também hoje nome quase (ou totalmente) esquecido. O Barão não largava do pé do poeta, inventava umas trovas pífias assinando-as Olemário Galiano.

Concluo com uma de humor negro, do romancista Érico Veríssimo. Insistentemente convidado para se candidatar a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, toda vez que morria um imortal, sempre se recusava. Mas a insistência continuava, até que, certo dia, não se conteve: "Não posso me candidatar porque já sou quase uma vaga".

Se estes causos continuarem interessantes, posso ir desencavando mais alguns. E lá do mais fundo da memória começam a pipocar nomes de escritores catarinenses, como do professor Henrique da Silva Fontes e Othon da Gama D'Eça.



071: Outro censo, outros tempos

MIGUEL, Salim. Outro censo, outros tempos. **A Notícia**. Joinville, 23 de mar. de 2000, p. C-3. Anexo.

OUTRO CENSO, OUTROS TEMPOS

Vejo a chamada na TV, convocando interessados em trabalhar no Censo 2000 e, num já, recuo para 1950. Eu não conseguia me adaptar àquela rotina do armazém-de-secos-e-molhados de meu pai, ficava ali numa emergência, fazia a escrita contábil, controlava as cadernetas dos fregueses, que compravam por mês. Tentei outras saídas, uma distribuidora de livros, venda de livros de porta em porta, mais adiante uma banca de jornais, que desembocou em uma livraria. Por essa época, também já ia em pleno desenvolvimento o Grupo Sul e eu começava a colaborar em órgãos de imprensa de outros Estados. Tudo que aí ficou tem a finalidade de explicar porque a chamada na TV me devolveu ao ano de 1950. É que também ia se realizar o censo daquele ano e igual chamada acabara de ser feita, embora por outros meios. Era um emprego provisório, como o de agora. Não creio que os desempregados fossem tantos, mas claro que existiam. Fui à agência do IBGE, me submeti à prova, passei, fui chamado.

Não sei qual será, agora, a remuneração; mas na época pagava-se por ficha domiciliar preenchida. Detalhes outros me fogem. Sintetizando, era assim: cada recenseador respondia por determinada região; saía pela manhã distribuindo os formulários, orientando, mostrando como deviam ser preenchidos, dizendo que passaria depois para recolhê-los. Lembro-me de que era verão, a sacola atulhada pesava no ombro, muitas pessoas se recusavam a receber o formulário, temerosas do que poderia resultar de tudo aquilo, outras diziam que não haviam tido tempo de responder, outras ainda que não haviam entendido e se não podíamos ajudá-las no preenchimento. Tudo bem, o que fazer? Ganhava-se por ficha entregue.

Além desses e de outros contratempos, em meu caso havia outro óbice: minha letra horrível, quando tinha de preencher os formulários ou acrescentar as demais informações. Daí o trabalho caminhar de forma lenta. Pela noite, me encontrava com outros amigos, que estavam também trabalhando no censo; uns falavam de quantos formulários já haviam preenchido, outros de fatos pitorescos, um já alardeava namorico com a filha de não sei quem e mais outro chegou a insinuar que estava quase de caso com uma dona casada, muito apetitosa.

Não sei quanto tempo durou a tarefa. Claro que eu persistia, por vários motivos, ainda que pouco o que eu ganhava me ajudava e, depois, minha teimosia não me deixava desistir com facilidade. Pensava, vou até o fim nesta estopada em que me

meti; mesmo quando, ao chegar em casa, me estirava na cama, suado, ombro ardendo do peso da sacola, só lamentando o tempo de leitura perdido e as anotações para futuras obras-primas, que deixava de fazer.

De repente, me dei conta: e se utilizasse elementos do que estava recolhendo? Havia casos pitorescos, exóticos, estranhos. Seria válido eticamente? Quem sabe! Então, numa espécie de autojustificativa me lembrei de haver lido, não fazia muito, matéria sobre Faulkner e que ele, na ânsia de mais rápido chegar ao íntimo do ser humano, para além de observações diretas no meio sulino em que vivia, chegara a violar correspondências. O que eu me propunha a fazer nada tinha de parecido.

Nem bem terminado o censo, comecei a rascunhar alguns contos. Eu vinha anunciando a amigos um livro reunindo algumas histórias já publicadas em jornais e revistas, e outras inéditas. Não me satisfiziam. Tirava um conto, substituí-o por outro, mudava a ordem. Não, não era aquilo, não adiantava. Tal livro, até já com título definido, "Encontro", jamais foi publicado. O conto que lhe daria o título saiu em alguma revista e foi esquecido.

Mas eu sentia que chegara a hora, necessitava ver meu nome em um livro. Sofregamente, durante uns três meses, me debrucei sobre a máquina de escrever, esquecidos os possíveis escrúpulos, e extraí das anotações do censo quatro ou cinco histórias, que acabaram por formar o núcleo de meu primeiro livro, publicado em 1951. Nele se encontra a matriz do que viria a ser minha literatura, a preocupação com a velhice e a morte, o tempo e a memória. Os contos "Velhice Um", "Dois" e "Três" (do volume "Velhice e Outros Contos", edições Sul) têm como fio condutor um agente censitário e são resultantes de experiências vividas.

Dos oito contos que compõem o livro, mais dois indiretamente tiveram algo a ver com aquele meu trabalho. Sou rápido no pensar uma história e muito lento em concluí-la, reescrevo e corto o quanto é possível cortar. Pois bem, "Velhice" foi meu livro escrito como que numa febre e foi, com seu laivo fantástico, em especial nos três "Velhice", bem recebido pela crítica, não apenas do Brasil. Isto me animou a prosseguir na carreira literária. Foi o impulso de que eu necessitava.

Ao ver a chamada para o Censo 2000, tudo isso me surgiu de chofre. E se financeiramente de minha labuta no censo pouco representou, continuo até hoje devedor do IBGE. Sem aqueles contos, por certo eu teria demorado bem mais a deixar de ser inédito em livro.



072: Causos com literatos catarinenses

MIGUEL, Salim. Causos com literatos catarinenses. **A Notícia**. Joinville, 30 de mar. de 2000, p. C-3. Anexo.

CAUSOS COM LITERATOS CATARINENSES

Enquanto houver interesse, vou continuar com estes causos. Cumpro agora o prometido. Vamos aos catarinenses. Começo pelo professor Fontes. Ou desembargador Henrique da Silva Fontes. A ele muito deve a cultura de Santa Catarina. E não só. Também a educação, com a célebre "Série Fontes", para o ensino primário. Dela, além de ensinamentos gerais, guardei uma quadrinha. Ela: "Bom-dia, bom-dia\começa o labor\meu mestre, meu guia\meu bom professor".

Dou um salto e estou na década de 50, com o Grupo Sul. O professor Fontes nos acompanhava, mesmo não concordando com posições iconoclastas. Ia a tudo e certo dia me encontrou e foi logo dizendo: "Arte moderna, hein, que estranho, marcam uma palestra e nem o palestrante comparece. Mas eu lá estava". Explico: o palestrante era o Ody Fraga, teatrólogo, diretor, bem falante, eu lia um livro, falava para o Ody, no dia seguinte ele discorria melhor do que eu sobre tal livro. Pois bem. Fomos fazer hora num boteco. Começamos a bebericar e discutir, a discussão pegou fogo, esquecemos a palestra...

Outra com o professor Fontes. Eu acabara de publicar meu segundo livro, mandei-lhe um exemplar. Dias depois nos encontramos. E ele: "Já li, o senhor sabe escrever, é um escritor, embora não possa concordar com suas inovações e seu arrojo". Perguntei por quê. Professor Fontes gaguejou, o que não era comum nele, sempre firme, ficou vermelho, titubeou e soltou num jato: aquela história onde um personagem se masturba, como posso colocar numa estante, e se uma de minhas filhinhas dá com o livro e lê, hein?". Eu pensei, mas não tive coragem de retrucar que as suas filhinhas já estavam na idade de ter filhinhos.

Mais uma: o professor Fontes ia ser homenageado por formandas do Colégio Coração de Jesus. Resolveu retribuir a homenagem publicando um livrinho intitulado "Estudinhos Antroponímicos", onde levantava a raiz do nome de cada uma das formandas. Empacou em um. A saída foi procurar a aluna, dizer do impasse, não era raiz grega, nem latina, nem outra qualquer. E a mocinha, na maior inocência: "Professor, é a junção de parte do nome de meu pai e de minha mãe". Josilívia era a junção de Josino e Olívia. E o professor: "Vivendo e aprendendo".

Outra figura que marcou todos que o conheceram foi o professor Othon D'Eça, escritor que deixou livros importantes, como "Homens e Algas", para citar apenas um. Othon D'Eça tinha dois desejos, que não sei se chegou a realizar. O primeiro, colocar na lapela ou no peito uma comenda, mesmo que comprada. Podem dizer, até concordo, que é uma vaidadezinha meio sem sentido. Mas é dessas miudezas, ou grandezas, que se compõe uma vida. A outra era preencher as 40 cadeiras da ACL, da qual era presidente. Fundada na década de 20, pioneira na aceitação de mulheres, a Academia Catarinense de Letras, na década de 50, ainda tinha cadeiras virgens. Eu brincava: não vai ser fácil desvirginá-las...

Ody Fraga (ou Ody F.S. ou Ody Fraga e Silva), inteligência ágil, papo inesgotável, autor teatral cujas peças precisam ser resgatadas, tinha simpatias e antipatias instantâneas, que podiam (ou não) ser duradouras. De dois plumitivos, conforme dizia, eram duradouras. De um, que publicara um livro intitulado "Nem Tudo Está Perdido", às gargalhadas Ody dizia: "Salva-se o papel". E de outro, que publicara dois livros, o primeiro tendo por título "Valtrudes", o nauta veneziano. O tal nauta atravessava toda a Itália, para visitar a namorada e voltava na mesma noite. Ody mudou o nome para "Valtrudes, o Cosmonauta Veneziano", justificando que só assim, e com certa dificuldade para aterrissar, seria possível cumprir o trajeto. O outro livro era "Cunegundes, ou a Filha do Suposto Traidor", e Ody impiedoso: "Pra que ler, se no título já vem dito tudo?"

Há outras, muitas. Ficam para depois. Mas não posso terminar a coluna sem relatar duas historinhas ocorridas, não com escritores, mas em um café onde jornalistas, escritores, políticos, estudantes, operários, todos por ali passavam. Para bater papo, tomar um cafezinho e ouvir as histórias atribuídas ao dono, udenista ferrenho. Resumo duas: 1 - Ele teimava que o certo era um pir e dois pires. Explicava: nunca ouvi dizer "uma colher". 2 - Toda tarde, ele telefonava para o palácio, queria saber das novidades, se a UDN continuava dando sovas no PSD. Atendiam, ele perguntava se era o Manjor. Ao ouvir: "O Major está ocupado, Fulano", se surpreendia: "Como sabem que era eu querendo falar com o Manjor?"

073: Xosé. Poeta, tradutor

MIGUEL, Salim. Xosé. Poeta, tradutor. **A Notícia**. Joinville, 6 de abr. de 2000, p. C-3. Anexo.

XOSÉ. POETA, TRADUTOR

A cabo de receber, quase ao mesmo tempo, uma carta e uma vintena de livros do Xosé Lois Garcia. Mesmo antes de folhear os livros (lida a carta, claro!), fico pensando no quanto devo a amigos que jamais cheguei a conhecer pessoalmente, mas com os quais não só mantive freqüente correspondência, como troca de livros, revistas, jornais. E, antes que volte ao Xosé, quero relembrar alguns deles, motivado pela rápida folheada que fui dando nos livros do Xosé e onde me deparei com nomes como Antônio Jacinto, Agostinho Neto, Eugênio de Andrade, Pires Laranjeira, entre outros.

Começo por alguém que vivia aqui perto, em Buenos Aires, português refugiado do regime salazarista. Antônio Simões Jr. se chamava — e graças a ele fiquei conhecendo boa parte da literatura hispano-americana. Não só. Também da espanhola. Por exemplo, toda a obra de Lorca, a ficção de Unamuno. Ele, por seu lado, ficou conhecendo mais a literatura brasileira, pois não eram raras as ocasiões em que me pedia que lhe mandasse um livro deste ou daquele escritor, algum lançamento de Graciliano ou Jorge Amado, ou escritos de novos valores.

De Buenos Aires vôo para Lisboa, para outro Antônio, também refugiado do salazarismo, só que em Paris, e que assinava A. Vicente Campinas. Este cheguei a conhecer, em 1985, durante uma viagem a Portugal. Incansável em nos atender, nos acompanhou a lugares desconhecidos de turistas, nos indicou outros — e na noite de nosso retorno ao Brasil disse que nos reservara uma surpresa: ao saber que bacalhau era o prato preferido da Eglê, nos levou para jantar no restaurante que servia a melhor bacalhada da terrinha — e que se chamava Solar dos Presuntos.

Antes de abandonar Portugal e voar, pelas asas da imaginação, para Angola, não posso deixar de citar outros escritores portugueses aos quais muito devo. Citá-los todos requeria um livro. Limite-me a dois, que me abasteceram de livros (e à revista "Sul", de colaborações): Alexandre Cabral e Manuel Pinto. Cabral também cheguei a conhecer, mas do Manuel Pinto me desencontrei no Porto.

Agora estou em Angola. E de novo me deparo com outro Antônio, de sobrenome Jacinto, que pensei vir a encontrar em Niterói, por ocasião de um seminário sobre literatura africana de expressão portuguesa. Anos antes eu ficara conhecendo, em São Paulo, outro amigo, o Augusto dos Santos Abranches, que viria a falecer pou-

co depois. E ainda em São Paulo cheguei a me encontrar com Manuel Ferreira, romancista, poeta, ensaísta, especialista em literatura africana, e Luandino Vieira, que havíamos publicado na "Sul", quando ele se assinava José Graça.

Nestas minhas idas-e-vindas dou a impressão de que perdi o fio da meada. Não é bem assim. O fio vai aparecer justamente agora, quando entre os livros do Xosé Lois Garcia encontro um ensaio dedicado exatamente ao Antônio Jacinto.

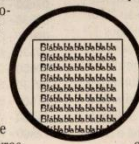
Dessa maneira estranha é que as pessoas se encontram-desencontram. Podemos passar dezenas de anos cruzando todo dia com certas pessoas e contudo não seria correto afirmar que as conhecemos. No entanto, um imprevisto faz com que conheçamos alguém de quem não tínhamos a menor idéia. Caso do Xosé. Antes de explicar o "como", uma retificação: Xosé, além de poeta e tradutor (em especial de português) é também contista, teatrólogo, crítico, ensaísta.

Parece-me que, em artigo anterior, já esclareci de que maneira tomei conhecimento da existência do Xosé. E ele da minha, lógico. Foi através de outro amigo, o poeta Fernando

Mendes Vianna, que teoricamente mora em Brasília, mas dificilmente se sabe por onde anda. Há pouco perguntei a outro amigo, o jornalista Edison Cabral — e ele disse que estava pensando em me fazer a mesma pergunta... Vai para três-quatro anos, o Fernando se tocou para a Europa, ia dar uns giros e divulgar uma revista que acabara de lançar em Brasília (ficou no número um) e falar num poeta de sua paixão, o nosso Cruz e Sousa. Foi assim que, de Barcelona, fiquei sabendo da existência do Xosé. E a recíproca é verdadeira.

Já falei muito, mas não falei dos livros do Xosé. Não faz mal. Fica para outra dessas conversas que, como disse na primeira coluna, vai para um ano, podem tratar de tudo e de nada. Só mais uma palavrinha: na carta, Xosé Lois Garcia diz que continua empenhado na tradução dos poemas brasileiros e que a antologia que prepara deve sair no final deste 2000. Só não me diz quais poetas de Santa Catarina estarão incluídos. Será esperar até receber o livro, a surpresa maior? Ou devo cobrar os nomes? Aliás, nem há necessidade de cobrança por carta. Aqui está ela neste finalzinho...

Ah, sim, na conversa anterior sobre Xosé saiu um poema dele. Se aqui não dá, fico devendo para uma próxima conversa. Quem sabe até mais do que uma. Ou então um dos contos ou trecho do ensaio sobre Antônio Jacinto...



074: Livros a mão cheia

MIGUEL, Salim. Livros a mão cheia. **A Notícia**. Joinville, 13 de abr. de 2000, p. C-3. Anexo.

LIVROS A MÃO CHEIA

Há três meses (pouco mais, pouco menos) não falo de livros. Diretamente. Indiretamente, eles aparecem em tudo que escrevo. Espécie de marca registrada. Livros, claro, continuam chegando. Tive de diminuir, por problemas de saúde, o ritmo de leitura — logo eu que desde a mais tenra infância sou um leitor compulsivo. Sinto, porém, neste exato momento, que chegou a hora de falar, ainda que sucintamente, de alguns dos títulos que continuam a me chegar, praticamente todos os dias. Começo por um que recebi faz tempo.

1 — “Contando História”, de Ives Paz, HD Livros Editora, Curitiba, 1999. Fez bem o autor na escolha do título, pois aqui temos, ao mesmo tempo, contos, crônicas, relatos, depoimentos, fragmentos de vida e flagrantes que marcam as vivências de Paz — e não só dele. O autor não está preocupado com a forma, com um tratamento estilizado, mas com a experiência de vida a transmitir. Abro o livro e me deparo com “Amigos”. O causo corre tranqüilo, como um rio limpo — e quem de nós já não passou por situação semelhante! —, e súbito nos deparamos com aquele final insólito, inesperado, de extrema dramaticidade. Chamou-me a atenção a falta de sumário ou índice. Fico me perguntando se foi intencional, no sentido de dar uma unidade ao que ali vamos encontrando, pois da variedade de temas tratados pode sair uma estranha unidade. Tomo outro exemplo, também ao acaso, “Completando a Decoração”. Desde o início prevemos o final; ainda assim, acompanhamos com interesse o desenrolar, que nos lembra episódio semelhante ocorrido em Florianópolis. Embora durante anos tenhamos perdido contato, conheço Ives Paz há décadas, desde os tempos da revista SUL e da Livraria Anita Garibaldi. Leitor compulsivo (creio que continua sendo), publicou esparsamente alguns textos e relutou até se aventurar em livro. Silveira de Souza, que assina o prefácio do livro, diz com a autoridade que todos lhe reconhecem: “A estréia em livro de Ives Paz é auspiciosa.”

2 — “Cânticos do Amor Inesperado”, de Fagundes de Menezes, Razão Cultural Ed., RJ-1999. Jornalista, contista, cronista, memorialista, em tudo que Fagundes de Menezes faz está, explícito ou implícito, o poeta. E, de maneira mais explícita, o poeta do amor. Venho acompanhando com crescente interesse a trajetória do autor, desde seus primeiros livros. Aqui encontramos toda a marca de seu fazer, de sua luta para domar a palavra sem lhe tirar a força, ainda mais num tema que é tão antigo e sempre tão novo. O título de um dos poemas, “A Voragem do Tempo não me Atinge”, é paradigmático e define o caminho escolhido por esse batalhador não apenas das

letras, mas também da dignidade do ser humano. Fagundes de Menezes contraria um antigo ditado, no caso dele, uma só andorinha faz verão. Explico: há dezenas de anos ele vem realizando um trabalho meritório à frente da UBE-RJ, auxiliado por Stela Leonardos. É uma das mais (quase me arrisco a dizer “a mais”) eficientes das numerosas UBEs que existem. Nota: mal terminara este registro, vim a saber do falecimento, no Rio de Janeiro, do escritor Fagundes de Menezes. A última vez em que estivemos juntos foi no dia 17 de dezembro, durante o lançamento de meu livro. Recuperado de uma enfermidade, estava cheio de planos e sonhava voltar a Florianópolis, onde tinha muitos amigos.

3 — “O Museu Darbot e Outros Mistérios & Do Catálogo de Flores”, de Victor Giudice, Ed. José Olympio, RJ-1999. Costuma-se repetir, e quase sempre com razão, que não temos nem sabemos preservar nossa memória. Vamos ao caso dos escritores: mal ele morre, recebe meia dúzia de linhas em algum jornal — e pronto. Ainda outro dia, falava eu com uma ensaísta, professora, editora, e lembrávamos o caso de Samuel Rawet, contista exemplar, morto há poucos anos, de quem ninguém mais fala. O mesmo começa a ocorrer com Victor Giudice, autor de contos que nos revelam um autêntico criador, com a agravante de que morreu faz, se tanto, três anos. Dai saudarmos com o maior entusiasmo esta iniciativa da tradicional editora carioca, ao recuperar não apenas alguns contos, mas também o romance inacabado. Giudice deixara algumas anotações do livro no qual vinha trabalhando — e foi com este material que amigos dele procuraram recuperar, não o romance que ele certamente escreveria, mas um texto (em especial a parte final) próximo do que ele certamente faria.

Mário Pontes diz, com carradas de razão, no texto introdutório, que Victor foi “um dos escritores mais tipicamente cariocas, da segunda metade deste século”. E a análise que Mário, outro excelente crítico, ficcionista e tradutor, faz, é em tudo pertinente, lúcida, atenta à escrita de Victor Giudice. Também elucidativo sobre a personalidade do escritor é o texto de Carlos Alberto Mattos, significativamente intitulado “Victor Giudice e seus Mistérios”. Ele diz: “A convivência do intelectual de gosto requintado com o homem simples e popular era um dos traços característicos de Giudice. Ele tinha laços de amizade e longas conversas com artistas e escritores, assim como com guardadores de carro, o seu lanterneiro de Irajá, porteiros de prédios, etc.” Segundo o mesmo autor, Giudice declarou certa vez: “Meus personagens circulam por um espaço geográfico conhecido, mas o fazem rodeados de alegorias.”

075: Sobre livros

MIGUEL, Salim. Sobre livros. **A Notícia**. Joinville, 20 de abr. de 2000, p. C-3. Anexo.

SOBRE LIVROS

A idéia para esta coluna me veio de um marcador de livros. Ali estavam duas frases, sem autoria. Não consegui saber de quem são. Mas outras foram surgindo. Em primeiro lugar, a inevitável de Monteiro Lobato, "um país se faz com homens e livros." Ou seria a de Castro Alves, "livros, livros a mão cheia."?

A curiosidade me levou a um Dicionário de Citações, do Paulo Rónai. Lá estavam dezenas. Selecciono algumas. Quem sabe continuarei a seleção em outra oportunidade... E começo por uma frase de Plínio, o velho, com a qual não concordo. Diz: "Nenhum livro é tão ruim que, sob algum aspecto, não tenha utilidade." Talvez por existirem poucos livros, quando ele escreveu isso. Já com São Jerônimo, leitor compulsivo que sou, concordo plenamente: "Que nunca o livro fique longe de tua mão e de teus olhos."

A partir de agora deixo as observações paralelas para o leitor, limitando-me às transcrições:

1 — Temo o homem de um livro só. — São Tomás de Aquino.

2 — Certos livros devem ser degustados, outros engolidos e alguns poucos mascarados e digeridos. — Bacon.

3 — Qualquer livro discreto é um amigo que aconselha e repreende em segredo. — Lope de Vega

4 — Um livro só é desculpável na medida em que ensina alguma coisa. — Voltaire.

5 — Os meus livros me acompanham fielmente: só deles não me aparto. Eles foram os meus mestres e o estão sendo ainda. — Matias Aires.

6 — Um livro pode ser divertido com muitos erros, ou muito enfadonho sem um único absurdo. — Oliver Goldsmith.

7 — Dir-se-ia que alguns livros não foram escritos para que deles se aprenda, mas para que se saiba que o autor sabia alguma coisa. — Goethe.

8 — A companhia dos livros dispensa com grande vantagem a dos homens. — Marquês de Maricá.

9 — Para ler coisa boa: é uma condição a de não ler coisa ruim, pois a vida é breve e nosso tempo e nossas forças limitadas. — Scho-

penhauer.

10 — A verdadeira universidade de nossos dias é uma coleção de livros. — Carlyle.

11 — Nunca leias um livro que não tenha um ano. — Emerson.

12 — Meu camarada, este não é um livro/ quem o toca, toca um homem. — Walt Whitmann.

13 — No fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro. — Mallarmé.

14 — Um livro desagradava-nos em tudo que se nos assemelha. — Jules Renard.

15 — O livro é um pássaro com mais de cem asas para voar. — Ramón Gomez de la Serna.

16 — Todos os bons livros se parecem por serem mais verdadeiros do que se tivessem acontecido realmente. — Hemingway.

17 — Dupla delícia/ o livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado. — Mário Quintana.

18 — Há duas espécies de livros: um que os leitores esgotam, outros que esgotam o leitor. — Mário Quintana.

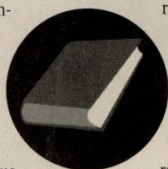
19 — Minha doença é fazer livros e envergonhar-me deles quando os fiz. — Montesquieu.

20 — Vejo nossos livros como outros tantos bilhetes de loteria; realmente não valem mais do que isso. A posteridade, esquecendo uns e reimprimindo outros, é que declarará os bilhetes ganhadores. — Stendhal.

Comecei esta conversa dizendo que fui provocado por um marcador de livros, com duas frases sem autoria. Quem sabe algum leitor pode me informar de quem são. Ei-las:

A — O livro é um mudo que fala, Um surdo que responde, Um cego que guia, Um morto que vive. B — Um livro aberto é um cérebro que fala; Fechado, um amigo que espera; Esquecido, uma alma que perdoa; Destruido, um coração que chora.

Hora de concluir. Não posso, no entanto, fazê-lo sem citar uma frase que costumo repetir — e já nem sei se é de alguém ou minha, adaptada das tantas que tenho acumulado ao longo da vida: "O autor escreve, o leitor reescreve."



076: Vasco. Campeão

MIGUEL, Salim. Vasco. Campeão. A Notícia. Joinville, 27 de abr. de 2000, p. C-3. Anexo.

VASCO. CAMPEÃO

Afinal me dei mal — ainda bem. Já explico a aparente contradição. Vascaíno empedernido, vinha sofrendo. Com grandes jogadores, o clube não emplacava um campeonato. Daí minha última conversa a respeito de futebol se intitular "Vasco e a síndrome de vice". E procurava justificar: como o presidente do clube é figura decorativa, onde quem manda é o vice Eurico Miranda, nada mais justo do que o Vasco ser um eterno vice-campeão.

Não é certo que todos nós somos técnicos e escalamos, além dos jogadores do nosso time, a própria Seleção, e saímos por aí, discutindo com todos — parentes, amigos, conhecidos, desconhecidos — quem deve jogar em lugar de quem? E assim por diante...

Pois bem. Eu dizia na tal conversa que não podia dar certo estarem, no mesmo time, dois excelentes jogadores e dois egos monumentais, como Romário e Edmundo. Como se isso não bastasse, os dois que haviam sido grandes amigos, agora estavam incompatibilizados. E acrescentava uma brincadeira maldosa com o novo técnico, de nome Abel, dizendo que bem logo ele passaria a se chamar Caim.

Amigos e parentes me gozavam: quer dizer que mesmo tu reconheces que o Vasco já era! E eu, um clube que tem o plantel do nível dele não pode aceitar o "já era". Tem de haver um jeito.

Qual jeito: o ex-técnico era de reconhecida competência, mas perdera o controle dos jogadores. Difícil acreditar que um time com Romário, Edmundo (podiam continuar brigados fora, mas acertados dentro do campo), Mauro Galvão, Juninho, Felipe, o recuperado Pedrinho; para citar apenas uns poucos, não tivesse como dar conta do recado... Qual dos grandes do Rio de Janeiro (não só) possui tantos bons jogadores? Para me limitar ao Rio, o Botafogo, o desmontado Fluminense, o eterno maior rival Flamengo?

Chega a Taça Guanabara, primeiro turno do campeonato carioca. Penso comigo: com o desentrosamento, as desavenças, o novo técnico sem muita tradição na profissão, o que esperar?

Eu ainda não aceitava, como técnico e autoridade em futebol (o que, repito, todos somos), que o Vasco tivesse vendido o Guilherme e o Luizão, e mais ainda o Ramon. Todos jogando um bolão, Luizão no Corinthians e os outros dois no Atlético Mineiro, onde, no último domingo, foram decisivos para a vitória contra o Cruzeiro.

Começa o primeiro turno do Campeonato Carioca. E não demora, sou surpreendido, embora

ainda um tanto cético, com o desempenho do time. Não me deixo abalar, digo-me que é só o comecinho, logo-logo teremos os costumeiros tropeços. Que nada! À medida em que o primeiro turno avança, mais e mais se afirma o time em campo. Não sei quais orientações terá dado o Abel — agora sim, apenas Abel, sem risco de tornar-se um Caim. E vão sendo atropelados todos os adversários, maiores e menores. Não só isso: ao final da competição, o Vasco teve o melhor ataque, a melhor defesa, o artilheiro e uma campanha invicta, com um único empate.

Futebol tem desses mistérios. Quem sabe, com a vitória de domingo sobre o arqui-rival Flamengo, tenha sido esconjurada a síndrome de vice! Isso, no entanto, sem impedir que o eterno vice, Eurico Miranda, continue senhor do time, do clube, de tudo. Mas o homenzinho é tinhoso. Sabe aparecer nas horas certas, distribuir bombons de chocolate, falar o que deve e o que não deve, quando, depois da vitória sobre o Flamengo, tirava o corpo fora ao ser questionado sobre a gestão dele e as coisas não bem explicadas do futebol brasileiro.

Mas desta vez ele teve um parceiro à altura, o presidente do Flamengo, que deve estar pensando com seus botões: por que não fiquei calado? É que, antes do início do jogo, perguntado se não se arrendia de ter dispensado Romário, declarou com toda a ênfase: vou responder a isso no final da partida. No final da partida deve ter saído às pressas, pois o dispensado "Baixinho" fez três dos cinco gols do Vasco.

Foi um partida bem jogada, com todos os jogadores se empenhando ao máximo. Claro que, time por time, o do Vasco é superior, tanto pelos jogadores em campo como pelo banco dos reservas. Mas a garra flamengista é inquestionável. Tanto que o gol do Flamengo, aos seis minutos, deu a ilusão de que o título seria mesmo decidido no tapetão, como queria a diretoria do Flamengo. Daí meu neto ter me telefonado de Brasília com um "e aí Vô, esta já temos decidida". Não demorou a virada — e que virada! As duas primeiras expulsões nem diminuíram o ritmo da partida, nem a atrapalharam. Depois, sim. Mas não há flamenguista, por mais fanático, que conteste o resultado.

E eu, antes da próxima conversa sobre futebol, vou pensar um pouco mais, antes de fazer certas afirmações. Mas deixo aqui uma pergunta: será que o Abel, seguindo o combinado, vai mesmo ser dispensado depois dos quatro meses de contrato?



077: Da editora ao livro

MIGUEL, Salim. Da editora ao livro. **A Notícia**. Joinville, 25 de maio. de 2000, p. C-3. Anexo.

DA EDITORA AO LIVRO

Mais uma editora na praça — e isso é muito bom. Ainda mais o fato de a referida "praça" não ser Florianópolis, onde já subsistem numerosas (e boas) editoras. A Editora Letra D'Água é de Joinville e tem como editor o Joel Gehlen, competente e tarimbado jornalista, que largou (por enquanto) a profissão e resolveu se aventurar.

Joel não é, contudo, o que se poderia chamar de marinheiro de primeira viagem. Ele sabe muito do livro e do mercado editorial brasileiro. Também dos riscos que vai correr. Mas o que seria da vida sem riscos? Só assim o mundo caminha, com as pessoas aventurando-se, saindo do ramerrão do dia-a-dia.

Comecei com um "melhor ainda", que necessito justificar. Não é apenas pelo motivo de já existirem numerosas editoras em Florianópolis. É que me parece fundamental a existência delas em outras regiões do Estado. Isso facilita o surgimento de novos valores, que de outro modo acabariam por se estiolar, desistindo corroidos pelo desânimo.

A verdade é que, com raríssimas exceções, o Brasil continua girando em torno do eixo Rio-São Paulo. Pode-se contar nos dedos os nomes que, de suas províncias, conseguem furar o mercado editorial e conquistar um espaço sem residir num daqueles eixos. Alguém pode alegar que o Rio Grande do Sul independe... Antes desse "alguém" concluir, interrompo-o: sim, o Rio Grande do Sul, mas ali há um processo contínuo de valorização das coisas do Estado, com destaque para a literatura. Só que, dos muitos e muitos valores publicados pelas editoras sul-riograndenses, quantos conseguem um certo renome fora de suas plagas?

O caso catarinense é ainda mais dramático. Aqui o escritor não tem vez nem em seu próprio chão. Daí a importância do surgimento de editoras em outras regiões — e logo me lembro do excelente trabalho que vem sendo realizado pela Editora da Furb, em Blumenau, e pela Editora Grifos, da Universidade de Chapecó, abrindo espaço para novos e menos novos, da região e de fora da região. O mesmo papel, se conseguir apoio, poderá realizar a editora do Joel.

Aqui me lembro de uma frase, talvez a mais conhecida de todas no gênero, do Monteiro Lobato, que

diz: "Um país se faz com homens e livros." Creio que hoje ele, com a visão que tinha, não apenas do livro, mas de todos os problemas nacionais, explicitaria, para que ficasse bem claro: e também com bibliotecas, distribuidoras, livrarias, incentivos à leitura e editoras — editor que foi dos mais arrojados para seu tempo e seu meio.

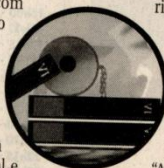
Joel pode ser, para toda a região Norte (e não só ela), o nosso Lobato. Basta dar uma olhada nos primeiros títulos publicados. E antes de citá-los, faço questão de deixar duas palavrinhas sobre a produção gráfica, que passou a merecer cuidado especial. É gostoso ver o tratamento que a Letra D'Água dá aos livros. Para cada tipo de livro um tratamento, uma diferenciada mancha tipográfica, um corpo mais adequado, o mesmo com o formato. Tomemos dois exemplos: enquanto o livro do Orlando Alves "Na Gare da Estação Primavera", de artigos tratando com profundidade e conhecimento os mais variados temas, é no formato convencional, o chamado "americano", já o livro de Carlos

Adaauto Vieira (ou seu heterônimo Charles D'Olengêr), "Saborosas Estórias Curtas", de crônicas e contos, é no formato livro de bolso.

Já para a poesia, caso de "Arco de Pedra", de Onévio

Zabot, e para a ficção longa, caso da novela "Codice", de Paulo Cesar Ruiz, o editor buscou uma fórmula intermediária. Outra referência merece o álbum, fotos e textos, "Girassol, Gira Lua", de Lair Leoni Bernardoni, não só pela alta qualidade das fotos, como pelo texto sensível, com um trabalho gráfico e editorial que se equipara ao de qualquer grande editora. As capas mereceram tratamento especial e diferenciado, buscando agradar e chamar a atenção do leitor. Aliás, esse leitor deve estar se perguntando sobre o conteúdo dos livros. Tem razão. Acontece que também apaixonado pelo produto livro, já havendo sido sócio de editoras alternativas, dirigido durante oito anos a Editora da UFSC, lendo e escrevendo desde que me conheço por gente, acabei me deixando levar. O espaço acabou. Paciência. Quem sabe, mais tarde, falarei do que procurou nos dizer cada autor desses livros — por enquanto deixo para o leitor a descoberta...

■ SALIM MIGUEL é escritor



078: Cultura e competência

MIGUEL, Salim. Cultura e competência. **A Notícia**. Joinville, 18 de maio. de 2000, p. C-3. Anexo.

CULTURA E COMPETÊNCIA

Arthur Pereira e Oliveira fez parte de uma das últimas gerações — ou da última — fundamente marcadas pela cultura francesa. Sem pretender uma relação exaustiva, outros nomes precisam ser citados: Henrique da Silva Fontes, Barreiros Filho, Mâncio da Costa, Hercílio Medeiros Filho, Oswaldo Rodrigues Cabral, Madeira Neves, Wilmar Dias, Henrique Stodiek. Em alguns, além da francesa, deve-se também citar a alemã e a portuguesa — nesse caso um Camões, um Eça, um Camilo, um Herculano. A partir de 1945, término da 2ª Grande Guerra, a influência norte-americana tornou-se avassaladora.

Em Arthur Pereira e Oliveira conviviam o excelente médico estudioso e humanitário, o homem extremamente culto, o poeta sensível, esse de aparição tardia. Antes mesmo de saber muito a respeito dele, fiquei conhecendo o médico e o laboratorista. Não consigo agora me lembrar se o primeiro laboratório ficava na rua Tiradentes ou na João Pinto. Do segundo tenho certeza, ficava nas dependências do Hospital de Caridade.

Durante anos, o dr. Arthur foi médico de minha família. Discreto, de fala mansa, não creio que tenha tido muitos amigos íntimos devido a sua formação e a sua maneira de ser. Tinha, isto sim, muito admiradores e amigos. Um de seus amigos mais próximos me parece ter sido César Ávila — e aqui sou obrigado a dizer que os contrários se aproximam. César, tio da Eglê, era uma explosão só, extrovertido e exuberante. Dr. Arthur e dr. César haviam estudado medicina no Rio de Janeiro; durante a guerra, já com o nome consolidado, lhes foi entregue, por Nereu Ramos, a direção do hospital de Harmonia, hoje Ibirama.

Foi a partir da Eglê, a quem o dr. Pereirinha, como também era conhecido, emprestava livros, que fiquei sabendo de sua paixão pela leitura. Ele chegou a nos dar alguns; lembro-me, por exemplo, de romances (em francês, claro) de Anatole France, uma de suas admirações. Depois do lançamento da revista "SUL" e da abertura da Livraria Anita Garibaldi, passamos a nos encontrar mais, sem nunca, porém, termos tido, mesmo sobre livros, uma dessas conversas mais aprofundadas. No entanto, além de adquirir livros e publicações periódicas na livraria, ele mantinha um anúncio na revista. Certamente nenhum cliente lhe advinha daquele anúncio. Era seu modo de ajudar uma revista de novos, da mesma forma como o faziam, entre outros, o dr. Miguel S. Cavalcanti e o advogado Wilmar Dias.



Será que o vírus da poesia nele se infiltrara desde cedo? Não sei, não tenho como saber. Falo do vírus do escrever, não o da leitura. Pois, em rodas que se formavam na livraria, e das quais eventualmente participava, dr. Arthur manifestava sua admiração por este ou aquele poeta, citava um verso ou outro.

Num País onde todos querem ter logo livro publicado — e aqui faço questão de insistir na palavra "livro", não um texto em publicação periódica —, Arthur Pereira e Oliveira foi fazer sua estréia em livro aos 70 anos, em 1979, com "Canto Libertado", publicado pela UFSC. Nesse livro estão presentes todos os elementos que definem toda a sua obra: a fina sensibilidade, a preocupação com o social, e a destinação do ser humano. Trabalhava tanto o verso livre quanto a rima e a métrica. Quatro anos depois, aparecia "Insatisfação", seu segundo livro, publicado pela Associação Catarinense de Medicina. O último livro publicado, "Canto e Desencanto", pela Ed. da UFSC, é de 1992.

Se no primeiro livro o título é paradigmático, de alguém que afinal consegue se libertar e extravasar os sentimentos, nos dois últimos há um travo de melancolia a perpassar, seja na "insatisfação" ou no "desencanto", que cada leitor pode interpretar à sua maneira, ao se debruçar sobre os temas constantes na obra do poeta.

Bem mais do que estas palavras deverá ser dito na Sessão de Saudade que hoje, dia 18, a Academia Catarinense de Letras realizará em homenagem a Arthur Pereira e Oliveira, que soube traçar sua caminhada como homem e como artista.

Pensei em encerrar esta breve notícia com a transcrição de um poema de sua autoria.

Estava em dúvida, quando José Paulo Garcia, leitor insaciável que sempre se recusou a escrever, amigo meu e do poeta, indicou-me o soneto "Navio Morto", onde estão presentes não só a sensibilidade, mas todas as peculiaridades da escrita de Arthur Pereira e Oliveira.

"Navio morto, pasto de ferrugem,\ Nostalgia das vagas que estrugem\ Nos sete mares cheios de mistério.\ Agonizas no meio deletério\ De praia escura, suja e sem beleza.\ Onde recolhes gritos de incerteza\ De gente sem passado e sem futuro,\ De gente estranha a todo o belo e o puro.\ De gente mais infeliz do que tu és.\ Pois inda se vê a errar no teu convés\ Alguma alma de que foste ermida,\ E esta gente que passa indiferente,\ Do belo e do sentir quase indigente,\ A ela lhe morreu a alma em vida."



079: Mais sobre livros

MIGUEL, Salim. Mais sobre livros. **A Notícia**. Joinville, 11 de maio. de 2000, p. C-3. Anexo.

MAIS SOBRE LIVROS

Frases sobre livros sempre exerceram um estranho fascínio — e não apenas naqueles leitores compulsivos. Ainda agora uma prova, com a coluna intitulada "Sobre Livros". Pessoas me telefonaram, outras me procuraram na rua. Mas ninguém me deu uma pista das duas frases encontradas num marcador de livros. No caso, podem ser de autoria do próprio dono da livraria que distribuiu o marcador. De qualquer maneira, repito-as aqui: "O livro é um mudo que fala, um cego que guia, um morto que vive." e a outra: "Um livro aberto é um cérebro que fala. Fechado, um amigo que espera. Esquecido, uma alma que perdoa. Destruído, um coração que chora." Quem sabe se desta vez tenho mais sorte, alguém me dá uma pista.

Costumo repetir que "o autor escreve um livro e o leitor o reescreve". Quanto mais reescrevedores se tem, tanto melhor. Pois bem, agora encontro frase similar em Barrès (1862-1923): "Todo livro tem como colaborador o seu leitor." Vamos às frases:

• "Se amo alguns livros são aqueles em que sinto que o seu autor, que pode ter morrido séculos antes de eu ter sido engendrado, se dirigiu a mim, a mim pessoal e concretamente, a mim em confidência." — Unamuno

• "Os livros têm os mesmos inimigos que os homens, o fogo, a umidade, os bichos, o tempo e o seu próprio conteúdo." — Paul Valéry

• "Há livros que são no mundo como almas penadas. Andam, andam, tropeçam através de séculos pela obscuridade e pelo sofrimento, até que um dia apareça alguém que os tire do limbo do esquecimento. E isto, parecendo que não, dá esperança..." — Miguel Torga

• "Ah, a tristeza de saber, no fim da leitura de certos livros, que nunca mais os leremos pela primeira vez, que não se repetirá jamais a sensação da primeira leitura, que não teremos renovada a felicidade de ignorá-los num dia e conhecê-los no dia seguinte." — Álvaro Lins

• "Escrever um livro mau não requer menos trabalho que escrever um livro bom; jorra com não menos sinceridade da alma do autor." —

Aldous Huxley

• "Não há livro tão mau que não tenha algo de bom." — Cervantes

• "Há uma regra segura para julgar os livros como os homens, mesmo sem os conhecer: basta saber por quem são amados e por quem são odiados." — Joseph de Maistre

• "Na verdade, um livro que não merece ser lido duas vezes não é digno de ser lido nem uma vez." — Jean Paul

• "Quando não estou passeando, estou lendo; não posso ficar sentado e pensar. Os livros pensam por mim." — Charles Lamb

• "Tudo o que a humanidade tem sido, feito, pensado ou lucrado encontra-se como que magicamente preservado nas páginas dos livros." — Carlyle

• "Seria bom comprar livros se se pudesse comprar junto o tempo necessário para lê-los, mas frequentemente se troca a aquisição de livros pela apropriação de seu conteúdo." — Schopenhauer

• "Um livro necessita de tanto tempo quanto um feto. Obra que se escreve rapidamente, em poucas semanas, em mim desperta certa desconfiança contra o autor. Mulher honesta não pare antes dos nove meses." — Heine

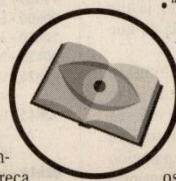
• "Se um livro vale a pena de ser lido, vale a pena de ser comprado." — John Ruskin

• "Todos os livros podem ser divididos em duas classes: os da hora e os de todos os tempos" — John Ruskin

• "Fragata melhor que um livro não há/ pra nos levar a terra alheia,/ nem melhor corcel que a página/ onde a poesia curveteia." — Emily Dickinson.

A quase totalidade dessas frases foi extraída do "Dicionário de Citações" do meu saudoso amigo Paulo Rónai. Existem ali muitas outras. Estou pensando em algo diferente, pedir que leitores e escritores me mandem uma frase de até três linhas sobre o livro. Não será interessante?

■ SALIM MIGUEL é escritor



080: Brasil. Quatro anotações

MIGUEL, Salim. Brasil. Quatro anotações. **A Notícia**. Joinville, 4 de maio de 2000, p. C-3. Anexo.

BRASIL. QUATRO ANOTAÇÕES

1 — Os 500 anos — As festividades oficiais dos 500 anos do descobrimento confirmaram, para os índios, aquilo que eles já sabiam. Quem colocou tudo em seus devidos termos foi o Marés, então presidente da Funai, que acompanhava a caminhada das tribos a Porto Seguro. Declarou que as ditas comemorações — iniciadas com a destruição do monumento erigido pelos pataxós em Porto Seguro e que estavam sendo encerradas de maneira violenta, com as forças policiais impedindo, por meio de balas de borracha, gás lacrimogêneo e muita pancadaria, a chegada dos índios àquela cidade, no dia 22 de abril — se constituíam num símbolo do que havia acontecido aos 5 milhões, agora reduzidos a 300 mil. Com isso ele explicitou o que estavam pensando todos os que assistiram às cenas de violência.



O povo, de forma geral, foi discriminado. Só autoridades e convidados especiais puderam participar das solenidades em Porto Seguro. Barrados da festa, os milhares de turistas viram, à distância, a queima de fogos.

Quanto foi gasto em tudo isso, no Brasil e no exterior, ninguém sabe. Sabe-se é que a réplica da nau de Cabral foi um rotundo fiasco, embora tivesse custado quase 4 milhões de reais e contasse com toda a sofisticada tecnologia de hoje. Para o hilário Greca, então ministro do Turismo, tudo correu a contento e não viu nenhum tipo de violência. Nas mesmas águas navegou o ainda ministro Weffort, da Cultura.

Então, pode alguém estar se perguntando: não se devia fazer uma reflexão sobre os 500 anos? Claro que sim. Analisando o que eles representaram, não só para a comunidade indígena, mas também para os negros. E buscando um caminho que nos leve a uma sociedade mais solidária e justa, onde não existam tantas desigualdades sociais, com as elites cada vez mais ricas e poderosas e a maioria da população mais pobre e desamparada.

Incidentes ocorreram em todo o País. Em Florianópolis, um grupo de manifestantes que protestava junto ao relógio da Globo foi dispersado com violência, pela polícia. Nem sempre a palavra "democracia" se traduz em atos.

2 — Solução Embratel — A pri-

vatização da Embratel iria resolver todos os problemas. Vejamos, a não ser a imagem da divulgadora das maravilhas da globalização e do neo-liberalismo, ela sim ganhando milhões, o que lucrarmos? A Embratel SC hoje inexistente, é um escritório subordinado ao Paraná. Onde foi parar a melhoria dos serviços? Os preços não foram reduzidos, o projeto do Espaço Cultural e o atendimento social à camada mais pobre dos morros se foi.

3 — Telesc — Outro exemplar resultado da desenfredda privatização: a Telesc hoje inexistente. A maior parte de seus empregados foi dispensada, e aqui ficou apenas um pequeno escritório, por quanto tempo ninguém sabe. Será que serviços e preços melhoraram? Dou meu exemplo: estou pagando mais às prestadoras de serviço, embora não tenha aumentado a utilização do telefone. Mas, que os novos donos têm coragem, lá isso têm, e muita! Querem nos impingir, através de anúncios, que a alienada Telesc, hoje Telesc Brasil Telecom, agora é mais brasileira...

4 — BR-470 — Não sei bem se o título correto é esse ou SC-470. Governo estadual e governo federal, cada um joga para o outro a responsabilidade do que vem ocorrendo. Enquanto isso, os acidentes, com vítimas fatais, só tendem a aumentar, justificando seu triste cognome de "rodovia da morte" — mais uma. Tal como vem ocorrendo na BR-101,



a Procuradoria da República já detectou irregularidades no processo de privatização que, entre outras coisas, desobriga a empresa de várias responsabilidades e autoriza a cobrança de um pedágio abusivo. O que, como já acontece em vários países, boa parte acaba sendo bancada pelo governo, traduzindo: pelo dinheiro do povo. Já é um contra-senso um país continental como o nosso depender, quase que exclusivamente, das rodovias para o transporte de suas riquezas, podendo dispor de malha fluvial, marítima e ferroviária. E contra-senso ainda maior é, nesse caso, deixar que as estradas se deterioresem. De quem a responsabilidade? Há necessidade urgente de uma resposta. Clamam por ela os parentes e amigos das vítimas fatais, os estropiados e maltratados e todos os cidadãos cômicos de seus direitos.

081: Reven(len)do do Joel Silveira

MIGUEL, Salim. Reven(len)do do Joel Silveira. **A Notícia**. Joinville, 1 de jun. de 2000, p. C-3. Anexo.

REVEN(LEN)DO JOEL SILVEIRA

A entrevista concedida por Joel Silveira a Geneton Moraes Neto, para "Caros Amigos" (e aproveito a deixa para recomendar com entusiasmo a revista, das últimas a ter coragem de dizer a verdade), levou-me a um passado distante, quando pela primeira vez tomei conhecimento do excepcional jornalista sergipano, sem imaginar que mais tarde trabalharíamos juntos.

Não posso precisar quando fui ler Joel pela primeira vez. Teria sido em Biguaçu, onde eu devorava tudo que encontrava? Ou já em Florianópolis, meados dos anos 40? Pouco importa. Vale assinalar que passei a procurar tudo o que ele escrevia, quis saber a respeito dele. Algumas informações me chegaram, já nos anos 50, pelo Carlos Scliar, que fora pracinha, e Joel, correspondente de guerra. Pela mesma época, na casa do Marques Rebelo, nas Laranjeiras, visita obrigatória quando eu ia ao Rio, lá encontrava o Paulo Silveira, irmão do jornalista.

Desencavei reportagens suas que haviam causado impacto, "Granfinos de São Paulo", por exemplo. O primeiro livro de ficção, de sua autoria, que li, foi "Descobrimento da Aurora". Ai elaborei uma teoria, que não chegou ao papel, mas foi discutida com amigos, por igual interessados na fascinante arte de escrever: existe algo de ficcional num bom texto jornalístico, da mesma forma como algo de jornalístico numa boa obra de ficção.

Embora passasse a freqüentar, com regularidade, o Rio, e tivéssemos amigos comuns, só fui conhecer o Joel em fins da década de 60 ou já na de 70. Eu lera outros textos dele, continuava me interessando por aquela figura paradigmática, que marcara a imprensa brasileira. Mas só fui conhecê-lo na revista "Manchete".

Certo dia, Adolfo Bloch me chama. Lá estava Joel. Diz, apontando-nos: vocês dois vão a Salvador, falem com o Justino Martins. Falamos.

Estamos em Salvador, um fotógrafo, o Joel e eu. Já na primeira noite somos convidados (ou convocados) para uma reunião em seu apartamento. Ele nos esperava com um litro de whiskey. Aceitei uma dose, o fotógrafo, não. Examinamos a pauta para o dia seguinte, e o fotógrafo pediu licença. Mal ele saiu, Joel disse: não deve ser bom (era excelente), onde se viu

fotógrafo que não bebe!

Conversamos, queria saber de mim. Sucintamente dei-lhe algumas indicações. Sabendo que convivera com Graciliano Ramos, narrei-lhe um episódio pitoresco quando, em 1950, um grupo de provincianos, ansioso por conhecer um Graciliano, um Drummond, um Zé Lins, chegava ao Rio. Certo dia, lá estávamos nos fundos da Livraria José Olympio, com Mestre Graça. Queríamos saber dele e ele de nós. Perguntou-me o que eu fazia. Respondi: tento uns contos. E ele: não tente, faça. Joel riu, serviu-nos mais bebida, e contou: comigo Graça foi mais drástico, mostrei-lhe um conto, leu, picou em pedacinhos e jogou no lixo sem dizer uma única palavra; eu não tinha cópia; anos depois tive coragem e perguntei por que fizera aquilo, e Graciliano, com a franqueza que o caracterizava, disse sem titubear: não valia nada, era uma merda.

Terminada a tarefa, toda a noite nos reuníamos no apartamento dele. Joel tinha sempre histórias para contar, ele que convivera, durante décadas, com as principais personalidades, não só do País. Certa madrugada, Joel diz: preciso telefonar para a Iracema (era a mulher dele). E eu: tão tarde, amanhã você fala. E ele: tem de ser agora. E eu: ela deve estar dormindo. E ele: acorda, oras!

Foi logo perguntando: Iracema, a gatinha vai bem, come direitinho? Escutou a resposta, insistiu, queria saber mais. Disse que estava conversando com um companheiro de trabalho, ia tudo bem. Desligou.

Continuamos bebericando, de repente Joel pára, pensa, me diz: eu que não perguntei pela Iracema! Retruquei: você acabou de falar com ela. E Joel: claro, mas não perguntei como ela vai, só perguntei pela gatinha. Só então me dei conta de que se tratava mesmo de uma gatinha, não era maneira carinhosa de se referir à companheira de tantos anos. Pegou o telefone, repetindo: foi uma desconsideração, vou telefonar. E eu: Joel, deixa para amanhã, ela deve estar dormindo. Joel não concordou: onde se viu, nem me despedi da Iracema. Foi o que fez.

Sou obrigado, como nos seríamos de antanho, a parar por aqui. Não perca, na próxima semana, mais um episódio.

■ SALIM MIGUEL é escritor

082: Reven(len)do do Joel Silveira (2)

MIGUEL, Salim. Reven(len)do do Joel Silveira (2). **A Notícia**. Joinville, 8 de jun. de 2000, p. C-3. Anexo.

REVEN(LEN)DO JOEL SILVEIRA 2

Terminei a crônica anterior com o Joel se despedindo da Iracema. Agora começo querendo falar com Jorge Amado. Precisávamos conversar com Mãe Menininha do Gantois. Sabíamos que, para chegar até ela, havia necessidade da interferência do Jorge. Tarefa minha os contatos. Sempre é bom falar com Jorge, que eu conhecia há muito. Telefonei, logo me atendeu, sabia que estávamos em Salvador e perguntou quando iríamos visitá-lo. Disse-lhe que logo e fiz nosso pedido. Jorge retrucou que já andava meio cansado da intermediação, mas não tinha como se negar para nós, que lhe telefonássemos à tardinha. Pedi-lhe que estivesse presente ao encontro, apesar de minha insistência, negou-se.

Transmiti a conversa ao Joel. Rindo, foi taxativo: o Jorge vai. Duvidei. Joel riu mais. Eis que, no dia aprazado, lá estava Jorge Amado nos aguardando no terreiro.

Adolfo Bloch, a quem Joel chamava de Astolfo, deve ter gostado da parceria... Pouco tempo depois, estávamos em Florianópolis. Joel e o fotógrafo (tinha sido escolhido um que apreciava um beberico) no hotel, eu na casa de meu pai. No segundo dia, levei Joel para conhecê-lo. Ambos eram bons de prosa, Joel, *causeur* insuperável, e "seo" Zé, bom ouvinte e melhor contador de causos — logo se tornaram íntimos; toda manhã meu pai perguntava, quando é que aquele teu amigo volta?

Joel rapidamente fizera rodas de amigos. Por vezes, ficávamos (ou ele ficava, eu me ia mais cedo) em um dos bares da cidade até que fosse fechado.

Pelo que venho contando, dá a impressão de que não se trabalhava. Trabalhava-se — e bem. A pauta era rigorosamente cumprida. Joel conversava, compulsava documentos, entrevistava, fazia sucintas anotações. No começo, lá em Salvador, eu ainda reclamava, dizia, você não vai poder reconstituir a conversa, não vai fechar o texto. Ele ria, retruca-

va: deixa comigo.

Eu também não podia reclamar muito, nunca fui de usar gravador, limitava-me a breves anotações, uma espécie de taquigrafia, e sempre me dei bem. Só que minhas anotações eram mais substanciais.

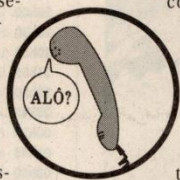
Da mesma forma que na Bahia, as matérias sobre Florianópolis foram elogiadas por todos, na revista e na cidade.

Saí da "Manchete", mas continuei a me comunicar com o Joel, mesmo depois de retornar à terrinha. A gente se telefonava, eu visitei-o e, além de dona Iracema, conheci a gatinha. Com o tempo, os contatos rarearam, mas estava sempre atento ao que dele ia aparecendo. Quando do lançamento de "Na Fogueira", primeiro volume de suas memórias, telefonei para lhe dizer que ali estava o Joel Silveira por inteiro, preciso, irônico e sensível, com sua prosa envolvente, onde, de novo, eu reencontrava o jornalista e o ficcionista. E destaquei: naquelas memórias existiam duas novelas eróticas, que podiam se transplantadas para volumes independentes.

Falei bastante do Joel jornalista e muito ainda teria a dizer do escritor, que conheci através da novela "Desaparecimento da Aurora", publicada na década de 50. Citei alguns outros livros: "Dias de Luto" (novela); "Não Foi o que Você Pediu?" (contos); "As Grandes Reportagens", onde se encontram textos clássicos do jornalismo como "Gráficos de São Paulo" e "Seixas Dória, Réu sem Crime"; "Conspiração na Madrugada, Memórias e Reflexões".

A tudo isso, e o mais que fica de fora, me levou a entrevista na "Caros Amigos". Concluo resumindo uma frase do Joel Silveira, quando diz que não pediu para nascer, mas agora, aos 82 anos, quer ficar mais um pouco por aqui. Nós também, seus admiradores e amigos, queremos que ele fique.

■ SALIM MIGUEL é escritor



083: Sartre em Florianópolis

MIGUEL, Salim. Sartre em Florianópolis. **A Notícia**. Joinville, 22 de jun. de 2000, p. C-3. Anexo.

SARTRE EM FLORIANÓPOLIS

Transcorria o ano de 1947. Melhor dizendo, 1947 chegava ao fim. Vivia-se ainda a efervescência do pós-guerra. Mas nada disso parecia afetar a pacatez da modorrenta Florianópolis. Alguns jovens não podiam se conformar. Queriam mexer com a cidadezinha, contestar os valores falsos ou verdadeiros que dominavam tudo, sentindo-se intocáveis. Não para aqueles jovens, todos (ou quase) na faixa dos 20 anos. Há algum tempo vinham se encontrando, discutindo, varavam noites em acalorados debates, já começavam a forçar as portas dos jornais ("O Estado", "A Gazeta", "Diário da Tarde") querendo dar um recado, provocar, inquietar. Mas não lhes bastava. O que fazer?

Em outros Estados, outros jovens deviam estar passando pelo mesmo processo. E o que faziam, ou intentavam fazer, começava a chegar até Florianópolis. Aqui também se discutia teatro, artes plásticas, cinema, música, literatura. Os jovens precisavam de um espaço onde pudessem se expressar com toda a liberdade. O ideal seria uma revista, que tivesse vida mais longa do que os jornais "Cicutu" (datilografado) e "Folha da Juventude", de curta duração.

Durante semanas discutimos a revista, mais até do que o conteúdo da revista, o título, e nos fixamos em "SUL". (Bem depois ficaríamos sabendo que, em Buenos Aires, circulava uma importante revista denominada "SUR"). Para a revista eram necessários recursos — e recursos inexistentes. Foi então que um dos componentes do grupo propôs: "Vamos montar um espetáculo teatral, pra isto não necessitamos de dinheiro". Com a venda de ingressos, lançaríamos a sonhada revista.

Até aí tudo corria a contento. Contudo, sou obrigado a um velho chavão: a teoria, na prática, etc... Mas o que seria do mundo sem a persistência, a luta, o desafio? Alguém do grupo tinha qualquer experiência teatral? A não ser assistir a uns poucos espetáculos, na maioria inconsistentes, tínhamos lido muito sobre as novas encenações, conhecíamos Stanislavski, Meyerhold, Brecht, Gordon Craig. Será que bastava? Só tentando.

Para concretizar a revista, o espetáculo teatral precisava sair — e logo. O mais viável seriam três

peças curtas, de um ato. As duas primeiras foram escolhidas logo: "O Homem de Flor na Boca", de Pirandello, e "Como Ele Mentiu ao Marido Dela", de Shaw. E a terceira? Não nos decidíamos, várias opções foram descartadas. O elenco das duas peças já estava ensaiando quando o diretor veio com uma sugestão, e Sartre, por que não uma peça dele? O grupo já vinha lendo o pai do existencialismo, não só a ficção, como também os textos filosóficos, alguns se davam ares de existencialistas a fim de chocar a burguesia. A idéia do diretor foi acolhida com entusiasmo. Havia um porém: o quê de Sartre?

Até aqui falei do grupo de jovens, falei do diretor, só não dei nomes. Vou me limitar a um, o do diretor, Ody Fraga e Silva, que, por então, se assinava Ody E.S. e mais adiante, já trabalhando em cinema (São Paulo), se tornaria conhecido como Ody Fraga. Foi ele que sugeriu: "Adapto um dos contos de 'O Muro'" (livro que acabara de ser lançado no Brasil). E Ody fez a adaptação livre do conto "O Quarto", que no palco se chamou "As Estátuas Volantes".

Em novembro de 1947, as três peças foram apresentadas para uma casa lotada e provocaram polêmica. Algumas pessoas conheciam de ler, ou de nome, Pirandello e Bernard Shaw, ambos prêmio Nobel de Literatura, raros tinham lido ou ouvido falar no tal de Sartre, que mais adiante recusaria o prêmio Nobel.

Me esforço, mas pouco ou nada consigo lembrar da peça de Sartre ou do conto no qual foi baseada. Sei que houve quem imaginasse ser mais uma brincadeira daqueles jovens, que se divertiam em provocar, inventando escritores.

Sartre foi apresentado ao público florianopolitano e, por certo, nunca soube que por aqui andou. Essa foi a primeira apresentação de um texto sartreano no Brasil, bem antes da provocativa "A P... Respeitosa", assim mesmo, com reticências, pois ninguém naquela época se atreveria a escrever em letra de forma toda a palavra "prostituta". Como consequência de todo o esforço, a arrecadação na bilheteria foi o suficiente para garantir o lançamento dos dois primeiros números da revista "SUL".

■ SALIM MIGUEL é escritor.



084: Um escritor de ficção

MIGUEL, Salim. Um escritor de ficção. *A Notícia*. Joinville, 29 de jun. de 2000, p. C-3. Anexo.

UM ESCRITOR DE FICÇÃO

Na crônica "Sartre em Florianópolis", semana passada, falei incidentalmente que algumas pessoas, já escabridas com o que o grupo de jovens vinha aprontando, duvidavam da existência do "tal de Sartre". Os mais bem informados conheciam Pirandello e Shaw. Nesse meio tempo, já havia surgido a revista "SUL", publicando prosadores e poetas, críticos e ensaístas; novos artistas plásticos colaboravam com ilustrações, criava-se um clube de cinema, discutia-se dodecafonismo, pensava-se em outros espetáculos teatrais — e até se conseguira uma página literária no jornal "O Estado", tudo sob a responsabilidade do Círculo de Arte Moderna, clara referência à Semana de Arte Moderna de 1922, embora mais adiante passasse a ser denominado de Grupo Sul.

Certo dia alguém brincou: já que nos atribuíram o Sartre, por que não criamos um escritor? A brincadeira evoluiu, o primeiro a surgir foi o nome do escritor James F. Wyngate, não demorou o título do romance (sim, tinha de ser um romance), "The Last Day" (o último dia). De que trataria? De momento, isso era secundário. A idéia era cada componente do grupo escrever um capítulo. Mas havia necessidade de uma linha, ainda que tênue, um ponto de partida. O romance seria publicado semanalmente, em capítulos, na página literária de "O Estado". Imprescindível criar uma biografia para o escritor. E, certo dia, lá estava a informação sucinta, dizendo tratar-se de um jovem autor inglês, ainda quase desconhecido, mesmo em sua terra, mas já considerado um émulo de James Joyce (curiosa a coincidência do prenome) e que, ao traduzi-lo e publicá-lo, estávamos prestando um grande serviço às letras do Brasil.

Não havia mais como recuar. Das discussões surgiu afinal a "linha tênue". Um homem importante morrera em Londres e havia necessidade de reunir ali, o mais rapidamente possível, todos os seus parentes espalhados pelo mundo. Foi decidido que não se revelaria o teor do capítulo antes da publicação e que cada final deveria conter dificuldades crescentes para o autor do episódio seguinte. O primeiro capítulo chamou-se "Zabel, o morto". No início foi uma empolgação só entre os *ghost writers*. Não demoraram os questionamentos: como se tinha conseguido o exemplar do romance,

como chegáramos ao autor, e os direitos autorais? Para tudo se inventava uma saída, pouco importando se nela não houvesse um pingão de lógica. Dez capítulos foram publicados. O plano era que todos os membros do Grupo Sul participassem, nada impedindo a repetição de autores. Muito embora os leitores do romance aumentassem a cada semana, chegara-se a um ponto de saturação e a brincadeira perdera a graça. Se bem que hoje eu desconfie que o imbróglio do enredo tenha contribuído para isso. Deixada de lado a coerência, a "tênue linha" persistia. Em cada episódio, um novo personagem, partindo de um dos quatro cantos do mundo, se dirigia a Londres. Depois do décimo capítulo, de repente, o silêncio, apesar da cobrança dos leitores.

Se "The Last Day" jamais foi retomado, o indigitado autor conseguiu sobreviver por algum tempo (e neste justo momento ressuscita). Entre vários, cito dois episódios exemplares: alguém, desconfiado daqueles jovens que tantas aprontavam, foi à "Enciclopédia Britânica" — e lá encontrou um Wyngate, mas que não era James F. nem escritor. Veio cobrar dos jovens. A saída foi simples, não podíamos afirmar, mas quem sabe fosse um parente, o James era ainda muito jovem para ser verbete, embora já com nome firmado nos meios intelectuais; o outro alguém foi mais longe, disse que estava acompanhando com vivo interesse a trama do romance, mas na nota biográfica anotara um equívoco, ele tinha certeza de já haver lido, em revista do Rio ou de São Paulo, um trecho de outro livro daquele autor, portanto, não era a primeira vez que apreciava algo de Wyngate no Brasil; lamentava não se lembrar do nome da revista.

O fantasma de James F. Wingate agora me provoca. Quer porque quer que eu recolha das páginas de "O Estado", de 50 anos atrás, aquela parte de sua "obra" e a publique assim mesmo, sem necessidade de dar um fecho à história — se é que há fecho possível...

Quem sabe um dia qualquer eu não venha a fazer isso. Meu receio é que surjam novos leitores revelando que já leram, em espanhol ou francês, a íntegra do romance, e que o autor, nessa nova edição, mexeu muito no texto...

■ SALIM MIGUEL é escritor



085: Livrarias

MIGUEL, Salim. Livrarias. **A Notícia**. Joinville, 6 de jul. de 2000, p. C-3.

Anexo.

LIVRARIAS

Mais livrarias é sempre muito bom – bem melhor do que mais farmácias. Das novas de Florianópolis falarei adiante. A primeira livraria que frequentei foi em Biguaçu, do poeta cego João Mendes. Isso já virou história. A segunda, a Moderna, em Florianópolis. Eu entrava, olhava cobiçoso os títulos, sem dinheiro para adquiri-los. A terceira, já residindo na Capital, foi a Rosa. Ai, juntava trocados e adquiria um livro que mais me interessava. Até que, certo dia, sem emprego, sugeri a um amigo, o Armando Carreirão, abríamos uma banca de jornal, logo transformada na Livraria Anita Garibaldi – que viria a ser queimada durante o Golpe Militar, em 1964. Contudo, a meu ver, a livraria mais peculiar de Florianópolis, devido à personalidade de seu proprietário, talvez tenha sido a Lunardelli.

Não pretendo traçar um histórico do papel das livrarias na vida da cidade, embora o tema mereça. Quem sabe alguém se aventure... Avanço. Chego aos dias de hoje. Temos um razoável número de livrarias. Vejamos: M-livros, Vozes, Paulinas, Catarinense, Livros e Livros, Insular, Siciliano, Centro de Convivência da UFSC, Editora da UFSC, Cuca-Fresca, Alemã, Record. Terei esquecido alguma? Desculpem-me. Como todo viciado em livros, tenho minhas preferências, frequento regularmente três ou quatro.

Monteiro Lobato, com sua sapiência, dizia que “um país se faz com homens e livros.” Claro que nesse “livros” ele englobava o autor, o editor, a gráfica, o capista, o divulgador, a distribuição, o vendedor. E, a meu ver, o maior entrave à disseminação do livro entre nós, se encontra nestes dois últimos itens. Vender livros não é o mesmo que vender batatas. Exemplos: em Porto Alegre, um jovem caixeiro não conhecia o livro “O Senhor Embaixador”, e mais, nunca ouvira falar em

Erico Veríssimo; já em Buenos Aires, perguntei por um livro que a Eglê me havia encomendado; o rapaz que me atendeu disse que no momento o livro estava em falta, mas tinha quatro outros da mesma autora. Pagos os livros, ele me levou até a porta e me disse: “Se o senhor andar três quadras e dobrar à direita, logo-logo vai encontrar na livraria tal o livro que procura.” Agradei.

Distribuição é um dos principais pontos de estrangulamento do livro entre nós. Para falar deste item, tenho que fazer uma referência pessoal: fins do ano passado tive um romance, sobre um tema praticamente inédito (imigração libanesa para o Brasil) publicado pela Topbooks\RJ. Além de uma divulgação invulgar em termos de Brasil, o romance conquistou o prêmio de melhor livro no gênero, atribuído pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Pois bem, embora a procura entre nós fosse intensa, o livro não chegava às nossas livrarias; em apenas duas era por vezes encontrado, uma chegou ao cúmulo de dizer que o livro ainda não fora publicado e outra que já se esgotara...

Vamos às novas livrarias. São três. Apareceram quase juntas e com características semelhantes, em pontos estratégicos, bem centrais. Têm bom espaço, boa distribuição, locais para bate-papo, água e cafezinho, onde sentar e examinar (ou até ler) o livro, se lhe der na veneta. Tudo isso é bom. Mas é indispensável que o livro esteja à mão e que exista (não é xenofobismo) lugar para a produção catarinense, e que um espaço, que deve ser de nossa criação cultural, não seja ocupado pelos *best-sellers* de linha de montagem, pelo lixo que nos é imposto por grandes corporações.

■ SALIM MIGUEL é escritor

086: Mais livrarias

MIGUEL, Salim. Mais livrarias. **A Notícia**. Joinville, 13 de jul. de 2000, p. C-3. Anexo.

MAIS LIVRARIAS

O primeiro alerta foi de um amigo: faltava algo na minha crônica da semana passada. Contestei. Ele insistiu. Fui olhar. Faltava mesmo. Não demora, outros telefonemas. Se, sob um aspecto, isso foi positivo, mostrou que tenho leitores e estão atentos, por outro, provou que por maior que seja nosso cuidado ao escrever, sempre podemos cometer lapsos, esquecer algo que é central.

Meu comentário tinha como gancho o fato (auspicioso) de três novas livrarias aparecerem quase simultaneamente em Florianópolis. Antes de falar delas, eu aproveitava para falar de outras e tecer considerações sobre as primeiras que eu frequentara. Enxuguei ao máximo o texto, para me deter mais exatamente nas novas. Nem toquei, por exemplo, na pobreza da livraria do poeta cego dono da de Biguaçu e do artifício que ele utilizava para nos conseguir mais livros, já que ele era tão ávido por leitura quanto eu. Também não disse que o "seu" Rosa, dono da Livraria Rosa, quando me via desesperado, me vendia fiado ou aceitava um livro em troca de outro, além de me dar substanciais descontos.

Importantes aspectos do problema livraria ficaram de fora. Em um deles faço questão de tocar agora: os novos meios de comunicação e a Internet facilitaram grandemente a aquisição de livros. Num abrir e fechar de olhos estamos conectados e podemos pedir o que nos interessa; mesmo sem fornecermos todos os dados, não demora está em nossa casa o livro pedido. Só que nada disso substitui o prazer de uma ida às livrarias, por vezes nem é para compra ou em busca de determinado título (se bem que raramente de lá saíamos sem um). É a pura satisfação de percorrer as estantes, pegarmos um volume, abri-lo, percorrer-lhe as páginas, folheá-lo sem ler, sentir aquele cheirinho peculiar que se aspira num ambiente abarrotado de livros, examinar nova edição de uma obra que já temos, ver se o autor fez alguma modificação.

Como livreiro que já fui – e aqui é bom dizer que, pela primeira vez, em Florianópolis se importou livro sistematicamente de vários países e se vendeu livros da chamada esquerda – outro ponto que me marcou foi ver amigos, alguns deles

ainda hoje grandes amigos, passando pela pequena livraria Anita Garibaldi, puxar um livro ou outro e de repente surrupiar um. Jamais tive coragem de pedir o livro de volta. Outro detalhe significativo é o relatado, em carta recebida há poucos dias, por uma professora do Rio de Janeiro. Ela tinha ido a uma livraria em busca de determinado livro. Lá estava, bem à mostra, o que ela buscava. Mas ao lado, outro, que lhe chamou a atenção pelo título e pela capa. Pegou-o, leu a orelha, foi ao primeiro capítulo – acabou comprando os dois. Qual o viciado em livros que já não viveu algo semelhante!

De repente vejo que de novo ia me perdendo, tal é o fascínio exercido pelo livro. Comecei me propondo a justificar o fato de ter começado a crônica da semana passada falando das novas livrarias e terminado meu papo semanal sem dizer-lhes o nome e a localização. Antes que nesta crônica faça o mesmo, vamos ao que importa.

Começo pela que abriu primeiro, vai para dois meses mais ou menos: é a Mega-Store e fica na rua Jerônimo Coelho.

A segunda é a Açoriana, na Escadaria do Rosário, bem em frente à Fratelanza Italiana. E a terceira, Catarinense, fica na rua Felipe Schmidt, esquina com Trajano, bem em frente ao Ponto Chic – quem em Florianópolis não conhece o Ponto Chic, famoso há décadas, e mais famoso depois da Novembrada, quando o presidente Figueiredo e sua trupe se atracaram com a população?

Para concluir, repito o que disse na conversa anterior: como se houvessem combinado, as três possuem algo que as aproxima: locais mais amplos, cadeiras para sentar e ler, água e cafezinho, um pessoal atencioso. Na Açoriana, por exemplo, perguntei por determinado livro. Não tinham. Mas ao dar o nome do autor, imediatamente me disseram que dele tinham outro livro. O que já é um avanço. E a Catarinense fez mais: além dos livros, ressuscitou uma tradição de gerações, a empada do Chiquinho. Pode até ser que pessoas das velhas gerações, interessadas na empadinha, e das novas, querendo saber que bicho era aquele de que tanto se falava na família, acabem, além de saborear a empada, comprando um livro.

■ SALIM MIGUEL é escritor



087: Brasil: duas anotações

MIGUEL, Salim. Brasil: duas anotações. **A Notícia**. Joinville, 20 de jul. de 2000, p. C-3. Anexo.

BRASIL: DUAS ANOTAÇÕES

Petróleo — Sou da geração que lutou pelo “O petróleo é nosso”, pela implantação da Petrobrás. Ainda hoje me lembro dos comícios, das caminhadas, das discussões entre conhecidos e amigos. Dois episódios, no entanto, me marcaram para sempre. A vista, na década de 50, na Bahia, a alguns poços pioneiros, e o orgulho com que enchíamos a mão do petróleo que jorrava, jogando-o em outros jornalistas e esfregando-o no rosto. A propósito, fiz, para “A Gazeta”, uma série de artigos. O segundo episódio foi durante o golpe militar, em 1964. Eu havia sido preso. Certa madrugada fui arrancado do alojamento e levado, num jipe com dois soldados armados, até a sala do doutor Jade Magalhães, secretário de segurança. Recebe-me quieto, nem me olhou, como se ninguém estivesse ali, folheou papéis, de repente, sem me olhar, diz: “Me explique porque seu nome não aparece nesta relação dos que apoiavam a criação da Petrobrás”. Eu: “Não aparece?” “Não sei”. Ele: “Você era ou não era a favor?” Eu: “Era e sou”. E ele: “No entanto aparece aqui o nome de fulano, me explique o motivo”. Eu: “Pergunte para o fulano”. E ele: “Bem que eu gostaria. Mas vamos voltar ao seu caso”.

A luta pelo petróleo foi longa, começou com a afirmativa, baseada em dados científicos, de que existia o chamado “ouro negro” em nosso território. Monteiro Lobato foi um desses pioneiros. Mas tudo era feito para desacreditá-los. Técnicos estrangeiros eram contratados com salário altíssimo e assinavam relatórios, atestando que não havia um pinga de petróleo em solo brasileiro.

A Petrobrás foi afinal criada. E aos poucos, em diferentes regiões, de início na Bahia, o petróleo, que não existia, magicamente foi aparecendo. Com tecnologia de ponta nacional, novas regiões foram prospectadas. Por exemplo, as plataformas submarinas, nas quais o Brasil tem um trabalho pioneiro. Ainda há bem pouco, foi divulgado que, na bacia de Campos, alcançou-se a cifra de mais de um milhão de barris-dia, e que hoje, de cada quatro barris consumidos, três são produção nossa.

Tudo isso é escamoteado ou aparece em notinhas de canto de página. Um poucas publicações, entre elas “Caros amigos” e “Bundas”, outros poucos jornalistas, um Aloysio Biondi, por exemplo, têm coragem de revelar o que se vem tramando para a entrega da Petrobrás a grupos estrangeiros, alienando o que é patrimônio de todo o nosso povo. Um exemplo é

o leilão em que a Petrobrás conseguiu ficar com oito dos vinte poços por ela prospectados.

Há algo, contudo, mais estranho: a Petrobrás, considerada empresa modelo no mundo, de repente começou a pipocar. São vazamentos mal explicados, o que resulta em manchetes e chamadas na quase totalidade dos órgãos de comunicação de todo o País. É o caso de perguntar, a quem interessa a desmoralização da empresa?

Urge que o Congresso Nacional demonstre defender os interesses da Nação e que o povo brasileiro lute para que não se torne realidade o título do artigo de Biondi em “Bundas” 52: O petróleo (até que enfim) é deles.

Telefones — Volto a um tema de que já tratei de passagem. Não pretendo, aqui e agora, abordá-lo em toda a sua complexidade, lembrar que um sistema que funcionava bem foi entregue, a preço de banana. Vou me limitar ao caso de Santa Catarina.

Hoje não mais existe a Embra- tel/SC e o escritório remanescente depende de Curitiba, que deve depender do Rio, que deve depender do dono estrangeiro. Mais dramático é o caso da Telesc.

Não faz muito, uma chamada publicitária dizia que a Telesc era agora mais brasileira — depois de ter sido entregue à italiana Telecom.

Afirmava-se que, em bem pouco tempo, teríamos a maravilha das maravilhas em telefonia, e que os preços baixariam. Pois bem, o primeiro passo foi a demissão em massa de antigos empregados, sob a alegação de que os havia em excesso; o segundo, a transferência para Curitiba, permanecendo aqui um minúsculo escritório; o terceiro, foi a piora e o encarecimento dos serviços. Ainda há pouco tivemos um exemplo significativo. Alguém quis mudar seu telefone de um andar para outro, no mesmo edifício. Isto lhe custou quase três vezes mais do que se instalasse um telefone novo. Outro problema é a confusão nas contas, agora não mais centralizadas, já que se tem várias empresas prestadoras de serviço. E o curioso é que as contas vêm sempre a maior, contra o usuário. Como se todas essas “melhorias” não bastassem, passamos a ter, a partir de agora, um novo aumento. E estranhamente é ele inversamente proporcional ao uso que fazemos do telefone. O encarecimento maior é o local, depois o nacional e o menos caro, o internacional. A quem, pergunto, virá isso beneficiar?

■ SALIM MIGUEL é escritor



088: Barbosa Lima Sobrinho

MIGUEL, Salim. Barbosa Lima Sobrinho. **A Notícia**. Joinville, 27 de jul. de 2000, p. C-3. Anexo.

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Foram cento e três anos de uma vida plena, marcada por permanente fidelidade às suas idéias e a seus ideais. Jornalista combativo, dominicalmente presente no "Jornal do Brasil", seu último artigo foi encaminhado à redação antes de ser internado e foi publicado no dia de sua morte, dia 16 deste.

No caso de Barbosa Lima Sobrinho, não há como fugir a um lugar-comum: com o desaparecimento dele, o País se empobrece e perdemos uma voz sempre atenta aos problemas nacionais — e Barbosa Lima Sobrinho timbrava em reiterar que sempre fora, e continuava sendo, um patriota e um nacionalista.

Agora, quando de sua morte, os meios de comunicação não se cansaram de repetir que, entre tantas outras coisas, ele foi um político (governador de Pernambuco e por três vezes deputado federal), foi o mais jovem e o mais velho presidente da ABL — Associação Brasileira de Imprensa —, pertenceu por mais de 60 anos à Academia Brasileira de Letras, foi um dos líderes das "diretas já" e assinou, em nome da sociedade civil, o pedido de impeachment de Fernando Collor. Mas não me lembro de a grande imprensa se ter referido à posição crítica que ele tinha em relação ao governo de Fernando Henrique Cardoso e a sua luta contra a alienação, para os grupos internacionais, das empresas públicas e das riquezas nacionais.

Além da preocupação constante com os destinos do País, achando que tínhamos tudo para dar certo e nos tornarmos uma potência mundial, onde não existisse tanta desigualdade, uns poucos tendo tudo e boa parte da população não tendo o mínimo para viver com dignidade, Barbosa Lima era apaixonado por futebol. Mas aqui, também, tinha ele uma visão crítica. Costumava dizer que não tinha como deixar sua paixão pelo Fluminense, mas que o futebol perdera boa parte de seu encanto, era agora dominado pela cartolagem, pela corrupção, pela violência dentro e fora do campo.

Autor de cerca de 70 livros e de três mil substanciais artigos,

temos no que nos deixou um retrato dos problemas não apenas do Brasil, mas do mundo, sempre atento a tudo o que dizia respeito aos seres humanos.

Em sua figura tranqüila conviviam o homem de boa prosa e o intelectual firme em suas posições. À frente da ABL, e ali permaneceu até fins de 1999, garantiu espaço a todos os que desejassem manifestar suas idéias, mesmo quando delas discordasse.

Durante os anos em que vivi no Rio de Janeiro, embora transitássemos no mesmo meio, creio que nos falamos apenas meia dúzia de vezes. Mas Barbosa Lima Sobrinho marcava tanto os que com ele conviviam como aqueles (meu caso) que mal privaram com ele. Existem várias maneiras de se conhecer um ser humano, e nós brasileiros aprendemos a admirá-lo através de suas posições firmes, de seus escritos combativos, que permanecerão retratando um longo período da nossa história, servindo como referencial e exemplo às gerações futuras.

Eu já havia terminado esta coluna quando fiquei sabendo da morte do jornalista Aloysio Biondi, a quem havia feito referência na semana passada. Não posso deixar sem um registro notícia tão triste.

A propósito dele, tomo a liberdade de transcrever trecho de um artigo de outro grande jornalista, Janio de Freitas ("Folha de S. Paulo", 23/7/2000), que traduz, com perfeição, o que eu poderia dizer:

"... A imensa contribuição de Aloysio Biondi para o País só será percebida na plenitude quando, e se, houver estudos históricos abrangentes, de meados de 60 para cá, das relações entre imprensa e poder, entre a propaganda oficial e a realidade econômica, entre governo e negócios."

E concluo, ainda com Janio de Freitas:

"Cedo ao lugar-comum, nada pode agora ser mais verdadeiro e eloqüente: Aloysio Biondi, uma perda irreparável."

■ SALIM MIGUEL é escritor



089: Em busca de Eça de Queirós

MIGUEL, Salim. Em busca de Eça de Queirós. **A Notícia**. Joinville, 3 de ago. de 2000, p. C-3. Anexo.

EM BUSCA DE EÇA DE QUEIRÓS

O processo memorialístico foge ao nosso controle. Quantas vezes tentamos, em vão, recuperar um fato distante; em outras, sem querermos, entra em ação um mecanismo interno – e lá nos chega algo do mais distante passado. Eu estava há dias querendo me lembrar de quando, pela primeira vez, tomara contato com um texto de Eça de Queirós. Sabia que fora pelos meus doze anos de idade, quase ao mesmo tempo em que também viera a conhecer Machado de Assis. Inútil o esforço. Lembrava-me de outros escritores que lera pela mesma época. E só. Em dado momento, pensei: quem sabe procurando na “Seleta em Prosa e Verso”, de subtítulo “dos melhores autores brasileiros e portugueses”, organizada por Alfredo C. Pinto. Não demorei em localizá-la, lá no alto de uma estante. Era a 44ª edição, de 1936, revista e atualizada, sendo a primeira de outubro de 1883. Comecei a percorrer as páginas e logo me dei conta de um primeiro equívoco. Embora se dissesse ser dos “melhores autores brasileiros e portugueses”, a “Seleta” estava recheada de textos traduzidos. Não se dizia de quem eram, nem a língua do original, apenas, no final do texto, entre parênteses, a palavra “tradução”. Claro que, sem demora, me esqueci do que ali procurava, se bem que de forma inconsciente continuasse a busca, e passei a me interessar pelo conteúdo do volume. Foi um trabalho de paciência, pois o índice continha apenas o título do texto, sem o nome do autor. Mais um desafio e outro motivo de interesse. No “Prólogo” o autor justificava o critério adotado para sua escolha. A primeira parte contém “contos, narrações, lendas”, e estranhamente o primeiro texto dos melhores autores brasileiros e portugueses, intitulado “Cristóvão Colombo e o Ovo”, é uma tradução. Também os quatro ou cinco seguintes, até se chegar a um intitulado “Ninguém deve rir-se dos pobres”, que não tem autoria. Segue-se nova tradução e depois, sim, afinal me deparei com “As Aves”, de Garcia Redondo. Estou falando da “Seleta” vista hoje. Mas é necessário, aqui, tentar recuperar a emoção que ela causava naquele guri, em meados da década de trinta. Pois, ao continuar compulsando a “Seleta”, fui me deparando com nomes como Alexandre Herculano e José de Alencar, Coelho Neto e



Graça Aranha, já que era uma edição atualizada, e lá estava também Machado de Assis, com seu “Apólogo”. Pacientemente fui percorrendo o livro, página por página – são ao todo 422. A última parte é de poesia e, entre tantos, eis Bulhões Pato. E se Eça de Queirós não teve vez, quem sabe para que a “Seleta” pudesse chegar até um número maior de escolas, onde o autor de “O Crime do Padre Amaro” não seria bem-vindo, lá se encontrava aquele Bulhões Pato, que Eça tanto gozara e glosara. Não imagine, meu caro leitor, que eu esteja fazendo uma seleção às avessas da “Seleta”. Não mesmo! Na parte da poesia temos, por exemplo, Almeida Garrett. E Alberto de Oliveira. E também Goethe, em tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Além de Gregório de Matos, Manuel Maria du Bocage e Olavo Bilac, e outros e outros... É bom para mim recuar no tempo e me rever nos meus doze anos, agarrado àqueles textos tão desiguais, mas todos igualmente apaixonantes para alguém ávido por leitura e que não tinha como

escolher, nem quem o ajudasse numa seleção. Aliás, no caso dos autodidatas, a seleção é um produto do tempo e de um certo faro para o que é válido. Citei alguns nomes. Poderia continuar por um tempo bem mais longo. Não o farei. Mesmo porque, nem foi uma escavação o que fiz. Foi um acaso. Eu queria, simplesmente, me reencontrar com o texto de Eça de Queirós, que me tornou leitor permanente do autor de “Os Maias”, da mesma forma que de Machado de Assis. O leitor deve estar se perguntando qual o motivo da busca. É que neste agosto de 2000 transcorrem cem anos da morte de Eça de Queirós. E como pretendo que todas as crônicas do mês tratem do “pobre homem da Póvoa de Varzim”, seria bom – e até oportuno – começar explicando (e até justificando) de que maneira fui conhecer um escritor que continua hoje tão atual quanto na época em que escreveu sua provocadora obra, sejam os romances, os contos ou as crônicas. Muitas dessas crônicas, mais tarde reunidas em livro, foram publicadas em jornais do Rio de Janeiro, onde Eça, em certa época, chegou a ter mais leitores do que Machado de Assis.

■ SALIM MIGUEL é escritor

090: Cem anos sem Eça de Queirós

MIGUEL, Salim. Cem anos sem Eça de Queirós. **A Notícia**. Joinville, 10 de ago. de 2000, p. C-3. Anexo

CEM ANOS SEM EÇA DE QUEIRÓS

Neste mês de agosto, há exatos cem anos, morria Eça de Queirós, um dos mais importantes escritores portugueses de todos os tempos. Melhor, um dos mais importantes escritores da língua portuguesa. Em 55 anos de vida (nasceu em 1845), escreveu livros que ainda hoje se mantêm atuais pela estrutura narrativa, pelo estilo, pela forma peculiar de narrar, pela visão que nos dá de seu tempo, de sua gente, do meio onde viveu e atuou. Autor de várias obras-primas, bastaria para lhe assegurar um lugar nas letras o romance "Os Maias", percuciente painel da sociedade portuguesa, que continua, como no tempo em que foi publicado, emocionando e prendendo a atenção dos leitores.

Outro grande livro é "A ilustre casa de Ramires"; aqui temos uma figura patética que busca em vão não só recuperar a glória como escrever a história de seus antepassados. Mesmo textos que Eça, em vida, não quis publicar, e que só o seriam após sua morte, trazem sua marca de criador. Exemplos disso são os romances "Alves & cia." e "A capital". E até do volumoso rascunho de "A tragédia da rua das Flores", embrião de "Os Maias", se pode dizer o mesmo.

Eça de Queirós se iniciou nas letras com romances naturalistas que provocaram escândalo e revolta, seja "O crime do padre Amaro" ou "O primo Basílio". Sua influência se fez presente em muitos escritores; é facilmente perceptível em "Caetés", primeiro livro de Graciliano Ramos,

em que a protagonista, Luiza, tem o mesmo nome do personagem de "O primo Basílio". Além de saber tecer uma trama, dar-lhe verossimilhança, erguer com perfeição seus personagens, ironia e humor são também marca de sua obra.

Um bom exemplo se encontra em "A relíquia": um sobrinho promete trazer da terra santa, para a velha tia carola, de quem pretende ser herdeiro, uma preciosa relíquia, mas se mete em esbórnias, e a velha senhora, ao abrir a encomenda, se depara com uma perfumada camisola. Já em "O mandarim", Eça de Queirós faz um romance de antecipação, pois, através do pensamento, um personagem, estando em Lisboa, mata um mandarim na China.

Diplomata, Eça residiu em Cuba, na Inglaterra e na França, onde viria a falecer em agosto de 1900. Além da intensa atividade como ficcionista, atuou também na imprensa, em Portugal, e colaborou em jornais do Rio de Janeiro. Toda essa colaboração foi, após sua morte, também reunida em livro. Outra leitura obrigatória para os ecianos é a correspondência, reunida em dois grossos volumes. Também em Florianópolis teve ele seguidores. A novela "Vindita brava", de Othon da Gama D'Eça, é claramente inspirada em "O mistério da estrada de Cintra", que Eça de Queirós escreveu em parceria com Ramalho Ortigão. Na próxima semana tem mais.

■ SALIM MIGUEL é escritor



091: Eça de Queirós, renovador

MIGUEL, Salim. Eça de Queirós, renovador. **A Notícia**. Joinville, 17 ago. de 2000, p. C-3. Anexo.

EÇA DE QUEIRÓS, RENOVADOR

Já disse, na conversa da semana passada, mas não custa repetir: foi em Biguaçu, aos 12 anos, que tomei conhecimento de Eça de Queirós. Quase na mesma época, um pouco antes, um pouco depois, de Machado de Assis. Creio, embora não tenha absoluta certeza, foi na livraria do poeta cego João Mendes. De Machado de Assis, numa Seleta, a historieta "Apólogo"; em outra, fragmentos de um conto; e num almanaque, o soneto "A Carolina". Do Eça, um trechinho de "A cidade e as serras", onde fui apresentado a Jacinto de Tormes, misto de Ramalho Ortigão e Eduardo Prado, dois de seus grandes amigos. Percebi, mais tarde, que em "A cidade as serras", paralelo entre uma grande urbe e sua terra natal, já não temos o implacável satirista de outros livros. Li também, quase na mesma época, um capítulo de "O mandarim". Embora fosse pouco, guardei o nome dos dois escritores. Só fui reencontrá-los em 1943, já residindo em Florianópolis. Emprestados por amigos, comprados em livrarias (difíceis de encontrar) ou lidos na Biblioteca Estadual.

Quem se preocupa com a literatura em língua portuguesa, sempre se defronta com uma questão: Machado ou Eça? Como se houvesse necessidade de se optar entre um e outro. Isso também se colocou para mim. Durante bom tempo reli Machado, parecia esquecido de Eça, embora em 1950, quando do cinquentenário da morte do autor de "Os Maias", eu houvesse dedicado a ele um longo artigo. Intitulava-se "Eça de Queirós, renovador". Valendo-me de Eça, eu procurava defender as posições de um grupo de jovens que buscavam sacudir a cidade, questionar os falsos valores, provocar, irritar. A epígrafe do artigo era retirada de um texto do próprio Eça. Dizia: "A rotina, numa de suas formas mais estúpidas, é a persistência caturra numa primeira impressão." Eu falava de passagem na obra do grande escritor. No entanto, detinha-me mais na luta que ele e seus amigos, a Geração de 70, auto-intitulados

"Os vencidos da vida", travaram contra elementos da geração anterior, ou mesmo da deles, que continuavam com uma visão ultrapassada do processo criador, da renovação que deve ser a marca constante da língua, no dizer do próprio escritor.

Relendo-o agora, vejo que o longo artigo, embora informe, dava seu recado e provocou alguma celeuma. Mas, estranhamente, pouco depois eu deixava de lado Eça de Queirós, embora jamais deixasse de ler Machado de Assis. Muito mais tarde, percebi que, embora a diversidade da proposta, ambos ocupavam lugar de relevo em nossas letras – e voltei a Eça, descobrindo novas facetas de seu escrever a cada releitura. Encantava-me não apenas o vigor de sua prosa, como a ironia com que fustigava seus adversários. Um bom exemplo é a resposta dada a Bulhões Pato, que, julgando-se retratado num personagem ridículo de Eça, escreveu um artigo, reclamando. Eça fulminou-o pedindo que ele se retirasse de dentro de seu personagem.

As pendengas de Eça com outros escritores começaram cedo, na época em que ele e Ramalho Ortigão publicavam "As Farpas", e prosseguiram ao longo de sua vida. Ainda hoje se lê com inusitado interesse a discussão que ele manteve com Pinheiro Chagas, onde em certo trecho de um artigo diz: "Você é terrível, Chagas! Ou se trate dum livro, ou dum raciocínio, ou dum herói, ou dum sistema, eis que você me aponta o dedo, e exclama com tédio: 'Vejam aquilo! Que ignorância! Não tem nada. Não sabe nada.' Depois de uma pausa e pondo-se bem em evidência, batendo na barrigui-nha pedagógica palmadinhas acariciadoras, eis que você murmura para os lados, banhado em riso e gozo: 'Agora, olhem para mim! Vejam isto! Que sabedoria! Li tudo. Sei tudo.'" (In "Notas contemporâneas") Além de sua obra, é bom também lermos suas cartas, ver o que elas nos dizem. Mas isso fica para a próxima semana.

■ SALIM MIGUEL é escritor

092: A correspondência de Eça. A Notícia

MIGUEL, Salim. A correspondência de Eça. **A Notícia**. Joinville, 24 de ago. de 2000, p. C-3. Anexo.

A CORRESPONDÊNCIA DE EÇA

Na carta-prefácio de "Geração do deserto" (2ª edição, Ed. Movimento\PA), um livro pioneiro de Guido Wilmar Sassi sobre as lutas do Contestado, eu dizia que o telefone estava acabando com a epistolografia. Amigos meus discordam. Ainda mais, agora, com a Internet e endereço eletrônico. Mas eu continuo insistindo. Esses novos meios de comunicação não têm o fascínio de uma carta que nos chega, abri-la, lê-la, guardá-la. E quem sabe, anos depois, alguém descobri-la no fundo duma gaveta. Pergunto: será que se vai preservar *e-mails*? Não creio. Repito, muito ficamos sabendo do processo de criação literária e até mesmo da vida de um escritor (não só de escritor, veja-se as cartas de Van Gogh a seu irmão) por suas cartas. Foi por esse meio que acompanhei a luta de Flaubert para escrever uma obra-prima como "Madame Bovary". Dando um exemplo nosso, a volumosa correspondência de Mário de Andrade nos permite conhecê-lo ainda melhor.

Para mim, que não me canso de reler Eça de Queirós, foi importante ler suas cartas. Ao ler "Eça de Queirós – Correspondência", com coordenação, prefácio e notas de Guilherme Castilho, chego a uma conclusão que ficou implícita em minha carta-prefácio; constatei, mais uma vez, o quanto a correspondência pode nos revelar sobre um escritor, situando-nos melhor em seu tempo e espaço. Nestes dois volumes com quase 1.300 páginas, editados pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Portugal), na Biblioteca de Autores Portugueses, com distribuição para o Brasil pela Livraria Camões, temos uma clara visão da época, da vida e da obra do autor de "Os Maias". Pela primeira vez se reúne, em ordem cronológica, não só o que andava disperso, mas numerosas cartas até então inéditas.

Isso nos oferece a possibilidade de acompanhar o homem e o escritor em toda a sua trajetória. São opiniões e informações sobre a própria obra e com ela a vida, expandidas por vezes com franqueza rude, sobre seu tempo, seus contemporâneos e os países em que viveu ou que percorreu. E, também, ele nos fala dos "Vencidos da Vida" e de suas idéias socialistas. Ali se encontram frases que depois correriam mundo, como a que diz existir mais cultura em um beco de Paris do que em toda Nova York, ou as que ressurgiriam muito depois, ditas por outros, como quando fala de um amigo "que estava ministro", ou ainda aquela que logo nos remete para o título de um livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade, "Fazen-

deiro do Ar". No caso de Eça, em carta a um amigo, ele se refere a "castelos no ar".

Caso houvesse necessidade de uma justificativa para a reunião em volume deste mais do que expressivo acervo, que nos devolve o homem em sua intimidade, dirigindo-se informalmente a parentes e amigos, citaríamos trechos da correspondência de Fradique Mendes. Diz Eça: "Eis aí uma maneira de perpetuar as idéias dum homem que eu afoitamente aprovo – publicar-lhe a correspondência...". E pouco depois: "Além disso uma correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem...". Mais adiante: "Temos depois que as cartas dum homem, sendo o produto quente e vibrante de sua vida, contém mais ensino que a sua filosofia – que é apenas a criação impessoal do seu espírito". A correspondência, agora enfeitada nestes dois volumes, acompanha a vida de Eça desde 1867 até 9 de agosto de 1900, dias antes de sua morte, ocorrida a 16 de agosto. Começa falando do sonho de Eça em lançar uma revista, que surgiria mais tarde, e termina com uma carta na qual diz, a sua mulher Emília, que continua doente e que vai consultar um especialista em Heidelberg, depois de haver peregrinado por outras regiões em busca de cura.

Mas não é só sua vida privada que seguimos através de suas cartas: é tanto a sua experiência em Havana como cônsul, sua passagem por Nova York, sua procura de casa onde residir em Londres, depois em Paris, onde viria a morrer, como sua permanente luta com a palavra, em busca da expressão mais acertada para a transmissão de suas idéias. Para além da vida do escritor, temos um retrato pertinente do homem em constante dificuldade financeira e do homem-artista que sabia recriar e transmitir o mundo que o cercava e as figuras com quem convivia. Documento humano, documento de um artista, a correspondência nos devolve o Eça que descobrimos na distante juventude (um de nossos primeiros artigos publicados foi a propósito de sua importância). Ele foi, com Machado de Assis, uma das minhas primeiras descobertas e dos primeiros deslumbramentos literários. Revisitado agora, tantos anos decorridos, permanece o mesmo, com seu sarcasmo e ironia, sua perspicácia, sua visão social adiante de seu tempo e sua funda sensibilidade, que nos chegam vivas e atuais nestas quase 550 cartas.

■ SALIM MIGUEL é escritor

093: Alguns personagens de Eça

MIGUEL, Salim. Alguns personagens de Eça. **A Notícia**. Joinville, 31 de ago. de 2000, p. C-3. Anexo.

ALGUNS PERSONAGENS DE EÇA

Exímio criador de tipos, Eça de Queirós, "sob o manto diáfano da fantasia", criou personagens inesquecíveis como Fradique Mendes e Jacinto de Tormes. Para tanto, muitas vezes usou amigos como modelo, em especial Ramalho Ortigão, seu parceiro na aventura de "As farpas", e o brasileiro Eduardo Prado, autor de "A ilusão americana". Em Fradique existem traços do próprio Eça, embora o encontremos por inteiro no João da Ega de "Os Maias". Como estou fazendo estas anotações valendo-me da memória, sem compulsa a obra do autor de "Prosas bárbaras", posso até estar comendo algum equívocos. Os aficionados do escritor que me corrijam.

Pesquisar a criação de personagens na obra de Eça é uma tarefa fascinante. Foi ele, sem dúvida, também aqui um mestre, talvez o mais profícuo no idioma português. Pode-se dizer que ombréia com um Balzac da "Comédia humana", com Shakespeare, sem esquecer Flaubert e sua Ema Bovary, Stendhal com Julian Sorel e Dostoiévski e seu Raskolnicof. Entre nós, Machado de Assis, em cuja obra despontam mulheres como Capitu e Virgília, e homens como Bras Cubas, Bentinho e Quincas Borba.

Voltemos a Eça de Queirós, lembrando que o tema seria motivo para um volumoso ensaio. Um personagem secundário foi tão marcante que mesmo quem nunca leu Eça, nem ouviu falar no Conselheiro Acácio, por vezes utiliza-se do adjetivo "acaciano". Outro da mesma estirpe, igualmente risível, é o Pacheco. Ambos marcados pelo lugar-comum e por uma mescla de subserviência e vazias frases de efeito. Outra figura secundária de força incommon é a Juliana, empregada de Luísa. A ingênua e romântica protagonista de "O primo Basílio" é tiranizada por Juliana, quando esta descobre seu caso com Basílio. No "Padre Amaro" temos uma crítica à beatice e à hipocrisia; em Tomás de Alencar é questionado o romantismo; no Conde d'Abranhos, o oportunismo político, o alpinismo social e o recurso à corrupção.

Fico pensando um momento:



será bom dar rápidas pinceladas, como venho fazendo, ou devo me aprofundar em apenas três ou quatro personagens da vasta galeria? Quem sabe seja melhor assim, dar rápidas indicações, possibilitando que o leitor de Eça de Queirós volte a ele e quem ainda não o leu veja o que está perdendo. Não posso, no entanto, deixar de citar Gonçalo Mendes Ramires, um "deslocado", conforme a ele se refere um estudioso de Eça. Em "A ilustre casa de Ramires", este Gonçalo, de nobre estirpe, busca, por um lado, recuperar a antiga glória dos seus, por outro traçar a biografia, nunca concluída, de um longínquo antepassado.

Não só de personagens muito bem trabalhados vive a obra de Eça. Ele soube, como poucos, nos dar um retrato de seu Portugal. Foi além. Situou sua gente em ruas, praças, mansões; fê-los frequentar bares e restaurantes; descreveu com minúcias o que eles comiam e bebiam e como se trajavam. Tudo isso deu origem a livros como o de Dário Moreira de Castro Alves, "Era Lisboa e chovia", que tem como subtítulo "Roteiro cultural, histórico, literário e sentimental de Lisboa a partir da Obra de Eça de Queirós", no qual acompanhamos as caminhadas de Eça e suas criaturas. Existem outros: um tratando da geografia eciana e outro da gastronomia de seus personagens.

Termino estas anotações com um registro pessoal. Quando estive em Lisboa, fiz os passeios obrigatórios, fui ao túmulo de Camões, procurei os bares de Fernando Pessoa, visitei a casa de Camilo Castelo Branco, sempre guiado por alguém. No caso da estátua de Eça de Queirós, eu que não tenho muito senso de direção, fiz questão de ir só com Eglê. Acabei chegando, detive-me diante do monumento e lá encontrei a frase que sumariza a posição do escritor: "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia." Há muito mais a dizer sobre Eça de Queirós do que o contido nestas breves anotações, é só procurar sua vasta fortuna crítica.

■ SALIM MIGUEL é escritor



094: Brasil: registros

MIGUEL, Salim. Brasil: registros. *A Notícia*. Joinville, 7 de set. de 2000, p. C-3. Anexo.

BRASIL: REGISTROS

1. Rancho — Fui a um supermercado fazer o rancho do mês. Comprei praticamente o mesmo do mês anterior. Paguei mais, pois só para este governo que aí está tudo se encontra estabilizado. A mocinha da caixa me avisa: o senhor ganhou um brinde, pode ir ali. Fui "ali". Era para escolher um CD. Claro que não esperava encontrar um clássico, mas ao menos um de nossa boa música popular. Que nada. Havia quatro opções de música estrangeira, nem preciso dizer em qual idioma, nada da importante música popular que os Estados Unidos possuem.

2. Táxi — Anoitecia, chuviscava, um frio desgraçado. Peguei um táxi na praça 15, disse para o motorista que me levasse ao bairro Carvoeira. Falei no frio, ele falou na crise, tudo encarecendo, só os lá de cima pareciam não ver. Eu disse que o governo não queria ver. Ai ele explodiu, que era aposentado do Incri, a aposentadoria não bastava, sem aumento há quase seis anos, fora obrigado a trabalhar como taxista, mas ia largar. Perguntei o motivo. Ele disse que Florianópolis era terra de funcionários públicos, estudantes, comerciantes. O táxi cada vez menos usado. Deu um exemplo: trabalhara das duas da tarde às dez da noite; ganhava trinta por cento do que fazia; no fim da jornada lhe tocaram sete reais; como morava na Palhoça, quase pagava para trabalhar.

3. Energia elétrica — O governo anda tão perdido que num dia autoriza aumentos e no dia seguinte desautoriza. Isto aconteceu com a energia elétrica em vários Estados. Menos para Santa Catarina. Como aqui ganhamos polpos aumentos, vamos pagar mais vinte virgula não sei quantos por cento na conta de luz. Agora a Agência Nacional de Energia Elétrica está querendo que a Celesc pague mais 24 por cento pela energia que compra; isso logo deverá ser repassado ao consumidor. Certamente, por trás disso está o desejo de inviabilizar a empresa e incompatibilizá-la com a população, a fim de que ela seja privatizada.

4. Remédios — De repente, o governo descobre (que atilado é!) aumentos abusivos nos remédios. Por certo ninguém no governo necessita de medicamentos, muito menos dos de uso contínuo, que em geral são os que mais sobem. Depois de desregular o setor, a título de aumentar a concorrência e com isso baixar os preços (seria ingenuidade?), depois de estender *ad nauseam* a novela dos genéricos, tentam nos engambelar com um acordo com os grandes laboratórios estrangeiros; como se a questão dos medicamentos no Brasil não fosse um caso de polícia.

5. Combustíveis — O aumento no preço dos combustíveis, com reflexos em toda a economia, repete o enredo dos remédios. As distribuidoras e os frentistas teimam em desmentir o preconizado pela equipe econômica. Enquanto isso, os preços continuam aumentando, com reflexos em todos os setores, e a Petrobrás vai sendo desmontada e desnacionalizada.

6. Telefonia — Insisto no tema. Será que alguém viu qualquer melhoria, depois que o sistema foi entregue a preço vil para grupos privados estrangeiros? As reclamações são constantes, pipocam de todos os cantos do País, os aumentos aí estão. E a Telesc continua insistindo que é mais brasileira...

7. Cem milhões — Não foi alguém que ouviu de outro alguém. Foi um ex-ministro, um ex-senador, um ex-banqueiro, o tesoureiro da campanha de FHC que veio a público declarar que sobraram da campanha 100 milhões de reais, ou 100 milhões de dólares, pois o real estava a par. Será que vai ficar por isso mesmo, que governo vai continuar fazendo ouvidos moucos?

8. Petróleo — Quem conhece a história do petróleo no Brasil (e no resto do mundo), embora fique indignado, não se surpreende com o que está ocorrendo com a Petrobrás.

Se a Nação não acordar, logo logo a empresa pública já era. O governo insiste numa campanha de descrédito da Petrobrás e se dedica a confundir a opinião pública, chegando a apresentar como vantagem a empresa ter ficado com alguns

campos, quando os outros foram entregues às multinacionais, depois de prospectados por nós. Os tais "acidentes" me parecem muito suspeitos e colocam a empresa sob fogo cerrado da maioria dos meios de comunicação. Curiosamente, eles perdem o interesse pelo assunto quando o problema é superado. Veja-se o caso do rio Iguaçu: como felizmente o óleo foi barrado antes de alcançar cidades como Porto União e União da Vitória, o assunto saiu de pauta.

9. O prédio — Basta perguntar qual a novidade a respeito da novela do prédio e logo todos sabem do que se trata: são os desaparecidos 169 milhões de reais. Haveria muito o que dizer a respeito, mas vou me limitar, aqui, a um fato já comprovado, declarado pelo próprio Eduardo Jorge Caldas Pereira. Trata-se da forma de escolha dos

juizes classistas do Tribunal de Trabalho de São Paulo. Eram eles escolhidos, não pela competência e qualificação que pudessem ter. Quem orientava a escolha, nas palavras do próprio Dr. Eduardo Jorge, era o juiz Nicolau, homem que trabalhava nos serviços de repressão da ditadura. O pré-requisito era que estivessem dispostos a sempre apoiar o governo. Onde fica a isenção e a imparcialidade? Estranha desculpa, usada pelo assessor mais próximo de FHC para mostrar que não tratou com Lalau de liberação de verbas para o famigerado prédio.

10. Besc — Eu trabalhava no governo do Estado (assessoria de imprensa do gabinete de Relações Públicas do governo Celso Ramos) quando o Besc foi criado. Ninguém tem coragem de negar a importância que ele teve para o desenvolvimento do Estado, mas muitos daqueles que dele se aproveitaram agora lutam para que seja privatizado. A propalada federalização vai representar uma dívida de mais de dois bilhões

de reais para o Estado e o passo seguinte será a entrega do banco na bacia das almas, para grupos privados, quiçá estrangeiros, como já ocorreu com outros bancos. É evidente que existem práticas lesivas ao patrimônio do Besc, mas a solução para isso é o controle social do mesmo. Se o povo catarinense não conseguir barrar este processo, a exemplo do que conseguiram os gaúchos, o futuro que se delineia é o peso de uma dívida superior a dois bilhões, o desemprego de não sabemos quantos bancários e o fechamento de agências pioneiras em pequenos municípios, nos quais elas são as únicas e cumprem uma função social. Fico por aqui, embora muitos outros registros pudessem ser feitos.

de reais para o Estado e o passo seguinte será a entrega do banco na bacia das almas, para grupos privados, quiçá estrangeiros, como já ocorreu com outros bancos. É evidente que existem práticas lesivas ao patrimônio do Besc, mas a solução para isso é o controle social do mesmo. Se o povo catarinense não conseguir barrar este processo, a exemplo do que conseguiram os gaúchos, o futuro que se delineia é o peso de uma dívida superior a dois bilhões, o desemprego de não sabemos quantos bancários e o fechamento de agências pioneiras em pequenos municípios, nos quais elas são as únicas e cumprem uma função social. Fico por aqui, embora muitos outros registros pudessem ser feitos.

de reais para o Estado e o passo seguinte será a entrega do banco na bacia das almas, para grupos privados, quiçá estrangeiros, como já ocorreu com outros bancos. É evidente que existem práticas lesivas ao patrimônio do Besc, mas a solução para isso é o controle social do mesmo. Se o povo catarinense não conseguir barrar este processo, a exemplo do que conseguiram os gaúchos, o futuro que se delineia é o peso de uma dívida superior a dois bilhões, o desemprego de não sabemos quantos bancários e o fechamento de agências pioneiras em pequenos municípios, nos quais elas são as únicas e cumprem uma função social. Fico por aqui, embora muitos outros registros pudessem ser feitos.

de reais para o Estado e o passo seguinte será a entrega do banco na bacia das almas, para grupos privados, quiçá estrangeiros, como já ocorreu com outros bancos. É evidente que existem práticas lesivas ao patrimônio do Besc, mas a solução para isso é o controle social do mesmo. Se o povo catarinense não conseguir barrar este processo, a exemplo do que conseguiram os gaúchos, o futuro que se delineia é o peso de uma dívida superior a dois bilhões, o desemprego de não sabemos quantos bancários e o fechamento de agências pioneiras em pequenos municípios, nos quais elas são as únicas e cumprem uma função social. Fico por aqui, embora muitos outros registros pudessem ser feitos.

■ SALIM MIGUEL é escritor

095: Meyer Filho: uma realidade fantástica

MIGUEL, Salim. Meyer Filho: uma realidade fantástica. **A Notícia**. Joinville, 14 de set. de 2000, p. C-3. Anexo.

MEYER FILHO: UMA REALIDADE FANTÁSTICA

Ernesto Meyer Filho, lá de seu planeta Marte, num misto de satisfação e ironia, observa atento os terráqueos. Satisfeito, porque tem, afinal, uma excelente mostra, à altura de seu merecimento, ocupando todo o espaço do Masc, no prédio do CIC; mais uma etapa do resgate da obra do artista, graças ao empenho de sua filha Sandra. Irônico, porque, depois de no início haver sido rejeitado, se transforma em unanimidade. Temos agora uma exposição modelar, abrangente, montada com rigor, que acompanha toda a trajetória do artista, quando praticava um realismo bem comportado, avançando para uma criação fantástica e alucinatória, que viria a ser a marca registrada de sua arte e lhe garantiria um nicho especial nas artes plásticas contemporâneas.

Ernesto abana a cabeça, murmura: santo de casa não faz milagre. Reconsidera: a família e amigos apoiaram-no desde o início de sua árdua caminhada. Pensa em descer. Será que a exposição foi montada em ordem cronológica, revela toda a sua trajetória, suas buscas? Desiste. Conclui que, nos últimos anos, antes de se decidir por Marte, já vislumbra algum reconhecimento – e não só na Ilha ou no Estado. Na qualidade de automeio porta-voz de Meyer Filho, tenho algumas considerações a tecer.

A primeira é a respeito do autodidatismo. Pelo fato de nunca haver frequentado um curso regular, será Ernesto Meyer Filho um autodidata? Nem tenho certeza se ele chegou a frequentar o curso de gravura, ministrado pelo Carlos Scliar, em meados da década de 50. Conheceu Scliar, como conheceu Edgar Koetz, pintor e artista gráfico, importante capista da Editora Globo, da mesma forma como conviveu com Martinho de Haro. Por que então minha dúvida? É que Meyer Filho foi um incansável estudioso das técnicas dos mestres, por meio de álbuns e reproduções de todas as latitudes e tendências, ao mes-

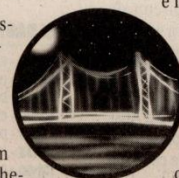
mo tempo em que lia ensaios sobre sua arte. Mais: eterno insatisfeito, o que deve ser a marca do autêntico criador, ia se exercitando, pesquisando, até se encontrar como artista.

Vejo que estou indo por uma estrada que não é a minha. Sou, desde sempre, apreciador do desenho e da pintura, mas não me arvoreio em crítico de arte. Deixo a tarefa para um Osmar Pisani, um Jairo Schmidt, um João Evangelista. Pretendo, aqui, traçar algumas considerações sobre o homem e meu relacionamento com ele, testemunha que fui de sua luta em busca de realização.

Janeiro de 1948. Aparece o primeiro número da revista "Sul", que viria mexer com a pacata cidadezinha. Em fevereiro, sai o segundo número e lá está, com dois desenhos muito bons, um Meyer, que recebeu elogios pelas ilustrações dos poemas de Ody Fraga e Vinícius de Moraes. Mas não era o Ernesto e sim o Alfredo, que se transformaria em excelente fotógrafo. No número 24 da "Sul", já na caminhada final da revista (maio de 1955) aparece o outro Meyer, agora sim o Ernesto, logo com dois trabalhos, um na capa. Eram desenhos de alguém que já começava a dominar seu instrumento de trabalho; embora fossem ainda bem comportados, nada daquela alucinante fantasia e fantasmagoria que viria a marcar sua obra futura.

Da mesma época, meados de 50, temos um trabalho em pastel, sobre fundo preto, com dois galos de plumagem amarela e crista vermelha, preparando-se para se bicar e um fundo de quintal, traçado com extrema minúcia. Até o número 30, último da "Sul", Meyer Filho está presente, ainda bem comportado, mas já inquieto e insatisfeito. Tempos depois, me aparece com um de seus galos fantásticos. E não mais parou. Aviso a quem se interessa por artes plásticas: na próxima semana, mais Meyer Filho.

■ SALIM MIGUEL é escritor



096: Meyer Filho e uma exposição no Rio

MIGUEL, Salim. Meyer Filho e uma exposição no Rio. **A Notícia**. Joinville, de 21 set. de 2000, p. C-3. Anexo.

MEYER FILHO E UMA EXPOSIÇÃO NO RIO

Até aqui mal falei na figura do Meyer. Convivemos muito, tanto nos anos de Florianópolis, como nos do Rio de Janeiro. Os galos me levam a um episódio curioso. Eu morava na rua Presidente Coutinho, ele ali por perto. Descobriu que “seu” João Octavio tinha uma criação de galinhas de raça. Ernesto me perguntou se o avô da Eglê não emprestaria o galo para cruzar. Levou-o, com a recomendação estrita de não deixá-lo engordar, controlando a ração. Algum tempo depois, voltou com o bicho pesando quase duas vezes mais – e eu brinquei, perguntando se tinha sido necessário um caminhão para transportá-lo. O galo de raça não mais quis saber das galinhas e “seu” João Octavio foi taxativo: “Agora só para a panela.”

Ernesto Meyer Filho tinha várias paixões, além das artes plásticas. Uma delas, a cerveja. Outra, insistir em que mantinha contatos com Marte. Fez também questão de reconhecer, em cartório, sua assinatura com traços de um galo. Ele tinha a convicção de que, no futuro, seria reconhecido como o Picasso da América Latina. Inspirado nas lúcidas alucinações do Ernesto, eu elaborei um conto intitulado “Galo, gato, atog”, em que o pintor, num jorro contínuo, fala de seus fantasmas e suas fantasmagorias. Ali está ele e não está ele.

Em 1982, organizada pelo crítico Georges Racz, foi realizada na Realidade Galeria de Arte, Leblon, Rio de Janeiro, uma exposição do artista. Jair Hamms, também amigo do Meyer, principal incentivador da exposição, e eu, fomos para a abertura. Na ocasião tomei algumas anotações. Até hoje continuam me parecendo válidas, motivo pelo qual delas transcrevo trechos:

“[as pessoas] Vão se deter diante dos quadros, entre pasmas e fascinadas observam aquele universo tão pessoal e inquietante. Tranquilo, por estranho que possa parecer para

quem o conhece, eis o artista e seus galos fantásticos, suas quietas paisagens, seus animais marcianos”.

“(…) Uma extensa mitologia foi, aos poucos, se construindo em torno da personalidade de Ernesto Meyer Filho. Com seu jeito desabusado e franco, por vezes ele mesmo a incentivava.

Fala, por exemplo, nas místicas viagens a Marte, numa espécie de alucinação ou fabulação; fala de sua paixão pela cerveja; fala de seus pássaros; fala de sua ânsia criativa. Nele, realidade e fantasia se fundem indissolúvelmente. E se

conta como foi parar em Marte, conta também como certa manhã foi abordado por alto funcionário do Banco do Brasil, que reclamou: ‘Ontem, em lugar de trabalhar, fizeste 35 desenhos, que foram encontrados na lata do lixo.’ Impassível, Meyer responde: ‘Não, não foram 35.’ ‘Quantos, então?’ ‘36.’ ‘E daí?’ ‘Um deles estava tão bom que eu não amassei, guardei e levei para casa.’ Com uma capacidade de trabalho inacreditável, na véspera da abertura da exposição, enquanto conversávamos na casa do crítico Georges Racz, Meyer se pôs a desenhar. Nós tomávamos uma bebida honesta, como diria o Jair Hamms. E bebidas mais tarde, seis belíssimos desenhos foram distribuídos entre os presentes. Mas, até chegarmos à casa do Racz, várias aventuras ocorreram. No domingo, dia 4, quase perdíamos o avião. É que depois de umas e outras cervejas, Meyer não sabia se havia almoçado, se tinha dado de comer aos pássaros (sem isto não viajaria), por onde andava a mala, como fechar a casa, se os marcianos aprovariam a viagem.

“(…) O menino que sempre quis desenhar, o jovem que não quis fazer carreira no banco, o ser humano que só quis pensar em sua arte, pode hoje afirmar que valeu a pena, pois tem lugar definido na arte brasileira.”

■ SALIM MIGUEL é escritor



097: A casa, um roteiro de vida

MIGUEL, Salim. A casa, um roteiro de vida. **A Notícia**. Joinville, 28 de set. de 2000, p. C-3. Anexo.

A CASA, UM ROTEIRO DE VIDA

Existem incontáveis maneiras de se traçar um roteiro de vida, a passagem do tempo. De repente, me imaginei marcando um pedaço da minha por algumas das casas onde morei. Nesta primeira tentativa, vou me limitar aos anos de Florianópolis, que vão de 1943, quando cheguei de Biguaçu, até 1965, quando me mudei para o Rio de Janeiro. A primeira casa, melhor dizendo um casarão, foi em plena Praça 15 de Novembro, onde hoje se encontram os prédios do Banco do Brasil e do Besc. Ela me marcou por seu tamanho, dois andares, minha família ocupando o superior, pela proximidade da praça e por dois bares. Eram o Gato Preto e o Poema Bar, pontos de encontro de uma estranha fauna.

A casa nos servia perfeitamente pelo baixo aluguel e pela proximidade do armazém, que meu pai comprara na Praça Pereira Oliveira, bem defronte do Teatro Álvaro de Carvalho. Na casa e no armazém comecei meu aprendizado de Florianópolis, suas ruas, seus bares, seus cafés, seu misterioso fascínio.

De repente, o casarão foi vendido. Logo tivemos de nos mudar. Fomos morar na chamada Chácara do Espanha, Rua Lacerda Coutinho. Dessa casa e do tempo que ali passamos, só me lembro da tragédia que se abateu sobre nossa família, a morte de meu irmão caçula, que saíra, vésperas de Natal, para um simples curativo no Hospital de Caridade e, em menos de dez minutos, estava morto.

Casado, após algum tempo na rua Saldanha Marinho, nos mudamos para uma casa bem confortável, numa pequena chácara, na rua Presidente Coutinho. Já tínhamos o menino mais velho, ali nasceram o segundo e a menina. Moravam conosco D. Rita, minha sogra, e "seu" João Octávio, avô da Eglê. Ele era uma figura fascinante, que sabia muito de muitas coisas, com quem eu passava horas conversando, sempre com planos de gravar algumas de suas histórias, em especial as sobre o Contestado. Nada disso fiz, pois nós nunca acreditamos que os que nós são próximos podem morrer.

A esse tempo, meus pais já moravam na casa da Av. Rio Branco, onde, aos domingos, íamos comer comida árabe, em especial

quibe e malfufe, e tomar uns goles de arak; depois do almoço, a inevitável partida de gamão, uma das paixões de meu pai. A morte de minha mãe, que não se recuperara da perda do filho, pôs um travo de saudade nos encontros dominicais, que nunca mais foram os mesmos. Em dada altura, nem sei bem quando, tínhamos adquirido um terreno na Agrônômica, num loteamento novo. A casa foi construída com financiamento da Caixa Econômica e certo dia nos vimos na rua Pojetada G. Nela nasceu nosso quarto filho; o avô da Eglê não o conheceu. Queríamos um nome para nossa rua, e aproveitando o vereador Mimo, do PC, sugerimos que ele homenageasse o escritor Graciliano Ramos; após alguma relutância do plenário, acabou aprovado, quando se aventou poder ele ser parente dos Ramos de Santa Catarina.

Por fim, em 1964, o golpe militar, minha prisão e da Eglê, a impossibilidade de continuar em Florianópolis, a mudança para o Rio de Janeiro. Lá nasceu nosso

caçula. Mas essa será uma segunda parte, se houver. Como poderá haver uma sobre a chegada ao Brail, a casa de uma tia em Magé\RJ, a primeira casa em São Pedro de Alcântara, as outras em



Alto Biguaçu e Biguaçu. Quem sabe prosseguirei... Não posso, contudo, concluir assim. Tudo isto foi para dizer que cada casa por onde passamos nos marca, nela deixamos algo de nós, do que somos, e permanece em nós algo que nos vem da casa, do seu cheiro, de sua estrutura, das pessoas com as quais convivemos, dos vizinhos, da paisagem circundante, acréscimos que ajudam a construir nosso roteiro de vida. Tenho plena certeza: o que sou hoje comporta muito do que fui nessas casas. Elas me marcaram de uma ou outra maneira, seja pelos acontecimentos dolorosos e tristes, seja pelos alegres e venturosos. A casa da rua Graciliano Ramos, que amigos moradores do Centro diziam ficar "no fim do mundo", foi vendida. Hoje, passando pela Agrônômica, constato não ser nenhum "fim do mundo". Há vinte anos, estou de novo em Florianópolis; na mesma cidade e numa cidade inteiramente outra.

■ SALIM MIGUEL é escritor

098: Vasco e a síndrome de vice

MIGUEL, Salim. Vasco e a síndrome de vice. **A Notícia**. Joinville, 16 de mar. de 2000, p. C-3. Anexo.

VASCO E A SÍNDROME DE VICE

Faz algum tempo não falo de futebol. Mas continuo atento ao nosso balipodo. E, claro, continuo vascaíno. Explicação para tal, não tenho. Nem sei ao certo quando foi que me tornei torcedor do clube da Cruz de Malta. Terá sido ainda nos distantes tempos de Biguaçu? Em vão me esforço. Não torço por outro clube qualquer, embora tenha simpatias pelo Avai e pelo América. Já em ambos esses casos existe explicação: meu irmão, Jorge, era torcedor fanático de ambos. E, no caso do América, há ainda o Marques Rebelo, que havia jogado uma bolinha razoável por lá e era apaixonado pelo clube. Se não torço por outro time e tenho simpatia por dois, nem sei se tenho antipatia por qualquer outro.

Nestes últimos tempos nenhum torcedor do Vasco deve andar satisfeito. Vejamos: ano passado ele dispensou Guilherme e Luizão. O primeiro foi o artilheiro do Campeonato Brasileiro e o segundo, vice-artilheiro, ajudando em muito o Corinthians a se sagrar campeão. Este ano, para o mesmo Atlético Mineiro que levou Guilherme, foi outro importante jogador, o Ramon. Enquanto isto, quem ia para o Vasco? O Romário. Nada tenho contra o Romário, um belo jogador e matador implacável. Mas, lá no Vasco, já se encontrava outro matador, o Edmundo. Ambos, Romário e Edmundo, de um ego fenomenal — e como se isso não bastasse, incompatibilizados. Deu no que deu. Edmundo veio da Itália como salvador da pátria, recebido com foguetório e logo transformado em capitão. Chega Romário e demora pouco para receber a faixa de capitão. Foi o estopim por todos previsto, menos pelo dono do Vasco, o Eurico Miranda.

Cheguei até aqui e não justifiquei o título. O leitor atento aos fatos do futebol já deve ter percebido. E quem não se interessa por essa paixão maior do brasileiro? Existem, devem existir, aqueles que passam longe das páginas esportivas, fecham os olhos e tapam os ouvidos no noticiário das TVs. Então uma explicação se torna necessária. Começo por uma notícia que li a respeito dos freqüentes vice-campeonatos do Vasco, clube com um elenco em

condições de ganhar a maioria das competições de que participa. Sintetizando, a notícia dizia que num clube em que manda o vice, o presidente sendo mera peça decorativa, é justo que seja campeão em vices-campeonatos.

Tomo como exemplo os dois torneios mais recentes, a Copa dos Campeões, vencida pelo Corinthians em pleno Maracanã e o Torneio Rio-São Paulo, que começou a ser perdido também no Maracanã, quando o Vasco perdeu de dois a um para o Palmeiras e depois, para o mesmo time, por um humilhante quatro a zero, em São Paulo. Eu estava em Brasília, tinha marcado minha volta num vôo noturno, exatamente no dia do jogo, quarta-feira, dia 1º de março. Minha filha e meu neto insistiram para que eu adiasse a volta e, mesmo sendo flamenguistas, torceriam pelo Vasco. Recusei-me e lhes disse que preferia saber da derrota do Vasco já em casa, em Florianópolis. Cheguei, minha mulher logo telefonou e me passou a

notícia, o Vasco perdia de três a zero. Levei um susto, eu pensava num empate, que já daria a vitória ao São Paulo, talvez um a zero, jamais aqueles três. Nem liguei a TV. E no dia seguinte fiquei

sabendo que houve mais um, foram quatro. Isso para um time que começara o torneio desacreditado. Resumo da ópera: sobrou para o técnico, o Antônio Lopes, quando o certo seria sobrar para o vice Eurico Miranda, que deita e rola, manda e desmanda e naquele presidente Calçada só ele pisa. O técnico durou quase quatro anos — uma eternidade em termos de Brasil, onde a uma seqüência de derrotas logo o técnico é mandado cantar em outra freguesia.

O Vasco tem bons jogadores? Tem! O que falta, então? Harmonia e uma direção firme. Não adianta suspender a suspensão do Edmundo e mandá-lo jogar, lá em São Paulo, contra o motivado Palmeiras, como se o temperamental jogador pudesse resolver tudo. Parreira, o novo técnico, seria a salvação da lavoura. Não foi. Em lugar dele, veio o Abel, que amanhã ou depois pode se transformar em Cain. E, com o vice Miranda, a síndrome de vice permanecerá.



099: O enigma Dyonelio Machado

MIGUEL, Salim. O enigma Dyonelio Machado. **A Notícia**. Joinville, 20 de set. de 2000, p. 8. Anexo.

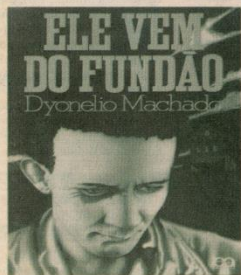
O Enigma Dyonelio Machado

Ao resenhar, em 1980, um livro de Dyonelio Machado, eu dizia ser ele "um inovador em sua época, um escritor de força insólita". Relendo-o, quando transcorrem 100 anos de seu nascimento e 10 da morte, acrescentaria mais: ele inquieta e seduz. Permanece, também, para ser desvendado, o enigma do homem e do artista.

Autor de "Os Ratos", que completaria 100 anos, tem obra inédita lançada

O tempo só fez aumentar minha admiração pela obra ficcional; por outro lado, não sei como qualificá-lo e à sua maneira de ser. Alguns que o conheceram intimamente dizem-no de trato afável, embora de humor ferino; outros taxam-no de bicho xucro. Há pouco, em conversa com amigo gaúcho, ele me dizia que a convivência com Dyonelio era problemática. Embora tivessem atuado no mesmo partido político, o PCB, "o homem mantinha um estranho distanciamento". Conheci-o pouco; nos encontramos três vezes. Sempre em Porto Alegre. A primeira em um Congresso de Escritores, década de 50; depois, em 70, num Encontro de Cultura e numa Feira do Livro. Trocamos breves palavras. Não me explico o motivo. O homem me intimidava, da mesma forma que seus textos instigantes me deixavam abismado.

Lembro-me bem da maneira como tomei contato com a obra de Dyonelio, 1947/1948. Percorria as estantes de uma livraria, em Florianópolis. Um título me chama a atenção: "Os ratos", edição da Globo, PA, 1944, coleção Autores Brasileiros, volume 6, 2ª edição. Comprei-o. O impacto da leitura foi indescritível, atravessai a noite, acompanhei o pungente drama, miudinho porém tremendo, daquele Nazareno. Discuti a proposta do A. com os amigos que, como eu, se iniciavam no fascínio da palavra escrita. Procurei mais, queria saber se era um caso isolado, como o "Ateneu", de Raul Pompéia. Existia outro livro também da Globo, "O louco do Cati", publicado em 1942. Não o consegui. Só fui ler a 2ª edição, da Vertente Editora, 1979.



Capa do livro "Ele vem do Fundão", de Dyonelio

"SOU UM REBELDE"

Talvez dois depoimentos, um para Edla van Steen (1982), outro para Marco Tulio de Rose (1975), expliquem um pouco da carreira literária de Dyonelio. Diz ele para Edla: "Nasci com a sina de não ser facilmente editável..."; e para Rose: "Eu sou um rebelde. Eu não sou de público."

Rebelde e inconformado. Eis uma boa síntese que nos permite penetrar na complexa personalidade desse ser múltiplo: médico, psiquiatra, tradutor de Freud, amante (e praticante) da música, fotógrafo, pintor de domínio, político atuante (de esquerda), jornalista, escritor. Neste último item bastaria um título, "Os ratos", para situá-lo entre os mais representativos da prosa brasileira. No entanto, ainda hoje tal não ocorre. Difícil entender porque continua tão pouco reeditado, conhecido, com fortuna crítica restrita.

24 HORAS DE ANGÚSTIA

O primeiro livro, "Um pobre homem", contos, é de 1927. Diz: "editei 'Um pobre homem' do meu próprio bolso". Do próprio ou não, continuou publicando, de forma intermitente, até 1982, num processo de ciclos mais ou menos estanques. Em dado momento, 1935, seu nome pareceu se projetar. Com mais três companheiros de geração (Erico Versíssimo, Marques Rebelo, João Alphonsus), conquista o prêmio Machado de Assis, da ABL. Seu romance, escrito em 20 dias, cinco horas por dia, com a finalidade de concorrer, era (é), sem favor, o mais original, o mais perturbador dos quatro. A trama é simples: acompanha, durante 24 horas, a trajetória do humilde funcionário Nazareno, que luta em busca de trocados para saldar seu débito com o leiteiro, a fim de que o filho não fique sem leite. O nome do personagem remete para Nazareno - e a caminha lembra, por igual, os passos da cruz. É numa desoladora Por-

to alegre, em busca de alguém que lhe empreste o necessário para pagar o leiteiro. Um pagamento falaz, será um débito com outrem, que se sonará a muitos. Romance urbano de forte conteúdo social. "Os ratos" é um momento marcante da ficção brasileira. No entanto, sete anos se passaram até que surtisse outro romance de Dyonelio, "O louco do Cati", tão ou mais inquietante do que o anterior. Através de sua personagem sem nome, e de suas andanças, nos chega a traumática experiência do autor, preso de 1935 a 1937 por suas idéias políticas, tudo transfigurado pela magia da arte. Seguem-se, sem repercussão, "Desolação" (Ed. José Olympio-RJ/1944) e "Passos perdidos" (Liv. Martins Ed.-SP/1946).

Nem assim se torna mais (re) conhecido. Vinte anos serão necessários até novo título aparecer, "Deuses econômicos" (E. Leitura-RJ/1966). Outra interrupção de exatos 14 anos. "Prodígios" é de 1980. Há um momento de euforia, de ilusão. Em curto período sucedem-se "Endiabrados", também de 1980, "Nuanças" e "Sol subterrâneo", 1981, "Fada" e "Ele vem do fundão", 1982. Mas sempre a mesma dificuldade, a mesma ansiosa espera. A crítica tem que tomar conhecimento de sua obra, mas a resposta dos leitores não é animadora. Dyonelio antecipa o que virá. Em entrevista a Remy Gorga Filho, de 1972, previa: "Por mais que me possam negar, eu adquiri direitos, se não de merecimento, ao menos de antiguidade, em matéria de literatura na minha pátria". E ironiza: "críticos, jornalistas, professores, autores de trabalhos sobre a história da literatura, dicionaristas, simples leitores surpreendem-se quando topam com qualquer informação, dando-me como escritor em atividade". E o que dizia era sem contestação.

INÉDITO

Agora, graças a Maria Zenilda Grauwiler, "O cheiro da coisa viva", composto de entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito, "O estadista", escrito em 1926, nos devolve Dyonelio Machado. Passamos a conhecê-lo um pouco mais. Certo que o romance é irrealizado, mas atual e oportuno, funde humor e crítica social ao traçar o retrato de um político arrivista, idêntico a tantos que andam ainda hoje por aí. Quais motivos levaram o A. a não publicá-lo nem destruí-lo? Por estar muito próxima a influência de Eça de Queiroz, admiração permanente de Dyonelio?

Veja-se, como exemplo, o trecho a seguir, que poderia ser extraído de "O primo Basílio": "Não era mau. O rapaz, porém, impunha-lhe uma certa condição, num segredo... Ela corou até a raiz dos cabelos. Depois, com um brilho de vaidade nos olhos: pois sim..." Outra observação é que existe, no romance, um capítulo que é um conto, "A ronda das gotas", e como tal foi aproveitado no livro de estréia. Uma menina acompanha as gotas da chuva nos fios da rede elétrica e se debruça para alcançá-las, a ponto de quase a elas se fundir.

Oxalá a publicação reacenda a chama e atraia a atenção de editores e leitores, para a premente necessidade da reedição de uma obra de tal envergadura. Que não pode, nem deve, permanecer ignorada.



Capa de "Os Ratos", seu romance mais famoso

100 – Deonísio da Silva: “O Brasil trata a questão social como caso de polícia”

MIGUEL, Salim. Deonísio da Silva: “O Brasil trata a questão social como caso de polícia”. A Notícia, 15 de out. de 2000. Anexo – Santa Catarina

HIRIO SEGUROS
A GARANTIA
DE UM BOM SEGURO
Fone/Fax: 425-2620

AN
agora
www.an.com.br

Vitor Ramil lança o CD "Tambora" com versões em português e espanhol. **PÁGINA 3**

Anexo

DOMINGO • 15/10/2000

SANTA CATARINA

DEONÍSIO DA SILVA:

“O Brasil trata a questão social como caso de polícia”

SALIM MIGUEL
EDICIONAL PARA O ANEXO

Deonísio da Silva, escritor catarinense de Siderópolis, que vive em São Paulo há 20 anos, depois de fazer sua formação no Brasil meridional, notadamente no Rio Grande do Sul, tem um percurso invejável. Aos 52 anos e mais de 20 livros

publicados, vários deles premiados, um dos quais recebeu o Prêmio Internacional Casa de las Américas num juri presidido por José Saramago. Em Florianópolis, onde esteve na última semana, integrando banca examinadora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aproveitou para rever velhos amigos e conversar sobre

seu mais recente romance, “Os Guerreiros do Campo”, que, como todos os outros, é publicado pela Siciliano/Mandarin. Deonísio, guerrilheiro da palavra, não sabe estar parado. Além de pensar sempre um novo livro, lecionava literatura brasileira e dirigiu a Editora da Universidade Federal de São Carlos, assim como uma coluna semanal sobre a

origem das palavras na revista Caras e outra mensal de crônicas na revista Época. Não satisfeito, profere palestras, participa de seminários e adora bater-papo e visitar. Há pouco chegou do México e, antes de seguir para Paris, já esteve em várias partes do Brasil, entre elas Florianópolis, onde de novo estará no próximo dia 28.

Premiado escritor catarinense inspira-se na realidade dos Sem-terra para lançar o romance “Os Guerreiros do Campo”

A Notícia — Como foi trabalhar o tema de “Os Guerreiros do Campo”, que é contemporâneo, depois da pesquisa histórica feita para escrever “Vinte Soldados Para Trás”, “A Cidade dos Padres” e “Irenas”?

Deonísio da Silva — Foi mais leve. Reconstituir períodos épicos distantes dá um grande trabalho de reconstrução de cenários, personagens, usos e costumes do tempo. Para escrever “Os Guerreiros do Campo”, cunhei com a precisa ajuda de jornalistas do Brasil e do exterior que vêm cobrindo com atenção o movimento dos Sem-terra, que começa no Sul do Brasil e hoje se estende por quase todo o território nacional. Basta dizer que o primeiro conflito é no Brasil meridional, mas o mais sério dá-se no massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará. Estado onde estão os dois maiores latifúndios do Brasil, um do tamanho da Bélgica, e outro do tamanho da Holanda. Já os Sem-terra ocupam hoje no Brasil um território maior do que a Dinamarca. Em cima dessa realidade fui trabalhar minha imaginação, sempre fiel ao meu ideário pessoal de que a ficção não deve ser subjugada à realidade, nem à história. A ficção cria o seu mundo. Meu romance começa a entrada do céu, em julgamento presidido por São Pedro. Sou intelectual, mas sempre me encantam as pessoas simples e sobretudo os simpáticos, que têm outro jeito de ver as coisas. São Pedro é um simpático, ignorante, pacífico, que acredita no princípio dos apóstatas, a papa. Ele foi o líder do Partido de Jesus na Palestina. Ungido e reconhecido, foi aclamado chefe dos discípulos quando Jesus partiu e manteve desde sempre um cargo muito importante lá em cima: todos sabem que ele é o noivo do céu.

Mas como não quis ficar no documental, mudei o nome para Santo Carlos, e não São Carlos. Santo Carlos é minha Dublin.

AN — A sátira e o erotismo presentes em todas as suas narrativas devem-se ao escritor ou ao eseminarista?

DS — Sátira e erotismo devem-se ao escritor que o eseminarista se torna. Evidentemente, um adolescente que é privado da convivência feminina por tantos anos, num convívio intenso com meninos, educado por professores e não por professoras, sentiu, se sentiu sempre falta da presença feminina. O erotismo vem daí, acho. A sátira nasce de minhas conhecidas inconformidades com o poder, com qualquer poder, seja o da mãe que teve vocação para o filho ser padre, seja os dos padres que o encarceraram e educaram, seja o do general que o interrompe quando ele publica seu primeiro conto. Mas

sem poder, pouco se faz. E por isso os pequenos poderes em instituições do vício, como família, escola, igreja etc., continuam em vigor para o bem e para o mal, dependendo de seus ocupantes e líderes. Que exemplo? O governador de SC, um falso liberal e praticante que marcou os governos do socialismo democrático europeu mais avançado. Já o presidente da República, da social democracia brasileira, dá curso ao mais gigantesco programa de exclusões que temos visto até hoje no Brasil. Meus personagens movem-se nessas contradições.

“Procurando ser fiel, o romance espelha equívocos dos dois lados. A cada novo assentamento, deveriam diminuir os Sem-terra. Pois eles aumentam!”

AN — Sempre percebi um alter ego em seus contos e romances. E em “Os Guerreiros do Campo”, Gregório me pareceu ter semelhante em muitas coisas. Estava enganado?

DS — Não está. Gregório sou eu e as minhas atitudes e atos. O escritor, parafraseando Ortega y Gasset, há de precisar muito do Gregório para escrever este romance. Preciso de seus erros, contradições, equívocos, patótes, saberes etc. É aqui honrando o nosso grande poeta barroco. Você sabe, eu sempre quis ser barroco, desde a infância, no seu um fim perfeito do modo barroco de narrar, do esconde-revela do barroco, do bem e da luz, da pedra barroca, e principalmente dos santos e pecadores barrocos, às vezes mudando numa pessoa só, como foi o caso de santa Inês D’Ávila, santa e pecadora. Santo Agostinho, grande santo e grande pecador, que rezava assim: “Senhor, dá-me a castidade, mas não já”. Gregório

sou eu? Talvez, mas sob muitos disfarces. O nome do narrador, como o do Outro, é legião. Quando a fazendeira Camila e o intelectual Gregório se apaixonam, cada qual está buscando no outro, como em todos os países e amores, o que lhe falta. Mas em todos os amores, surgem figuras geométricas, como se sabe. As vezes, o triângulo e outras vezes até o trapézio. Todas as histórias de amor são completas. Nós, romancistas, escrevemos histórias de amor. E quando o amor dá-se em tempos de guerra, como é o caso, os envolvidos pisam terreno minado. Em todos os sentidos. Escrever é perigoso e rende pouco, porque temos uma das maiores reservas analfabéticas do mundo. Nossos governos não compram livros nem para as bibliotecas, mas nos dá grandes prazeres, o principal dos quais é o sonho de imaginar um Brasil que dê de tratar a questão social como caso de polícia. José Raima leu o meu livro e

gostou. Fazendeiros têm e me escrevem elogiando o romance. O cidadão Deonísio da Silva está a favor dos Sem-terra. O escritor Deonísio da Silva escreveu um romance procurando ser fiel ao tema, espelhando equívocos dos dois lados. Só para exemplificar a cada novo assentamento, deveriam diminuir os Sem-terra. Pois eles aumentam! Eles invadiram tudo, até os meus livros. Os Sem-terra estão em toda a parte. Os Sem-terra sacudiram o Brasil e vão sacudir muito mais. Como escritor, registrei o calor da hora. Ao contrário daquele personagem de “O Vermelho e o Negro”, que não sabe que está em Waterloo, eu sei, como escritor, mais sinto do que sei, que estamos todos à beira de um grande evento que não sabemos qual seja ou vai ser. Mas como está o Brasil não fica, não. O Brasil vai mudar de rumo radicalmente.

■ SALIM MIGUEL é escritor

Profissional da Educação,

“De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro” (Fernando Pessoa).

Parabéns Professor
15.10.2000

AN — Por que deslocou os eventos para São Carlos, em São Paulo?

D.S. — A gente escreve melhor sobre o que entende. Eu vivo fora do Brasil meridional há quase 20 anos. Se situasse os fatos em Joinville ou Porto Alegre, onde morei tantos anos, teria que pesquisar novamente o contexto, já que as cidades brasileiras mudaram muito sua paisagem, usos e costumes, nessas duas últimas décadas. Além disso, os Sem-terra invadiram propriedades encasteladas em São Carlos. Visitei os acampamentos e comprovei que são iguais aqueles que visitava no Sul, sobretudo no Rio e no PR. Organização militar, disciplina rígida, presença da Igreja, de intelectuais entre os Sem-ter-

Índice por ano

Ano	Título	Past/n.
1990	Literatura na Ilha: breves anotações	006
1995	Buenos Aires - Impressões	003
1995	Buenos Aires é a ilha	004
1995	Na mesma trama	016
1996	Lições de uma eleição	002
1996	Gastal: a paixão pelo cinema	007
1996	Contestado na literatura	008
1996	Florianópolis e João Antônio, duas cartas	009
1996	Mário Avancini ou a educação pela pedra	010
1996	Holdemar Menezes: um dos mais importantes escritores catarinenses lança livro hoje não Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis.	011
1996	A observação do mínimo na ficção de Hélio Pólvora	012
1996	O guerreiro lirico contra o dragão da escritura Holdemar Menezes	013
1996	Marques Rebelo	014
1997	Carvalhinho falante e seus múltiplos	015
1998	Meu voto	001
1999	Outro Centenário: hemingway	005
1999	A morte e a morte aos pedaços	017
1999	De tudo e de nada	018
1999	O Contestado, novamente.	019
1999	Livro de bolso	020
1999	Capitu: o desabafo	021
1999	Topada e cacofonia	022
1999	O Contestado e os doze pares	023
1999	50 anos de amor às letras	024
1999	Um presente	025
1999	A árvore	026
1999	Outras árvores	027
1999	Trajetória de um escritor	028
1999	E a nossa TV Cultura?	029
1999	Trevisan/ Curitiba/ Vampiro	030
1999	MASC: 50 ou 51 anos?	031
1999	Um presente, um extravio	032
1999	Poetas e poesia	033
1999	Relendo Augusto dos Anjos	034
1999	Poesia no Brasil: um século	035
1999	Cultura e simplicidade	036
1999	Ascendino Leite, escritor	037
1999	São Miguel, Biguaçu, Açores	038
1999	C. Ronald, poeta	039
1999	Lisboa, 1985	040
1999	Carpeaux recuperado	041

1999	Carpeaux recuperado	/042
1999	Borges, cem anos	043
1999	Xosé e a poesia brasileira	044
1999	Saramago na ilha	045
1999	É futebol, é Vasco, é gol	046
1999	É agora, é gol	047
1999	Registros	048
1999	Prêmios literários	049
1999	O casarão dos Born	050
1999	Futebol; Vitórias, nem tanto	051
1999	Só poesia	052
1999	Alemanha: quatro momentos	053
1999	Alemanha: quatro momentos	054
1999	Só poesia	055
1999	Teje preso	056
1999	Biguaçu em mais um livro	057
1999	A descoberta do cosme velho	058
1999	José Mindlin, bibliófilo	059
1999	Mais livros: registro	060
1999	Outros livros; registro	061
2000	Praia, roubo, imprevistos	062
2000	1999: letras de luto	063
2000	A empada	064
2000	La mordida	065
2000	Férias, turismo, justiça, etc.	066
2000	O ano 2000, antes	067
2000	Causos com literatos	068
2000	Magriela	069
2000	Mais causos de literatos	070
2000	Outro censo, outros tempos	071
2000	Causos com literatos catarinenses	072
2000	Xosé. Poeta, tradutor	073
2000	Livros a mão cheia	074
2000	Sobre livros	075
2000	Vasco. Campeão	076
2000	Da editora ao livro	077
2000	Cultura e competência	078
2000	Mais sobre livros	079
2000	Brasil. Quatro anotações	080
2000	Reven(len)do do Joel Silveira	081
2000	Reven(len)do do Joel Silveira (2)	082
2000	Sartre em Florianópolis	083
2000	Um escritor de ficção	084
2000	Livrarias	085
2000	Mais livrarias	086
2000	Brasil: duas anotações	087

2000	Barbosa Lima Sobrinho	088
2000	Em busca de Eça de Queirós	089
2000	Cem anos sem Eça de Queirós	090
2000	Eça de Queirós, renovador	091
2000	A correspondência de Eça	092
2000	Alguns personagens de Eça	093
2000	Brasil: registros	094
2000	Meyer Filho: uma realidade fantástica	095
2000	Meyer Filho e uma exposição no Rio	096
2000	A casa, um roteiro de vida	097
2000	Vasco e a síndrome de vice	098
2000	O enigma Dyonelio Machado	099
2000	Deonísio da Silva: “O Brasil trata a questão social como caso de polícia”	100